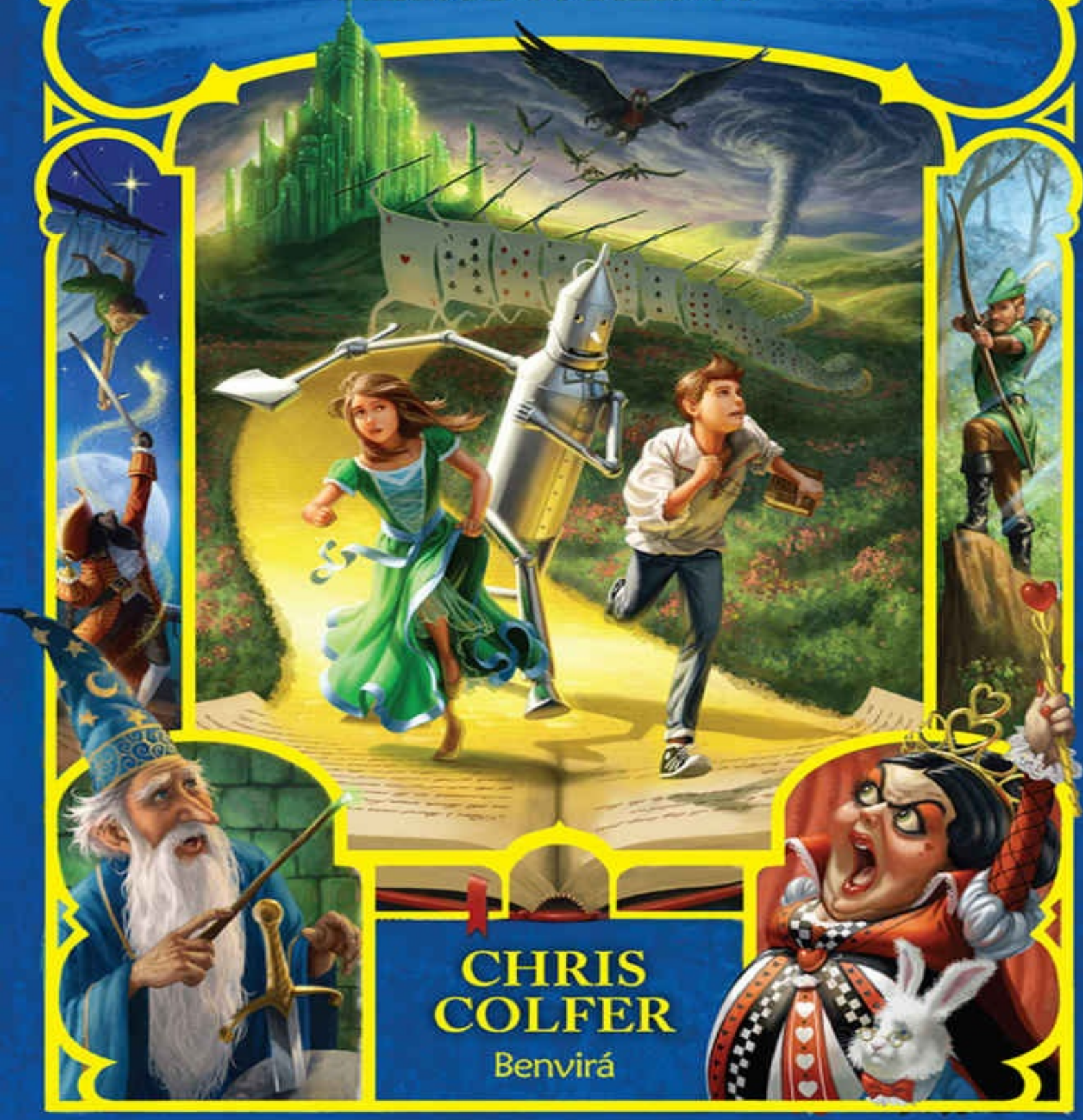
Terra de Histórias

Além dos Reinos



CHRIS COLFER

Benvirá

Terra de Histórias

CHRIS COLFER

TERRA DE HISTÓRIAS

ALÉM DOS REINOS

Ilustrações
Brandon Dorman

Tradução
Pedro Sette-Câmara

Benvirá

Avenida das Nações Unidas, 7221 - 1º andar, Setor B
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05425-902

SAC

0800-0117875
De 2ª 6ª, das 8h00 às 18h00
www.editorasaraiva.com.br/contato

Presidente	Eduardo Mufarej
Vice-Presidente	Cláudio Lensing
Diretora editorial	Flávia Alves Bravin
Editores	Débora Gutterman, Paula Regina Carvalho, Lígia Maria Marques, Tatiana Vieira Allegro
Produção editorial	Deborah Mattos, Rosana Peroni Fazolari
Suporte editorial	Juliana Bojczuk Fermino
Preparação	Augusto Iriarte
Revisão	Laila Guilherme e Maria Fernanda Alvares
Diagramação	Eduardo Amaral
Ilustração de capa	Brandon Dorman

ISBN: 978-85-5717-068-1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Colfer, Chris

Terra de histórias : além dos reinos, v. 4 / Chris Colfer ; tradução de Pedro Sette-Camara. -- São Paulo : Benvirá, 2016.
368 p. : il.
ISBN: 978-85-5717-068-1
Título original: *The Land of Stories – Beyond the Kingdoms*

1. Literatura infantojuvenil 2. Contos de fadas 3. Ficção I. Título II. Sette-Camara, Pedro

16-1117
CDD CDD 028.5
CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

Copyright © 2015 by Christopher Colfer Copyright de artes de capa e miolo © 2015 by Brandon Dorman
Título original: The Land of Stories – Beyond the Kingdoms Publicado mediante acordo com Little, Brown, and Company, Nova York, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados à Benvirá, um selo da Saraiva Educação. www.benvira.com.br

1ª edição, 2016
1ª tiragem: 2017

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva Educação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CL 670708

A meus pais, por sempre me amarem e me apoiarem.
Nenhum guia para pais do mundo poderia tê-los preparado
para a minha excentricidade.
Desculpem por ter marcado a mesa de centro com minhas

espadas de ninja. Pois é, fui eu.

“Livros são uma mágica especialmente portátil.”
Stephen King





PRÓLOGO

O outro filho

1845, Copenhague, Dinamarca

Sentado à mesa do aconchegante escritório de sua casa, Hans Christian Andersen escrevia compenetradamente.

– "*No alto de uma árvore, mais alta do que todos os campanários de toda a região, uma solitária passarinha despertou em seu ninho*" – ele leu em voz alta após terminar a primeira frase de sua mais nova história.

O brando arranhar da pena interrompeu-se, e o autor coçou a cabeça.

– Espere aí. *Por que* a passarinha está dormindo? – perguntou a si próprio. – Será que ela não acordaria ao amanhecer, como os outros pássaros? Desse jeito, ela pode parecer preguiçosa e nada respeitável. Quero que os leitores gostem dela.

Hans amassou o pergaminho e jogou-o no chão, junto com os outros rascunhos desaprovados. Pegou uma nova pena, na esperança de que uma pluma mais escura e mais longa rejuvenescesse sua narração.

– "*No alto de uma árvore, mais alta do que todos os campanários de toda a região, uma solitária passarinha estava construindo seu ninho*"… – Ele parou de novo. – Não! Se ela está construindo o ninho, os leitores vão se perguntar se está prestes a botar ovos e aí vão achar que a história é sobre uma mãe solteira. A Igreja vai me acusar de fazer referência a alguma coisa profana… *de novo.*

Ele amassou o pergaminho e jogou-o junto às tentativas anteriores.

– "*No alto de uma árvore, mais alta do que todos os campanários de toda a região, uma passarinha solitária procurava minhocas*"… Não, não, não! No que é que eu estou pensando? Não posso começar a história assim. Se eu disser que a árvore é maior do que os campanários, algum imbecil vai achar que estou comparando a árvore ao pró prio Deus e fará um estardalhaço por nada.

Hans suspirou e jogou para o lado seu último esforço. Ser escritor numa sociedade do século XIX podia ser frustrante às vezes.

O relógio de chão perto da mesa badalou ao marcar seis horas. Hans levantou-se pela primeira vez em algumas horas.

– Acho que preciso dar uma caminhada.

Ele tirou o casaco e a cartola do cabideiro perto da porta da frente e saiu de

casa. Os demais pedestres reconheciam-no com facilidade, enquanto ele caminhava pela rua. Após um olhar de relance em seu destacado nariz e sua magra compleição, não havia como negar que o célebre autor estava entre eles. Hans educadamente erguia o chapéu para aqueles que ficavam boquiabertos diante dele e fugia antes que fossem importuná-lo.

Hans acabou chegando ao passeio de Langelinie e sentou-se em seu banco favorito. Na sua frente, a água do Øresund cintilava sob o que restava da luz do sol. Ele respirou profundamente o ar salgado, e sua mente relaxou pela primeira vez naquele dia.

Aquele era seu local favorito para espairecer. Sempre que sua cabeça estava cheia demais para se concentrar, ou vazia de qualquer imaginação, uma simples ida ao passeio o ajudava a relaxar. Com sorte, ele encontraria inspiração na terra e nas águas. E às vezes, com *muita* sorte, a inspiração é que o encontraria.

– Olá, senhor Andersen – disse uma voz branda atrás dele.

Hans virou o rosto e ficou feliz ao ver sua velha amiga. Ela usava um vestido azul-claro, cintilante como o céu noturno. Era muito afetuosa e acolhedora – e desconhecida para todo mundo na Dinamarca, menos para Hans.

– Minha cara Fada Madrinha, é bom vê-la – disse ele com um enorme sorriso.

A Fada Madrinha sentou-se a seu lado.

– Igualmente. Você não estava em casa, então achei que iria encontrá-lo aqui. Está com dificuldade para escrever neste fim de tarde?

– Infelizmente. Em alguns dias, as palavras correm por mim como o rio Nilo; em outros, me sinto seco feito o deserto do Saara.

Temo que você tenha me encontrado no meio de uma seca, mas tenho certeza de que a chuva voltará a cair.

– Não tenho dúvida. Na verdade, vim para lhe dar os parabéns. Acabamos de saber que seus contos de fadas estão sendo publicados em outros países. As outras fadas e eu não poderíamos estar mais felizes. Você obteve grandes resultados ajudando-nos a espalhar as histórias do nosso mundo. Somos muito gratas.

– Eu é que sou grato. Quando você me encontrou, ainda rapaz, naquela escola horrenda em Elsinore, eu estava prestes a desistir de uma vez por todas de ser escritor. As histórias que você me deu para trabalhar como se fossem minhas inspiraram-me tanto quanto inspiram as crianças a quem elas são destinadas. Eu não teria reencontrado meu caminho como contador de histórias se não fosse por você.

– Você nos dá crédito demais. Você sabia exatamente como adaptar nossas

histórias para a época atual, acrescentando elementos religiosos. Sem isso, as sociedades de hoje em dia talvez não as tivessem abraçado. “O Patinho Feio”, “A Rainha da Neve”, “A Pequena Sereia” e outras histórias teriam sido esquecidas, mas você as imortalizou.

– Falando nisso, como vão as coisas no mundo dos contos de fadas?

– Muito bem. Entramos numa verdadeira época de ouro. Minha querida Cinderela se casou com o Príncipe do Reino Encantado. A princesa Bela Adormecida finalmente acordou da terrível maldição do sono. A Branca de Neve assumiu o lugar de sua madrasta má como rainha do Reino do Norte. Não tínhamos tantos motivos para celebrar desde que os dragões foram extintos.

– Mas, minha cara, eu fiz a mesma pergunta quase uma década atrás, e sua resposta naquela época foi exatamente essa. Quando eu era criança, já ouvia as mesmas histórias. O mundo dos contos de fadas parece parado no tempo.

– Quem dera – disse a Fada Madrinha, rindo. – Este mundo se move muito mais rápido do que o nosso… Um dia, porém, acredito que os dois mundos vão se mover juntos. Não sei como, nem por quê, só tenho fé de que vão.

Eles apreciaram a paisagem e os sons tranquilizadores do passeio. Um casal de idosos caminhava calmamente perto da água. Um cachorrinho perseguia gaivotas duas vezes maiores do que ele.

Um pai e seus filhos soltavam pipa num campo ao lado, enquanto a mãe embalava a filhinha recém-nascida; os meninos riam enquanto a brisa levava a pipa cada vez mais para o alto.

– Hans? – a Fada Madrinha chamou. – Você se lembra do que o deixava contente quando era criança?

Ele não demorou a se lembrar.

– Lugares como este.

– Por quê?

– Porque é um lugar de possibilidades ilimitadas. A qualquer momento, qualquer pessoa ou qualquer coisa pode aparecer. Um desfile pode marchar pelo campo, um bando de pássaros de uma região tropical pode voar através dos céus, ou um rei de um país distante pode velejar pelas águas num navio enorme. Acho que qualquer criança é mais feliz em um lugar no qual sua imaginação seja estimulada.

– Interessante.

Hans percebeu pelo olhar dela que algo a preocupava. E, se a pergunta da Fada Madrinha servia de indicação, esse algo dizia respeito a uma criança.

– Desculpe – disse Hans. – Eu já conheço você há tanto tempo, e ainda fico

constrangido por perguntar, mas você tem filhos?

– Tenho, sim – disse ela, sorrindo ao pensar neles. – Tenho dois filhos. Os dois são a cara do meu falecido marido. O mais velho se chama John, uma criança muito feliz e aventureira. Está sempre fazendo novos amigos e encontrando lugares para explorar. Lá onde moramos, todos gostam muito dele.

A Fada Madrinha de repente se calou.

– E seu outro filho? – perguntou Hans.

Como se um vazamento emocional tivesse irrompido nela de repente, toda a felicidade se esvaiu do rosto da Fada Madrinha.

Seu sorriso desapareceu, e ela encarou as próprias mãos.

– O nome dele é Lloyd. Tem alguns anos a menos do que John e é muito… *diferente*.

– Entendo – disse Hans. Estava claro que era um assunto muito doloroso.

– Perdoe-me – disse ela com um longo suspiro. – Não consigo mais esconder a frustração. Durante a vida inteira, trabalhei para dar às pessoas a chave da felicidade, mas, não importa o que eu fa ça, não consigo abrir as portas da felicidade do meu filho.

– Ele está passando por tempos difíceis, suponho? – Hans não queria xeretar, mas nunca tinha visto a Fada Madrinha tão claramente desamparada.

– Pois é… Só que eu não acho que seja só uma fase.

Uma vez que ela começava a falar disso, era difícil parar, e Hans queria muito ouvir o que a Fada Madrinha tinha a dizer. Ele pôs uma mão tranquilizadora no ombro da velha amiga, e as comportas se abriram.

– Talvez seja horrível dizer isso a respeito do meu próprio filho, mas, quando o meu marido morreu, acho que alguma coisa dentro de Lloyd se partiu – ela confessou. – Foi como se a sua capacidade de ser feliz tivesse morrido junto com o meu marido.

Não o vejo sorrir desde que era bebê. Ele gosta de ficar sozinho e não é nada sociável. Mal fala e, quando abre a boca, nunca diz mais do que uma ou duas palavras. Ele e John não poderiam ser mais diferentes um do outro. Lloyd parece tão triste, e eu receio que isso vá durar para sempre.

Uma lágrima solitária escorreu pelo rosto da Fada Madrinha.

Ela pegou um lenço no bolso do vestido e secou o rosto.

– Deve haver alguma coisa de que ele goste – disse Hans. – Quais são os interesses dele?

A Fada Madrinha teve de pensar um pouco.

– Ler – disse, balançando a cabeça. – Ele lê o tempo todo, principalmente a

literatura deste mundo. É a única coisa que o atrai, mas não sei com certeza se ele *gosta*.

Hans ponderou a questão. Seu forte sempre foi entreter crian ças, não consertá-las. Ele se imaginou no lugar de Lloyd e pensou em algo que pudesse animar o filho da Fada Madrinha.

– Talvez *ler* não baste – disse Hans, e seu rosto se acendeu com um enorme sorriso. – Se o que ele gosta são livros, talvez exista um jeito de expandir sua paixão.

– Como assim?

Hans explicou:

– Quando eu era um escritor em começo de carreira, ganhei uma bolsa do rei da Dinamarca para viajar pela Europa. Viajei por toda a Escandinávia, Itália, Suíça, Inglaterra e voltei. Não consigo descrever em palavras quanto me emocionei vendo com meus próprios olhos todos os lugares a respeito dos quais eu só tinha lido. As palavras nunca fizeram justiça às maravilhas que eu presenciei. Elas deixaram um sorriso em meu coração.

A Fada Madrinha não entendia aonde ele queria chegar.

– John também adora este mundo, mas Lloyd se recusa a sair do quarto sempre que o convido para vir comigo.

Hans ergueu o dedo.

– Então, tente convidá-lo para um mundo que o *atraia* verdadeiramente – sugeriu. – E se você o levasse para a história de um dos livros dele? Ele pode não ter tanto interesse assim por aquilo que lê, mas, se efetivamente *visse* os lugares a respeito dos quais passa tanto tempo lendo, Lloyd sorriria outra vez, tenho certeza.

A Fada Madrinha olhou para o mar, como se a resposta para um longo mistério tivesse cruzado as águas.

– Mas será que sou capaz de realizar essa mágica? – ela perguntou, quase em transe. – Eu consigo viajar entre reinos que já existem, mas como poderia *criá-los*? Como eu poderia dar vida a palavras escritas?

Hans percorreu o passeio com os olhos para ter certeza de que só a Fada Madrinha conseguiria ouvir o que ele estava prestes a dizer.

– Talvez você não precise *criar* nada. E se cada história contada fosse apenas um reino esperando para ser descoberto? Talvez a felicidade não seja a única coisa cujas chaves você está aqui para trazer.

A ideia era tão estimulante, tão empolgante, que a Fada Madrinha quase sentiu medo de seu potencial. E se ela pudesse viajar para dentro de cada história com a

mesma facilidade com que viajava para o mundo dos contos de fadas e para o Outromundo? E se ela tivesse o poder de transformar qualquer livro em um portal?

– Está ficando tarde – disse Hans, olhando para o céu cada vez mais escuro. – Você gostaria de tomar um chá comigo? Esta conversa me lembra tanto outra história, uma em que venho trabalhando, chamada “A história de uma mãe”…

Ele se virou de novo para a Fada Madrinha, mas ela havia desaparecido. Hans não conseguiu conter o riso diante daquela partida súbita. A ideia dele deveria ter sido boa, já que ela não aguentara esperar nem um instante para colocá-la em prática.



As semanas seguintes foram as mais ocupadas da vida da Fada Madrinha. Ela se trancou em seus aposentos no Palácio das Fadas e trabalhou dia e noite. Como se estivesse inventando uma nova receita, buscou componentes a ser cuidadosamente combinados para tornar real a ideia de Hans. Leu todos os livros de encantos, os livros de poções e os livros de feitiços que tinha. Estudou magia negra, magia branca e a história da magia.

Assim, ela lentamente tecia sua criação, um elemento após o outro, como se costurasse uma colcha de retalhos. Manteve um diário do progresso, o qual consultava com frequência para não cometer o mesmo erro duas vezes. Por fim, após ter descoberto os ingredientes corretos, tê-los misturado e deixado a mistura à luz do luar por uma quinzena, sua criação estava completa. A Fada Madrinha colocou a poção numa pequena garrafa azul.

Como em todo experimento, ela precisava de uma boa cobaia. Pegou o *Frankenstein* de Mary Shelley na estante e colocou-o no chão. Abriu-o na primeira página e cuidadosamente deixou cair três gotas da poção sobre ele, uma de cada vez.

Assim que a terceira gota fez contato com as páginas, o livro iluminou-se como um farol gigante. Um brilhante feixe de luz branca saiu do objeto e, como não havia teto no aposento, projetou-se diretamente contra o céu da noite. Era possível vê-lo a milhas do palácio.

A Fada Madrinha estava tão ansiosa para saber se a poção tinha funcionado que deixou de lado qualquer cautela. Segurou firmemente sua varinha e pisou no

feixe de luz. Ela não estava mais em seus aposentos no Palácio das Fadas, mas num mundo feito de *palavras*.

Para onde quer que olhasse, via textos girando, quicando e pairando. A Fada Madrinha teve a impressão de reconhecer algumas das palavras de trechos familiares do livro. Observou impressionada as palavras se espalhando por um vasto espaço em torno dela. Elas se transformavam nos objetos que descreviam, ganhavam textura e logo criaram um mundo em volta da Fada Madrinha.

Agora estava de pé numa floresta escura, de árvores espigadas. O livro *Frankenstein* e o feixe de luz que ele emitia eram as únicas coisas que tinham viajado com ela para aquela floresta peculiar. Ela se inclinou sobre a luz e viu seus aposentos do outro lado – *o feixe era um portal!* Só esperava que ele a tivesse levado ao lugar desejado.

Um relâmpago súbito atravessou o céu negro e lhe causou um sobressalto. Ela distinguiu, no topo de uma colina próxima, a silhueta de uma enorme estrutura gótica com diversas torres. Seu coração se acelerou.

– *Céus!* – arquejou a Fada Madrinha. – É o castelo de Frankenstein! A poção funcionou! Viajei para dentro do livro!

Ela deixou o mundo de *Frankenstein* e voltou a seus aposentos.

Com o pé, fechou o livro luminoso que estava no chão, e a luz desapareceu, restaurando o livro a seu estado normal.

A Fada Madrinha mal conseguia conter a empolgação. Pegou a garrafinha com a poção e correu pelo corredor até o quarto de Lloyd, certa de que a notícia de sua última invenção o deixaria empolgado. Ela deu batidinhas alegres na porta.

– Lloyd, querido? – disse, adentrando o quarto do filho.

O quarto era mais escuro do que qualquer outro aposento do Palácio das Fadas, especialmente à noite. O palácio era um lugar bastante aberto, porém Lloyd pendurava lençóis e cobertores em volta do quarto, no lugar onde deveriam estar as paredes, para ter privacidade, fazendo com que o lugar parecesse uma tenda isolada.

O filho da Fada Madrinha tinha uma prateleira com jarros cheios de pequenos roedores, répteis e insetos. Contudo, pelo modo como lutavam desesperadamente para tentar sair de seus recipientes, pareciam mais prisioneiros do que bichos de estimação. A mãe de Lloyd pegou um jarro e ficou triste ao notar que uma mariposa tinha morrido – a mesma mariposa que, alguns dias antes, o filho prometera libertar.

Lloyd estava sentado na cama e lia *O homem da máscara de ferro* à luz de

velas. Ele era uma criança pequena e magra, com um rosto rechonchudo e cabelos negros. Não tirou os olhos do livro nem quando a mãe se sentou ao pé da cama.

– Fiz uma coisa muito especial para você, querido – disse a Fada Madrinha. – Trabalhei muito nisso e acho que você vai ficar contente.

Lloyd continuou lendo, agindo como se a mãe fosse invisível. Ela tirou o livro das mãos dele, forçando-o a prestar atenção nela.

– E se eu dissesse que existe um jeito de viajar para dentro das suas histórias favoritas? – a Fada Madrinha provocou, mostrando-lhe a garrafa com a poção. – Isto aqui é uma poção muito poderosa que acabei de criar. Com algumas gotinhas, a gente pode transformar qualquer livro num portal! Não é maravilhoso? Você não adoraria ver em pessoa todos os seus lugares e personagens favoritos?

Lloyd ficou em silêncio enquanto processava a informação. Por um breve instante, a Fada Madrinha enxergou a curiosidade se formar nos olhos dele enquanto ele olhava a garrafa. O coração dela pulou quando achou que um sorriso surgiria no rosto do filho a qualquer instante. Para sua decepção, Lloyd apenas suspirou.

– Viajar cansa, mãe – disse Lloyd, pegando o livro de volta. – Prefiro ficar aqui lendo.

As esperanças da Fada Madrinha tinham voado tão alto, e para quê? Apenas para caírem por terra. Ela temeu que, se *isso* não fizera o filho reagir, nada mais faria.

– Tudo bem, então – disse ela, levantando-se para sair do quarto. – Me avise se mudar de ideia.

Desolada demais para dormir, a Fada Madrinha vagou pelos corredores do Palácio das Fadas até chegar ao Salão dos Sonhos. Abriu as portas duplas e adentrou o espaço ilimitado, observando os milhares de esferas flutuantes. Cada esfera representava o sonho de alguém, e ela tinha a esperança de conseguir realizar algum dos sonhos antes de se deitar.

Um pensamento intrigante lhe veio à mente enquanto ela olhava em volta: tinha passado tempo demais tentando *adivinhar* como fazer o filho feliz. E se o maior sonho do filho estivesse flutuando pelo Salão dos Sonhos? Se ela desse uma olhada no sonho, talvez descobrisse como ajudá-lo.

A Fada Madrinha ergueu a varinha e girou-a rapidamente.

Todas as esferas no salão congelaram-se imediatamente. Apenas uma grande esfera ao longe continuou se mexendo. Ela flutuou na direção dela e pousou em

suas mãos. A Fada Madrinha olhou dentro da esfera, ansiosa para saber qual era o sonho do filho.

O interior da esfera estava enevoado, como se estivesse cheio de vapor ou fumaça. Quando a névoa se dissipou, a Fada Madrinha soltou um pequeno grito diante da visão. Havia destruição para onde quer que ela olhasse. Castelos e palácios desabavam, e aldeias queimavam. O chão estava coberto pela carcaça de todas as criaturas imagináveis. Era como se ela estivesse diante do fim do mundo.

No centro do caos, em cima de uma pilha de detritos, Lloyd se empoleirava num trono. Ele usava uma enorme coroa na cabeça. Um sorriso gélido crescia em seu rosto enquanto observava a destruição à sua volta. Ao longe, a Fada Madrinha viu algo que fez com que seus pelos se eriçassem e um frio percorresse sua espinha. Era um túmulo recém-escavado com o nome dela gravado na lápide.

A Fada Madrinha sentiu o estômago revirar. Agora estava claro por que ela nunca conseguira fazer o filho feliz: o maior sonho dele era o maior pesadelo dela. Frankenstein não era o único responsável por criar um monstro…



CAPÍTULO 1

A poção das bruxas

As criaturas da Floresta dos Anões sabiam que, se tinham amor à vida, deviam evitar o Riacho do Homem Morto naquela noite. A cada lua cheia, à meia-noite, bruxas das florestas e dos reinos vizinhos se reuniam no riacho. As reuniões eram exclusivamente para bruxas, e elas costumavam fazer daqueles que as perturbavam exemplos horrendos para os demais.

O Riacho do Homem Morto era envolto em mistério, o que o tornava um lugar ideal para o encontro. Com alguma frequência, sem nenhum aviso ou explicação, o riacho mudava de direção e corria *para cima* até a floresta. E, cada vez que o redirecionamento acontecia, caixões vindos de um local desconhecido flutuavam.

Os corpos nos caixões nunca eram identificados, nem quem ou o que os enviava – não que tivesse havido qualquer investigação. Quando os cadáveres eram encontrados, as bruxas os faziam em pedaços como abutres, levando para casa, em jarros, aquilo de que precisavam para fazer estoque de ingredientes para suas poções.

As reuniões da meia-noite aconteciam na Poção das Bruxas, uma antiga taverna feita de gravetos e palha que se situava no meio do riacho, tal qual uma gigantesca represa de castores. Fumaça saía da única chaminé da taverna, enchendo o ar com um odor pestilento e avisando às bruxas que se dirigiam ao riacho que a reunião estava para começar. As reuniões normalmente eram tranquilas e vazias. Porém, devido a uma grande crise que de repente se instalara nos reinos, esperava-se que muito mais gente aparecesse nessa noite.

Algumas bruxas viajavam ao riacho a pé ou de mula. Bandos de bruxas voavam em vassouras na direção do sinal de fuma ça da taverna. Algumas poucas vinham pelo riacho de barco ou em jangadas improvisadas. Outras até deslizavam pelo rio feito serpentes.

À meia-noite e meia, a taverna estava mais cheia do que jamais estivera. Cerca de cem bruxas se acomodavam em volta de um enorme caldeirão no centro da taverna, enquanto as retardatárias ficavam no fundo.

Sabia-se que a magia negra deixava sua marca naqueles que a praticavam, e a aparência de cada mulher ali tinha sido afetada de algum jeito. Algumas bruxas tinham verrugas, nariz alargado, carne apodrecida ou olhos que saltavam das

órbitas. Outras tinham sido transformadas a tal ponto que pareciam ser de uma espécie não humana; tinham cascos e chifres, caudas e penas; algumas tinham até focinho e bico.

Uma bruxa baixinha e robusta com pele de pedra aproximou-se do caldeirão. Jogou nele um punhado de pedras, e o líquido brilhou, iluminando o salão com uma ameaçadora luz verde: tinha começado a reunião.

– Bem-vindas, irmãs – disse com voz áspera a bruxa de pedra. – Meu nome é Gargúlia, a Senhora de Pedra da Floresta dos Anões. Presumo que todas tenhamos vindo para discutir a mesma questão, então não percamos tempo.

As bruxas olharam umas para as outras e concordaram com um gesto de cabeça. O grupo formado por elas até podia ser diversificado, porém estava unido pela paranoia.

Serpentina, uma bruxa com pele verde e escamosa e uma longa língua bifurcada, tomou a palavra:

– *Essstamosss* aqui para *dissscutir asss criançasss desaparecidasss*. Então vou logo dizendo: a bruxa *resssponsssável* por *issso* tem de parar imediatamente, *antesss* que *faça* com que *sssejamosss todasss mortasss*.

A maior parte da taverna se sentiu ultrajada com essa observação. Carvolina, uma bruxa feita de cinzas e fuligem, bateu com tanta força na lateral de seu assento que parte de seu pulso desabou.

– Como você ousa nos culpar? – bradou contra Serpentina. Brasas voavam de sua boca quando ela falava. À medida que Carvolina ficava mais encolerizada, um brilho parecido com lava preenchia as fendas de sua pele. – Sempre somos as primeiras a ser acusadas quando há uma crise! Eu esperava mais de uma das nossas!

Arboris, uma bruxa cujo cabelo era feito de gravetos e o corpo era coberto de casca de árvore, ficou ao lado de Serpentina.

– Doze crianças do Reino do Canto e doze do Reino Encantado desapareceram sem deixar rastro – disse Arboris. – Somente uma bruxa conseguiria ser furtiva e corajosa o bastante para cometer um crime assim, e ela provavelmente está entre nós nesta taverna!

Tarantulena, uma bruxa larga, com presas, quatro braços e quatro pernas cabeludos, desceu do teto em uma teia que brotava de seu abdômen.

– Se vocês têm tanta certeza de que foi uma bruxa que raptou as crianças, talvez tenha sido uma das duas! – ela rosnou, apontando para elas com suas quatro mãos.

A taverna foi ficando cada vez mais barulhenta conforme cada bruxa

manifestava sua opinião sobre o assunto. Gargúlia lançou mais um punhado de pedras no caldeirão, e uma ofuscante luz verde fez com que todas se calassem.

– *Silêncio!* – Gargúlia gritou. – Não importa qual bruxa é responsável, os reinos vão achar que *todas nós* somos responsá veis quando elas forem pegas! Ouvi rumores de que uma caça às bruxas está sendo organizada nas aldeias. Precisamos nos preparar!

Uma bruxa de vestido escarlate deu um passo à frente.

– Posso dar uma sugestão? – perguntou com calma. Ela tirou o capuz, e algumas bruxas prenderam a respiração. Era uma mulher de meia-idade e aparência completamente normal. Bonita até.

– *Hagetta!* – exclamou Gargúlia com um olhar malevolente. – Depois desse tempo todo, você finalmente nos concede a graça da sua presença.

– *Esssa* aí não é *dasss nosssasss* – sibilou Serpentina.

– Ela é uma vergonha para todas as bruxas *de verdade* – disse Carvolina.

Agredir Hagetta era a única coisa com que todas as bruxas concordavam, porém Hagetta tinha ido à taverna esperando causar confusão.

– Praticar magia branca não me torna menos bruxa do que vocês – ela falou. – E eu garanto que ninguém fora desta taverna vai ligar para qual tipo de magia eu pratico se outras crian ças desaparecerem. Turbas enfurecidas vão varrer a floresta até que a última bruxa seja encontrada. Vamos *todas* ser capturadas e queimadas na fogueira. Assim, ao contrário de vocês, eu vim para apresentar uma *solução* que, espero, vai impedir uma caça às bruxas.

As demais bruxas murmuraram e resmungaram insultos contra ela. Gargúlia lançou mais um punhado de pedras no caldeirão para silenciá-las.

– Ninguém aqui quer uma caça às bruxas; então, se Hagetta acha que pode nos poupar disso, vamos deixá-la falar – disse. – Mas fale logo. Minhas pedras acabaram.

Hagetta olhou em volta na taverna, cruzando olhares com o máximo de bruxas que conseguiu. Ela sabia que seria uma plateia difícil, mas não sairia dali até convencê-las.

– Vamos parar de apontar o dedo e nos dedicar a encontrar a perpetradora – sugeriu. – O mundo sempre responsabilizou a todas nós por erros individuais de bruxas. Nenhuma de vocês teria vindo hoje se fosse a culpada, então vamos trabalhar juntas e entregar aquela que *é* a verdadeira responsável. Provaremos nossa inocência se decidirmos *ajudar* os reinos a resolver o mistério das crianças desaparecidas.

– Não podemos entregar uma das nossas! Somos uma irmandade! – gritou

Carvolina.

– Não *ssserá* uma irmandade *ssse essstivermosss todasss mortasss* – disse Serpentina.

– A última coisa que os humanos querem é a ajuda de uma bruxa! – Arboris argumentou.

Nos fundos do salão, uma bruxa com uma grande barriga e um nariz que parecia uma cenoura começou a chorar, e a taverna inteira se voltou para ela.

– Desculpem – disse a bruxa sensível. – É que me identifico com o que Hagetta está dizendo. Eu não sou santa, mas a vida inteira me culparam por coisas que não fiz.

Ela assoou o nariz no manto da bruxa que estava a seu lado.

– NÃO EXISTE BRUXA INOCENTE! – gritou uma voz grave que ninguém esperava ouvir.

De súbito, as portas da frente da taverna se abriram, sobressaltando todas as bruxas. Um homem com um saco na cabeça caminhou para dentro da taverna como se fosse o dono. Uma dúzia d e soldados em uniforme branco e vermelho o seguia. Todas as bruxas se levantaram, indignadas com a intrusão.

– Perdoem-nos a interrupção, *senhoras*, e uso o termo em sentido amplo – disse o Homem Mascarado com um riso arrogante.

– Passei a noite toda ouvindo a discussão de vocês e temo que não possa mais ficar calado.

– Como ousa nos interromper? – gritou Gargúlia. – Ninguém nos interrompe e vive para contar…

Ele ergueu a mão para calá-la.

– Antes que vocês nos transformem em ratos para seus parentes comerem, permitam que eu me apresente. Me chamam de Homem Mascarado, por razões óbvias. Os homens atrás de mim são o que sobrou da Grande Armée que quase conquistou o mundo cinco meses atrás. Será que vocês ouviram falar de nós?

Ainda que nenhuma delas tivesse se envolvido diretamente na guerra recente, as bruxas conheciam bem o pandemônio que fora causado pela Grande Armée.

– Esse sujeito é uma piada – disse Hagetta, sabendo que tinha de intervir antes que a curiosidade das bruxas aumentasse ainda mais. – Ele vai encher a cabeça de vocês com histórias grandiosas de como liderou um exército, convocou um dragão, mas, no fim, uma fada velha e moribunda o fez fugir com o rabo entre as pernas.

O Homem Mascarado franziu o cenho.

– Então, ao menos *você* ouviu falar de mim. – Ele olhou Hagetta de cima a

baixo; havia na bruxa algo de bastante familiar. O Homem Mascarado tinha certeza de que seus caminhos tinham se cruzado, mas não queria perder tempo tentando se lembrar. Tinha ido à taverna com um objetivo, e as bruxas não lhe dariam muito tempo.

– Eu não vim aqui para impressioná-las; vim para lhes dar um aviso com a intenção de estabelecer uma *parceria* – disse.

– Não precisamos de parcerias com gente como você – disse Gargúlia.

O Homem Mascarado deu continuidade à sua proposta, apesar da falta de disposição da bruxa:

– Vocês têm o direito de estar preocupadas. Muita gente acredita que uma bruxa é responsável pelos desaparecimentos, e as aldeias que perderam suas crianças estão levando isso a sério. Há meses vivo escondido, e ouvi falar da retaliação que está por vir. Eles não estão planejando uma caça às bruxas: estão planejando um *extermínio* !

A notícia era dura para as bruxas. Será que o Homem Mascarado estava tentando assustá-las, ou será que a situação era ainda pior do que elas temiam?

– É por isso que precisamos encontrar a bruxa responsável enquanto ainda temos chance – falou Hagetta.

O Homem Mascarado balançou a cabeça.

– Temo que não haja nada que vocês possam fazer para impedir isso – disse ele. – Mesmo que provem que as bruxas são inocentes, esse massacre vai acontecer. Eles não querem justi ça para crianças desaparecidas; querem justiça para cada crime que a sua raça cometeu contra a deles. Estão usando as crianças desaparecidas como desculpa para obter uma vingança desejada há séculos!

As bruxas se calaram. As relações entre bruxas e homens nunca foram fáceis, e as crianças desaparecidas talvez tivessem encolerizado o reino dos homens a um ponto sem volta.

– Você tenta começar guerras em todo lugar por onde passa – disse Hagetta, tentando desesperadamente desqualificar as informações apresentadas por ele. – Não podemos dar ouvidos a esse homem! Ele não vai ficar satisfeito até o mundo inteiro arder!

O Homem Mascarado sorriu.

– Haverá batalhas e combates, mas vocês estão se achando importantes demais se pensam que haverá guerra – provocou. – As bruxas não terão a menor chance quando virarem alvo; eles estão em número muito maior! Logo vocês estarão extintas, como os dragões.

A bruxa sensível ao fundo caiu no choro outra vez. Curvou-se para a frente e

vomitou no chão.

– Desculpem – ela piou. – Me impressiono facilmente.

O Tenente Rembert, que estava entre os soldados da Grande Armée, ergueu uma sobrancelha para ela; havia algo estranho naquela bruxa.

– Eu acho que a Assembleia dos Felizes para Sempre está por trás dos raptos! – disse o Homem Mascarado. – As fadas sempre quiseram se livrar das bruxas, e não haveria truque melhor do que inspirar um extermínio em massa! Eu não ficaria surpreso se a nova Fada Madrinha tivesse raptado ela mesma as crianças.

– A Fada Madrinha nunca raptaria duas dúzias de crianças – disse uma das cabeças de uma bruxa de duas cabeças, ao fundo.

Rata Maria, uma bruxa que parecia um camundongo, com pelo espesso e cerrado e enormes dentes da frente, subiu no assento para chamar a atenção da taverna.

– Mesmo que as fadas não estejam por trás disso, tenho certeza de que vão incentivar – disse.

– Elas querem viver num mundo sem bruxaria! – Arboris falou.

– Querem a mágica *sssó* para *sssi messsmasss*! – sibilou Serpentina.

Foi fácil convencer as bruxas de que o sumiço das crianças tinha sido um plano contra elas, e logo a taverna inteira bradava de ódio pelas fadas. O Homem Mascarado tinha conseguido exatamente o que queria.

– É horas de as bruxas revidarem! – o Homem Mascarado incitou.

As bruxas o saudaram, porém Gargúlia sacudiu a cabeça e agiu como a voz da razão.

– Seria suicídio. Você acaba de dizer que estamos em menor número, ainda mais se as fadas tomarem parte disso.

O Homem Mascarado esfregou as mãos.

– Não se vocês fizerem os amigos certos – disse cinicamente. – Com a minha ajuda, podemos levantar *outro* exército!

As bruxas riram na cara dele. A ideia parecia ridícula.

Hagetta retomou a palavra:

– Um *exército*? Um exército do *quê*? Além disso, você já teve um exército, e ele fracassou miseravelmente. Quem confiaria em você para tomar conta de outro?

O Homem Mascarado projetou a cabeça na direção dela. Era claro que ela tinha tocado num assunto delicado.

– EU NUNCA FRACASSEI! – ele gritou. – Eu passei a vida inteira

planejando um jeito de acabar com as fadas! Até agora, tive sucesso em cada passo do meu plano! A Grande Armée, o dragão e o ataque ao Palácio das Fadas nunca pretenderam derrotá-las, apenas enfraquecê-las! Quando elas acharam que a luta tinha acabado, entrei no palácio e peguei uma poção, que era o meu objetivo desde o começo! Agora que tenho a poção, a guerra de verdade pode começar!

Gotas de suor atravessavam o saco que cobria a cabeça do Homem Mascarado. Ele respirou fundo algumas vezes para se acalmar.

– Porém, antes de poder dar início à próxima fase do meu plano, preciso da ajuda de vocês – prosseguiu. – Havia outra coisa no Palácio das Fadas que eu pretendia roubar junto com a poção. Uma espécie de coleção. Mas a antiga Fada Madrinha deve ter se livrado dela. Assim que a encontrarmos e a combinarmos com a poção, serei capaz de recrutar o novo exército.

Gargúlia cruzou os braços.

– Mas que *espécie* de exército? – perguntou. – Se a Grande Armée e um dragão não deram conta de acabar com as fadas, o que vai conseguir?

– Um exército além de tudo o que vocês conseguem imaginar! – disse o Homem Mascarado com gestos teatrais. – Um exército que vai fazer a Grande Armée parecer uma gangue de crian ças! Eu venho sonhando e planejando isso desde que era garoto, e, com a sua ajuda, conseguiremos trazê-lo para cá. Lideraremos esse exército juntos, e este mundo será *nosso* !

As bruxas não sabiam dizer se o Homem Mascarado era insano ou se havia algum mérito no que ele estava dizendo. A bruxa sensível não se conteve depois de ouvir o discurso dele.

– Desculpem. É que é tão bom ver um homem apaixonado por alguma coisa – ela disse, e lágrimas escorreram pelo seu rosto.

O Tenente Rembert encarava a bruxa desconfiado. Enquanto ela chorava, seu nariz em formato de cenoura foi levado pelas lágrimas – *era um disfarce!*

– Senhor, acredito que estamos na companhia de mais do que apenas bruxas! – Rembert gritou para o Homem Mascarado. Ele rapidamente pegou a pistola dentro do paletó e apontou-a para a bruxa sensível.

Subitamente, ela deu um salto e uma cambalhota na direção de Rembert, sacando uma comprida espada de dentro do manto e cortando a ponta da pistola ao pousar aos pés do militar.

A bruxa gemeu e pôs a mão na barriga.

– É mais difícil dar cambalhota quando se está grávida – falou.

O Homem Mascarado baixou os olhos para a impostora – não era bruxa

nenhuma.

– CACHINHOS DOURADOS! – ele gritou.

– Cachinhos Dourados, o que você está fazendo na taverna? – perguntou Hagetta.

– Olá, Hagetta – disse Cachinhos. – Nós seguimos vocês até aqui. Sabíamos que o Homem Mascarado não resistiria a uma audiência com as bruxas.

– *Nós*? – Hagetta indagou.

O Homem Mascarado deu um tapa com as costas das mãos no rosto de Rembert.

– Seu idiota! Você nos trouxe direto para uma armadilha! *Peguem-na!*

Com as armas erguidas, os soldados da Grande Armée correram até Cachinhos Dourados.

– AGORA! – gritou ela.

No fundo da taverna, quatro figuras tiraram seus disfarces. João, Chapeuzinho Vermelho, Froggy e o terceiro Porquinho haviam estado entre as bruxas o tempo inteiro.

A bruxa de duas cabeças partiu para cima do Homem Mascarado, separando-se em duas pessoas distintas conforme avançava – *Alex e Conner Bailey*. Os dois rodearam o Homem Mascarado. Alex apontou sua varinha de cristal para ele, e Conner empunhou a espada.

– Você não é o único que usa máscara, cara – disse Conner.

Alex não disse nada. Ela segurava a varinha com tanta for ça que ficou com medo de quebrá-la. Após meses e meses de uma busca angustiante, eles finalmente o tinham encontrado. Ela desmascararia o Homem Mascarado e mostraria ao mundo a verdadeira identidade dele.

– Acabou – disse Alex. – E dessa vez ninguém vai a lugar nenhum!

Alex agitou a varinha na direção de cada janela e de cada porta, que foram imediatamente cobertas por barras de metal. Os gêmeos, seus amigos, as bruxas, os soldados e o Homem Mascarado estavam todos presos dentro da taverna.

– É a Fada Madrinha! – gritou Rata Maria, e a taverna irrompeu em caos.

As bruxas corriam de um lado para o outro, como se o lugar estivesse em chamas. Sem saída, a desordem só aumentava. Com todas as mulheres em pânico correndo em volta deles, era difícil para os gêmeos manter os olhos nos soldados e no Homem Mascarado.

Era uma situação incrivelmente avassaladora, e Alex sentiu o coração bater cada vez mais rápido. Ela não podia deixar o Homem Mascarado escapar de novo – não agora que tinha chegado tão perto.

– CHEGA! – gritou Alex. Os olhos dela começaram a brilhar, e seu cabelo flutuava acima da cabeça. Sem que Alex erguesse a varinha, trepadeiras brotaram do chão e envolveram cada bruxa e soldado da Grande Armée e os puxaram para o piso.

Conner olhou em volta com nervosismo.

– *Alex, cuidado!* – sussurrou. – *Lembre-se de manter o foco para controlar seus poderes!*

Alex sacudiu a cabeça e saiu do estado de torpor em que suas emoções a tinham colocado; seu cabelo assentou, e seus olhos pararam de brilhar. Nos últimos meses, ela tivera dificuldades para controlar seus poderes, mas agora não se importava se as trepadeiras tinham sido convocadas consciente ou inconscientemente – capturar o Homem Mascarado era a única coisa que lhe importava.

– Você é uma moça poderosa, mas vai deixar as bruxas zangadas se as tratar desse jeito – disse o Homem Mascarado, olhando em volta da taverna em busca de algum lugar por onde pudesse escapar.

– Vou correr o risco – rebateu Alex.

– Muito bem. *Eu também!*

O Homem Mascarado deu um salto na direção do caldeirão e o derrubou. O líquido espalhou-se pelo chão e perdeu a luz, fazendo com que a taverna ficasse escura como breu. Alex abanou a mão, e tochas apareceram nas paredes, trazendo a luz de volta – mas o Homem Mascarado tinha sumido.

– Alex! Veja! – gritou Conner, apontando para a lareira. – Ele está subindo pela chaminé! Está indo para o telhado!

Ela olhou bem a tempo de ver os pés do Homem Mascarado desaparecendo no interior da lareira. Alex zuniu naquela direção e começou a escalar a chaminé atrás dele.

As bruxas lutavam contra as trepadeiras que as prendiam.

Serpentina, Tarantulena, Rata Maria e Carvolina se libertaram e partiram para cima de Conner e dos outros.

– Não seremos desrespeitadas em nossa própria taverna! – gritou Rata Maria, que esticou a mão, e uma vassoura voou até ela. A bruxa subiu a bordo e voou em volta de Conner, arranhando-o e acertando-o conforme o rodeava.

– AI! – gritou Conner. – Pare com isso, dona rata!

Ele agarrou a ponta da vassoura dela, e os dois saíram voando pela taverna, batendo nas paredes e no teto como uma bolinha de pingue-pongue.

Serpentina, que rastejava pelas paredes como um lagarto, investiu contra

Cachinhos Dourados. A gestante brandiu a espada e cortou fora o braço esquerdo da bruxa. Cachinhos olhou para o braço amputado no chão e debulhou-se em lágrimas.

– *Me desculpe!* – soluçou, mas as lágrimas logo desapareceram.

– Espere aí, desculpe nada! *Malditos hormônios!*

E foi bom ela ter voltado a si, pois um novo braço cresceu em Serpentina quase que instantaneamente. A língua da bruxa se desenrolou para fora da boca e rodopiou em volta de Cachinhos Dourados como um chicote vermelho e gosmento, envolvendo o pé da garota, sacudindo-a e jogando-a no chão.

João atravessou a taverna correndo para ajudar a esposa, mas Arboris se pôs em seu caminho. Centenas de insetos saíram rastejando da pele de casca de árvore da bruxa e o atacaram, mordendo-o e ferrando-o por todo o corpo. Ele caiu no chão e ficou rolando freneticamente para afastá-los.

Tarantulena tinha Froggy como alvo. Ela o perseguia pela taverna, disparando lances de teia.

– Detesto aranhas! Detesto aranhas! – gritava Froggy enquanto pulava para longe dela. – Não acredito que concordei em fazer parte disto! Eu tenho um reino para cuidar!

Em vez de socorrer os amigos, Chapeuzinho sentou-se a uma mesa com o terceiro Porquinho e colocou uma grossa pasta entre os dois.

– Já que todos estão ocupados, acho que deveríamos aproveitar este momento para planejar os últimos detalhes do casamento – ela falou alegremente, folheando a pasta.

– Claro, Antiga e Futura Majestade – disse o terceiro Porquinho.

– Querida! Eu não acho que agora seja um bom momento para planejar nosso casamento! – disse Froggy, mal conseguindo evitar mais uma teia disparada contra ele.

– Faltam *dias* para o casamento, Charlie! Passamos tanto tem-po ajudando os gêmeos a rastrear o Homem Mascarado que eu quase não tive tempo de planejar nada! Agora vejamos, oh, claro, preciso escolher o tecido das toalhas de mesa…

Ela tirou três amostras de tecido vermelho que estavam meti-culosamente guardadas na pasta.

– O que você acha, querido? Devemos usar o rubi-pétreo, o carmesim ou o brotar-sanguíneo? – perguntou, levantando as amostras para exibilas ao noivo.

Um fio imprevisto de teia disparou na direção de Chapeuzinho, arrancando uma das amostras de tecido de sua mão e pregando-a na parede.

– Ah, boa sugestão! Rubi-pétreo será!

– Sim, senhora – disse o terceiro Porquinho, anotando a decisão num bloquinho.

Conner não conseguia mais segurar-se na vassoura de Rata Maria. Soltou-a, e ele e a bruxa saíram girando em direções opostas. Rata Maria bateu em Serpentina no exato momento em que esta ia agarrar Cachinhos Dourados, e as duas bruxas se espatifaram no chão.

Conner caiu em cima de Carvolina, que rugiu para ele, o corpo inteiro brilhando com a lava que se acumulava. Ela abriu a bo-ca e, como um dragão, lançou um jato de fogo. Conner se jogou atrás do caldeirão tombado, evitando por pouco ser atingido pelo incêndio infernal.

– Estou precisando de uma ajudinha aqui! As coisas estão ficando quentes! – ele gritou para os amigos.

Hagetta se ajoelhou e colocou a palma de uma mão aberta no chão. Fechou os olhos e se concentrou. Um ribombar deslocou -se exatamente de onde ela estava para debaixo de Carvolina. Um gêiser de água então disparou do chão, lançando Carvolina para o outro lado da taverna. Hagetta redirecionou o ribombar, e outro gêiser irrompeu debaixo de Arboris, também lançando-a para o outro lado da taverna.

Cachinhos Dourados correu para o lado de João e ajudou -o a tirar os insetos do corpo. Ela subitamente se curvou, com dor.

– Cachinhos, tudo bem? – perguntou João.

– O bebê está chutando – disse ela. – Acho que ele quer entrar na briga. Menino ou menina, o chute é forte, isso é certo.

– Igual ao da mãe – disse João com um sorriso.

Do outro lado da taverna, Chapeuzinho estava perdendo a paciência com Froggy.

– O que devemos colocar como centro de mesa? – ela perguntou. – Velas ou flores?

Não houve resposta. Froggy, com pulos frenéticos, ainda fugia de Tarantulena. Ele ofegava e ia perdendo velocidade.

Cada disparo de teia dirigido a ele chegava mais perto do que o anterior.

– Charlie, por que estou com a impressão de que só eu me im-porto com esse casamento? O mínimo que você pode fazer é me dar uma resposta.

Ela virou o rosto para trás e viu que Froggy estava preso contra a parede, enrolado na teia pegajosa de Tarantulena. A bruxa -aranha caminhava na direção dele, os dentes expostos. Froggy ficou verde-pálido.

– *Meu gosto não é bom, eu garanto!* – gritou Froggy.

– Bela tentativa, mas sapo é meu prato favorito! – rosnou Tarantulena.

Bem na hora em que ela ia afundar as presas nele, Chapeuzinho acertou a bruxa na cabeça com uma cadeira. Tarantulena caiu no chão e não se mexeu.

– Muito bem, querida! – Froggy celebrou.

Chapeuzinho arrastou a cadeira para perto dele e se sentou.

– Charlie, já que eu finalmente consegui te segurar por um instante, acho que é um bom momento para falar da lista de convidados.

Froggy suspirou. Agora não havia jeito de fugir dos planos do casamento.

Nesse meio-tempo, o Homem Mascarado rastejara para fora da chaminé e chegara ao telhado, correndo pela borda à procura de um jeito de descer. Alex estava logo atrás dele, mas, ao se encolher para passar pela abertura da chaminé, seus braços ficaram presos ao lado do corpo, impedindo-a de alcançar a varinha.

O Homem Mascarado abaixou-se e começou a descer cuidadosamente até o chão.

– DESTA VEZ VOCÊ NÃO ESCAPA! – Alex gritou. Exatamente como antes, seus olhos brilharam, e seu cabelo flutuou sobre a cabeça.

Subitamente, a taverna inteira começou a balançar. A construção ia para a frente e para trás e então se desprendeu do riacho, subindo ao ar como um balão gigante.

– Alex! Espero que você esteja fazendo isso de propósito! – disse Conner. Como não houve resposta, ele subiu atrás dela na chaminé.

A taverna flutuava cada vez mais alto no céu, voando acima das árvores da Floresta dos Anões, em direção às nuvens. A chaminé em volta de Alex começou a se quebrar tijolo por tijolo, e a fada foi libertada. Não havia jeito de o Homem Mascarado escapar. Era a chance de Alex perguntar-lhe sobre aquilo que era sua obsessão havia meses.

– Só me diga *por quê* ! – ela pediu. – Por que você mentiu para nós? Por que fingiu estar morto?

– A vida seria bem chata se soubéssemos todas as respostas – disse o Homem Mascarado, encarando o chão lá embaixo, que ia desaparecendo de vista.

– Como você pôde fazer isso com a sua própria família? – ela perguntou, desesperada. – Nós o amávamos!

O Homem Mascarado riu.

– Você está aprendendo do jeito difícil, exatamente como eu tive de aprender. Não existe isso de *amor*. As famílias são só estranhos que têm o mesmo sangue. Eles dizem que o amam incondicional-mente, mas, no fim das contas, sempre o traem. Minha mãe me ensinou essa lição, e agora você vai aprendê-la de mim.

Alex sacudiu a cabeça.

– Você está doente. Eu não sei como ficou assim, mas Conner e eu podemos ajudar! – Ela estendeu uma mão aberta, porém o Homem Mascarado apenas lançou um olhar zangado para ela.

Conner galgou a chaminé quebrada e cuidadosamente postou-se ao lado da irmã.

– Alex, você vai levar a gente para a lua? – perguntou.

Eles estavam agora centenas de metros acima do chão, bem acima das nuvens. Alex não tinha reparado quão alto a taverna flutuara – e não estava nem aí.

– Admita, você não tem escolha – Alex disse ao Homem Mascarado. – Só há um jeito de descer, e você vai com a gente!

O Homem Mascarado pôs a mão no bolso do paletó e tirou um livrinho com uma capa dourada e um frasco com uma poção azul. Alex imediatamente reconheceu o frasco que ele tinha roubado do Palácio das Fadas.

– Você está errada – o Homem Mascarado disse baixinho. – Sempre há uma escolha.

Ele rolou telhado abaixo e mergulhou em direção à terra. Os gêmeos gritaram e correram para a beira do telhado a tempo de ver o Homem Mascarado cair através das nuvens até desaparecer de vista.

– Não acredito! – disse Conner. – *Ele se matou!*

Alex sacudiu a cabeça sem acreditar.

– *Não!* Não era para terminar assim! Era para ajudarmos ele!

Mil sentimentos rodopiaram dentro dela como um furacão emocional. Estava tão arrasada que não conseguia se concentrar em mais nada. Seu cabelo voltou para o lugar, e seus olhos ficaram normais de novo.

A taverna subitamente despencou do céu. Os gêmeos e todos do lado de dentro começaram a gritar. Com uma mão, Conner segurou-se na chaminé quebrada e, com a outra, segurou a irmã, para que os dois não saíssem voando.

Partes da taverna se soltavam enquanto ela caía. Um pedaço enorme do telhado voou longe, e os gêmeos viram seus amigos do lado de dentro, se segurando em qualquer coisa que conseguiam.

– *Eu queria estar inteira para casar, por favor!* – gritou Chapeuzinho.

– *Alex! Faça alguma coisa!* – Conner gritou.

Alex teve dificuldade para pegar a varinha enquanto eles des-pencavam. Quando conseguiu, ela a ergueu acima da cabeça e a estalou feito um chicote pouco antes de eles atingirem o chão. Co-mo se estivesse presa a uma corda elástica, a taverna pulou de volta para cima e em seguida tombou sobre o Riacho

do Homem Morto, se transformando numa vasta pilha de gravetos.

– Estão todos vivos? – Conner perguntou enquanto ele e Alex tiravam do corpo os restos da taverna.

Os amigos, os soldados e todas as bruxas gemiam – estavam todos cobertos por pedaços da antiga taverna. Cachinhos Dourados sentou-se e vomitou de novo.

– Foi por causa do bebê ou da queda? – João perguntou.

– Não tenho certeza.

Gargúlia rugiu, ainda lutando contra as trepadeiras que a envolviam.

– Vocês destruíram nossa taverna! – gritou. – Vão pagar por isso!

– Mande a conta – disse Conner, ajudando a irmã e os amigos a levantar.

– O que aconteceu com o Homem Mascarado? – Froggy indagou.

Conner olhou para Alex, mas ela não conseguiu falar. Os amigos tinham dedicado meses de sua vida para ajudá-la a procurar o Homem Mascarado e agora voltariam para casa de mãos vazias.

A culpa era insuportável, e Alex sentiu que sua vida estava tão em frangalhos quanto a taverna.

– Ele se foi – Conner disse aos outros. – Se foi *mesmo*.

Em menos de uma hora, Sir Lampton e um pequeno grupo de soldados do Reino Encantado juntaram-se a Alex, Conner e os demais na taverna destroçada. Eles, que tinham estado de pronti-dão em um bosque próximo para auxiliar os gêmeos caso necessário, prenderam os soldados que sobraram da Grande Armée e as bruxas.

Alex sentou-se numa pedra perto do riacho para descansar depois dos acontecimentos da noite. Conner andou até ela e colocou a mão em seu ombro.

– Bem, pelo menos agora a gente sabe que nenhuma dessas bruxas está por trás das crianças desaparecidas – disse ele.

Alex nunca admitiria isso, mas as crianças desaparecidas eram a sua última preocupação.

– Eu nunca imaginei que ele fosse preferir se matar a nos enfrentar – disse ela. – Eu nunca teria feito a taverna flutuar se achasse que ele pularia.

– Mas foi realmente *você* que fez a taverna flutuar ou isso simplesmente *aconteceu*? Muitas coisas estão simplesmente *acontecendo* nos últimos tempos.

Alex revirou os olhos e se afastou de Conner, que foi atrás dela.

– Desde que viu o rosto do Homem Mascarado, você está com dificuldades para controlar seus poderes. Você precisa tomar cuidado com isso…

– Por que você ainda o chama de Homem Mascarado? – gritou Alex. – É o nosso *pai*, Conner! Eu sei o que eu vi! Por que você não acredita em mim?

– Eu não teria passado os últimos cinco meses ajudando na sua busca se não acreditasse que você viu *algo*. Só que não vou aceitar por completo que ele é o nosso pai até que eu veja o rosto dele com os meus próprios olhos.

Alex suspirou.

– Bem, ele morreu, então a gente não precisa mais se preocu-par com ele – disse. – Eu só queria ter chegado a tempo de ajudá- lo, de fazer com que ele voltasse a ser o homem que nós conhecíamos.

Conner fez que sim com a cabeça.

– Agora você pode se concentrar apenas em consertar a si mesma.

Ele não estava nem de longe tão chateado quanto a irmã, porque, na verdade, nunca acreditara que o Homem Mascarado era o pai deles. Não importava quantas vezes ela reencenas-se a história, Conner sabia que o pai nunca seria capaz de fazer o que o Homem Mascarado tinha feito ao mundo dos contos de fadas. Porém, ele nunca conseguiria dizer à irmã como se sentia de verdade.

– O que devemos fazer a respeito da Grande Armée e das bruxas? – Sir Lampton gritou para os gêmeos.

– Leve os soldados da Grande Armée para a Prisão Pinóquio – Alex instruiu. – Mas solte as bruxas; quero que fique claro que não tenho nada contra elas.

– Sim, Fada Madrinha.

Um soldado do Reino Encantado apareceu vindo do bosque e correu para o lado de Sir Lampton.

– Senhor, vasculhamos a floresta, mas não encontramos nenhum sinal do Homem Mascarado – disse. – Vasculhamos a área onde tínhamos certeza de que ele tinha caído, porém não achamos seu corpo nem vestígio dele.

Alex e Conner se entreolharam chocados.

– Como assim? – disse Alex. – Será que ele está vivo?

– Como ele poderia ter sobrevivido à queda? – perguntou Conner.

Os olhos de Alex precipitaram-se pelo riacho e se detiveram no Tenente Rembert. Ela saiu correndo na direção dele. Seus olhos começaram a brilhar, e o cabelo flutuava. Outra vez, a raiva tinha assumido o controle.

– Alex? O que você está fazendo? – perguntou Conner, disparando atrás dela.

Antes que ele pudesse pará-la, as árvores em volta do riacho ganharam vida. Com seus galhos, pegaram todas as pessoas no riacho e prenderam-nas com força a seus troncos. Conner, seus amigos, as bruxas e os soldados da Grande Armée e do Reino Encantado eram todos prisioneiros do subconsciente de Alex.

A árvore que segurava o Tenente Rembert soltou-se do chão e segurou-o no ar em frente à fada.

– Como ele sobreviveu à queda? Você deve saber! – ela gritou.

– Garanto que não sei, *mademoiselle*.

A árvore aumentou a pressão em torno do corpo dele – mas não só ela. Todas as árvores do riacho apertaram seus prisioneiros com mais força.

– Alex! Acalme-se! Você está nos machucando! – pediu Conner.

A irmã estava praticamente em transe – ele nunca a tinha visto tão zangada. Nada existia em volta de Alex além do coronel Rembert e das respostas que ela precisava tirar dele.

– O que faz essa poção que ele roubou do Palácio das Fadas? – perguntou Alex. – E do que mais ele precisa para recrutar o exército de que falou?

– Ele nunca nos disse! – falou Rembert. – Ele sempre foi muito reservado quanto a isso.

Os galhos envolveram a garganta de Rembert e o sufocaram.

– Você deve saber para onde ele foi! *Fale!*

Rembert estava sufocando e mal conseguia falar.

– Eu… não… sei… – ele tossiu. – Juro!

– ALEX, CHEGA! – gritou Conner.

Alex recobrou os sentidos, e as árvores voltaram ao normal, soltando os cativos ao chão. Ela olhou em volta do riacho, perplexa com aquilo que tinha acabado de causar – era como se tivesse virado uma pessoa completamente diferente.

O irmão e os amigos olhavam em choque para ela. Nenhum deles, incluindo Alex, sabia que ela era capaz de algo assim.

– Me desculpem! – disse Alex com lágrimas nos olhos. – Eu não sei o que me deu!

Ela cobriu o rosto e correu para a floresta. Seu irmão nem tentou segui-la; era óbvio que ela queria ficar sozinha.

– Temo que nossa busca pelo Homem Mascarado esteja longe de terminar – disse Froggy, quebrando a tensão.

Conner fez que sim com a cabeça, porém continuar a busca pelo Homem Mascarado não era o que causava medo a nenhum deles – o que lhes causava medo era sua irmã.



CAPÍTULO 2

“O senhor aceita a cobrança?”

Emmerich Himmelsbach estava à pia da cozinha esfregando manchas de estrogonofe de uma pilha de pratos. Era a centésima quadragésima sexta noite seguida em que ele lavava pratos (não que estivesse contando), e, se sua mãe estava falando sério quando o castigara, Emmerich tinha aproximadamente mais duas mil noites a cumprir.

Até onde Fräulein Himmelsbach sabia, cinco meses antes, Emmerich fugira com uma delinquente americana para alguns dias de diversão infantil. Ao voltar, levara bronca, sermão, perdera todos os privilégios e fora incumbido de lavar os pratos até o dia em que fosse embora de casa. Porém, Emmerich achava que esse era um preço pequeno a pagar por ter embarcado naquilo que considerava *a aventura de uma vida*. E ter de manter segredo sobre a verdade de sua excursão tinha se mostrado o verdadeiro castigo.

Emmerich passava cada momento de cada dia pensando nas pessoas impressionantes que encontrara e em todos os lugares incríveis que vira no mundo dos contos de fadas. Queria desesperadamente poder falar a alguém de suas aventuras, porém a única pessoa com quem podia conversar sobre isso em segurança morava do outro lado do planeta.

Ele estava na metade dos pratos quando o telefone da cozinha começou a tocar. Emmerich, esperando que a mãe atendesse no outro cômodo, deixou tocar. Depois do sétimo toque, ele secou as mãos e pegou o telefone.

– *Hallo* – disse.

– Emmerich Himmelsbach? – perguntou uma mulher americana.

– *Ya*? – respondeu o rapaz alemão, curioso para saber como aquela estranha sabia seu nome.

– Chamada a cobrar para você da senhorita Bree Campbell, nos Estados Unidos – disse a telefonista. – O senhor aceita a cobrança?

Emmerich não entendeu tudo o que a mulher disse, mas, se Bree estava tentando entrar em contato com ele, era melhor aceitar.

– Acho que sim – disse.

Ele ouviu um clique, e em seguida uma voz febril, estressada mas conhecida, surgiu no telefone.

– *Emmerich? É você?* – Bree sussurrou.

– Bree! Eu… eu… eu estava pensando em você agora mesmo!

– Ele estava tão empolgado por falar com ela que mal conseguia se lembrar do inglês.

– Eu também tenho pensado em você.

– Por que você está sussurrando? Está tudo bem?

– Tudo certo, mas não tenho muito tempo para falar. Aqui ainda é de manhã. Estou na escola, escondida no depósito do zelador. Foi o único lugar onde consegui alguma privacidade. Onde você está? Em algum lugar seguro?

Emmerich olhou em volta e deu de ombros.

– Sim, estou seguro.

– Que bom. Estava louca para falar com você! Meus pais me deixaram de castigo até eu entrar na faculdade por ter fugido da excursão da escola. Acabei de convencê-los a devolver o meu celular. Aliás, obrigada por ter aceitado a cobrança desta ligação; meus pais teriam visto na conta telefônica se você não aceitasse.

– Também estou encrencado. Minha mãe me faz lavar a lou ça toda noite desde que voltamos! E o seu castigo?

Bree suspirou.

– Eu tenho de lavar a louça, passar o aspirador, limpar o quintal e fazer qualquer outra coisa insuportável que eles queiram – disse ela. – Agora, escute, eu preciso mesmo falar com você sobre uma coisa! Tenho pensado muito na nossa viagem ao mundo dos contos de fadas…

– Eu só penso nisso! Não passa um dia sem que eu deseje que a gente arrume um jeito de voltar pra lá.

– Eu também! Tenho sentido tanta falta do mundo dos contos de fadas que comecei a planejar um jeito de voltar a Neuschwanstein para viajar de novo pelo portal.

– Quem dera que a gente pudesse. Mas, para ativá-lo, precisaríamos de alguém com sangue mágico para tocar a flauta de Pã, e não temos nem o sangue mágico nem a flauta.

– Foi exatamente o que pensei. Por isso, comecei a procurar outras maneiras de talvez ativar o portal, e elas me levaram ao próprio portal, ao modo como ele funcionava e a tudo o que descobrimos a respeito dele. Eu sei, eu leio romances de mistério demais, *mas acho que descobri um furo enorme na história que nos contaram!*

Emmerich ficou confuso.

– Você encontrou um furo no mundo dos contos de fadas?

– Não um furo de verdade: um furo na explicação que nos deram. Venho pensando muito no portal pelo qual viajamos para chegar ao mundo dos contos de fadas, e uma coisa não bate.

– O quê?

– A Grande Armée ficou presa no mesmo portal por mais de duzentos anos. Então, a minha pergunta é a seguinte: se a Grande Armée ficou presa por tanto tempo, por que *nós* conseguimos atravessá-lo tão rápido? Será que *nós* não deveríamos ter ficado presos no portal pelo mesmo tempo que o General Marquis e seus homens?

Emmerich fechou um olho e franziu a testa enquanto pensava a respeito.

– Mas Conner e Mamãe Ganso também usavam o portal e nunca ficaram presos.

– Exatamente! – disse Bree, esquecendo de sussurrar. – E o que é que distingue a Mamãe Ganso e Conner da Grande Armée?

Emmerich resolveu arriscar:

– Eles não são franceses?

– Não. Eles conseguiam atravessar o portal sem problemas porque tinham magia no sangue! *O que quer dizer que você e eu também devemos ter magia no sangue!* É a única explicação!

Emmerich ficou boquiaberto. Não entendia como isso poderia ser verdade, mas cada fibra de seu ser queria acreditar.

– Mas como? – perguntou. – Nós não somos parentes de ninguém do mundo dos contos de fadas.

– É aí que a minha teoria se complica um pouco. Se me lembro bem, Mamãe Ganso transferiu um pouco de seu sangue a Wilhelm Grimm para que ele pudesse tocar a flauta de Pã e prender a Grande Armée no portal…

– Você acha que é melhor eu anotar?

Bree continuou enquanto ele procurava caneta e papel: – Você e eu temos ascendência alemã. O que significa que é possível que sejamos *descendentes de Wilhelm Grimm!*

Emmerich arquejou.

– *Ach mein Gott!* – exclamou, e suas bochechas ficaram pálidas. – Isso significa que eu e você somos parentes distantes!

Bree sorria de orelha a orelha – tinha esperado bastante tempo para compartilhar essa descoberta com outra pessoa.

– Talvez sejamos capazes de abrir um portal para o mundo dos contos de fadas!

Emmerich ligou o triturador de lixo para poder dar gritos sem que a mãe ouvisse.

– Mas como podemos provar?

– Vamos ter de fazer nossa árvore genealógica. Vai ser difícil para mim, porque estou proibida de fazer praticamente qualquer coisa que existe e não posso dizer para os meus pais o motivo exato do meu súbito interesse por nossos antepassados. Mas a gente precisa tentar!

Um sino tocou do lado de Bree.

– Preciso ir – disse ela. – Já estou atrasada para a próxima aula. Vou telefonar depois de fazer alguma pesquisa sobre a minha família. Veja o que você consegue descobrir sobre a sua!

– Vou tentar! *Viel Glück!* Isso quer dizer "boa sorte" em alemão!

– Eu sei – disse ela. – *Viel Glück* pra você também!

Bree desligou o telefone e soltou um suspiro de alívio. Parecia que uma tonelada de tijolos tinha sido retirada de seus ombros agora que finalmente falara com Emmerich, porém o peso foi substituído por adrenalina. Bree e Emmerich estavam à beira da maior descoberta de suas jovens vidas.

Ela se levantou do balde onde estivera sentada e saiu do pequeno depósito do zelador. Quando abriu a porta, Bree foi interceptada por quatro meninas com as quais ela tinha o infortúnio de dividir a sala de aula.

– O depósito é um lugar esquisito para fazer um telefonema, não acha? – perguntou Mindy com uma levantada de sobrancelha crítica.

Mindy, Cindy, Lindy e Wendy – as quatro integrantes do Clube de Leitura, também conhecidas como as Abraçadoras de Livros – estavam lado a lado no corredor, à espera de Bree. A garota tentou abrir caminho por elas, que a impediram de sair do depósito.

– Vocês estão me seguindo há meses – disse Bree, com um revirar de olhos aflito. – Precisam parar com isso. Estão começando a me assustar!

– Com quem você estava falando, Bree? – perguntou Cindy. A voz dela sempre tinha uma leve vibração por causa da boca cheia de aparelho ortodôntico.

– Isso não é da sua conta – disse Bree, tentando mais uma vez abrir caminho entre elas.

– Na verdade é, sim – disse Lindy, erguendo-se acima dela como um poste. – Fomos nomeadas pela diretora Peters *inspetoras do corredor* neste semestre: tudo o que acontece fora das aulas durante o horário escolar é da nossa conta.

Wendy, de quem jamais se ouvira um pio, cruzou os braços e concordou com a cabeça.

Bree fechou os olhos com força, tentando não revirá-los de novo.

– Não sei como vocês vão arrumar tempo para inspecionar os corredores se precisam se dividir entre o Clube de Leitura e *me perseguir* – disse ela.

– Não estamos mais fazendo o Clube de Leitura – Mindy falou. Ela balançou cada um dos rabos de cavalo que eram sua marca registrada, como se ela e as amigas tivessem sido promovidas a algo muito mais importante.

– Decidimos tirar férias dos livros e concentrar nossa energia em outra paixão – disse Cindy. – Por isso, iniciamos um clube totalmente novo.

– *O Clube da Conspiração* ! – Lindy compartilhou, contente.

– Agora, nosso pequeno passatempo de ficar de olho em acontecimentos suspeitos pode ser considerado uma atividade extracurricular!

Bree soltou um suspiro longo e aflito. Não importava como elas se chamavam; para ela, sempre seriam as Abraçadoras de Livros.

– Pela milésima vez, Alex e Conner foram transferidos para uma escola em Vermont – disse Bree. – Não foram abduzidos por extraterrestres, nem sequestrados pelo PéGrande, nem engolidos por uma planta carnívora, ou o que quer que seja a obsessão de vocês.

Mindy lançou um olhar para as outras.

– Uma planta carnívora? Hum… Nisso a gente nunca tinha pensado…

– O que estou querendo dizer é que eles estão perfeitamente bem! Vocês quatro precisam arrumar o que fazer!

– Por que é que todo mundo vive nos dizendo isso? – perguntou Cindy. – A senhora Peters, o supervisor do distrito, a polícia, nossos pais… Eles dizem que a gente precisa arrumar coisa melhor para fazer! Será que somos as únicas que percebem que tem alguma coisa esquisita acontecendo?

Se as quatro não a estivessem enlouquecendo havia meses, Bree teria se sentido mal por mentir para elas. As garotas eram obcecadas pelos gêmeos Bailey; esconder informações delas era como esconder brinquedos de mastigar de um bando de filhotes cujos dentes estavam nascendo.

– Bem, isso foi divertido, mas estou atrasada para a aula – disse Bree, por fim se esgueirando entre elas.

– Você não pode ir para a aula sem um passe – Lindy observou, e as quatro dividiram um sorriso maldoso.

– Então façam um passe para mim – disse Bree, mas ela logo percebeu pela cara delas que não seria tão fácil.

– Bree, Bree, Bree – disse Mindy enquanto balançava a cabeça. – Nós conhecemos você desde o jardim de infância. Você é como uma irmã para nós.

– Eu não quero ser irmã de vocês.

– Então vamos fazer um trato – Mindy continuou. – Vamos lhe fazer um favor e não contar à senhora Peters que pegamos você falando no telefone no depósito se você nos contar onde estão Alex e Conner. Só isso.

– Mas vocês não têm como provar que eu estava usando meu telefone. Vocês não têm evidências.

Mindy subitamente virou a cabeça para as outras três – nenhuma delas tinha pensado nisso.

– Eu tenho uma contraproposta para vocês – disse Bree. – Por que vocês não fazem um passe para mim justificando o meu atraso para a aula, e eu falo para vocês onde Alex e Conner realmente estão?

As Abraçadoras de Livros ficaram chocadas com a boa vontade dela.

– Mesmo? – perguntou Mindy.

– Claro! – disse Cindy.

– Certo, é pra já! – falou Lindy.

Wendy fez que sim com a cabeça tão rápido que quase estirou um músculo.

As quatro abriram seus bloquinhos e escreveram um passe.

Mindy foi a mais rápida e o entregou a Bree, que olhou o passe e deu de ombros.

– Valeu, obrigada, galera – disse, virando-se para ir embora.

– Espere! Você precisa nos dizer onde eles estão! – disse Mindy.

As Abraçadoras de Livros estavam se remexendo tão ansiosamente que pareciam prestes a molhar as calças.

– Ah, eu não vou contar *hoje* – disse Bree. – Isso não era parte do acordo. Mas *alguma hora* eu conto. Agora que vocês são um clube de conspiração, precisam prestar mais atenção aos detalhes.

Bree seguiu pelo corredor. As Abraçadoras de Livros pareciam um bando de porcos selvagens prestes a partir para cima dela.

– Não se preocupem, meninas – disse Mindy para acalmar as amigas. – Isso não acabou. Mesmo que seja a última coisa que fa çamos, nós *vamos* descobrir o que realmente aconteceu com os gê meos Bailey.



CAPÍTULO 3

O desmadrinhamento

– Faz duas semanas que não tenho notícias de vocês! – Charlotte gritou no espelho mágico. – Você sabe o que é ter filhos e não ter notícias deles? Espero que um dia você tenha filhos e eles desapareçam por semanas e meses a fio, só para você saber o que você e a sua irmã me fazem passar!

Conner estava nos aposentos da irmã no Palácio das Fadas, mas desejava estar em qualquer outro lugar no mundo.

– Não, mãe, não sei – disse ele. – Desculpe por não termos mandado notícias com frequência.

– Eu NÃO VOU tolerar mais isso! Se eu não tiver notícias pelo menos duas vezes por semana, vou até o mundo dos contos de fadas e trago os dois de volta para casa!

– Mãe, você não pode entrar no mundo dos contos de fadas sem mágica – disse Conner, logo percebendo que devia ter ficado de boca fechada.

Charlotte ergueu as sobrancelhas e lançou para o filho o olhar mais enfurecido que ele já a vira fazer.

– Você acha que eu não consigo entrar no mundo dos contos de fadas, Conner? – ela perguntou, inclinando a cabeça. – Não me importa quão espessa seja a fronteira entre as dimensões; nada vai me impedir de ver meus filhos. Com mágica ou sem mágica, eu me enfio nesse espelho e arrasto vocês dois de volta para casa se for preciso!

Era óbvio que não havia nada que ele pudesse dizer para melhorar a situação. Os gêmeos eram culpados de abandonar a mãe, e agora Conner estava ouvindo um sermão por isso.

– Mãe, você tem todo o direito de estar zangada, mas, por favor, relaxe…

– Conner Jonathan Bailey, não me mande relaxar! – disse ela.

Conner sabia que estava muito encrencado sempre que ela o chamava pelo nome completo. – Como eu vou relaxar se meus filhos de catorze anos estão lutando contra exércitos e dragões em outro mundo?

– Na verdade, foi a vovó que enfrentou o dragão.

– Esse dragão vai parecer um coelhinho comparado comigo se eu tiver de ir até aí – Charlotte advertiu. – E cadê a sua irmã? Por que ela não está falando

comigo?

Os gêmeos tinham concordado que o melhor era manter os detalhes de suas últimas aventuras tão vagos quanto possí vel quando falassem com a mãe. Se Charlotte estava zangada assim por eles não entrarem em contato regularmente, Conner nem imaginava como ela reagiria se descobrisse que o homem que os dois estavam caçando poderia ser o falecido marido dela.

– Alex está numa reunião com o Conselho das Fadas – disse Conner. – Não está tentando deixar você chateada, só está tendo que cuidar de muita coisa agora que não temos mais a vovó.

Era difícil para Conner esconder a verdade da mãe, ainda mais depois de ver o quanto isso tinha afetado Alex. Parte dele queria que a mãe encontrasse um jeito de entrar no mundo dos contos de fadas e de alguma forma fizesse a irmã voltar a si.

– Não estou nem aí para o quanto vocês ficaram importantes ou poderosos. Eu sou a mãe de vocês e mereço algum respeito! – disse Charlotte. – *Se reis e presidentes conseguem ligar para as mães, meus filhos também podem!*

Ouviu-se uma batida na porta. A cabeça de Froggy e a de João surgiram dentro do quarto. Conner imaginou que eles estivessem ouvindo, porque pareciam muito mais preocupados do que de costume.

– Tudo bem, pessoal, podem entrar – disse Conner. – Minha mãe só está acabando com a minha raça porque eu não tenho ligado pra ela com frequência. – Ele tentou amenizar o clima pesado com uma risada, mas a expressão deles não mudou.

– Você precisa ir até o salão principal – disse Froggy.

– As coisas estão bem difíceis entre a sua irmã e o Conselho – falou João.

Conner suspirou. Parecia nunca haver um momento de trégua, principalmente no palácio.

– Mãe, desculpe, mas preciso apagar um incêndio – disse. – Prometo falar com você pelo menos duas vezes por semana. Vou arrastar a Alex para a frente do espelho da próxima vez se for preciso.

Charlotte cruzou os braços.

– Mais uma coisa antes de você ir!

Conner se preparou para o que ela diria – tinha certeza de que seria outra patada.

– Eu amo muito vocês dois. Por favor, tomem cuidado – Charlotte falou brandamente.

Isso partiu o coração de Conner. Ele se perguntou se ela havia planejado

encerrar a conversa desse jeito desde o começo. A mãe era mestra em fazê-lo sentir-se culpado.

– Nós também amamos você, mãe. E não se preocupe: tem um monte de gente aqui cuidando da gente. Por favor, diga ao Bob que mandamos um oi.

A imagem de Charlotte desapareceu no espelho. Conner seguiu Froggy e João quarto afora e escada abaixo até o salão principal do Palácio das Fadas. Ele achava que as coisas entre ele e a mãe estavam tensas, mas no salão a tensão era tão grande que era difícil até respirar por lá.

Os membros do Conselho das Fadas se achavam atrás de seus respectivos pódios, enquanto Alex andava de um lado a outro à sua frente. O salão inteiro estava desconfortável, e Conner percebeu que a irmã estava furiosa.

Alex tinha mudado seu visual nos últimos meses, abandonando tudo o que lhe lembrava a falecida avó. Ela trocara o vestido azul que cintilava como um céu estrelado por um vestido verde mais simples, em cujas costuras nasciam flores selvagens.

O cabelo estava mais comprido do que jamais estivera, e uma fina faixa mal conseguia mantê-lo longe de seu rosto. Ela pouco usava a varinha agora – até isso trazia lembranças demais da avó.

Conner, João e Froggy encontraram Chapeuzinho e Cachinhos Dourados no fundo do salão. As duas estavam bem quietas e encaravam o chão.

– O que está acontecendo? – Conner sussurrou para elas.

– O Conselho está pedindo a Alex para não procurar mais o Homem Mascarado – Cachinhos sussurrou. – E ela não recebeu isso bem.

Até aí, era óbvio. Alex mal conseguia olhar qualquer membro do Conselho das Fadas nos olhos.

– Não entendo por que ninguém está me dando ouvidos – ela irrompeu.

– Nós *estamos* dando ouvidos – disse Emerelda. – Mas não concordamos.

– *Com qual parte vocês não concordam?* – Alex ergueu a voz. – O Homem Mascarado continua à solta! Ele é perigoso, e precisamos encontrá-lo. Fim de papo!

– O Homem Mascarado é um criminoso, mas não o vemos mais como ameaça agora que o resto da Grande Armée foi capturado – disse Xanthous. – Por cinco meses, nós apoiamos suas buscas, Alex. É uma pena que ele não tenha sido capturado ainda, mas é hora de nossa atenção passar para assuntos mais urgentes.

– Ainda há doze crianças do Reino Encantado e doze do Reino do Canto desaparecidas – Skylene recordou ao salão.

– E aposto que o Homem Mascarado está por trás disso – disse Alex. – Ele próprio falou que está no meio de um grande plano, que armou durante mais de uma década. Eu não ficaria surpresa se ele tivesse raptado as crianças para chamar a atenção das bruxas. Ele precisava da ajuda delas para recrutar outro exército, então orquestrou o começo de uma caça às bruxas para assustá-las e convencê-las de que precisavam de proteção!

Não importava quanto isso era lógico para ela; o Conselho das Fadas se recusava a acreditar que as duas coisas estivessem conectadas. Alex fez o melhor que pôde para conter a frustração, mas a sentia fervilhando dentro de si como um vulcão.

– Sim, você já disse – Tangerina observou. – O Homem Mascarado planeja recrutar um exército "*além de tudo que vocês conseguem imaginar*" usando a poção roubada do quarto da sua avó.

– Entendemos por que isso causa preocupação em você – disse Emerelda. – Porém, parece mais fantasia de um homem delirante do que um plano bem concebido.

Alex balançou a cabeça. Ela era mais teimosa do que todas as fadas juntas.

– Eu sou a Fada Madrinha e me tornei Fada Madrinha seguindo meu coração – disse. – E meu coração está me dizendo que o Homem Mascarado está aprontando alguma coisa. Não vou mudar de ideia até que ele seja pego.

Os membros do Conselho das Fadas se entreolharam. Era disso que tinham medo.

Emerelda fechou os olhos e respirou fundo.

– Não estamos pedindo, Alex – disse a fada verde. – Ou você interrompe a busca pelo Homem Mascarado, ou seremos forçados a tomar medidas contra você.

A tensão aumentou imediatamente no salão. Alex olhou de novo para Conner e seus amigos, mas eles estavam tão perplexos quanto ela.

– Como? – ela perguntou, cruzando os braços. – Como assim, *tomar medidas contra mim*?

– Como membros da Assembleia dos Felizes para Sempre, o nosso trabalho é protegê-la – disse Xanthous. – E, se a nossa líder está tomando decisões das quais todos discordamos, decisões que podem ser nocivas para os reinos sob qualquer aspecto, não podemos simplesmente deixar isso acontecer.

Alex lançou os braços para cima.

– Permitam-me recordar que, se não fosse por mim e por meu irmão, todos vocês estariam mortos! Não sou eu o inimigo! O inimigo está à solta, e vocês

estão perdendo tempo!

– Você pediu a João e a Cachinhos Dourados que formassem um comitê para rastrear o Homem Mascarado e seus homens – disse Rosette. – Afaste-se dessa tarefa para que este Conselho possa se concentrar em algo produtivo.

– Isso foi antes de eu descobrir a verdadeira identidade do Homem Mascarado! – Alex soltou. Até então, tinha esperança de que aquela discordância não a levasse a tocar nesse assunto.

– Alex, escute o que você está dizendo – disse Skylene. – A sua mente está perturbada porque você acha que esse homem é o seu pai.

– Eu *sei* que é o meu pai! Eu vi o rosto dele com os meus próprios olhos! Depois de tantas vezes em que a minha mente e a minha intuição salvaram este mundo, por que vocês estão contra mim agora?

– O seu pai morreu quatro anos atrás, no Outromundo – disse Xanthous. – O Homem Mascarado estava na Prisão Pinóquio havia mais de uma década. Não poderia ser o mesmo homem.

Simplesmente não poderia.

– Você disse que viu seu pai apenas dois dias após sua avó falecer – Emerelda falou. – Às vezes, quando estamos transtornados, vemos o que *queremos* ver, em vez daquilo que realmente está na nossa frente.

Alex ficou chocada por Emerelda sugerir uma coisa dessas.

Ela sentiu o sangue ferver nas veias – não sabia por quanto tempo mais conseguiria controlar a raiva.

– Você acha que eu *quis* ver meu pai atrás daquela máscara?

Acha que eu *quis* ficar acordada todas as noites me perguntando como meu pai virou um bandido, um assassino? Ou por que ele mentiu para os filhos sobre a própria morte? Eu sei que os fatos não batem, eu sei que isso não faz sentido, mas, quatro anos atrás, se você tivesse me falado que o mundo dos contos de fadas existia, eu também não teria acreditado.

Os membros do Conselho das Fadas ou reviravam os olhos ou suspiravam exasperados. Alex não acreditava nas dificuldades que eles estavam impondo.

– Se vocês todos acham que o que eu estou dizendo é impossível, então talvez estejamos diante de uma magia seriamente negra. Talvez uma magia que nunca tenhamos enfrentado até agora.

Eu sei, no fundo do meu coração, que se ignorarmos isso vamos nos arrepender – disse ela.

Conner fechou os olhos e respirou fundo. Era difícil ver a irmã praticamente implorar por respeito. Porém, ele não teria acreditado nela se estivesse no lugar

do Conselho.

Emerelda deve ter percebido seu desconforto, porque, de repente, redirecionou a atenção do salão para ele.

– Conner, o que você acha? Você acha que sua irmã viu o que acha que viu?

Conner sentiu suas entranhas se comprimirem. A irmã olhou para ele com olhos suplicantes; se alguém podia convencer o Conselho de que Alex não estava sendo irracional, esse alguém era ele.

Estivera ao lado dela desde antes de os dois nascerem.

– Eu… Eu… Eu… não sei – murmurou Conner. Ele se aproximou de Alex, tentando conversar em particular no meio do salão lotado. – Alex, em poucos dias você teve o coração partido por aquele tal de Rook, nós lutamos contra um exército, perdemos a vovó, e você virou a líder do mundo das fadas. Será que a Emerelda não tem razão? Talvez você não tenha visto mesmo aquilo que acha que viu.

Alex sentiu como se o seu ânimo tivesse sido sugado. Ela não tinha um único aliado ali, nem mesmo o próprio irmão. Conner havia provado aquilo que o Homem Mascarado dissera a ela no telhado da Poção das Bruxas: a família era a primeira a trair.

Algumas lágrimas escorreram pelo rosto de Alex sem que ela se desse conta. Mesmo assim, não estava pronta para desistir.

– Não me importa que todos achem que estou delirando – disse. – Com ou sem a ajuda de vocês, vou encontrar o Homem Mascarado e provar que vocês estão errados.

Cada um dos membros do Conselho fez um gesto com a cabeça para Emerelda. O momento que todos temiam finalmente tinha chegado.

– Então, lamento, mas não temos escolha – disse Emerelda. – Alex, o Conselho julga que você está cega por suas emoções e incapaz de liderar a Assembleia dos Felizes para Sempre. Pela primeira vez na história, nós *desmadrinhamos* você.

– *O QUÊ?* – gritou Conner. Ele não acreditava no que estava ouvindo. – *Pode uma coisa dessas?*

– Como seus novos superiores, ordenamos que você interrompa imediatamente a busca pelo Homem Mascarado – disse Xanthous. – Acreditamos que a insistência na busca vai causar mais mal do que bem; por isso, qualquer coisa que você fizer a partir deste momento contra a vontade do Conselho será considerada crime.

– Vocês não podem fazer isso! – gritou João.

– Ela não fez nada de errado! – falou Cachinhos Dourados.

– Tínhamos esperanças de evitar isso, mas vocês mesmos ouviram o que ela disse – Emerelda observou.

Todos se voltaram para Alex. Todo o sangue se esvaíra de seu rosto, e ela estava estranhamente quieta. Era como se estivesse tendo um sonho ruim. As pessoas que ela considerava amigos e colegas agora a tratavam como criminosa.

Alex não conseguia mais conter seus sentimentos. Ela sentia a frustração, a raiva e a agitação emergindo das profundezas. À medida que a emoção tomava seu corpo, ela ficou insensível e se deixou levar completamente pela raiva.

– Ah, não – sussurrou Conner para os amigos. – Isso não vai ser nada bom.

Os olhos de Alex começaram a brilhar, e seu cabelo flutuava sobre a cabeça. Ela soltava uma risada uivante e levitava. O Conselho das Fadas estava aterrorizado – elas nunca a tinham visto desse jeito.

– O que está acontecendo? – perguntou Xanthous, preocupado.

– Ela está um pouco transtornada, só isso! – disse Conner. Ele se colocou entre Alex e o Conselho, tentando desesperadamente acalmar a situação. – Deem a ela um minuto, e tudo vai ficar bem…

Alex projetou a cabeça para trás e apontou para o céu. Uma série de relâmpagos caiu das nuvens e acertou os pódios do Conselho, até que cada um deles explodisse. Os membros do Conselho se jogaram no chão.

Todos no salão se entreolharam em pânico – ninguém sabia o que fazer.

– Agarrem-na! – gritou Emerelda.

O Conselho das Fadas voou e cercou Alex de todos os ângulos. Alex tremulou as mãos, e um alto muro de chamas surgiu em volta de seu corpo, impedindo que as fadas se aproximassem. As chamas dispararam no ar com a força de um enorme foguete. O golpe foi tão forte que Conner foi atirado para o outro lado do salão. As chamas desapareceram, e Alex sumiu em pleno ar.

O salão principal ficou tão quieto que quase dava para ouvir o coração de todos martelando em uníssono. Emerelda correu na direção de Conner. Ele estava com dificuldade para se levantar, mas ela não lhe ofereceu a mão.

– Há quanto tempo isso vem acontecendo? – Emerelda perguntou. Seus olhos estavam arregalados, e as narinas, dilatadas.

– Aconteceu algumas vezes nos últimos meses. Mas ela nunca fez nada parecido com *isso*!

– Por que você não nos avisou? – Emerelda usava o mesmo tom de voz que a mãe dele usara no quarto de Alex pouco tempo antes.

– Ah, por favor – disse Chapeuzinho, tentando aliviar um pouco a tensão. –

Ela é só uma adolescente! Eu fazia pirraça assim o tempo inteiro! Mas admito que nunca sumi no meio de chamas infernais.

– Aquilo não foi pirraça! – disse Emerelda.

– Então o que está acontecendo com ela? – perguntou Conner.

– Eu acho que a sua irmã foi tão sugada pela busca ao Homem Mascarado que perdeu o contato consigo mesma. Ela não tem controle sobre os próprios poderes!

– Conte alguma coisa que eu ainda não sei! Então o que vamos fazer para ajudá-la?

Emerelda ignorou-o e voltou-se para os demais membros do Conselho das Fadas.

– Quero que todos entrem em contato com os reis e as rainhas da Assembleia dos Felizes para Sempre, agora – instruiu. – Mandem que cortem qualquer contato com Alex imediatamente.

Precisamos dedicar todos os nossos esforços a encontrá-la e capturá-la, usando quaisquer meios necessários.

Conner achou que o mundo tinha virado de cabeça para baixo. Em uma reunião, sua irmã havia passado de Fada Madrinha a número um da lista de mais procurados do mundo dos contos de fadas.

– Opa, opa, opa – disse Conner, colocando-se entre os membros do Conselho. – É da *Alex* que estamos falando! Ela teve uma explosão, o que tem demais?

Conner não era o único ansioso pela resposta. O Conselho das Fadas, João, Froggy, Cachinhos Dourados e Chapeuzinho aglomeraram-se em torno de Emerelda.

– Todos sabemos que Alex é uma pessoa muito poderosa, talvez a fada mais poderosa que jamais conhecemos – disse Emerelda. – Sua mágica é alimentada pelo coração, e o que quer que tenha acontecido nos aposentos da Fada Madrinha entre ela e o Homem Mascarado quebrou-a emocionalmente. Se não a detivermos, se ela não conseguir conter suas emoções, poderá perder o controle de si própria para sempre.

– Certo – disse Conner. A expressão séria no rosto de Emerelda o estava assustando. – Então o que podemos fazer?

– Encontrá-la antes que seja tarde demais. Só vi isso acontecer uma vez antes. Bastou um coração partido para transformar uma das fadas mais talentosas que já conheci numa criatura má e perigosa. A situação era bem diferente, mas todos os sinais estão presentes.

Conner engoliu em seco.

– Quem era? – ele perguntou.
Emerelda fez uma pausa, hesitando em revelar:
– *A Feiticeira*.



CAPÍTULO 4

Ganso em fuga

Alex abriu os olhos. Para sua surpresa, ela estava de pé sobre uma nuvem, no centro de uma terrível tempestade. A chuva vinha de todas as direções e a encharcava até os ossos. Alex tremia no vento congelante e envolveu o corpo com os braços. Relâmpagos iluminavam as nuvens abaixo de seus pés. O trovejar era ensurdecedor, como se dezenas de canhões estivessem sendo disparados.

Ela não tinha ideia de onde estava, nem de como tinha chegado ali. Sua memória estava fragmentada, se tanto. A última coisa de que Alex se lembrava era de estar no salão principal do Palácio das Fadas. Estava discutindo com o Conselho das Fadas sobre o Homem Mascarado… Quanto mais aquela discussão se estendia, mais raiva Alex sentia… Emerelda perguntara a Conner se ele acreditava em Alex, e, a partir desse momento, ela não se lembrava de muita coisa … Alex só recordava vislumbres do que tinha acontecido, porém não demorou muito para que juntasse os pedaços.

– Ah, não! O que foi que eu fiz?

Era como se lembrar de um pesadelo. O Conselho das Fadas a tinha destituído do posto de Fada Madrinha. A raiva de Alex tomara o controle de seu corpo, e ela revidara *atacando* as fadas!

Quanto mais lúcida ela ficava, mais a tempestade ao redor se acalmava e se dissipava. A chuva parou, e o vento frio se interrompeu. Alex olhou em volta e tentou determinar onde estava, mas tudo o que conseguia ver eram espessas nuvens cinza por quilômetros e quilômetros.

Alex escolheu uma direção e caminhou pelas nuvens, que pareciam areia movediça. Na distância, distinguia precariamente a silhueta de uma enorme estrutura com diversas torres. Apertando os olhos, divisou uma enorme porta de madeira. Ela reconheceu o local imediatamente.

– É o castelo do gigante!

Sentiu o estômago revirar. O castelo imediatamente lhe lembrou a vez em que ela e os amigos escaparam por pouco de serem presos e comidos pelo gato gigante que o habitava. Apesar do instinto inicial de correr na direção oposta, Alex pensou que, considerando as circunstâncias, o castelo talvez fosse o melhor lugar para ir. Ela duvidava de que o Conselho das Fadas a procurasse *ali*. Talvez

fosse por isso mesmo que fora para o céu.

Continuou caminhando na direção do castelo, e seus pés acabaram encontrando um caminho sólido e curvo que levava até a enorme entrada dianteira. Alex quase rastejou por baixo da porta, como ela e os amigos tinham feito da outra vez, mas felizmente havia aprendido um truque ou outro desde aquela época. Com uma mão, gesticulou para a porta, que começou a abrir.

Quando a porta se abriu o bastante, Alex entrou, e a porta se fechou atrás dela. O castelo estava exatamente como Alex lembrava. Cada pedra do piso era do tamanho de uma piscina. Cada degrau da enorme escada tinha a altura de um prédio. Provavelmente o Palácio das Fadas inteiro cabia no saguão de entrada.

Contudo, uma coisa estava bem diferente. Na última vez em que estivera no castelo, o piso estava coberto de centenas de carcaças de pássaros (vítimas do apetite do gato gigante); agora, estava perfeitamente limpo. Na verdade, o castelo inteiro dava a sensação de ser habitável.

Alex engoliu em seco, nervosa – o gato gigante não era a única coisa que morava no castelo agora.

Ela entrou no aposento à direita da entrada e se viu na sala de estar. Cada peça de mobília tinha o tamanho de uma casa.

Uma pilha de árvores cortadas ardia na lareira como lenha. Uma poltrona enorme fora colocada perto do fogo. A poltrona estava de costas para Alex, mas a garota notou que havia alguém ou algo sentado ali.

– *Squaaa?*

Alex teve um sobressalto. Empoleirado bem no alto da poltrona estava um conhecido ganso. O pássaro era enorme, porém parecia pequeno em comparação com o castelo do gigante.

– *Lester?* – disse Alex. – O que você está fazendo aqui?

O ganso ruflou as penas empolgado.

– *Squaaa!*

– O que foi, garoto? – uma voz rouca disse da cadeira.

Alex suspirou de alívio; ela estava entre amigos.

– Mamãe Ganso? É você? – Alex chamou.

– Alex? – disse Mamãe Ganso. – O que você está fazendo aqui?

– Eu ia perguntar a mesma coisa.

– Lester, seja gentil e ajude nossa mocinha a subir – Mamãe Ganso instruiu.

Lester deslizou até o chão, e Alex subiu em suas costas. Ele voou até o assento da poltrona, que parecia uma sacada com vista para a lareira. Mamãe Ganso estava sentada numa cadeira de balanço, com sua grande cesta de viagem

ao lado, e bebericava uma enorme garrafa térmica cheia, sem dúvida, de sua bebida borbulhante favorita.

– *Sssssssss!*

Alex deu um gritinho. O gato gigante se achava sentado no braço da cadeira. Ele olhou zangado para ela e arqueou as costas ao sibilar – evidentemente se lembrava do primeiro encontro com Alex. Ergueu uma pata e mostrou as garras, pronto para o ataque.

– Calma, George Clooney – Mamãe Ganso falou. – Ela é amiga. Não vai machucá-lo! Não me faça borrifar água em você de novo!

O gato gigante escondeu as garras e curvou-se, ainda olhando feio para Alex, que ficou surpresa com a obediência dele.

– O gato agora é *seu*? – ela perguntou.

– Isso não fazia parte dos meus planos, mas alguém precisava ensinar boas maneiras a esse saco gigante de glúten. Ele quase comeu o Lester na primeira vez em que viemos aqui. Mas eu o coloquei numa dieta só de peixes e grãos.

O gato olhou para Lester com fome nos olhos. Era claro que a tentação ainda existia.

– E você pôs nele o nome de George Clooney? – perguntou Alex com uma risada.

– Sim, era o nome de um dos meus namorados favoritos no Outromundo.

– Ele era seu *namorado*? – perguntou Alex, uma sobrancelha erguida. De todas as histórias que Alex ouvira ao longo dos anos, como a Mamãe Ganso conseguira manter *essa* em segredo?

– Ah, eu sempre esqueço que você é do Outromundo. Uma coroa tem o direito de sonhar, não tem? – Ela estalou os dedos, e outra cadeira de balanço apareceu a seu lado. – Sente-se, mocinha! É bom ver você!

Alex sentou-se, também contente pelo encontro. Nos últimos meses, Mamãe Ganso fora vista com cada vez menos frequência. Por algum motivo, vinha evitando o Palácio das Fadas ao máximo, e os gêmeos estavam preocupados que ela desaparecesse para sempre.

– Faz meses que não vemos você – disse Alex. – É aqui que você se esconde?

– Aqui mesmo – disse Mamãe Ganso com um suspiro. – Desculpe por ter andado sumida, Alex. Eu tenho muita saudade de você e do seu irmão, mas é difícil ir até o palácio agora que a sua avó se foi.

Alex não a culpava, pois sabia exatamente como se sentia.

– Acredite, eu sei. Mas, com tantos lugares, por que vir para cá?

– Eu adoro aqui. O pé-direito é alto o bastante para o Lester poder voar, o

lugar é quieto, a vista é maravilhosa quando o tempo está claro, e o falecido gigante e eu gostávamos do mesmo tipo de champanhe. – Ela apontou para o carrinho de bebidas num canto da sala, onde havia doze garrafas mais altas do que Alex cheias da bebida favorita de Mamãe Ganso. – Aqui tem champanhe para a vida toda!

– A gente sente a sua falta. Você pretende voltar?

Mamãe Ganso hesitou antes de responder: – Não sei. Não decidi. Toda noite tenho esperança de que vou acordar no dia seguinte com o desejo de estar de novo com a humanidade, mas até agora nada. Acho que só preciso de mais um tempo.

Mamãe Ganso tomou um longo gole de champanhe. Alex percebeu um pequenino livro encadernado de couro no colo dela.

– O que você está lendo? – perguntou Alex.

– Ah, isto? É só meu diário antigo. Menina, eu tive as minhas aventuras quando era garota, viu? Eu costumava escrever tudo.

Sempre achei que, um dia, quando estivesse velha ou finalmente presa de vez, haveria alguém que o apreciaria.

– Posso? – perguntou Alex, estendendo a mão.

Mamãe Ganso sorriu e entregou o diário para a garota. Alex folheou as páginas antigas. Havia vários e vários registros que remontavam a centenas de anos atrás no Outromundo e no mundo dos contos de fadas. Havia figuras, flores, folhas e cartas dobradas entre as páginas.

– Ninguém pode dizer que você não viveu – disse Alex, impressionada com o artefato.

– Ninguém. Eu certamente vivi…

O tempo verbal que ela escolheu preocupou Alex.

– *Viveu*? – disse ela. – Por que você está falando como se tudo tivesse acabado? Você não está pronta para jogar a toalha, está?

Mamãe Ganso suspirou, e seu olhar dirigiu-se à lareira. Ela parecia triste, muito mais triste do que Alex jamais a vira.

– Envelhecer não é para os fracos, isso eu garanto – disse Mamãe Ganso. – Quando eu era garota, queria viver para sempre. Não havia ponte que eu não quisesse cruzar, muro que eu não quisesse pular. Então cheguei a uma certa idade, e tudo começou a desaparecer. Meus amigos começaram a morrer um por um até não sobrar ninguém. O mundo está sempre mudando, mas um dia você acorda e percebe que ele mudou *sem* você e que é impossível alcançá-lo. As suas aventuras acabaram, e você vê que está sozinha, sem nada além das suas

lembranças. Aí você espera… e espera… e espera até que chegue a hora de encontrar o seu criador, ou de “voltar para a magia”, como a sua avó costumava dizer. E, quando esse dia chega, você reza para que algum conhecido esteja à sua espera lá do outro lado.

Alex ficou de coração partido ao ouvir isso.

– Mas, Mamãe Ganso, isso não pode ser verdade – disse ela. – Você tem mais vida no seu dedinho do que a maioria das pessoas tem no corpo inteiro. As aventuras não acabaram, elas só vão ser diferentes.

– Obrigada, querida – disse Mamãe Ganso com um sorriso.

– Espero mesmo que seja assim. Agora é a sua vez: o que a trouxe ao castelo do gigante?

Alex fechou os olhos com força e se segurou para não chorar.

– Eu fui *desmadrinhada* pelo Conselho das Fadas. Estraguei tudo.

Mamãe Ganso engasgou com um gole de champanhe.

– *O quê?* E eles podem fazer isso?

– Aparentemente sim.

– Por que raios fariam isso? Você é uma das fadas mais brilhantes que este mundo já viu!

– Elas acham que a minha busca pelo Homem Mascarado foi longe demais e que me tornei destrutiva.

– Ah, duvido. Elas sempre acharam que *fazer nada* é melhor do que fazer alguma coisa que *talvez* seja nociva ou pegue mal para elas. Bem-vinda à política.

– Não, é verdade. Ultimamente, sempre que fico transtornada, perco totalmente o controle sobre mim e meus poderes. Eu ataquei o Conselho com relâmpagos quando as fadas informaram sua decisão! Parecia que meu corpo tinha sido dominado por outra pessoa, e eu estava apenas observando do lado de dentro.

– Uau. Que pena que eu perdi isso.

– Talvez elas tenham razão em me destituir – disse Alex, subitamente cheia de dúvidas em relação a si própria. – De repente, é melhor que eu não seja a Fada Madrinha. Agora elas podem se concentrar em encontrar as crianças desaparecidas do Reino do Canto e do Reino Encantado.

– Lembro de outra vez em que um bando de garotos se perdeu. A gente chamou isso de *Woodstock*, mas essa é outra história.

Você não vai parar de procurar o Homem Mascarado, vai?

Alex sacudiu a cabeça.

– Não posso parar. Ninguém acredita em mim, mas eu sei que ele é meu pai. Não importa quantas vezes o Conselho das Fadas tente me convencer de que eu só estava tendo uma alucinação, eu sei o que vi. Ele tinha os olhos do meu pai, o nariz do meu pai, a boca do meu pai… quem mais poderia ser? Não vou voltar ao normal até que ele seja encontrado.

Mamãe Ganso fitou Alex com grandes olhos de simpatia. Havia tanto que ela queria lhe contar, porém tinha feito uma promessa à falecida Fada Madrinha pouco antes da morte desta, uma promessa que pretendia cumprir.

Ela pegou a mão de Alex.

– Querida, eu acredito em você.

Alex encarou-a com olhos grandes e iluminados.

– Acredita mesmo?

– Eu já vi muitas coisas bem inacreditáveis nesta vida. Nem todas faziam sentido, e nem todas eram o que as pessoas queriam ouvir, mas isso não significa que essas coisas não aconteceram. Se você diz que viu seu pai, *então você viu seu pai*, e fim de papo.

Alex estava tão grata por alguém estar do seu lado que sentiu lágrimas nos olhos.

– Mas o que eu faço agora? Eu sou a pessoa mais procurada em todos os reinos. O Conselho está atrás de mim neste exato momento.

Mamãe Ganso revirou os olhos.

– Se eu ganhasse um centavo cada vez que o Conselho ficasse em alerta por minha causa, conseguiria pagar todas as minhas dívidas de jogo nos dois mundos. Se eu fosse você, acharia isso uma bênção. Você não é mais a Fada Madrinha, nem está associada com o Conselho das Fadas: *ótimo*! Isso significa que pode começar a agir segundo as suas próprias regras. As pessoas que fiquem com medo de você agora; esse medo simplesmente vai virar admiração quando você encontrar o Homem Mascarado e provar que esteve certa o tempo todo. E o que o Conselho vai poder dizer quando isso acontecer? Elas nunca vão conseguir detê-la de novo.

Mamãe Ganso deu mais um gole no champanhe e fez que sim com a cabeça, satisfeita com o próprio conselho.

– E sabe de uma coisa? – ela acrescentou. – Vou ajudar você.

– Vai?

Um sorriso travesso surgiu no rosto de Mamãe Ganso.

– Sempre quis ver a cara daquelas metidas a sabichonas ao saberem que estavam erradas. Conte comigo.

Pela primeira vez em muito tempo, Alex sorriu.
– E nós vamos agir segundo as nossas regras. Estou gostando dessa ideia.



CAPÍTULO 5

Poções e previsões

Uma pequena carroça viajava pela floresta no meio da noite. Era puxada por uma única mula e transportava três mulheres: uma morena, uma ruiva e uma loira. As mulheres eram de meia-idade, mas estavam tão cansadas da viagem que pareciam bem mais velhas.

A morena nunca tinha conduzido uma carroça antes e lutava para manejar as rédeas. A ruiva olhava ora para o mapa, ora para o caminho à frente. E a loira segurava uma lanterna para iluminar a floresta. Elas observavam nervosamente as árvores – não com medo do que poderiam ver, mas de quem poderia vê-las.

Nenhuma jamais tinha estado tão longe de casa, e elas esperavam que ninguém de onde vinham jamais soubesse para onde se dirigiam.

– Tem certeza de que estamos indo no caminho certo? – a loira reclamou.

– Estou seguindo o mapa o melhor que posso! – disse a ruiva.

– Silêncio, vocês duas! – sussurrou a morena. – Olhem! É a Floresta dos Anões!

Depois de viajar a noite inteira, haviam chegado à fronteira entre o Reino do Canto e a Floresta dos Anões. Tiveram certeza disso quando avistaram as árvores à frente, mais espessas e mais estranhas do que todas as árvores de todas as florestas que já tinham visto. Só a visão daquele lugar bastou para lhes provocar um frio na espinha.

– Estamos certas de que queremos entrar *aí*? – perguntou a loira, apreensiva.

– A casa da bruxa fica perto da entrada – falou a morena. – Não vai demorar para chegarmos lá.

A carroça cruzou uma pequena ponte e adentrou a perturbadora floresta. Após cerca de um quilômetro e meio, as mulheres avistaram uma casa à beira de um rio. A construção tinha um telhado alto de feno e um moinho que girava lentamente à medida que o rio passava por ele. Era exatamente como lhes fora descrito.

As mulheres se ajudaram a sair da carroça e amarraram a mula a uma árvore. Deram os braços e aproximaram-se com cuidado da porta da casa. Uma cutucou a outra, todas com medo de bater na porta.

– Posso ajudar? – disse uma voz atrás delas.

As mulheres gritaram e se viraram. Outra mulher estava de pé atrás delas. Era bonita, com cabelo escuro e lábios de um vermelho vibrante. Usava um longo vestido negro com acabamento dourado e botas de pele de cobra com salto alto. Parecia uma mulher qualquer, exceto pelos enormes chifres de carneiro que cresciam de sua cabeça e se enroscavam na altura das laterais do rosto.

As mulheres deduziram que era a bruxa que estavam procurando.

– Você… você… você é Morina? A bruxa da beleza? – perguntou a loira, a mandíbula tremendo.

– Depende – respondeu a bruxa, agora com uma carranca. – O que vocês estão fazendo aqui?

– Não queremos fazer mal – disse a ruiva, usando as amigas como escudo. – Uma conhecida em comum recomendou os seus… *serviços* .

A cara feia de Morina lentamente transformou-se num sorriso.

– Ah, vocês são *clientes*! Bem-vindas, senhoritas. Perdoem a minha rudeza; todo cuidado é pouco quando uma caça às bruxas se aproxima. Por favor, entrem.

Morina apontou para a porta, que se abriu de repente, passou os braços em volta das mulheres e acompanhou-as até o interior da casa.

O cômodo dianteiro era uma elegante loja. Tinha piso de mármore, um lustre de cristal e pilares apoiando o alto teto. Tudo era branco, incluindo uma grande escrivaninha e uma cadeira no centro do salão. Prateleiras com pequenas garrafas de vidro cheias de líquidos coloridos ladeavam as paredes. As mulheres sentiram-se como crianças numa loja de doces.

– Agora, senhoritas, o que as traz a este pedaço da floresta? – perguntou Morina.

– Ficamos sabendo que você inventou uma poção que reverte os sinais da idade – disse a morena.

– Os rumores são verdadeiros – Morina concordou. – Mas não é só *uma* poção. As minhas prateleiras estão cheias de caldos que rejuvenescem, revitalizam ou revigoram, dependendo de suas necessidades específicas.

As mulheres olharam em volta do salão como se tivessem morrido e chegado ao paraíso. Será que aquelas poções realmente poderiam restaurar sua juventude? Parecia bom demais para ser verdade.

– São essas as poções que você vendeu para a Rainha Diabó lica? – perguntou a loira. – Ouvimos falar que você era uma das esteticistas que realizavam tratamentos de beleza nela.

– Realmente – disse Morina. – Por muitos anos, ela foi minha cliente

exclusiva e uma grande amiga. Uma lástima o que aconteceu com ela. Porém, eu garanto, o destino da Rainha Diabólica não diz nada sobre a qualidade dos meus produtos.

– Como é que vamos saber se as suas poções funcionam? – a ruiva perguntou.

O sorriso de Morina se ampliou; essa era sempre a sua pergunta favorita na hora de fazer uma venda. Ela dirigiu-se para o canto do salão e puxou uma corda enfeitada. As cortinas se dividiram na parede, revelando um grande espelho com moldura dourada.

– Alguma de vocês sabe o que é isto? – Morina indagou.

– Um espelho – disse a loira.

– Sim, mas não é um espelho qualquer. Quando uma pessoa fica na frente dele, enxerga o reflexo de quem é *por dentro*. Foi um presente da própria Rainha Diabólica, que, como vocês sabem, era fascinada por espelhos mágicos. O nome dele é Espelho da Verdade.

Morina deu um passo à frente do espelho, e as mulheres arquejaram. Seu reflexo transformou-se numa horrenda jovem com verrugas, uma corcunda e um pé torto. Os chifres de carneiro eram a única coisa que a bruxa e o reflexo compartilhavam.

– Impossível que seja você – disse a morena.

– Mas *era*. Meu avô era troll. Naturalmente, com sangue de bruxa e de troll nas veias, meu destino era a feiura. O meu coração era constantemente partido por homens que não conseguiam me amar por causa da minha aparência. Porém, em vez de ficar sentindo pena de mim mesma, decidi fazer algo a respeito. Passei anos da minha juventude misturando e combinando poções, criando caldos que foram pouco a pouco alterando o meu visual até que eu ficasse satisfeita. E, como a minha própria transformação foi um tremendo sucesso, decidi compartilhar as minhas criações com outras pessoas… *cobrando um preço* .

Ela se virou de novo para as três, e o reflexo feioso desapareceu. Morina pegou cada mulher delicadamente pela mão e as colocou na frente do espelho. Elas cobriam os olhos, com medo daquilo que o espelho poderia mostrar.

– Vamos – Morina incentivou. – Olhem. Prometo que vocês não precisam ter medo de nada.

As mulheres olharam para o Espelho da Verdade, e seus olhos se encheram de lágrimas. Três mulheres jovens, belas e cheias de vida as encaravam – reflexos que elas não viam havia décadas.

– Por que ser mais uma vítima das crueldades da natureza quando você pode

acabar com isso? – disse Morina. – Deixem as mulheres dentro de vocês renascerem para que o mundo possa ver quem são de verdade. Com a ajuda das minhas poções, vocês podem recuperar a beleza e a autoconfiança que o tempo lhes roubou.

A bruxa não precisava dizer mais nada – as mulheres já tinham sido convencidas.

– Agora, uma de cada vez, digam-me o que querem especificamente.

Uma a uma, cada mulher deu um passo à frente e confessou à bruxa suas mais profundas e tenebrosas inseguranças. Para a sorte delas, Morina tinha produtos para tudo. Após ela determinar de quais produtos as três precisavam, garrafas voaram das prateleiras para dentro de três bolsas brancas que apareceram na mesa. Quando Morina terminou de diagnosticar as necessidades das mulheres, cada bolsa já estava cheia de dúzias de poções.

– E quanto isso vai nos custar? – perguntou a morena.

– Um preço diferente para cada cliente. Eu cobro metade da fortuna de cada uma pelo uso de minhas poções.

As mulheres se entreolharam. Tinham lhes falado que a taxa era alta, mas nenhuma delas imaginara que seria *tão* alta. Por sorte, elas estavam preparadas para pagar qualquer preço. Olharam de volta para o Espelho da Verdade para se inspirar e depositaram, cada uma delas, uma pesada bolsa de moedas sobre a escrivaninha de Morina.

– Excelente! Agora, um aviso – disse Morina. – As poções foram enfeitiçadas para inverter os efeitos desejados se uma cliente estiver mentindo sobre suas finanças.

As mulheres ficaram paranoicas e entregaram todo o dinheiro que tinham consigo. Um sorriso satisfeito estendeu-se pelo rosto de Morina, que arrastou os proventos para a grande gaveta da escrivaninha.

– Obrigada, senhoritas. Foi um prazer fazer negócio com vocês.

Morina acompanhou as mulheres para fora da casa e acenou para elas conforme partiam na carroça. Ao se virar para entrar na casa, reparou em algo estranho. A porta da frente balançava um pouquinho, como se alguém tivesse entrado enquanto ela não estava olhando.

Morina adentrou a casa exibindo os chifres e batendo a porta atrás de si. Não havia sinal visível de intruso, mas ela sabia que não estava só.

– *Mostre-se!* – ordenou.

Como não houve resposta, Morina descreveu um círculo rá pido com o dedo. Um agressivo redemoinho surgiu e rodopiou pela loja, encontrando um homem

agachado atrás da escrivaninha e aprisionando-o em seu vórtice. O redemoinho girava tão rápido que o homem não conseguia emitir um único som.

A bruxa suspirou e estalou os dedos ao identificar quem era. O redemoinho desapareceu e derrubou o Homem Mascarado aos pés dela.

– *Lloyd* – disse Morina.

Ela talvez fosse a única pessoa no mundo dos contos de fadas capaz de reconhecer o disfarçado filho da falecida Fada Madrinha.

Ao longo dos anos, Morina passara tanto tempo detestando cada fibra daquele ser que reconheceu imediatamente os olhos azuis atrás da máscara. Os dois tinham uma história juntos, uma histó ria que não acabara bem.

– Olá, Morina – disse o Homem Mascarado. Estava tão tonto que quase vomitou, e teve dificuldade para ficar de pé.

– Seu homenzinho de araque. Eu sabia que era só uma questão de tempo até você aparecer de novo na minha vida. O que está fazendo aqui?

O Homem Mascarado hesitou em responder, sabia que a resposta a deixaria furiosa.

– Vim para pedir a sua ajuda.

– A MINHA AJUDA? – gritou Morina, ultrajada pela audá cia dele. – Você acha que tem o direito de entrar sorrateiramente na minha casa e me pedir um favor depois do que me fez?

– Eu entendo que você esteja com raiva.

– Raiva não é nada comparado ao que sinto por você! Você *mentiu* pra mim! Você me *roubou*!

– Por favor, me deixe explicar…

– Não há nada a explicar! Nós tínhamos um acordo! Eu lhe forneci centenas de poções do amor! Em troca, você me prometeu uma fortuna de rei, mas não cumpriu a sua parte do trato!

– Eu sei que não cumpri no tempo em que prometi, mas isso não significa que não possa acontecer. Por favor, me escute! Se você me ajudar agora, eu juro que conseguirei lhe dar um *reino* em troca!

– Você é a escória do mundo. Eu não quero ouvir nem mais uma palavra! Saia da minha casa antes que eu jogue você no rio em pedacinhos!

Morina apontou para a porta, que se abriu de repente. O Homem Mascarado pôs a mão no bolso do paletó e tirou a garrafinha com a poção azul, exibindo-a como um distintivo.

– O que é *isso*? – perguntou Morina.

– É uma poção que a minha mãe criou quando eu era crian ça. Esse pequeno

frasco é o que busquei durante a minha vida inteira. É provavelmente a poção mais poderosa do mundo. Algumas poucas gotas bastam para transformar qualquer livro num portal para o mundo dentro dele.

Morina resmungou e revirou os olhos – não podia acreditar que o Homem Mascarado continuava mentindo para ela.

– Eu sei que parece impossível – ele disse. – Apenas observe.

Ele tirou um livrinho dourado do bolso do paletó e colocou-o sobre a escrivaninha. Morina leu o título: *O primeiro cão de um menino*. O Homem Mascarado abriu o livro na primeira página e cuidadosamente verteu três gotinhas da poção nela.

Como se o livro tivesse subitamente se transformado num holofote, as páginas brilharam, e um vivo feixe de luz disparou na direção do teto.

– Olhe dentro dele – disse o Homem Mascarado, ansioso. – *Por favor*.

Morina inclinou-se com relutância sobre o feixe. Sua cabeça não estava mais em sua loja. Para onde quer que olhasse, via palavras girando. Ela tentava lê-las, mas as palavras iam rápido demais, dispersando-se aleatoriamente e se transformando nos objetos que descreviam, ganhando cor e textura. Logo, Morina viu-se num campo agradável coberto de flores selvagens. Na distância, um jovem menino de fazenda brincava de pegar a bolinha com um filhote de cachorro.

– *Caramba* – Morina arquejou e tirou a cabeça do feixe. O Homem Mascarado estava falando a verdade.

– Impressionante, não é?

Morina aconchegou-se na cadeira atrás da escrivaninha – ele tinha conquistado a sua atenção.

– Você tem cinco minutos. Explique-se. O que você planeja fazer com essa poção? E por que precisa da minha ajuda?

O Homem Mascarado colocou a poção e o livro de volta no bolso e sentou-se na escrivaninha.

– Para encurtar a história, desde criança minha missão é derrubar minha mãe e as fadas – ele explicou. – E essa poção vai me ajudar a realizá-la.

– Um objetivo muito peculiar para uma criança.

– Era uma situação peculiar. Minha mãe sempre preferiu John, meu irmão mais velho. Eu sabia que ele estava destinado a tomar o lugar dela, ele era conhecido como o *herdeiro da mágica*. Por isso, comecei a fantasiar com um mundo em que eu era o herói.

Eram só devaneios infantis, mas, às vezes, minha mãe descobria esses sonhos.

Com medo de que um dia eu tentasse realizá-los, ela cometeu o ato mais cruel que uma mãe pode cometer contra um filho.

– Ela mandou você para a cama sem jantar? – disse Morina, rindo.

– Ela sugou toda a mágica do meu corpo, transformando-me em humano – disse o Homem Mascarado, e a sua voz falhou ao recordar isso. – Fui punido por crimes que nunca cometi. Era meu direito de nascença participar da mágica, e ela tirou isso de mim.

Assim, jurei um dia destruí-la e a tudo o que ela havia criado.

"Eu sabia que o único jeito de derrotá-la seria recuperando o poder, não em sentido mágico, mas em sentido militar; eu precisava de um exército. Um exército comum de homens jamais serviria. Eu precisava de um que fosse mais poderoso do que qualquer for ça que este mundo já viu. Usando a poção criada por minha mãe, eu poderia recrutar um exército de *vilões literários* . Poderia controlar e libertar aquilo que o mundo só viu nos seus pesadelos. Seria impossível me deter."

Quanto mais desvairado o plano ficava, menos ele interessava a Morina.

– Então, por que você me pediu poções do amor?

– Quando desenvolvi esse plano, eu tinha sido banido do Reino das Fadas. Eu sabia que, sem alguma distração colossal para ocupar as fadas, não havia jeito de entrar nos aposentos da minha mãe sem ser percebido: *eu precisava de um ovo de dragão*. Procurei um por anos, pesquisando tudo sobre essas feras. Isso me levou à Rainha da Neve, que tinha guardado um da Era dos Dragões. Quando ela me rejeitou, entendi que precisaria de recursos melhores para obter um.

"Usei as poções do amor que você me forneceu na Pequena Bo Peep. Meu plano era seduzi-la e casarme com ela e então convencê-la a questionar o trono de Chapeuzinho Vermelho. Assim que a Pequena Bo fosse eleita rainha, eu me tornaria rei. Eu daria a você o que tinha prometido e faria uma cruzada para achar um ovo de dragão."

– E como é que, em vez disso, você foi parar na Prisão Pinó quio?

– Porque fiquei impaciente e paranoico. Manipular a Pequena Bo foi muito mais difícil do que eu esperava. Assim, num momento de fraqueza, entrei no Palácio das Fadas e tentei roubar a poção por conta própria. Fui pego, e minha mãe me condenou à prisão perpétua. Ela me deu esse saco para usar sobre a cabeça para que ninguém soubesse que eu era filho dela.

"Longos dez anos depois, um exército do Outromundo, liderado por um homem chamado General Marquis, invadiu a prisão.

Nós tínhamos o mesmo objetivo, destruir as fadas; assim, foi fácil convencer

o general de que eles precisavam de um dragão. Eu sabia que o exército dele e um dragão nunca bastariam para destruir as fadas, mas também sabia que isso as distrairia por tempo o bastante para que eu conseguisse pôr as mãos na poção."

– O seu objetivo é tão insano quanto você. O que o faz pensar que esses personagens literários lhe darão ouvidos?

– Sou bastante convincente. A Grande Armée é uma prova.

– Você ainda não me disse como eu entro nisso tudo.

– Ah, sim. Estou chegando lá. Quando peguei a poção, descobri que todos os meus antigos livros tinham sido levados para outro lugar. Preciso da sua ajuda para encontrá-los. Assim que os localizarmos, poderei começar a recrutar o exército de que falei!

– E como é que eu vou encontrar esses livros?

– Você ainda tem aquela bola de cristal? Se bem me lembro, você costumava ser muito boa em fazer previsões.

– Ler a sorte é um passatempo que eu abandonei há muito tempo. Agora sou mestra em poções. Muito mais lucrativo.

– Entendo e respeito. Porém, Morina, se você me ajudar a encontrar esses livros, lhe darei qualquer reino que você quiser quando eu tiver conquistado o mundo.

A proposta dele acendeu uma centelha de empolgação dentro de Morina, embora ela estivesse quase com vergonha de admitir.

Não era a primeira vez que recebia a oferta de um reino.

– A Rainha Diabólica ia me declarar sua sucessora assim que os caçadores dela matassem a Branca de Neve – Morina falou. – Evidentemente, as coisas não funcionaram a meu favor. Por isso, não estou com tanta vontade assim de ter esperanças de novo.

O Homem Mascarado ajoelhou.

– Então, por favor, olhe a sua bola de cristal em busca de confirmação. Deixe-a convencê-la de que o meu plano vai funcionar se você me ajudar.

Por mais que o desprezasse, Morina sabia que não faria mal atendê-lo nisso. Na pior das hipóteses, o Homem Mascarado continuaria a ser uma pedra no seu sapato. Porém, a oferta de um reino não era algo que ela pudesse desperdiçar.

Ela ficou de pé e foi até uma porta nos fundos da loja. Uma dúzia de cadeados mantinha a porta trancada. Morina passou a mão por cima dos cadeados, um por um, que se destrancaram, soltaram e abriram. A porta se escancarou, e o Homem Mascarado viu uma escada que levava a um porão escuro. Ele se levantou para ir atrás da bruxa.

Morina ergueu a mão.

– Absolutamente ninguém além de mim entra no meu porão. Entendido?

O Homem Mascarado percebeu que não haveria negociação nesse ponto e concordou com a cabeça. Morina desceu a escada, e a porta se fechou atrás dela. O Homem Mascarado ficou andando de um lado para o outro na loja enquanto esperava, inspecionando e embolsando os produtos que Morina vendia. Algum tempo depois, a porta se abriu, e Morina apareceu com uma bola de cristal.

Ela colocou a bola na escrivaninha e se sentou. A bruxa soprou a espessa camada de pó que cobria o objeto.

– Isso talvez demore um pouco – disse Morina. – Faz muito tempo.

Absorta, a bruxa encarava a bola de cristal. Nuvens brancas apareceram dentro do artefato e começaram a espiralar. Vislumbres do futuro passaram a se mostrar para Morina.

– Interessante – disse ela com os olhos arregalados.

– O que você está vendo? – perguntou o Homem Mascarado, desesperado para saber.

– Estou vendo criaturas aladas, homens impiedosos e soldados que carregam símbolos. Parece que a sua loucura vai compensar.

Você *vai* recrutar um exército literário, derrubar as fadas e dominar o mundo.

O Homem Mascarado pulou no ar e gritou de alegria. O trabalho de sua vida não seria em vão. Apesar dos esforços da mãe, ele obteria o poder que desejava desesperadamente desde a infância.

Morina piscou na hora em que a bola de cristal começou a mostrar-lhe outra coisa, algo que ela nunca tinha visto.

– O que você está vendo agora? – perguntou o Homem Mascarado. A expressão dela o deixou nervoso.

– Não estou certa. Estou vendo prédios que se estendem até os céus… máquinas de extrema capacidade… bilhões de pessoas, todas de raças diferentes…

– Eu sei o que é – disse ele, franzindo o cenho. – Você está vendo o Outromundo.

Morina estava tão fascinada com o que via que mal o escutava. Imagens da Grande Muralha da China, da Torre Eiffel, do Nilo e da cidade de Nova York surgiam diante de seus olhos. Ela ouvira referências e rumores a respeito do Outromundo, mas até então não imaginara quanto ele era grandioso.

– Impressionante! – exclamou Morina. – Esse mundo é operado completamente sem mágica.

– Só homens e máquinas – disse o Homem Mascarado. – Minha mãe e meu irmão o adoravam, mas ele nunca me interessou.

Era óbvio que Morina estava atônita.

– Então, alguém dotado de mágica poderia se dar muito bem ali… – ela disse baixinho. – Esse alguém poderia ser um *deus*.

– Potencialmente, imagino. Porém, esse lugar é uma tristeza, está destinado a se destruir, se você quer saber.

As imagens da bola de cristal mudaram, distraindo Morina de sua nova obsessão.

– Você está ciente de que tem *família* no Outromundo? – ela perguntou.

O Homem Mascarado cruzou os braços e soltou um suspiro longo e ofendido.

– Nem me lembre. É onde meu falecido irmão vivia, e é de lá que vêm os filhos dele.

– A sua *família* pode representar um risco para você no futuro próximo.

– Eu consigo dar um jeito na minha sobrinha e no meu sobrinho. Eles são jovens e ingênuos. A minha sobrinha, então, está convencida de que eu sou seu falecido pai. Eles vão ser os primeiros a morrer quando eu assumir o poder.

A bruxa estava sendo vaga de propósito. Alex e Conner não eram os únicos familiares a que ela se referia. Aparentemente, o Homem Mascarado tinha parentes que não conhecia, e saber disso poderia ser útil para ela.

– Agora que você viu que estou destinado a formar o exército, pode localizar os livros para mim? – disse o Homem Mascarado.

Morina encarou a bola de cristal, e a localização foi ficando cada vez mais clara.

– Estou vendo uma biblioteca num castelo – disse ela. – Alguns anos atrás, sua mãe doou seus livros para ajudar os netos. Esse castelo está todo decorado. Parece que os servos estão se preparando para uma celebração neste momento. Um *casamento*, ao que tudo indica.

– Deve ser o casamento de Chapeuzinho Vermelho com o Rei Charlie. *Meus livros estão no castelo deles!*

Morina tirou os olhos da bola de cristal pela primeira vez.

– *Rei Charlie?* Foi isso que você disse? O *Príncipe Encantado perdido*?

– O próprio. Ele é rei agora. Foi eleito rei pelo povo da República Bo Peep depois que a Pequena Bo morreu.

As bochechas de Morina coraram.

– Ora, vejam só… – disse ela, cerrando os dentes.

O Homem Mascarado não sabia dizer se ela estava triste, com raiva ou as duas coisas ao mesmo tempo por causa da notícia. Em vez de questionar a reação dela, preparou um plano para pegar os livros.

– Não será difícil roubar os livros enquanto o casamento acontece. O reino inteiro estará presente.

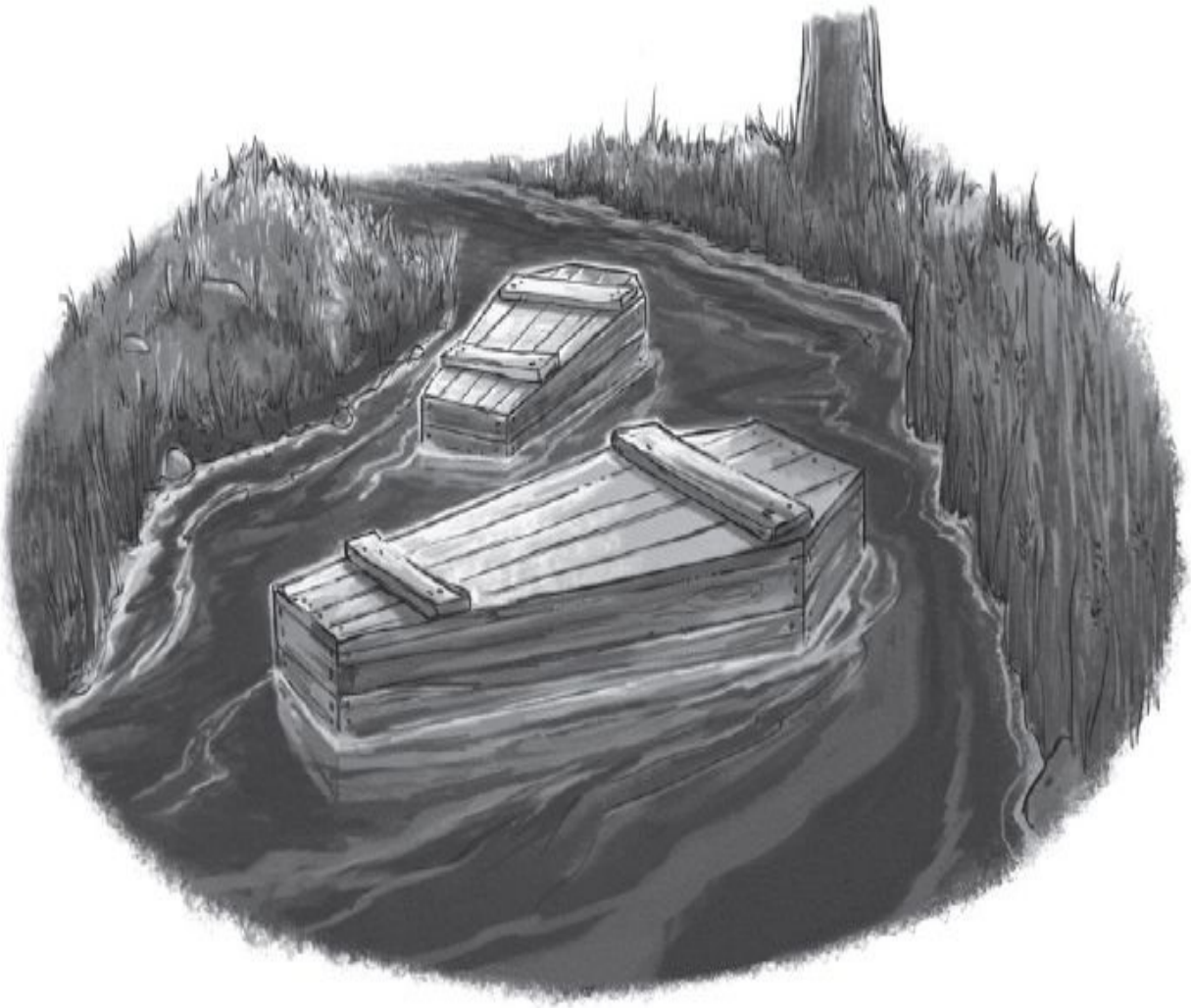
O olhar de Morina estava longe. Ela fazia seus próprios planos.

– O casamento não vai bastar – disse ela. – Você vai precisar de outro *dragão*, por assim dizer, para garantir que a atenção do reino seja completamente capturada. E eu sei exatamente do que você precisa…

Morina sorriu para ele. Se o Homem Mascarado fosse mais sensato, teria questionado a repentina cooperação dela, mas as únicas coisas em sua mente eram recuperar os livros e formar um exército.

– Obrigado, Morina. Juro-lhe que, quando eu estiver no poder, você poderá ter o reino que quiser.

Pela primeira vez na vida, Morina estava contente com a aparição do Homem Mascarado. Enquanto olhava a bola de cristal, ela vira muito mais do que o futuro dele. Tinha descoberto um mundo de oportunidades para si e, se desse as cartadas certas, tiraria dessa parceria muito mais do que um *reino*.



CAPÍTULO 6

As fadas más

Conner e seus amigos voltaram ao Riacho do Homem Morto muito antes do que gostariam. Ele e João vasculhavam os destroços da Poção das Bruxas enquanto Chapeuzinho e Cachinhos Dourados faziam buscas nas florestas próximas. Mingau e seu filho, Aveia (a essa altura, quase do tamanho da mãe), ajudavam Conner e João, revirando os pedaços maiores da taverna destruída.

– Só vejo gravetos – disse João. – Estamos procurando alguma coisa em particular?

– *Qualquer coisa* – Conner disse desesperadamente. – Qualquer coisa que possa nos levar até o Homem Mascarado. Alex não vai parar de procurá-lo só porque o Conselho das Fadas a proibiu. Ao contrário, vai ficar ainda mais determinada a provar que estava certa. Precisamos achá-lo antes dela. Tenho medo do que ela pode fazer quando encontrá-lo.

Conner tentava convencer a si mesmo de que tinha feito tudo o que podia para ajudar a irmã, mas ele sabia que isso não era verdade. Se tivesse sido sincero desde o começo a respeito da obsessão dela com o Homem Mascarado, talvez eles não estivessem naquela situação.

Agora, como se não bastasse estar transtornada, Alex se achava inteiramente sozinha e provavelmente pensando que o mundo inteiro estava contra ela (incluindo o irmão). Conner só queria encontrá-la e ajudá-la a reconstruir tudo o que tinha sido perdido, mas, ainda que ele e os amigos a encontrassem, o garoto não sabia por onde começar.

– Uma vergonha tão grande – disse Chapeuzinho durante as buscas, balançando a cabeça. – As pessoas de quem você depende, em quem você confia, são as que mais o decepcionam.

Cachinhos Dourados fez que sim com a cabeça.

– Concordo. Não acredito que o Conselho das Fadas fez aquilo com Alex, ainda mais depois de tudo o que ela fez pelos reinos.

Quem se importa se o Homem Mascarado é pai dela ou não? Era de esperar que, a essa altura, as fadas já tivessem aprendido a confiar nos instintos de Alex.

Chapeuzinho a olhou de um jeito estranho.

– O Conselho das Fadas? Eu estava falando do bufê do casamento. Eles cancelaram o serviço *hoje* de manhã. Você tem ideia de como é difícil achar

alguém que cozinhe para quinhentas pessoas apenas dois dias antes do casamento?

Para Cachinhos, Chapeuzinho ficava ainda mais insuportável quando falava sobre o casamento. A última coisa de que Chapeuzinho precisava era sentir-se ainda *mais* cheia de direitos.

– Ainda bem que João e eu tivemos um casamento pequeno – disse Cachinhos Dourados. – Sem briga, sem confusão, bem simples e rápido.

Chapeuzinho revirou os olhos.

– Imagino que tenha sido fácil mandar convites, já que a sua *lista de convidados* e a *lista dos mais procurados* eram idênticas. Infelizmente, quando se é tão respeitado quanto Charlie e eu, não há escolha senão fazer uma celebração extravagante, mas elegante. Nosso povo *depende* de um casamento espetacular: isso o ensina a sonhar.

Cachinhos Dourados respirou fundo, resistindo à tentação de jogar algo nela.

– Se você ainda tem planos de casamento a fazer, por que está aqui? – perguntou Cachinhos.

– Não gosto de planejar nada sem o Charlie, e hoje ele estava ocupado com um monte de *bobagens de rei*. Parece que os cidadãos estão muito ansiosos para saber que nome ele vai dar ao reino, agora que está no trono.

– Será que ele vai dar o próprio nome ao reino, como você e a Pequena Bo fizeram?

– Não – anunciou Chapeuzinho, decepcionada. – Ele está determinado a dar ao reino um nome que possa permanecer depois de seu reinado. Acho que ele se decidiu por *Reino do Centro*. Meio sem graça, se quer saber a minha opinião, mas imagino que o reino vá poupar uma fortuna se não precisar ficar imprimindo novos mapas a toda hora.

Chapeuzinho subitamente parou e levou o dedo aos lábios.

Cachinhos Dourados já conhecia bem essa pose: Chapeuzinho a fazia toda vez que ia pedir um favor.

– Quase esqueci – disse Chapeuzinho. – Tem uma coisa que eu queria lhe pedir, Cachinhos.

– Ah, não.

– Como Alex provavelmente *ainda* vai estar escondida quando o casamento chegar, você aceitaria ser a minha *matrona de honra*? – perguntou Chapeuzinho, empolgada. – *Ah, por favor, diga que sim!* Não consigo pensar em ninguém mais com quem eu tenha passado tantas coisas. Nós somos como *irmãs*. O tipo de irmãs que quase chega a se matar, é verdade.

Cachinhos a encarou inexpressivamente por alguns instantes e então começou a chorar. Os olhos de Chapeuzinho se encheram de lágrimas com isso, e ela envolveu Cachinhos num abraço.

– Eu não sabia que você ia ficar tão comovida! – disse Chapeuzinho.

– Não estou. – Cachinhos limpou os olhos na manga de Chapeuzinho. – Parece horrível, mas não consigo pensar num motivo para recusar. E tudo parece tão pior quando se está grávida.

Chapeuzinho rapidamente interrompeu o abraço e foi se juntar aos meninos.

– Desculpe, Chapeuzinho! Foi rude da minha parte. Claro que aceito ser sua matrona de honra – Cachinhos Dourados desculpou-se. – Por causa dos hormônios, não consigo filtrar nada do que falo.

A busca por pistas que levassem ao Homem Mascarado continuou por mais algumas horas, até Conner ser vencido pela frustração. Ele resmungava alto e começou a chutar os destroços à sua volta.

– Isso é inútil! – gritou. – Não tem nada aqui! Nós precisamos procurar em outro lugar.

– Este é o único lugar onde vimos o Homem Mascarado nos últimos cinco meses – disse João. – Onde mais podemos procurar?

Conner não tinha resposta. Andou até o riacho, sentou-se numa pedra e ficou pensando. Olhou para o céu, para clarear as ideias, mas em vez disso encontrou uma distração. O que ele viu era muito estranho, e Conner esfregou os olhos para ter certeza de que não era uma alucinação.

– Pessoal? – chamou os outros. – O que é *aquilo*?

Um *livro* estava voando – e parecia estar voando na direção *dele*.

À medida que o livro se aproximava, Conner conseguiu enxergar três pequenos objetos pairando à volta do livro: um roxo, um verde e um laranja. Cada qual tinha um par de asas coloridas.

– São insetos? Eu não trouxe repelente – disse Chapeuzinho.

– Não, são fadas! – disse Cachinhos Dourados.

– *CUIDADO!* – gritou uma das fadas. – *Não estamos mais conseguindo segurar!*

O livro escorregou de seus pequeninos dedos e caiu bem na cara de Conner, que perdeu temporariamente a visão do olho esquerdo. Quando a recuperou, viu três fadas pousarem numa pedra ao lado. Elas estavam suando profusamente e sem fôlego.

– Desculpe mesmo, Conner! – disse uma das fadas. – Viemos carregando isso desde o Reino das Fadas!

Conner imediatamente a reconheceu – ainda que não a visse havia anos.

– Trix? É você?

A fada tinha cabelo escuro, asas azuis e usava um vestido feito de folhas púrpura. Ela sorriu para ele e piscou os grandes olhos, contentíssima por Conner ter lembrado o seu nome.

– Olá, Conner! – disse Trix. – Procuramos você por toda parte! Estas são as minhas amigas Merkle e Noodle.

Ela fez um gesto para as outras fadas, que acenaram para ele. Noodle era rechonchuda para seu tamanho, e a barriga se projetava sob o vestido laranja. Merkle era fina como um lápis e olhava em volta nervosamente enquanto esfregava as mãos com força.

– Não devíamos ter feito isso! – disse Merkle. – Vamos ficar tão encrencadas!

– Merkle, se acalme antes que as suas mãos peguem fogo – disse Noodle. – Ninguém sabe que estamos aqui!

– *O que* vocês estão fazendo aqui? – perguntou Conner.

Trix voou até o rosto dele para olhá-lo nos olhos.

– Estamos sabendo da sua irmã!

– Trix, o mundo inteiro sabe dela – disse Conner. – De um dia para o outro, ela foi de Fada Madrinha à pessoa viva mais procurada no mundo mágico. Uma notícia e tanto.

– Não, eu estou querendo dizer que nós estávamos *lá*, na reunião do Conselho das Fadas, ontem à noite! Vimos tudo!

– Estávamos sentadas no parapeito da janela. Ninguém nunca repara na gente ali – disse Noodle, dando uma piscadela. – Nunca perdemos uma reunião do Conselho das Fadas, assim temos assunto para conversar com as outras fadas. Sabemos tudo sobre o Homem Mascarado e achamos que Alex tem razão de estar preocupada com ele!

– Não devíamos ter ido lá! – disse Merkle, cobrindo o rosto de vergonha.

– E a maioria das fadas com quem conversamos está do lado de Alex! – disse Trix. – Nós achamos que o Conselho exagerou!

Conner ficou contente com o fato de que mais alguém apoiava sua irmã.

– Obrigado, Trix, mas é mais complicado do que isso…

– O Conselho vai nos banir do Reino das Fadas se descobrir o que roubamos! – Merkle exclamou de repente. – Nós somos fadas más! Fadas MUITO más!

A coitada parecia que ia ter um ataque do coração.

– Ok, *pausa*! – disse Conner. – O que foi que vocês roubaram?

Trix e Noodle se olharam com malícia.

– Lembra daquela vez em que você e sua irmã me salvaram de ser banida? – perguntou Trix. – Bem, já se passaram três anos, mas eu sempre planejei retribuir o favor. Por isso, quis ajudar sua irmã a provar que ela tem razão, e Noodle e Merkle aceitaram me ajudar.

– Nunca me arrependi tanto! – disse Merkle.

– Na reunião do Conselho, sua irmã mencionou que o Homem Mascarado roubou uma poção da falecida Fada Madrinha, a qual, segundo ele, era muito poderosa – disse Trix. – O Conselho das Fadas não está preocupado com isso, mas, se *Alex* está preocupada, então *nós* estamos preocupadas!

– Por isso, demos uma xeretada no Palácio das Fadas e descobrimos que Alex *tinha razão* ! – disse Noodle. – A falecida Fada Madrinha de fato inventou uma poção *muito poderosa* ! E achamos que foi essa poção que o Homem Mascarado roubou!

Considerando as fontes, Conner evitou ficar esperançoso demais, mas o que elas lhe diziam era muito intrigante.

– Como vocês sabem disso?

– *Mostre logo o livro pra ele! Não aguento mais esperar!* – gritou Merkle, os olhos quase pulando das órbitas.

Trix e Noodle pegaram cada qual um canto do livro que tinham transportado e o deixaram cair no colo de Conner. Ele o abriu e passou as páginas. Estava cheio de entradas, desenhos e diagramas – era um registro de experimentos. De início, Conner presumiu que a letra bonita e feminina pertencesse a uma cientista, mas ela lhe parecia bem familiar. Ele a vira em cartões de aniversário e cartas.

– É da minha avó! Mas eu nunca vi isto antes.

– Estava escondido nos antigos aposentos dela no palácio – disse Trix. – Ela registrava nesse livro os ingredientes de todos os encantos e poções que criava.

– *E nós roubamos isso!* – arquejou Merkle. Ela nunca tinha sentido tanta vergonha.

– Pois é, *roubamos*! – disse Noodle, sorrindo, empolgada com a travessura.

– E achamos que a última entrada é a poção que o Homem Mascarado roubou! – disse Trix. – Ela é *muito* poderosa. Bem mais poderosa do que qualquer outra poção que ela criou.

João, Cachinhos Dourados e Chapeuzinho se aproximaram de Conner e das fadas, ansiosos para ouvir também. Até Mingau e Aveia pareciam interessados no que as fadas tinham descoberto.

– Acho que vale a pena dar uma olhada – disse João.

– Concordo! Ouça os insetos, Conner! – disse Chapeuzinho.
As fadas flutuavam tão empolgadas que zumbiam como abelhas.
– Leia as últimas páginas! A parte sobre a Poção do Portal – Trix instruiu.
Conner foi até a última entrada do livro da avó e leu a respeito da criação:

A Poção do Portal

Sucesso! Após semanas de tentativas, finalmente descobri os ingredientes corretos para a poção que eu esperava criar para meu filho! Com algumas poucas gotas, a poção transforma qualquer obra escrita num portal para o mundo que esta descreve. Mesmo com minha capacidade de criar portais de entrada e saída do Outromundo, nunca pensei que seria possível criar uma substância que me desse passagem para qualquer mundo que eu quisesse.

Meu filho poderá ver os lugares e encontrar os personagens com os quais sonhou durante toda a infância! E, o melhor de tudo, eu vou testemunhar a sua grande felicidade quando isso acontecer!

Os ingredientes são muito mais simples do que imaginei, mas difíceis de obter.

Seus propósitos são mais metafísicos do que práticos. Assim, foi preciso alguma imaginação para acertar o caldo.

O primeiro item necessário é ***um galho da árvore mais antiga do bosque****. Para dar vida às páginas, achei que a poção precisaria da mesma coisa que originalmente deu vida ao papel. E o que tem mais vida do que uma árvore antiga?*

O segundo ingrediente é ***uma pena do mais belo faisão do céu****. Isso garantirá que a poção não tenha limites, como um pássaro voando. Assim, você poderá viajar para terras longínquas, além de sua imaginação.*

O terceiro componente é ***um cadeado e uma chave que pertenceram a um verdadeiro amor****. Assim como essa pessoa abriu seu coração para uma vida de amor, eles abrirão a porta das dimensões literárias que o seu coração deseja vivenciar.*

O quarto ingrediente é ***duas semanas de luar****. Assim como a lua provoca ondas no oceano, o luar atiçará a vida na sua poção.*

Por fim, mas não menos importante, dê à poção ***uma centelha de mágica para ativar todos os ingredientes****. Envie-lhe um feixe de alegria direto de seu coração.*

A poção não funciona em biografias nem em livros de história, mas apenas em obras que foram imaginadas. Agora, preciso advertir para os riscos de entrar num mundo ficcional:

1. *O tempo só existe enquanto durar a história. Tome cuidado para sair do livro antes que a história acabe, ou você poderá desaparecer ao final dela.*

2. *Cada mundo é feito daquilo que o autor descreve. Não espere que os personagens tenham qualquer conhecimento do seu mundo ou do Outromundo.*

3. *Cuidado com os vilões da história. Ao contrário das pessoas do nosso mundo e do Outromundo, a maior parte dos vilões literários foi criada para não ter coração e ser desprovida de qualquer moral; por isso, não espere misericórdia nenhuma caso cruze o caminho de algum deles.*

4. *O livro que você escolher funcionará como sua entrada e sua saída. Certifique-se de que nada aconteça com ele; ele é sua única maneira de sair.*

A Fada Madrinha tinha desenhado um pequeno frasco no fim do texto. Parecia

exatamente com a garrafa que Alex pegara o Homem Mascarado roubando, a mesma garrafa que Conner o vira segurando no teto da taverna Poção das Bruxas.

– Céus! – disse Conner. Sua mente girava tanto que ele tinha a impressão de que o chão se mexia. – Foi assim que ele sobreviveu à queda quando Alex fez a taverna flutuar! Ele ativou o livro com a poção e entrou nele antes de chegar ao chão!

A situação ia ficando ao mesmo tempo mais clara e mais confusa. Seria possível que Alex tivesse razão o tempo todo?

– A sua avó disse que fez a poção para o filho dela, o *seu* pai – disse Cachinhos Dourados. – Quando a roubou, o Homem Mascarado disse a Alex que estava pegando algo que lhe era *devido*.

Conner fez que sim com a cabeça.

– Quase detesto dizer isso, mas a história de Alex está come çando a fazer sentido – disse ele, ainda que não estivesse pronto para acreditar no impossível.

– O Homem Mascarado disse às bruxas que precisava da ajuda delas para encontrar alguma coisa e que, assim que encontrasse, poderia recrutar *um exército além de tudo que elas conseguiam imaginar* – João recordou. – Ele disse que era *uma espécie de coleção* e que deveria estar com a poção, porém a falecida Fada Madrinha tinha se livrado dela.

– Ele devia estar falando de uma coleção de livros – disse Conner. – Precisamos encontrar Alex e colocá-la a par disso. Ela pode saber de que livros ele está falando.

Todos se entreolharam, mais determinados do que nunca a encontrar Alex. Somente Chapeuzinho não compartilhou do entusiasmo dos demais; sua mente estava longe da conversa, e ela olhava de um jeito esquisito para o riacho.

– O que foi, Chapeuzinho? – perguntou João.

– Nada, está tudo bem – respondeu ela, sem mover os olhos. – Só que eu juro que acabei de ver a corrente do riacho mudar de direção…

Ela soltou um gritinho agudo, cobriu a boca com uma mão e apontou para o riacho com a outra. Dois caixões de madeira flutuavam sinistramente desde o outro lado da Floresta dos Anões.

Chapeuzinho e os demais ficaram olhando em silêncio absoluto até que os caixões se detiveram na margem.

– O que esses caixões estão fazendo no riacho? – perguntou Trix. Ela e as amigas fadas nunca tinham visto nada tão macabro.

– Não é à toa que esse é o Riacho do Homem Morto – disse João.

– Vocês não acham que dentro deles tem *cadáveres*, acham? – Chapeuzinho piou.

Cachinhos Dourados desembainhou a espada.

– Só tem um jeito de saber.

Sem a menor hesitação, Cachinhos aproximou-se dos caixões e cortou os ferrolhos. Abriu-os e então precisou tapar o nariz por causa do cheiro.

– Sim, tem corpos dentro, isso mesmo – disse. – Venham dar uma olhada! Eu nunca vi cadáveres assim.

– Eu não, obrigada! – Chapeuzinho respondeu rapidamente.

– Acredito em você!

Conner e João foram ver por conta própria. Cada caixão continha o corpo de uma pessoa idosa. Elas estavam tão pálidas e enrugadas que pareciam uvas-passas brancas. Também estavam tão murchas que não dava para identificar seu sexo. Era como se a vida tivesse sido completamente sugada do corpo.

As fadas pairavam acima dos ombros de João, assustadas demais para olhar, mas curiosas demais para não ver.

– Oh, não! – gritou Merkle. – É um presságio! É um presságio, estou dizendo!

Era tão horrendo que Conner achou que a fada paranoica pudesse ter razão.

– Pois é – disse ele. – Mas um presságio do quê?



CAPÍTULO 7

Respostas no sótão

Assim que Bree terminou o dever de casa de biologia, a sra. Campbell mandou organizar o sótão. Ele não precisava de fato ser organizado, mas havia um limite para quanto Bree podia arrumar a cozinha ou cortar a grama. E, como Bree ainda estava de castigo, sua mãe era obrigada a ser criativa na escolha das tarefas; graças a isso, a casa dos Campbell nunca tivera uma aparência tão boa.

O sótão era escuro e empoeirado. Além de uma faxina ligeira, não havia muito que Bree pudesse fazer. Assim, ela pensou em simplesmente mover caixas de uma ponta do sótão para a outra até que a mãe a chamasse para jantar.

De início, tentou organizar os itens por estação do ano, mas desistiu quando não conseguiu decidir a que estação pertencia a caixa com roupas de bebê. Depois, começou a organizar por cor, porém logo perdeu o interesse diante do trabalho que isso daria.

Os métodos de organização mudaram mais algumas vezes, até que ela acabou simplesmente empilhando as caixas no formato de estruturas famosas.

Bree estivera tão inquieta por todas as perguntas e teorias que povoavam sua mente nos últimos tempos que, no fundo, estava gostando daquela atividade mecânica. Mas o que ela não esperava encontrar no sótão era algo que tornasse aquelas perguntas ainda mais complicadas.

Fez uma pilha tão grande que as caixas desabaram, derrubando todo o seu conteúdo no chão. Um dos itens era um pequeno baú de tesouro que Bree nunca tinha visto. Ela percebeu que era antigo por causa da desbotada pintura floral na madeira.

Bree soprou a camada de poeira que cobria o baú e descobriu o nome *Anneliese* talhado na tampa.

– Anneliese? – disse ao inspecioná-lo. – Ah, isto deve ter sido da vovó!

Era a avó alemã de Bree. Como Bree tinha questionado bastante a própria ascendência nos últimos tempos, perguntou-se se poderia achar alguma informação entre as coisas da avó.

Abriu o baú, e um forte perfume encheu o sótão. O baú estava cheio de cartas, fotos e recortes de jornais que a avó guardara ao longo dos anos. Um dos recortes chamou a atenção de Bree. Tinha amarelado com o passar do tempo e era bem rígido ao toque. Anunciava o noivado de Anneliese com Stephen

Campbell, avô de Bree.

Logo abaixo do recorte, havia uma carta endereçada à sua avó, e o coração de Bree parou quando ela leu o endereço do remetente.

Cornelia Grimm
1729 Mystic Lane
Willow Grove, CT

– *Grimm*? – disse Bree, abrindo a carta rapidamente. Isso era *exatamente* o que ela estava procurando.

Uma fotografia em preto e branco caiu do envelope. Ela mostrava duas moças posando nos degraus da entrada de uma enorme casa. A da direita era a avó de Bree; então a garota presumiu que a da esquerda fosse Cornelia.

Cornelia parecia alguns anos mais nova do que a avó de Bree; tinha um cabelo loiro até a cintura e o mesmo sorriso de Anneliese. Bree imaginou que as duas fossem parentes. Desdobrou a carta com cuidado e a leu.

Caríssima prima Anneliese,

Recentemente, ao arrumar minha escrivaninha, achei esta foto de nós duas.

Quero que fique com ela. Foi tirada no dia em que você veio morar conosco. Dá para acreditar que isso foi há quase cinco anos? Parece que foi ontem que a buscamos no porto.

Esperamos que a vida de casada lhe esteja fazendo bem. Lágrimas me vêm aos olhos toda vez que me lembro do seu lindo casamento! Stephen é um homem maravilhoso. Algum filho no horizonte? Temos esperanças de que sim!

A casa não é a mesma sem você, mas vamos indo. As Irmãs e eu continuamos o trabalho da família e teremos muitas coisas formidáveis para contar da próxima vez em que nos encontrarmos.

Sabemos que não era isso que você esperava que acontecesse quando se mudou para os Estados Unidos, mas estamos muito felizes por você ter encontrado uma vida tão maravilhosa.

Temos saudades e sempre pensamos em você.

Com amor, Cornelia e Irmãs

Bree baixou a carta e fitou o chão, um pouco chocada. Grimm não era um sobrenome comum, por isso, se Cornelia era prima de sua avó, era bem possível que sua teoria sobre ser parente de Wilhelm Grimm fosse verdadeira! A carta era praticamente uma prova!

Ela vasculhou o baú atrás de mais correspondências entre a avó e Cornelia, mas as duas deviam ter perdido contato ao longo dos anos, porque Bree não

achou nada. Isso, porém, não importava; aquela pequenina informação a fez sentir como se mil fogos de artifício tivessem sido disparados dentro de si.

A garota sacou o celular do bolso, louca para contar a novidade a Emmerich. Não estava nem aí para que horas eram na Bavária; precisava dividir essa informação com alguém antes que entrasse em combustão.

A sra. Campbell subiu ao sótão.

– Bree, o jantar está quase pronto – ela falou. – Hum, sem dúvida, o sótão está *diferente*.

– Eu tive certa dificuldade para organizar. Posso terminar depois do jantar.

– Não, querida, não precisa. Seu pai e eu estávamos conversando agora mesmo e decidimos que está liberada. Você não está mais de castigo.

– Jura? – perguntou Bree. – Ela ficou muito surpresa com a empolgante mudança em sua tarde. – Por quê?

– Porque a sua irmãzinha cortou o rabo de cavalo de uma colega da escola. Você fez um trabalho tão bom com as tarefas de casa que não temos como punir *sua irmã*. Além disso, achamos que você aprendeu a lição.

Bree concordou, balançando a cabeça.

– Com certeza.

A sra. Campbell tentou se conter para não dizer o que disse em seguida, mas aquilo estava fervendo dentro dela, então não teve escolha.

– Por que você fez uma coisa tão idiota, Bree? Eu amo minhas filhas por igual, mas você é a minha *filha esperta*. No que é que você estava pensando para fugir pela Europa?

– Já falei, mãe. Eu só queria me divertir um pouco. E, se serve de consolo, acabei de ler um estudo que diz que um *jet lag* muito grande altera o discernimento da pessoa. Quem sabe isso não pesou um pouco?

– Bem, o que quer que tenha sido, não faça isso de novo, nunca. – A sra. Campbell reparou no baú e na carta na mão de Bree.

– O que você achou aí?

– Achei algumas cartas antigas da vovó Anneliese. Esta aqui é de uma pessoa chamada Cornelia Grimm. Você conhece esse nome?

A sra. Campbell pensou um pouco.

– Ah, acho que era uma das senhoras do antigo *covil* da sua avó. – Ela riu.

Bree tinha certeza de que ouvira errado.

– *Covil?* – disse, engolindo em seco. – Você acabou de dizer *covil*? Tipo uma casa de bruxas?

– Era assim que o seu pai e os irmãos dele a chamavam de brincadeira.

– Espere um segundo. Você está me dizendo que a vovó era uma *bruxa*?

A sra. Campbell estava começando a ficar preocupada de a filha estar levando aquilo a sério.

– Meu amor, bruxas não existem. Quando a sua avó veio para este país, ela foi morar numa casa grande em Connecticut com um monte de parentes distantes. Parece que eles costumavam fazer um monte de esquisitices juntos, provavelmente coisa de europeu. A sua avó era muito discreta a respeito da vida que levava antes de conhecer o seu avô.

Bree ficou boquiaberta.

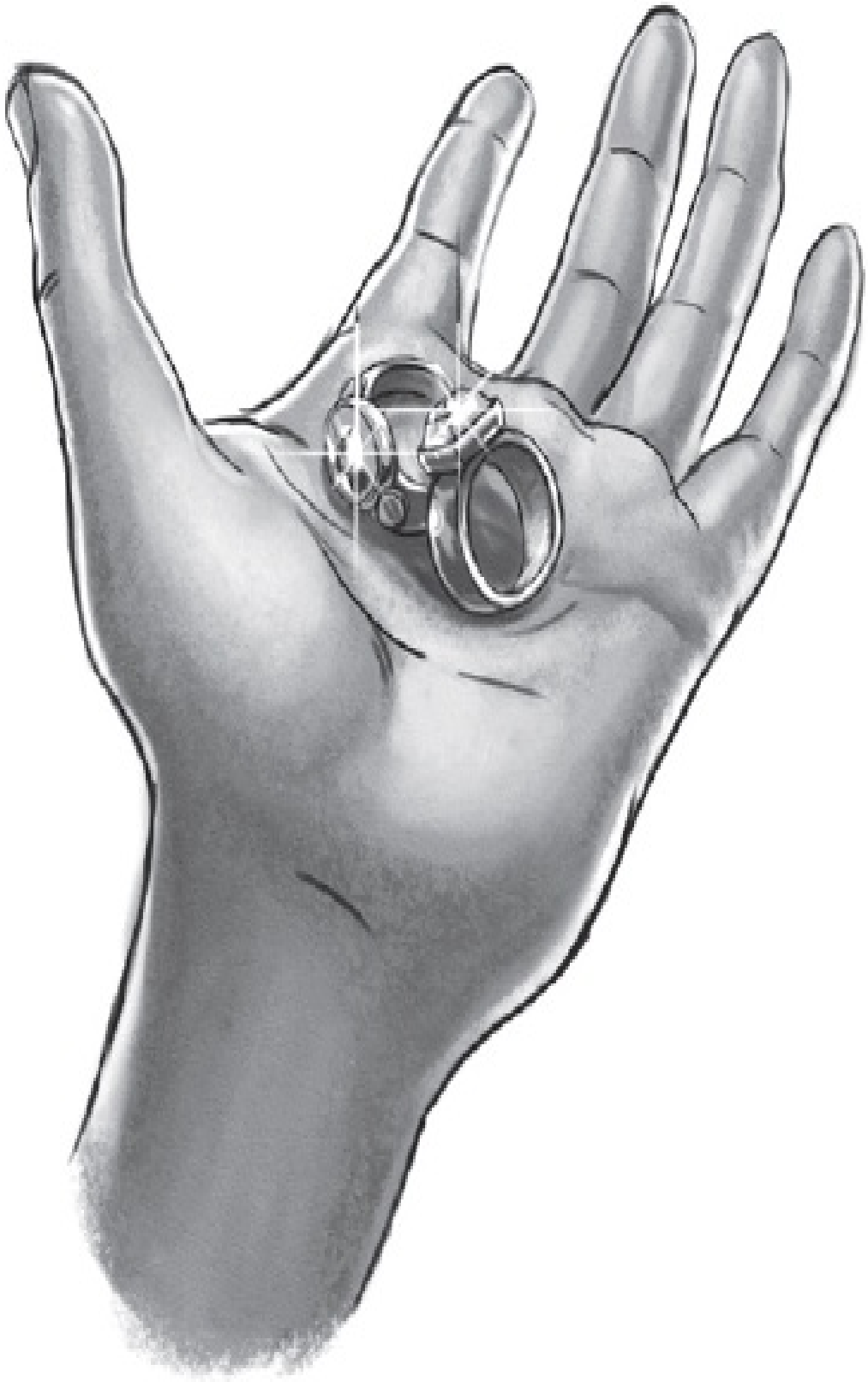
– Bem, de repente, um de nós devia ir até lá e tentar entender isso – disse. – Não importa que sejamos parentes distantes. Se temos família por lá, seria legal conhecê-la.

A sra. Campbell encarou a filha como se ela estivesse ficando doente.

– Querida, ninguém vai para Connecticut. Essas mulheres provavelmente nem estão mais vivas. Você ficou de castigo tempo demais. Quero que faça o máximo de planos com seus amigos para as próximas semanas, tá? Acho que isso vai lhe fazer bem.

A sra. Campbell desceu a escada, sem perceber o estado em que tinha deixado a filha. Bree estava pensando tantas coisas ao mesmo tempo que esqueceu como se mexer. Ficou sentada em silêncio enquanto seu corpo tentava alcançar a mente acelerada.

Ela certamente tinha planos a fazer, mas nenhum deles envolvia amigos. Bree precisava arrumar um jeito de chegar a *Connecticut*…



CAPÍTULO 8

A única objeção

O dia do casamento de Chapeuzinho e Froggy finalmente chegou, e o recémbatizado Reino do Centro estava em polvorosa com a celebração. Apesar dos constantes contratempos, Chapeuzinho concluíra todo o planejamento que o seu dia perfeito demandava.

E, graças a uma grande quantidade de autocontrole da parte de Cachinhos Dourados, Chapéu vivera para ver o grande dia.

A antiga Casa do Progresso fora transformada num belo altar. Quinhentas cadeiras tinham sido dispostas diante de um púlpito colocado acima de uma grande plataforma. Um tablado fora construído para uma orquestra com duzentos instrumentos. Um enorme órgão com tubos que iam até o teto fora cuidadosamente construído. Altos vasos com cravos cor-de-rosa, vermelhos e brancos foram dispostos pelo salão. Colunas brancas e tiras de seda rosada ladeavam as paredes.

Cachinhos Dourados tinha passado a manhã inteira ajudando os empregados do castelo a arrumar tudo e estava muito orgulhosa de seu trabalho. Porém, quando Chapeuzinho chegou para fazer a inspeção final, Cachinhos descobriu que a verdadeira tarefa de matrona de honra não era ajudar a noiva, mas proteger todos *da* noiva.

Chapeuzinho irrompeu na Casa do Progresso usando nada além de um roupão rosa e pantufas. Estava com bobes no cabelo e sem maquiagem. Seus olhos estavam muito maiores do que o normal, e uma carranca havia se fixado em seu rosto – ela nunca parecera tão ansiosa.

– Está ERRADO, está tudo ERRADO! – gritou Chapeuzinho.

– As cadeiras estão perto demais umas das outras. Os vestidos das mulheres vão ficar presos! O púlpito está longe demais; estou casando, não fazendo uma peregrinação! Diga a todos os músicos que eles não podem comer nada do que será servido: o bufê só teve tempo de preparar o suficiente para os convidados! As colunas e os panos precisam combinar. Isto aqui está parecendo uma gaiola gigante!

Chapeuzinho não olhava nada por tempo suficiente para ver direito. Lançava os braços para todas as direções, gritando e apontando para tudo o que podia.

– Chapeuzinho, as coisas estão exatamente como você planejou – disse

Cachinhos Dourados. – Você precisa se acalmar.

– Por favor, me diga que *isto* não é o que você vai usar no casamento! – berrou Chapeuzinho, tendo Cachinhos como alvo agora.

– Não, vou usar algo bem mais feio, que você escolheu para mim. Lembra? O vestido rosa com ombreiras?

Chapeuzinho não escutava uma palavra do que Cachinhos dizia.

Começou a andar de um lado para o outro e a falar consigo mesma.

– Você dormiu na noite passada? – perguntou Cachinhos.

– *Dormir?* Como é que eu ia dormir com tanta coisa pra fazer? Espere aí, você está dizendo que eu estou com a cara inchada? *MEU DEUS, ESTOU INCHADA! O casamento está cancelado! Todos para casa!*

Cachinhos pegou o vaso mais próximo, tirou as flores e jogou a água na cabeça de Chapeuzinho, para esfriá-la. A noiva soltou um grito.

– Escute com muita atenção – disse Cachinhos Dourados, inclinando-se ameaçadoramente na direção dela. – Tudo aqui está *exatamente* como você queria. Você está sofrendo de *nervosismo pré-casamento, só isso* . Não há *nada* que você precise consertar ou ajustar. O que *precisa* fazer é voltar para o castelo e começar a se preparar para *aproveitar* o dia, porque, se eu ouvir mais uma reclamação sua, esse *casamento* vai virar seu *funeral* ! Está claro?

Chapeuzinho franziu as sobrancelhas, seu queixo tremeu, e ela moveu lentamente a cabeça para cima e para baixo.

– Sim. – Ela se virou para o resto do salão. – Peço desculpas a todos. Muito bem! Como recompensa por seu esforço, gostaria de convidá-los à recepção no castelo depois da cerimônia. *Só não comam nada!*

Contudo, Chapeuzinho não era a única pessoa nervosa antes do casamento. Froggy, Conner e João, que trajavam belos ternos, faziam companhia uns aos outros na biblioteca do castelo enquanto esperavam o início da cerimônia. Froggy se achava imóvel diante da janela. Observava o reino enquanto os cidadãos tomavam as ruas; todos fervilhavam de empolgação e expectativa, na esperan ça de um vislumbre do casamento real.

– Engraçado como os tempos mudam – Froggy disse baixinho.

– Quatro anos atrás, eu morava num buraco, com medo de mostrar a cara para o mundo e só receber ódio e medo. Nunca pensei que o amor fosse uma opção para mim. Agora estou aqui, rei eleito, prestes a me casar com uma das mulheres mais bonitas do mundo, e, tecnicamente, foi ela quem pediu a minha mão.

– Se existe uma coisa que a vida faz bem é surpreender – disse João. – E, às vezes, ela surpreende da melhor maneira.

Conner estava sentado numa poltrona e fitava o chão, alheio ao que eles diziam. A mente do garoto ainda estava fixa na busca pela irmã e pelo Homem Mascarado.

Ele rapidamente ergueu os olhos quando um silêncio tomou conta da biblioteca.

– Desculpe, o que foi que vocês disseram? – perguntou. Teoricamente, ele era o padrinho de Froggy, mas, até aqui, tinha sido um fracasso como tal.

– Só uma observação, nada importante – disse Froggy. Ele engoliu em seco e afrouxou o colarinho. – Por que todo mundo repensa a decisão de se casar no dia do casamento? Passei meses tranquilo com a ideia, mas agora estou com frio na barriga.

Conner riu.

– Mas, Froggy, você é um anfíbio. Sua barriga está fria o tempo inteiro!

Froggy virou-se para ele e sorriu. Era uma boa maneira de ver as coisas.

Ouviu-se uma batida na porta, e a cabeça do terceiro Porquinho surgiu na biblioteca.

– Majestade, a antiga e futura rainha está quase pronta. A cerimônia vai começar em breve.

João deu um tapinha nas costas de Froggy.

– É agora. Está pronto?

– Mais pronto do que nunca. Cavalheiros, por favor, me acompanhem em meus últimos passos como solteiro.

Eles o seguiram para fora da biblioteca, porém Conner se deteve na porta. Uma sensação ruim crescia no fundo de seu estômago, e ele olhou para a biblioteca vazia. Parecia que estava esquecendo alguma coisa, mas não sabia o que era.

Conner não queria deixar os outros esperando, então os alcan çou; a sensação, porém, não o abandonou. Talvez ele próprio estivesse tendo uma crise nervosa.

Enquanto isso, nos aposentos de Chapeuzinho, a noiva estava demorando absurdamente para colocar o vestido de casamento.

Cachinhos Dourados tentou se distrair com as mangas do vestido de matrona de honra enquanto esperava, mas havia um limite para o que ela podia fazer.

– Depressa, Chapeuzinho! Você vai se atrasar para o seu pró prio casamento.

– Não se pode apressar a perfeição! – Chapeuzinho gritou de seu closet.

Como se Chapeuzinho estivesse enfrentando um monstro de tecido gigante, Cachinhos ouvia o ruflar e o farfalhar enquanto a criada lutava para colocar na noiva o vestido. Quando a criada saiu do closet, seu rosto estava tão vermelho

que ela parecia ter corrido uma maratona.

– *Que vestido* – disse a criada. Ela teria pesadelos com ele pelo resto da vida.

– Vamos, Chapeuzinho – disse Cachinhos. – Estou louca para ver.

O vestido de casamento era tão grande que a frente dele apareceu primeiro e só alguns instantes depois Chapeuzinho surgiu.

Era uma montanha branca de ondulações e rendas, enfeitada de vermelho e coberta com ridículos laços também vermelhos. O véu estava uma bagunça e explodia da cabeça de Chapeuzinho como um vulcão.

Cachinhos Dourados ficou sem palavras, e não de um jeito bom. Clawdius pulou da cama e latiu para o vestido como estivesse diante de um animal selvagem.

– Bem, o que você acha? – perguntou Chapeuzinho com um sorriso esperançoso.

– Bem, você disse que queria que o casamento fosse um espetáculo, certo?

Chapeuzinho marchou até o espelho e se olhou. A julgar por sua reação, o vestido não era de jeito nenhum o que havia esperado.

– *Estou parecendo uma tempestade de neve! Não estou entendendo! Estava tão bonito no desenho da vovó!*

– Você não experimentou antes?

– Não tive tempo! Eu estava ocupada demais ajudando os gêmeos a achar o Homem Mascarado!

– Será que existe um jeito de deixá-lo mais *simples*?

A criada protestou:

– As costuras são tão apertadas que alterá-lo demoraria horas. Melhor seria se ela andasse nua até o altar.

Chapeuzinho teve uma séria crise de pânico. Começou a andar em círculos e abanar as mãos a fim de secar as lágrimas, para não estragar a maquiagem. Até onde ela sabia, o casamento estava arruinado.

– Será que eu posso ajudar? – disse uma voz familiar.

Todas se viraram e se depararam com Alex. Nenhumas delas tinha reparado no seu surgimento. Clawdius correu para pular na garota – seu tradicional jeito de cumprimentar alguém de quem gostava –, porém Alex agitou a mão, e o lobo parou em pleno ar.

Apesar de suspenso, ele ainda conseguiu lamber a bochecha dela.

– *Alex!* – disse Cachinhos Dourados, dando-lhe um abraço. – Você nos deixou tão preocupados! Graças a Deus que está tudo bem!

– Bem, já estive melhor – disse Alex.

Chapeuzinho pigarreou.

– *Com licença!* – disse, redirecionando a atenção para si. – Alex, é muito bom ver você, mas *eu estou no meio de uma crise de casamento!*

O toque de uma fada cairia bem!

– Acho que você está precisando de mais do que isso – comentou Cachinhos Dourados, rindo.

– *Você vai me ajudar ou não?* – gritou Chapeuzinho.

Ver Chapeuzinho naquele estado fez com que Alex esquecesse os próprios problemas, mas ela estava relutante em ajudá-la.

– Não sei se devo – disse Alex. – Você viu o que eu fiz com o Conselho das Fadas. Meus poderes parecem estar fora de controle: não dá para saber o que eu faria com você.

Chapeuzinho nunca parecera tão desesperada.

– Não ligo se você me transformar numa enorme bola de fogo e trovão. Até *isso* seria melhor do que este vestido.

– Tudo bem, então. – Alex deu de ombros. – Chapeuzinho, eu vou precisar da sua ajuda. Eu entro com a mágica, mas você precisa se concentrar. Pense em como você quer que fique o vestido, pense no que você quer que Froggy veja andando na direção dele até o altar.

Chapeuzinho fez que sim com a cabeça e fechou os olhos. Alex estendeu as mãos para ela, e uma luz começou a espiralar em torno do horrendo vestido. Chapeuzinho se concentrou ao máximo, pensando no vestido de casamento com que sempre sonhara.

– Ah, puxa! – Cachinhos Dourados arquejou, tapando a boca.

– Nunca vi uma coisa tão linda na minha vida! – disse a criada.

Chapeuzinho virou-se de novo para o espelho para ver com os próprios olhos. Ficou chocada ao notar quanto o vestido era lindo.

O tecido era tão macio e fofo que o vestido parecia uma nuvem. Apropriadamente, um *capuz*, que se transformava em uma longa cauda que fluía pelas costas de Chapeuzinho até o chão, havia tomado o lugar do véu. O vestido inteiro cintilava como um céu estrelado.

– Acho que ele só precisa de mais uma coisinha – disse Alex.

Ela estalou os dedos, e, em vez do buquê tradicional, um *cesto* de flores apareceu na mão de Chapeuzinho.

– Estou *linda!* – sussurrou ela. Pela primeira vez naquele dia, seus olhos ficaram cheios de lágrimas de alegria. – Obrigada por ter vindo, Alex! Não sabe

quanto isso significa para mim!

De início, Alex planejara evitar totalmente o casamento de Chapeuzinho, por não querer fazer cena nem provocar mais estragos. Porém, agora, vendo quão feliz Chapeuzinho estava, Alex sentiu vergonha de ter sequer *pensado* em perdê-lo.

– Eu queria poder ver a cerimônia – disse Alex. – Mas provavelmente eu causaria a maior confusão se pisasse no altar.

– Ah, isso não vai ser problema – disse Chapeuzinho. – O órgão não é de verdade, é uma salinha secreta. Mandei construir para o caso de algum dos meus amigos estar fugindo e não querer ser visto.

Alex e Cachinhos Dourados se entreolharam. Elas tinham ouvido direito?

– Você estava *contando* que um de nós estaria fugindo? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Você *é nova por aqui*? – perguntou Chapeuzinho. – Sempre há um de nós encrencado ou fugindo de alguém ou de alguma coisa. Isso é simplesmente um fato no nosso grupo. Eu me precavi, só isso.

Alex e Cachinhos Dourados encararam-na perplexas, mas ao mesmo tempo se divertindo.

– A gente precisa ir andando, Antiga e Futura Majestade – disse a criada.

Clawdius choramingou – ainda estava suspenso no ar. Alex abanou a mão, e ele pousou no chão.

– Desculpe, Clawdius, você fica no castelo até aprender a diferença entre crianças e brinquedos de mastigar – disse Chapeuzinho. – É uma longa história, mas ainda bem que chegamos a tempo.

Chapeuzinho se olhou no espelho pela última vez e dirigiu-se à porta. A criada a ajudou a atravessar o batente, assegurando-se de que o vestido não ficasse preso em nada. Chapeuzinho estava com certa dificuldade para andar naquele vestido, então Cachinhos puxou Alex de lado para deixar a noiva ir na frente.

– Você falou com seu irmão? – perguntou Cachinhos.

– Não quero falar com meu irmão – disse Alex. Ela ainda estava chateada por ele não a ter defendido no Palácio das Fadas.

– Bem, o que ele tem para contar pode surpreender você. Descobrimos algumas informações sobre o Homem Mascarado.

– O que vocês descobriram?

– A poção que ele roubou do Palácio das Fadas foi inventada por sua avó quando seu pai era garoto. Ela transforma qualquer obra escrita num portal para o mundo que essa obra descreve. Sabendo o que ele disse às bruxas, achamos

que ele vai usar a poção para recrutar um exército a partir de uma coleção de livros que pertencia à sua avó.

– *O quê?* – Alex imaginava que a poção fosse poderosa, mas não tinha ideia de que algo assim fosse possível. – Que livros são esses?

– Nós esperávamos que você soubesse. Você consegue pensar em alguma coisa?

Alex se concentrou bastante, mas os únicos livros que a avó tinha, pelo que conseguia se lembrar, eram de encantos.

– Não consigo pensar em nada – disse. – Porém, independentemente de quais livros ele queira, não vamos conseguir detê-lo a menos que saibamos onde ele está.

Cachinhos Dourados concordou com a cabeça e falou: – Vamos encontrá-lo bem mais rápido se trabalharmos juntos de novo.

– Eu sei. Mas, depois do que fiz com o Conselho das Fadas, estou com medo de ficar perto do pessoal. Não conseguiria conviver comigo mesma se eu perdesse o controle e ferisse algum de vocês.

Cachinhos Dourados colocou as mãos nos ombros de Alex e olhou bem nos seus olhos.



– Alex, nos últimos meses, eu tenho sido escrava de hormônios *em fúria*. Em um momento estou arrasada e, no seguinte, ridiculamente feliz. Ou estou simpática demais ou vingativamente rancorosa, mas nunca entre esses dois estados. Ontem, o João me disse que eu estava bonita, e eu dei um *soco* nele.

– Por que você está me dizendo isso?

– Porque eu sei bem como é não conseguir controlar as emo ções. E, se eu chegar ao fim do dia de hoje sem matar a Chapeuzinho, não terei dúvidas de que *você* também pode aprender a se controlar.

A fé de Cachinhos Dourados deixou Alex contente.

– Vou trabalhar nisso.

– *Oiê!* – Chapeuzinho gritou do saguão. – *Vamos lá! Hora do show!*

Alex e Cachinhos deixaram os aposentos de Chapeuzinho e seguiram a feliz noiva pelo corredor.

– Empolgada, Chapeuzinho? – perguntou Alex.

– Francamente, nunca achei que poderia ficar tão feliz. Quem diria que casar-se com um sapo me traria tanta alegria?



Todos os convidados do casamento tinham chegado e tomado seus lugares. Os músicos tocavam uma canção agradável enquanto esperavam (exceto o organista, que não entendia por que o órgão não funcionava). Faltava apenas a noiva para que o casamento começasse.

Froggy estava no altar e parecia bastante ansioso. Cada segundo de espera o deixava mais preocupado, com medo de que Chapeuzinho tivesse mudado de ideia. Ele temia que, a qualquer momento, a criada de Chapeuzinho entrasse correndo no salão e dissesse a todos que a noiva havia desistido.

Todas as famílias reais compareceram para demonstrar apoio a Froggy e Chapeuzinho. Os irmãos de Froggy, o Rei Chance, o Rei Chase e o Rei Chandler, faziam sinal de positivo com os dedões para acalmar os nervos do noivo. As cunhadas, Cinderela, Branca de Neve e Bela Adormecida, lhe sopravam beijos.

A Rainha Rapunzel tinha a longa trança empilhada no colo, pois já derrubara todos os convidados próximos. As pessoas sentadas atrás da Imperatriz Elfina estavam aborrecidas porque a gigantesca coroa de galhos bloqueava sua visão, mas não tinham coragem para pedir que ela a removesse.

A avó de Chapeuzinho e a Velhinha que administrava o Shoe Inn estavam sentadas uma de cada lado da imperatriz, tagarelando sem parar.

– Ouvi dizer que os elfos não costuram tão bem – disse a Vovozinha. – Você devia me deixar ir ao Império dos Elfos para dar aulas de costura. Eu faço todas as roupas da Chapeuzinho desde que ela era criança. O vestido de casamento dela é o melhor que já fiz! Pelo menos, assim eu espero. Perdi meus óculos algumas semanas atrás.

O Conselho das Fadas também estava presente, e Conner evitava ao máximo cruzar olhares com elas. Infelizmente, ele não podia evitar *todos* que gostaria.

– Casamentos são tão românticos. Você não acha, Butterboy?

O corpo inteiro de Conner se enrijeceu ao ouvir aquela voz.

Ele levantou os olhos e viu que Trollbella tinha escolhido o assento mais

próximo dele.

– Isso me lembra daquela vez em que a gente quase se casou – disse Trollbella. – Lembra, Butterboy? Foram os melhores dez minutos da minha vida!

Era uma lembrança que Conner tinha tentado apagar várias vezes.

– Acho que me lembro.

– Claro, naquela época éramos tão jovens, tão tolos. Não tí nhamos maturidade para o casamento.

– Isso foi só dois anos atrás.

– Parece que foi ontem, não é mesmo? Estou tão contente por não termos casado. Nós precisávamos de um tempo separados antes de dar esse passo. Precisávamos viver um pouco e ter mais experiência no amor. Ainda bem que eu já resolvi tudo isso com o Gator. *Que ele descanse no paraíso Duetroll*. Tenho certeza de que você sente a mesma coisa por aquela *garota loira*.

– Você está falando da Bree? A gente não estava *ficando*. Eu não falo com ela há meses.

Ainda que eles não se falassem havia algum tempo, Conner estaria mentindo se dissesse que não pensava sempre em Bree. Na verdade, ela era a única coisa em que realmente *gostava* de pensar ultimamente.

– Engraçado como as *chamas* do amor diminuem rápido – disse Trollbella com um profundo suspiro. – Ainda bem que eu aprendi a diferença entre uma *chama* e um *fogo*. Na época eu não sabia, mas Gator era só uma chama. Para mim, chega de *chamas*, o que eu quero agora é *fogo*.

Ela ergueu os olhos para Conner e bateu as grandes pálpebras.

O estômago de Conner começou a revirar – ele achava que aquilo tudo havia ficado no passado.

– Bem, espero que você encontre seu fogo – disse Conner, dando-lhe um tapinha no ombro. – Com licença.

Ele se afastou dela o mais rápido que conseguiu e se juntou a Froggy na plataforma.

Conner gostaria que Trollbella não tivesse falado de Bree. Se fosse sincero consigo mesmo, talvez admitisse quanto sentia falta dela, mas o garoto ignorava o sentimento sempre que este surgia, receoso de que ele crescesse caso lhe fosse dada atenção.

Conner estava contente com o fato de Bree não estar por perto – ou foi isso que disse a si mesmo. Já a tinha exposto a uma perigosa expedição pela Europa e a um exército de duzentos anos. Onde quer que ela estivesse, estava muito melhor sem ele. O perigo parecia seguir Conner e afetar a todos os que se

associavam a ele.

Sabendo disso, o garoto se perguntou se ele próprio algum dia se casaria. Seria egoísta expor alguém que amava a uma vida tão maluca quanto aquela? Será que alguém voluntariamente trocaria alianças com *ele* sabendo que seria um risco?

Subitamente deu um tapa na própria testa.

– *As alianças!* – sussurrou para si. – *Foi isso que eu esqueci!*

– O que foi? – perguntou João.

– Deixei as alianças na biblioteca.

– Quer que eu vá pegar?

– Não, eu sei onde deixei. Já volto. Sou o pior padrinho do mundo.

Conner saiu correndo da Casa do Progresso e acelerou ensandecidamente na direção do castelo. Era difícil percorrer a aldeia com toda aquela gente nas ruas. A multidão saudava Chapeuzinho enquanto ela passava numa carruagem dourada.

– Droga! – disse Conner. – Vai começar! – Ele correu tão rapidamente quanto era capaz, decidido a levar as alianças de volta a tempo.

A carruagem dourada chegou à Casa do Progresso, e todos os aldeãos reuniram-se nos degraus da frente. Chapeuzinho e Cachinhos Dourados desceram da carruagem, e as pessoas aplaudiram ao ver o vestido de noiva pela primeira vez.

A comoção da multidão na hora em que Chapeuzinho chegasse era a deixa para o casamento começar. O terceiro Porquinho, que presidiria a cerimônia, tomou o seu lugar atrás do púlpito.

João se posicionou nos degraus do tablado logo abaixo de Froggy, promovido a padrinho até que Conner voltasse.

– Aonde o Conner foi? – perguntou Froggy.

– Ao banheiro – disse João. – Ele já volta.

Alex magicamente apareceu na pequena sala dentro do órgão sem que ninguém notasse. Ela se sentia muito grata por Chapeuzinho ter se dado a tanto trabalho. Enquanto olhava, notou que o casamento estava repleto de gente que não queria ver – embora não avistasse o irmão em lugar nenhum.

Cachinhos Dourados caminhou até o altar e tomou seu lugar, de frente para João. Chapeuzinho apareceu na porta em toda a sua glória, e todos no salão se levantaram. Ela come çou a caminhar em direção ao púlpito, e as portas se fecharam atrás dela. Chapeuzinho andava tão delicadamente que parecia flutuar.

Quando viu Chapeuzinho, Froggy teve a sensação de que o tempo tinha parado. Esqueceu onde estava e como chegara ali. No que lhe dizia respeito, ela

era a única coisa que existia. Ele nunca tinha visto nada tão bonito, e seus enormes olhos brilhosos ficaram ainda mais brilhosos.

Chapeuzinho precisou lembrar a si mesma de respirar enquanto caminhava. Ela não estava acreditando que aquele momento havia finalmente chegado. O casamento parecia absolutamente perfeito; o mundo parecia estar em perfeita ordem.

– Podem se sentar – o terceiro Porquinho falou quando Chapeuzinho chegou ao púlpito. Ele fez um pequeno discurso de abertura, provocando alguns risos nos convidados.

Chapeuzinho e Froggy só tinham olhos um para o outro e não ouviram uma palavra sequer.

João ficava cada vez mais preocupado à medida que a cerimô nia prosseguia. Conner ainda não tinha aparecido.

– *Qual é o problema?* – Cachinhos Dourados sussurrou.

– *Estou sem as alianças* – João sussurrou em resposta.

– E agora é hora das alianças – o terceiro Porquinho anunciou aos convidados.

Cachinhos Dourados virou-se para o órgão e apontou para o dedo.

– *Alianças* – sussurrou, na esperança de que Alex a ouvisse.

Para alívio de João, duas alianças cintilantes magicamente apareceram em sua mão. Ele deu uma a Froggy e outra a Chapeuzinho, que não enxergavam nada além um do outro e não tinham notado que havia alguma coisa errada.

A solução rápida não passou inteiramente despercebida, no entanto. Emerelda olhou desconfiada para os anéis – ela sabia que Alex estava por perto. Olhou em volta do salão à procura do esconderijo.

– *Saia já daqui* – Cachinhos Dourados sussurrou para o órgão.

Alex queria presenciar a cerimônia inteira, mas sabia que era melhor ir em paz enquanto ainda podia. Ela fitou os amigos pela última vez e silenciosamente desapareceu no ar.

– Com esta aliança, eu me torno seu marido – disse Froggy, colocando o anel no dedo de Chapeuzinho.

– Com esta aliança, eu me torno sua esposa – disse Chapeuzinho, fazendo o mesmo.

– Rei Charlie Encantado, você aceita Chapeuzinho Vermelho como sua esposa e rainha enquanto os dois viverem? – perguntou o terceiro Porquinho.

– Sim – disse Froggy. Ele estava tão emotivo que deixou escapar uma coaxada.

– Chapeuzinho Vermelho, você aceita Charlie Encantado como marido e rei

enquanto os dois viverem?

– Sim – disse Chapeuzinho. – E depois disso também.

Seus corações transbordavam com tanta alegria que poderiam ter inundado a Casa do Progresso. Não havia um olho seco no salão. Todos os casais presentes apertaram um pouco mais as mãos.

– Assim, a menos que haja qualquer objeção, eu vos proclamo…

BAM! As portas se abriram com um *flash* ofuscante. Uma lufada de vento soprou pelo salão, derrubando os vasos e as colunas. Os convidados gritaram e cobriram a cabeça.

Uma criatura com chifres entrou no salão e caminhou calmamente na direção do altar. Quando ela se aproximou da plataforma, Froggy e Chapeuzinho perceberam que não era um animal, mas *uma mulher*.

– Perdoem a intromissão, mas *eu tenho uma objeção* – disse Morina com um sorriso ameaçador.

O salão irrompeu numa onda de cochichos. Ninguém sabia o que ou quem era aquela mulher.

– *Como você ousa?* – disse Froggy. – *Quem é você?*

– Não me reconhece, Charlie? – disse Morina, franzindo o rosto com desfaçatez. – Depois de tudo o que passamos juntos?

Ainda que ela própria não tivesse chifres, Chapeuzinho estava prestes a partir para cima da intrusa.

– Charlie, você conhece essa mulher? – perguntou.

Froggy buscava na memória, mas não se lembrou de nenhum momento em que seus caminhos tivessem se cruzado.

– Eu nunca a vi antes. *Identifique-se, mulher!*

Morina riu tão alto que o salão vibrou com o eco.

– Ora, eu sou sua *noiva*. A sua *outra* noiva.

O salão inteiro explodiu em vaias e assobios. Ninguém estava acreditando que aquela mulher tivera a coragem de interromper um casamento e proclamar uma mentira de tanto mau gosto.

Todos sentiram-se ultrajados, exceto Froggy. Ele ficou duro como pedra, e sua tez ficou verdeclara. Afinal, ele sabia quem era ela, porém até então achava que jamais voltaria a vê-la.

– *Morina…* – disse ele. – *Você mudou…*

A bruxa adorou ver quão afetado ele ficou com sua transformação.

– Já faz bastante tempo. Você, por outro lado, está exatamente como o deixei.

Temendo o pior, Chapeuzinho tomou a mão de Froggy.

– Charlie, do que ela está falando?

Froggy tremia como se estivesse vendo um fantasma.

– Faz anos que eu não a vejo – ele disse. – Ela foi o meu primeiro amor, mas fiquei com medo do que a minha família pensaria se descobrisse que eu estava cortejando uma bruxa e, por isso, terminei com ela. Ela estava convencida de que eu tinha terminado por causa de sua aparência na época, ainda que eu jurasse que a aparência dela não era o problema, e me amaldiçoou, transformando-me em um sapo, para que eu sentisse vergonha de mostrar o *meu* rosto a eles.

Chapeuzinho teve a sensação de que ia vomitar. Os reis Encantados levantaram-se ao mesmo tempo.

– Guardas! – gritou o Rei Chance. – *Prendam essa mulher! É uma criminosa!*

– Ah, sentem-se! – disse Morina, e, a um movimento de seu dedo, cada um dos Encantados foi forçado a sentar contra a vontade.

– Vocês não têm provas de que fui eu a bruxa que fez isso com ele.

Ainda que *soe como* algo que eu faria.

– Por que você está aqui, Morina? – perguntou Froggy. – O que você quer?

– Não é óbvio? Decidi que quero você de volta. Senti tanto a sua falta nesses anos todos. Por que outro motivo eu interromperia o seu casamento de um jeito tão deselegante?

– *Só por cima do meu cadáver!* – gritou Chapeuzinho, colocando-se entre Morina e Froggy.

A bruxa revirou os olhos diante do gesto afetuoso.

– Isso é fácil de resolver – disse. – Você tem duas opções, Charlie. Venha comigo agora, de volta para a vida que começamos tanto tempo atrás, *ou* fique e me veja amaldiçoar a sua noiva com um destino bem pior do que o seu. A escolha é sua.

O Conselho das Fadas pôs-se de pé diante da ameaça.

– Se você sequer *tentar* amaldiçoar alguém, nós a levaremos pessoalmente para a Prisão Pinóquio – disse Emerelda.

– Relaxem, eu ainda não fiz nada ilegal – disse Morina. – Só depende do Charlie. Então, como vai ser?

O salão não respirava. Froggy não sabia o que fazer ou dizer. A bruxa tinha um efeito paralisante sobre ele.

– Tudo bem – disse Froggy, a mandíbula trêmula.

O salão arquejou. Morina riu e bateu palmas.

– *O quê?* – gritou Chapeuzinho. – Charlie, você não está falando sério. Eu não vou deixá-lo ir!

– Eu tenho de ir, meu amor. Não vou permitir que ela lhe faça mal.

Chapeuzinho colocou as mãos no rosto de Froggy, lágrimas corriam pelo dela.

– Ela que me amaldiçoe, eu não ligo. Maldição nenhuma no mundo seria pior do que viver sem você!

– Chapeuzinho, ela é muito mais poderosa do que parece. Este é o único jeito de proteger você.

– Ela não passa de um bode de batom! Eu encaro! *Não vou deixar que ela tire você de mim!*

– Sinto muito, meu amor – disse ele com lágrimas nos olhos. – Eu preciso ir… Preciso…

Chapeuzinho segurou-o com toda a força. Froggy beijou a testa dela, afastou-a e juntou-se a Morina. A bruxa deu-lhe o braço, e eles se dirigiram ao portão.

Lágrimas jorravam dos olhos de Chapeuzinho como se eles fossem uma fonte.

– Emerelda, faça alguma coisa! – implorou ela. – Você não pode deixá-la fazer isso!

– Ela não fez nada – disse Emerelda. – Ele está indo embora por vontade própria.

– ALGUÉM FAÇA ALGUMA COISA! – gritou Chapeuzinho, histérica. – POR FAVOR, ESTOU IMPLORANDO! ALGUÉM O SEGURE!

Todos no salão se entreolhavam desesperados, mas não havia nada a fazer. Como ninguém a ajudou, Chapeuzinho correu atrás de Froggy, porém tropeçou no vestido e caiu no chão.

– CHARLIE, ESPERE! VOLTE! VOLTE, POR FAVOR!

Chapeuzinho rastejou atrás dele, mas Froggy nem olhou para trás. Ele e Morina chegaram à porta e desapareceram num sopro de fumaça escura.

Chapeuzinho deitou-se no chão e chorou histericamente. Cachinhos Dourados correu até ela e se ajoelhou a seu lado. Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida e Vovozinha imitaram Cachinhos Dourados, mas Chapeuzinho estava inconsolável.

Os irmãos Encantados se aproximaram.

– Vamos encontrá-lo, Chapeuzinho – disse Chase.

– Não vamos deixar essa bruxa levar nosso irmão outra vez – disse Chandler.

– *Mas dessa vez ela não o levou…* – Chapeuzinho chorou. – *Ele me deixou… Ele me deixou no dia do nosso casamento…* – Chapeuzinho estava tão arrasada

que começou a delirar: – *Isso é um sonho, Cachinhos? Por favor, me diga que é um sonho…*

Cachinhos Dourados não tinha palavras para consolá-la. Chapeuzinho pousou a cabeça no colo de Cachinhos e chorou até adormecer. Sem nada mais para ver e sem ter como ajudar, as fadas do Conselho foram embora uma de cada vez. Os demais convidados, em fila, também se retiraram da Casa do Progresso.

– O que aconteceu com o Butterboy? – Trollbella perguntou enquanto saía com as outras pessoas.

João olhou em volta do salão, mas não havia sinal de Conner.

– Vou procurar Conner – ele disse a Cachinhos Dourados. – Deve ter acontecido alguma coisa com ele.

Ele deixou a Casa do Progresso com pressa. Do lado de fora, a multidão ansiosa, sem saber o que tinha acontecido, celebrava toda vez que alguém saía, esperando que o rei e a rainha recém-casados aparecessem a qualquer momento.

João se esgueirou entre os aldeãos e refez o que presumiu que teria sido o trajeto de Conner para pegar as alianças. Ele percorreu todo o caminho até o castelo, e nada do garoto. Assim que pisou na biblioteca, entretanto, João descobriu que seu instinto estava certo.

Toda a mobília tinha sido revirada, os quadros estavam tortos.

As janelas estavam quebradas, assim como a maior parte das prateleiras. O chão estava coberto de livros e vidro.

– *Conner!* – João gritou.

Ele ouviu grunhidos e encontrou Conner caído num canto, em posição fetal. Ele tinha um olho roxo e um lábio estourado e apertava a própria barriga. João delicadamente o ajudou a sentar.

– Conner, o que diabos aconteceu? Quem fez isso com você?

Conner ainda estava abalado e tinha dificuldades para falar.

– Ele esteve aqui…

– Quem?

– O Homem Mascarado. Quando voltei para pegar as alian ças… Ele estava na biblioteca… Estava roubando livros… Tentei segurá-lo… Mas ele me venceu… – Conner ergueu o braço e mostrou a João um saco que segurava com força numa das mãos. Tinha conseguido pegar a máscara do Homem Mascarado. – Eu vi o rosto dele… Alex tinha razão o tempo todo… *É o nosso pai!*



CAPÍTULO 9

A mariposa das memórias

Alex estava parada no parapeito de uma janela tão grande que um navio poderia passar por ela. A jovem fada tinha escolhido ocupar aquele quarto no castelo do gigante exatamente por causa dessa janela e da bela vista das estrelas que ela proporcionava à noite.

Era também o quarto mais distante do da Mamãe Ganso e o único lugar de onde não se escutava seu ronco.

Toda noite, Alex fitava as estrelas e fazia de conta que estava conversando com a avó. O castelo ficava acima das nuvens, o que dava à jovem fada uma visão desimpedida da lua e das constelações. Onde quer que a avó estivesse, Alex se sentia bem mais perto dela ali.

– Você disse que as fadas não morrem e que você sempre estaria conosco – Alex falou. – Então, se é assim, por favor, me mande um sinal de que está aí. Por favor, me mande alguma coisa que mostre que não estou tão sozinha quanto me sinto.

Era um pedido que Alex fazia à avó toda noite, e toda noite ela esperava por uma resposta. Por fim, acabava ficando cansada demais para se aguentar em pé e se arrastava de volta para a cama do gigante, do tamanho de um campo de futebol, para tentar dormir. Contudo, nessa noite, Alex não se cansou e, quanto mais esperava por uma resposta, mais raiva sentia.

– O mundo inteiro acha que eu perdi a cabeça, vovó – disse ela ao céu. – E eu não posso culpar ninguém. Perdi o controle dos meus poderes e estou obcecada por encontrar um homem que eu acho que é meu pai. Seria muito mais fácil se eu também acreditasse que estou louca. Por que não consigo fazer isso? Por que tenho tanta certeza do que vi? Estou implorando: por favor, me mande alguma coisa para me dar alguma clareza. Eu detesto me sentir desse jeito.

Felizmente para Alex, alguém a estava ouvindo nessa noite. Quando ela estava prestes a desistir e ir para a cama, algo entre as estrelas chamou sua atenção. Era brilhante e ficava cada vez mais brilhante conforme ela observava.

Se estivesse no Outromundo, Alex teria presumido se tratar de um avião; aqui, ela não tinha ideia do que vinha em sua direção.

Logo, viu que o objeto tinha asas, não como as de um pássaro ou de uma fada, mas como as de um inseto. Era uma mariposa gigante, proporcional ao tamanho

do castelo, toda feita de luz branca.

A mariposa pousou no parapeito, ao lado de Alex. A garota não tinha motivo para confiar na mariposa, mas, por alguma razão, sabia que ela não lhe faria mal.

– De onde você é? – Alex perguntou.

A mariposa olhou para as estrelas.

– Foi a minha avó que mandou você?

A mariposa sacudiu as antenas penadas, e Alex considerou o gesto como um *sim*.

– Por que ela te mandou?

A mariposa baixou as asas e as posicionou paralelamente ao parapeito. Ainda que o inseto gigante não tivesse dito uma só palavra, Alex soube exatamente o que estava dizendo.

– Você quer que eu suba nas suas costas?

A mariposa permaneceu imóvel – Alex entendeu isso como outro *sim* . Ela não estava segura de que fosse possível montá-la, mas, quando passou a mão na asa da mariposa, percebeu que, apesar de ser feita de luz, era sólida como a asa de uma mariposa de verdade. Alex subiu nas costas da mariposa, e elas voaram para o céu da noite, deixando para trás o castelo do gigante.

A mariposa deslizava pelo ar fresco da noite e atravessava as nuvens. Quando passou a voar abaixo delas, o mundo inteiro dos contos de fadas se descortinou aos olhos de Alex.

– Aonde estamos indo? – ela perguntou, porém a mariposa não deu nenhuma indicação.

Estava escuro, mas, a julgar pelo que conseguia ver, Alex supôs que a mariposa estivesse descendo em algum lugar entre o Reino das Fadas e o Reino Encantado. Elas pousaram no meio de uma floresta. Não havia nada de muito especial naquela parte da floresta, fora o leito seco de um rio e alguns tocos de árvore.

A mariposa subitamente dividiu-se em uma dúzia de orbes, que se dispersaram pela floresta. Alguns dos orbes voaram para os tocos e se transformaram na parte faltante das árvores. Outros viraram água e correram pelo leito seco do rio. Era como se eles tivessem virado hologramas para mostrar como a floresta fora um dia.

Os dois orbes remanescentes voaram mais longe na floresta e viraram a silhueta de uma mulher e a de um garoto. Eles andaram de mãos dadas até onde Alex estava. O garoto lembrava-lhe muito Conner quando era mais novo, e a mulher parecia uma versão mais jovem da avó.

– Meu Deus! – disse Alex, olhando em volta da floresta. – Isto é uma *memória*. Estes são a vovó e o papai.

O pai e a avó caminhavam e conversavam. As vozes soavam saturadas, como se pertencessem a uma gravação antiga.

– Mãe, por que você está me levando para a floresta? – questionou o menino. – Você sabe que eu detesto sair de casa.

– Porque o ar fresco lhe faz bem – disse a Fada Madrinha.

– Não sei como pode fazer bem com tantos insetos. Preferia que você me deixasse em casa.

Era uma criança muito rancorosa e infeliz – nem um pouco parecida com a que Alex havia imaginado. Durante a vida inteira, os gêmeos ouviram falar de como o pai fora aventureiro e cheio de energia quando menino. Porém, a criança que Alex observava agora não poderia ser mais diferente disso. Será que ela estava vendo a memória de uma época difícil?

– Eu queria lhe mostrar uma coisa que achei outro dia, quando estava caminhando – disse a Fada Madrinha. Ela colocou as mãos nos ombros dele e posicionou-o diante de uma árvore. – Está vendo esse buraco enorme na árvore? Aí dentro tem um ninho de esquilos.

– Fascinante – disse o menino, revirando os olhos. – A gente já pode voltar pra casa?

– Ainda não, quero que você veja. Da última vez em que estive aqui, uma mãe esquilo tinha acabado de dar à luz dois filhotes.

Um dos filhotes tinha garras muito afiadas e ficava se arranhando e arranhando todos os irmãos, então a mãe roeu as garras dele.

– Por que ela cometeria essa barbaridade?

– Porque ela estava tentando protegê-lo e também tentando impedir que ele machucasse os outros filhotes. Talvez isso faça com que seja mais difícil para o esquilo subir em árvores e defender-se depois, mas a mãe fez o que tinha de fazer. Todas as mães precisam tomar decisões difíceis a respeito dos filhos; faz parte da natureza. Por que você não dá uma olhada para ver como eles cresceram?

A Fada Madrinha o empurrou de leve na direção da árvore. O menino olhou lá dentro com relutância.

– Está vazia, mãe, não vejo nada. Talvez uma coruja tenha atacado o ninho e comido todos os filhotes durante a noite. *Isso,* sim, eu gostaria de ter visto.

O garoto virou-se de novo e viu a mãe apontando a varinha para ele. *POW!* Cordas saíram da ponta da varinha e amarraram o garoto à árvore. Ele gritou e

lutou contra elas, mas estava preso.

– *Mãe, o que é isso? Me deixe sair!*

– Eu sinto tanto, meu amor… – A Fada Madrinha tinha lágrimas nos olhos. – Essa vai ser a coisa mais difícil que farei na vida, mas não tenho escolha.

– *Do que você está falando? O que está fazendo comigo?*

– Eu sei com o que você sonha quando dorme. Sei que o maior desejo do seu coração é crescer e dominar o mundo, mas não posso deixá-lo usar a sua mágica para machucar ou matar qualquer pessoa. Assim, eu preciso *roer as suas unhas*. Preciso matar a sua má gica.

– *Não, mãe! Não faça isso! Por favor!*

A Fada Madrinha apontou a varinha de novo para ele e o acertou com um forte jato de luz. Alguns momentos depois, uma cintilante silhueta exatamente com o formato do garoto saiu de seu corpo. A Fada Madrinha agitou a varinha, e correntes envolveram a silhueta. Ela a arrastou para dentro do rio e a segurou sob a água.

A silhueta se contorceu e se convulsionou, espalhando água para todo lado, enquanto a Fada Madrinha a afogava. Foi algo mais difícil de fazer do que a Fada Madrinha imaginara, e ela fechou os olhos. Pouco a pouco, a silhueta desvaneceu na água, até desaparecer por completo.

Tanto a Fada Madrinha quanto o filho choravam, mas por razões muito diferentes. Alex também tinha um nó na garganta: havia sido uma das coisas mais tristes que ela jamais testemunhara.

Aquela memória não podia ser real – devia ser o pesadelo de alguém. Porém, por que a avó estava lhe mostrando isso?

– Um dia, você me perdoará – disse a Fada Madrinha, saindo do rio.

– *Eu nunca vou perdoar você! Vou odiá-la até você morrer!*

Ele a encarava com tanto ódio que era indiscutível que estava dizendo a verdade. O garoto nunca voltaria a amá-la.

– A decisão é sua – a Fada Madrinha falou. – Mas, ainda que você me odeie, eu nunca vou deixar de amá-lo, Lloyd.

Alex sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

– *Lloyd?* – disse ela.

– Você nunca teria feito isso com o John! – Lloyd gritou. – Você sempre vai gostar mais dele… Sempre…

As árvores, o rio, a Fada Madrinha, o filho dela, tudo o que os orbes projetavam desapareceu, deixando Alex sozinha na floresta. Estava tudo tão parado e tão quieto agora que Alex ouvia as batidas do próprio coração. O

espírito da avó mostrara-lhe mais do que ela tinha pedido.

– Então, *era mesmo* uma memória. O papai tinha um *irmão!*



CAPÍTULO 10

Compensando as coisas

Na manhã seguinte, Alex ainda estava na floresta para onde a mariposa a levara. Ela sentou num toco de árvore e fitou o leito seco do rio. Os acontecimentos que tinham tido lugar ali algumas décadas antes repetiam-se ininterruptamente em sua cabeça. Alex estava tão concentrada neles que nem sequer notara que o sol havia nascido.

Por meses, ela se torturara com teorias para validar o que tinha visto no Palácio das Fadas. Todos os dias, passava horas tentando entender como seu maravilhoso pai havia virado um monstro daqueles e estado em dois lugares ao mesmo tempo. E, ainda que a verdade não lhe houvesse trazido alegria nenhuma, era a melhor resposta pela qual ela podia ter esperado: o Homem Mascarado não era seu pai, e tampouco ela tinha tido uma alucinação.

Alex e Conner tinham um tio – um *tio Lloyd*, para ser preciso. E, com base no pouco que sabia dele, ela não podia culpar o pai ou a avó por terem feito segredo a seu respeito.

Estava muito ansiosa para contar ao irmão o que descobrira. Agora que confirmara que sua sanidade estava intacta, era muito mais fácil perdoar o irmão por não ter acreditado nela. Talvez ela tivesse esperado demais dele. Se fosse o contrário, se Conner tives se afirmado ter visto o pai voltar dos mortos, ela provavelmente o teria tratado exatamente como ele a tratara.

Alex estava ansiosa por se reunir aos amigos. Cachinhos Dourados estava certa: eles trabalhavam muito melhor juntos. E, agora que a jovem fada tinha as respostas que tanto buscara, não estava tão preocupada quanto antes com a possibilidade de ser tomada por suas emoções.

Um som de galope veio de algum lugar atrás dela na floresta.

Ela se virou e viu ao longe um unicórnio rechonchudo com um chifre quebrado.

– Cornelius? – disse Alex. – É você?

Ela teve certeza de que era sua antiga montaria – quantos unicórnios desajustados haveria no mundo? Cornelius pulou empolgado ao vê-la, mas depois correu na direção oposta.

– Bem, isso foi esquisito.

Alguns minutos depois, Cornelius voltou correndo, galopando mais rápido do

que qualquer cavalo. O unicórnio não estava sozinho. Um rapaz muito bonito, com cabelo descuidados, vinha montado nele.

– Rook? – disse Alex. – O que você está fazendo com Cornelius?

Ele era a última pessoa com quem ela esperava esbarrar na floresta. Rook estava transbordando de alegria por encontrá-la.

– Alex! Cornelius e eu a procuramos *por toda parte*!

Ela sabia por que o resto do mundo estava procurando por ela; já as motivações de Rook eram um mistério.

– Por quê?

– Longa história… Mas estamos seguindo o Homem Mascarado! Sabemos onde ele se esconde!

O coração de Alex começou a bater mais forte. Ela rezou para que ele não estivesse errado.

– Nós o procuramos por meses! Como vocês o encontraram?

– Cornelius e eu estamos na pista dele. Imaginamos que não faria mal ter mais dois homens dedicados a isso. Nós não íamos incomodar você e seu irmão, a menos que encontrássemos alguma coisa que valesse a pena. Alguns dias atrás, o vimos correndo pela Floresta dos Anões! Nós o seguimos e encontramos a *caverna* onde ele está morando!

– Rook, que incrível! Onde fica essa caverna?

– A noroeste, entre o Império dos Elfos e o Reino do Norte. – Ele pegou um papel dobrado que estava guardado na bota e o entregou a ela. – Aqui. Um mapa com a localização.

Alex deu uma olhada. Rook tinha marcado o local exato nas Montanhas do Norte onde ficava a caverna.

– Há outra coisa que você deveria saber – disse Rook, adotando um tom muito mais sério. – Examinamos a caverna ontem para ter certeza de que ele não tinha se mudado. A máscara havia sumido, mas ele estava com uma enorme bolsa cheia de livros. Ele tirou um por um da bolsa, abriu-os no chão e verteu um líquido estranho de uma garrafa azul. O líquido fez os livros brilharem, *e aí ele desapareceu dentro deles*.

– Com que tipo de livros ele fez isso? – perguntou Alex, ansiosa. Ele devia ter encontrado a coleção que estava procurando.

Rook fechou um olho enquanto tentava lembrar.

– Eram títulos muito peculiares. Eu nunca tinha ouvido falar deles – disse. – O primeiro se chamava *Vinte mil léguas submarinas*. Ele passou algumas horas dentro desse e depois voltou totalmente encharcado. Um tentáculo gigante saiu

atrás dele e tentou puxá-lo de volta, mas ele conseguiu fechar o livro a tempo, e o tentáculo foi embora. O segundo se chamava *Mogli, o Menino Lobo* , e ele ficou dentro desse só alguns minutos, antes de rastejar para fora com o corpo todo arranhado.

Alex tapou a boca. Ela nunca imaginara que o Homem Mascarado estivesse atrás de literatura do *Outromundo* . Não era de admirar que ele tivesse tido tanta dificuldade para achar a coleção.

– O terceiro livro era sobre um incrível feiticeiro ou algo assim – disse Rook. – De um lugar com duas letras. Acho que começava com *O*.

– Você está falando de Oz? Ele entrou em *O Mágico de Oz*?

– Sim! Esse mesmo!

– E quanto tempo ele ficou lá dentro?

– Até onde eu sei, ele ainda está lá. Ele entrou algumas horas antes do amanhecer. Levou o saco inteiro de livros junto. Cornelius e eu passamos a manhã toda atrás de você. Não queríamos fazer nada antes de encontrá-la. Foi um milagre que a tenhamos achado!

Alex estava tão fascinada que tremia.

– Preciso encontrar meu irmão! Muito obrigada mesmo, Rook!

Ela lhe deu um forte abraço e um beijo no rosto – mas, assim que fez isso, arrependeu-se. Afastou-se do garoto, que corou. Foi uma atitude insensível, dado o histórico dos dois.

– Você podia ter morrido – disse ela. – Por que correr esse risco indo atrás dele?

Rook teve vergonha de dizer, mas se forçou a fazê-lo: – Só estou tentando compensar por tê-la magoado. Nunca vou deixar de gostar de você, Alex.

Alex apreciou a atitude dele, mas isso não mudava o que sentia a respeito do garoto. Durante a guerra com a Grande Armée, Rook conscientemente colocara o mundo em risco para salvar àqueles que amava. Ela entendia que ele fora colocado numa situa ção terrível e simplesmente fizera o que lhe parecera certo, mas ainda era difícil perdoá-lo.

Infelizmente, o mundo de Alex era repleto de situações terríveis e difíceis, e ela precisava confiar cegamente em qualquer pessoa que se aproximasse. E, exatamente como Conner, Alex achava que jamais encontraria alguém com quem se sentiria confortável o bastante para compartilhar seu fardo.

– Bem, não perca mais tempo por minha causa – disse Rook.

– Vá atrás do seu irmão.

Alex deu um abraço em Cornelius e deixou a floresta. Ela partiu para o Reino

do Centro na esperança de que seu irmão e seus amigos ainda estivessem lá.



Conner estava deitado em um dos quartos de hóspede do castelo do Reino do Centro. A seu lado, Hagetta incendiava os ferimentos dele com as chamas de seu fogo curativo. Cachinhos Dourados e João estavam ao lado da cama, muito intrigados com o processo.

– Obrigado por ter vindo, Hagetta – disse Conner. – Com certeza, isso é muito melhor do que esperar tudo sarar naturalmente.

– Se ao menos também servisse para curar as feridas do cora ção... – devaneou Hagetta. – Como está Chapeuzinho?

Cachinhos Dourados suspirou.

– Ela não come nem sai do quarto.

– Pelo menos, como boa notícia, o reino ficou com tanta pena de Chapeuzinho que a reelegeu rainha na ausência de Froggy – João falou.

– Não acredito que ele a largou no altar – disse Conner. – Não parece algo que o Froggy faria.

– Ele superou a maldição, mas não o feitiço que ela lançou sobre ele – Hagetta observou. – Detesto dizer, mas ele fez a coisa certa. Morina é muito poderosa, conhecida por guardar rancor. Ele provavelmente salvou a vida da Chapeuzinho ao partir com a bruxa.

Ela aproximou um bastão incandescente do olho roxo de Conner, que segurou a mão dela.

– Eu meio que gostaria de ficar com esse. Ele me deixa com cara de durão.

Hagetta aplicou as chamas mesmo assim, e o roxo desapareceu em poucos segundos. Ela deu uma última olhada nos ferimentos de Conner e balançou a cabeça.

– Não sei que tipo de pai faria isso com o próprio filho.

– Você tem certeza de que o Homem Mascarado é seu pai? – João perguntou.

Conner fez que sim com a cabeça.

– Estou com tanta vergonha de mim mesmo. Conheço Alex melhor do que qualquer pessoa. Claro que ela estava dizendo a verdade! Ela mesma não teria acreditado se não tivesse certeza absoluta do que viu. Eu devia tê-la apoiado.

Que espécie de irmão eu sou?

Houve um forte *flash*, e Alex apareceu no quarto. Todos se assustaram; Conner quase caiu da cama.

– Não sei quando você aprendeu a fazer isso, mas eu preferia que não fizesse nunca mais! – ele gritou. – Espere… *Alex!* Você está *aqui!* Graças a Deus, nós temos tanta coisa pra contar!

Alex ficou contente por ter encontrado Conner e os amigos juntos.

– E eu tenho tanta coisa para contar a vocês! Onde estão Froggy e Chapeuzinho? Eles foram para a lua de mel?

Os amigos trocaram olhares deprimidos, e Alex percebeu que havia algo terrivelmente errado.

– Conner, você está *ferido* – ela disse, reparando nos curativos de chamas que cobriam o corpo do irmão. – O que houve?

Cachinhos Dourados deu-lhe as más notícias:

– Logo depois que você saiu, uma bruxa chamada Morina entrou no casamento e ameaçou amaldiçoar Chapeuzinho caso Froggy não partisse com ela.

– *O quê?* – disse Alex. – Mas *por quê?* Que bruxa é essa?

– É a bruxa que jogou uma maldição em Froggy e o transformou em sapo, muitos anos atrás – disse Hagetta. – Ela deve ter ficado furiosa por ele ter encontrado a felicidade apesar da aparência de sapo, algo que ela jamais conseguiu.

– Mas o Conselho das Fadas estava lá. Por que nenhuma delas tentou impedi-la? – perguntou Alex.

– Os reis Encantados tentaram, mas Froggy não estava sendo *raptado* – João explicou. – Não havia nada que pudesse ser feito.

Ele foi embora por vontade própria, para proteger Chapeuzinho.

Alex não estava acreditando que havia perdido tudo isso, mas ficou aliviada por ter saído do casamento no momento certo. Se tivesse ficado, com certeza teria perdido o controle de si própria e feito alguma coisa de que se arrependeria depois.

– Conner, por favor, me diga que você se machucou brigando para expulsar essa bruxa – disse ela.

– Ah, fique tranquila, a história só melhora – Conner falou com sarcasmo. – Enquanto tudo isso acontecia, eu voltei ao castelo porque tinha esquecido as alianças. Peguei o Homem Mascarado… *Pois é, lembra dele?* Então, eu o peguei roubando livros da biblioteca! Tentei segurá-lo, mas ele me atacou. Arranquei

sua máscara antes de ele escapar e vi seu rosto. Você tinha razão, Alex. É o papai! Sinto tanto por não ter acreditado em você.

Alex olhou desconfortável de um lado para o outro.

– Ahn… não. Eu estava errada.

– Não, Alex, tudo bem! – disse Conner. – Todos sabemos que você não está maluca nem confusa! Nós acreditamos em você. Eu o vi com os meus próprios olhos! O papai está vivo e fazendo muito estrago no mundo dos contos de fadas! Foi culpa minha não ter acreditado em você desde o começo… *Por que você está me olhando assim?*

Ela não parecia nem um pouco aliviada, como Conner imaginara que ficaria. Em vez disso, Alex balançava a cabeça para cima e para baixo, impaciente, esperando que ele parasse de pedir desculpas.

– Antes de tudo, obrigada pela confiança. Isso me deixa feliz – disse ela. – Mas eu estava errada. O Homem Mascarado não é o papai: *é o irmão do papai!* Acabei de descobrir!

Conner ergueu uma sobrancelha.

– Quem te disse isso?

– Bem... – começou Alex, sem saber como descrever sua experiência. – Ahn… Foi uma *mariposa*.

Conner a fitou com olhos semicerrados e a boca aberta. Ele esperava uma resposta bem melhor do que essa.

– Uma *mariposa*?

– Pois é, mas não era uma mariposa qualquer, ela mais parecia um anjo.

– *Uma mariposa angélica?*

– Bem, ela veio de algum lugar das estrelas. Acho que foi a vo-vó quem a enviou.

– *A vovó mandou uma mariposa angélica do espaço sideral?*

– Mais ou menos! Enfim, a mariposa me levou para uma floresta e então se transformou em um monte de orbes que recriaram uma memória. Pare de me olhar assim, Conner! O que estou querendo dizer é que o Homem Mascarado não é o nosso pai!

Os outros passavam o olhar de um gêmeo ao outro como se estivessem assistindo a uma partida de tênis. Era a conversa mais absurda que já tinham ouvido.

– Pessoal – disse Conner. – Retiro tudo o que eu disse antes. Acho que Alex perdeu a cabeça e devo ser o próximo.

– Espere aí – disse Alex, cruzando os braços. – Você acabou de dizer que

devia ter acreditado em mim desde o começo! Por que não acredita em mim agora?

– Porque o que você falou parece ridículo – disse ele.

Alex fechou os olhos e cerrou os punhos.

– Conner, quem se importa com a maneira como eu descobri?

O Homem Mascarado é na verdade o tio Lloyd! A vovó teve dois filhos!

– JÁ ERA HORA DE VOCÊS TEREM DESCOBERTO! – gritou uma voz que não pertencia a ninguém no quarto.

Mamãe Ganso apareceu de repente do lado de fora da janela, montada em Lester. O ganso abriu a janela com o bico, e os dois voaram para dentro do aposento, pousando com um baque seco.

– Alex está certa, Conner – Mamãe Ganso falou enquanto desmontava de Lester. – Vocês não têm ideia de quanto esperei que entendessem tudo!

– Você sabia disso o tempo todo? – perguntou Alex.

– Antes de morrer, sua avó me pediu que não contasse a vocês. Eu jurei que guardaria segredo. Essa é uma das razões por que me afastei! Eu sabia que, se ficasse andando com vocês durante sua busca pelo Homem Mascarado, acabaria revelando o que sabia. Ainda bem que agora está tudo esclarecido!

Os gêmeos quiseram torcer o pescoço dela por, *mais uma vez,* ter escondido informações, mas os dois sabiam que Mamãe Ganso dava valor demais à sua amizade com a avó deles para quebrar a promessa que lhe fizera.

– Alguém mais sabe do nosso tio? – perguntou Alex. – Quer dizer, o Conselho das Fadas deve saber que a vovó teve dois filhos.

– Bem, é complicado – disse Mamãe Ganso. – Quando Lloyd era adolescente, ele fugiu do Palácio das Fadas, e sua avó disse ao conselho que ele tinha morrido. Ela até encenou um funeral, ao qual o Conselho compareceu. Ela só o viu de novo anos depois, na *primeira vez* em que ele invadiu o palácio para roubar a poção. A Fada Madrinha tinha recebido uma carta anônima avisando que ele o faria; por isso, estava à espera dele. Graças ao Salão dos Sonhos, ela sabia o que ele planejava fazer com a poção, então o condenou à prisão perpétua na Prisão Pinóquio. Foi *ela* quem lhe deu a máscara que ele usa, para que ninguém nunca soubesse que era seu filho.

A história do Homem Mascarado ficava cada vez mais complicada, e havia muitas coisas que eles ainda não sabiam.

– Mamãe Ganso, você sabe onde é o esconderijo dele? – perguntou João.

– Eu, não, mas a Alex sabe. O antigo *peguete* dela a encontrou na floresta e contou que descobriu a caverna onde Lloyd se esconde.

Todos voltaram a cabeça para Alex. Eles não estavam acreditando que as duas tinham demorado tanto para mencionar esse pequeno detalhe.

– Espere aí, como você sabe disso? – Alex indagou.

– Estou seguindo você desde que a mariposa apareceu – disse Mamãe Ganso. – Sim, Conner, havia mesmo uma mariposa. E, sim, é provável que a sua avó a tenha mandado de onde quer que esteja. Eu preferiria que ela tivesse mandado uma carta. Insetos gigantes me dão arrepios, por mais angelicais que sejam.

– *Alguma de vocês pode dizer logo onde ele está?* – Conner gritou.

Alex contou aos demais sobre o encontro com Rook e Cornelius na floresta. Ela repetiu tudo o que Rook lhe dissera e o que ela própria havia testemunhado.

– Foram esses livros que o peguei roubando! – disse Conner.

– Vovó deu os livros a Froggy como agradecimento por ter nos ajudado a sobreviver em nossa primeira viagem a este mundo – disse Alex. – Só pode ser a mesma coleção que nosso tio queria encontrar com a ajuda das bruxas. Ele deve ter encontrado os livros sozinho e os roubado quando todos estavam no casamento.

– Então o exército que ele planeja recrutar não vem de uma única história – disse Conner. O garoto arquejou ao se lembrar de algo que ele e a irmã viram muitos meses antes. Na época lhe parecera insignificante, mas, agora que sabia dos planos do tio, parecia sinistramente importante. – Alex, lembra da cela dele na Prisão Pinóquio? Tinha tanta coisa estranha talhada na parede: monstros, piratas, soldados! Agora, pense nos livros que estão com ele. Ele está planejando recrutar um exército de *vilões literários!*

A ideia deixou todos perturbados. O estrago que o Homem Mascarado poderia causar se enviasse um exército como esse ao mundo seria catastrófico. Não haveria uma força poderosa o bastante para detê-lo. Todos os exércitos do mundo dos contos de fadas ainda estavam se recuperando da guerra com a Grande Armée.

– Então, qual é o plano? – perguntou João. – Como vamos detê-lo?

– Precisamos ir até a caverna – disse Alex. – Vamos esperar que ele entre num livro, se é que já não está dentro de algum, e então destruí-lo. Isso vai prendê-lo lá para sempre, certo?

– De acordo com as regras do caderno de poções da sua avó, sim – disse Cachinhos Dourados. – Ela deixou bem claro que era preciso proteger o livro, porque ele é o único meio de entrar e sair de uma história.

– Ótimo – disse Alex, com um suspiro de alívio. Livrar-se do tio poderia ser mais fácil do que ela esperava. – Precisamos nos apressar. Todos pareciam

convencidos, exceto Conner, que sacudiu a cabeça.

– Alex, você está esquecendo uma coisa.

– O quê?

– Precisamos dele para limpar o seu nome. O único jeito de provar para o Conselho das Fadas que você estava certa o tempo todo é elas verem o Homem Mascarado com os pró prios olhos. Elas precisam admitir que estavam erradas por terem duvidado de você e reinstituírem-na como Fada Madrinha.

– Conner, eu não estou nem aí para ser Fada Madrinha…

– Mas eu estou! Você nasceu para liderar, para proteger e ajudar as pessoas deste mundo e não pode fazer isso se passar o resto da vida se escondendo. Nós dois sabemos que, se este mundo ficar aos cuidados somente do Conselho, vai se fazer em pedaços.

Alex ficou muito comovida com as palavras do irmão, porém não podia pedir a todos eles que se colocassem em risco para salvar a sua reputação. No entanto, olhando em volta da sala, Alex entendeu que isso não dependia dela. Todos faziam que sim com a cabeça, concordando com Conner.

– Ele tem razão – disse Cachinhos Dourados. – Precisamos capturar seu tio e trazê-lo de volta. Ainda que para isso tenhamos de entrar nos livros.

– *Nós vamos entrar nos livros?* – questionou Mamãe Ganso, e todos se viraram ao mesmo tempo para ela. – Desculpe. Não foi uma objeção. É só que seria algo muito *ousado*, até para este grupo.

O apoio deles quase levou Alex às lágrimas. Em menos de um dia, ela havia deixado de se sentir a pessoa mais sozinha do mundo e passado a se sentir a mais sortuda.

– Então, todo mundo dentro? – perguntou Conner. Ele colocou a mão no meio do grupo, e, um por um, os demais se juntaram. Até Lester colocou a ponta da asa.

– Para a caverna! – disse João.

– E além dos reinos! – Cachinhos Dourados acrescentou.

Alguém bateu de leve na porta do quarto. Quando ela se abriu, todos ficaram contentes por ver Chapeuzinho. Os olhos dela estavam inchados de tanto chorar, e a rainha segurava um lenço com força.

– Não deu para não escutar. – Chapeuzinho fungou. – Não sei muito bem aonde vocês planejam ir, mas espero poder ir junto. Eu realmente estou precisando de uma *aventura*.



CAPÍTULO 11

A caverna

Os gêmeos e seus amigos partiram rumo à caverna minutos depois de elaborarem o plano. Como Alex não estava confiante nos pró prios poderes para teletransportar a todos, eles viajaram a cavalo. Galoparam a noroeste a toda a velocidade, não tinham tempo a perder.

João e Cachinhos Dourados montavam Mingau, e os gê meos cavalgavam Aveia, que estava mais do que empolgado com sua primeira jornada. O pai de Aveia, um grande garanhão chamado Buckle, fora trazido dos estábulos do Reino do Centro para que Hagetta o montasse. Um minuto sobre o cavalo notoriamente bravo bastou para que a bruxa lançasse nele um encantamento tranquilizante.

Mamãe Ganso e Chapeuzinho viajavam sobre Lester, voando em círculos para se manterem no mesmo ritmo dos outros. Mamãe Ganso incumbiu-se do cargo de piloto e ocasionalmente gritava indicações para o grupo lá embaixo. Ela também estava usando a viagem para dar uma de terapeuta com Chapeuzinho, tentando fazê-la se sentir "melhor" com as histórias das próprias desilusões amorosas.

– Eu mesma já fui deixada e já deixei outros no altar várias vezes. No dia em que eu ia me casar com o rei Henrique VIII, ele conheceu Ana Bolena. Nem preciso dizer que voltei para casa de mãos abanando. Me livrei de uma fria!

– Faz pouco tempo que isso aconteceu?

As montanhas da porção noroeste não ficavam muito longe do Reino do Centro; eles esperavam chegar à caverna à meia-noite. Viajar a cavalo fez com que Alex sentisse muita falta de seus dias com Cornelius, mas ela estava contente por ele ter encontrado em Rook um companheiro.

Para passar o tempo, Conner contou a Alex tudo o que tinha aprendido sobre a Poção do Portal no livro da avó.

– Os ingredientes da poção são bem simples. Você só precisa de um galho da árvore mais antiga da floresta, de uma pena do mais belo faisão e de um cadeado e uma chave liquefeitos de alguém que tenha amado. Aí você deixa tudo em fogo baixo sob o luar por duas semanas, acrescenta uma pitada de mágica para misturar, *e pronto: eis a poção!*

– Só isso? Era de pensar que os ingredientes de uma substância tão poderosa

fossem mais complexos. Isso é brincadeira de criança em comparação com o Feitiço do Desejo.

– Os ingredientes são mais simbólicos do que específicos. A vovó precisou de muita imaginação para criar a poção.

– É esta a beleza da magia: ela não tem ciência nenhuma.

Depois que o sol se pôs, Mamãe Ganso encantou um enxame de vagalumes para iluminar o caminho. Como previsto, o grupo chegou à caverna pouco antes da meia-noite. O mapa de Rook era bem detalhado, e Alex ficou grata por isso; a caverna se fundia tão bem à encosta da montanha que eles nunca a teriam descoberto sozinhos.

Lester pousou enquanto os demais desmontavam dos cavalos.

– Mingau – disse Cachinhos Dourados –, se alguém ou alguma coisa além de nós sair dessa caverna, quero que você, Aveia e Buckle corram para a floresta mais próxima e se escondam, entendeu?

O cavalo cor de creme fez que sim com a cabeça.

Todos inspecionaram a entrada da caverna antes de adentrá-la. Mamãe Ganso esfregou as mãos.

– Bem, como eu disse a Lewis e Clark, a América do Norte não vai se explorar sozinha. Vamos nessa.

Ela guiou os demais caverna adentro, empurrando um relutante Lester junto. A caverna era um breu total.

– É tão escuro e assustador aqui – disse Chapeuzinho.

– O que você estava esperando? Um lustre? – disse Conner.

– Na verdade, não seria má ideia – disse Mamãe Ganso. Ela assobiou, e os vagalumes voaram para dentro da caverna e se amontoaram no teto, criando um grande lustre. – Boa ideia, C-Dog.

Agora que eles tinham um pouco de luz, notaram que a caverna era alta, mas não muito grande. Um punhado de livros roubados do castelo estavam espalhados pelo chão. Eles andaram pela caverna e os inspecionaram, lendo seus títulos.

– *Tom Sawyer* – disse João.

– *Grandes esperanças* – falou Cachinhos Dourados.

– *Hamlet!* – bradou Chapeuzinho, empolgada. – Aaah! Podemos visitar *Hamlet*? É a minha peça favorita de Shakespirro.

– Acho que a sua semana já foi trágica o bastante – Mamãe Ganso comentou.

Conner pegou um livro mais antigo, com a capa amarela. Assim que o abriu, um luminoso feixe de luz que mais parecia um holofote disparou do objeto. O

garoto se assustou e deixou o livro cair, fazendo com que algumas páginas soltas escorregassem.

Ele engoliu em seco.

– Encontrei *O Mágico de Oz* .

– Cuidado – disse Alex. – Cada página pode ser importante!

Os gêmeos juntaram as páginas soltas e cuidadosamente as guardaram nos bolsos. Com o bico do sapato, Alex abriu cautelosamente o livro na primeira página. Exatamente como antes, o brilhante feixe de luz disparou dele para o alto da caverna. Era cem vezes mais luminoso do que os vagalumes.

– Aposto que nosso tio ainda está aí dentro – disse Alex.

– Só tem um jeito de descobrir – Cachinhos Dourados falou. – Vamos dar uma olhada.

– Um de nós devia ficar aqui para vigiar o livro – disse João.

– Se alguma coisa acontecer com ele enquanto estivermos dentro, vamos ficar presos.

– Eu fico – ofereceu-se Hagetta. – Protegerei o livro com a minha vida. Vocês podem ir. E, por favor, tomem cuidado.

Os demais se juntaram em torno do livro e encararam-no como paraquedistas esperando para saltar do avião.

– Vejamos o que acontece – disse Conner. Ele deu um passo para dentro do feixe e desapareceu.

Conner viu-se num espaço luminoso e infinito. Não havia absolutamente nada à sua volta além de palavras flutuando, girando e pulando.

– Uau! Está aí algo que eu nunca vi!

Alex apareceu ao lado de Conner. Foi seguida por Cachinhos Dourados, Chapeuzinho, João e, por fim, Mamãe Ganso, que puxou Lester para dentro do livro junto consigo. Nenhum deles conseguia acreditar no mundo de palavras em que tinham entrado.

Como se a presença deles tivesse ativado algo, as palavras de repente vibraram e ganharam vida, disparando em todas as dire ções. Elas se dispersaram aleatoriamente e começaram a assumir formas – esticando-se e transformando-se no contorno perfeito do que descreviam.

Os gêmeos e seus amigos observavam impressionados conforme um mundo se formava à sua volta. Uma casinha triste com apenas quatro paredes e um pequeno celeiro surgiram ao longe. Campos verdejantes estendiam-se no horizonte para onde quer que eles olhassem. Tudo, do céu à terra, era melancólico e cinzento.

– Alex, acho que não estamos mais no Kansas – Conner sussurrou para a irmã. – E com isso eu quero dizer que, na verdade, estamos *no Kansas*.



CAPÍTULO 12

O ciclone

Apesar de suas experiências anteriores em viagens entre dimensões, Alex e Conner estavam absolutamente extasiados. Em poucos segundos, as vastas pradarias do Kansas haviam sido criadas à sua volta. A boca dos dois estava tão escancarada quanto a dos aturdidos amigos. Até Lester tinha o queixo caído diante da visão.

– Funcionou! – disse Alex. – Não que eu achasse que não ia funcionar. Mas ainda não estou acreditando que funcionou mesmo!

– *Impressionante* – concordou Cachinhos Dourados.

A única coisa da caverna que viera com eles fora o próprio livro *O Mágico de Oz*. Ele estava aberto no chão e emitia um brilhante feixe de luz, exatamente como na caverna. Conner colocou a cabeça através do feixe e viu Hagetta.

– E aí? – perguntou ela.

– Funcionou! – Ele mostrou os polegares. – Deseje-nos sorte.

Conner voltou para dentro da história e fechou o livro. O feixe desapareceu e reapareceu assim que ele reabriu o livro. Conner o fechou de novo e o guard ou com cuidado na parte de trás do cinto.

Chapeuzinho observou os campos como se nunca tivesse visto nada tão melancólico.

– Então, o Outromundo é assim?

– É a interpretação que L. Frank Baum fez dele – disse Alex. – Mas, tecnicamente, sim.

– Bem, é simplesmente *adorável* – disse Chapeuzinho, embora seu rosto demonstrasse outra coisa. – Me faz lembrar do meu reino… isto é, se toda a felicidade e toda a cor tivessem sido sugadas dele.

A falta de cor era bem deprimente e logo instalou no grupo uma disposição sombria. Na verdade, *eles* eram as únicas coisas coloridas naquele mundo.

Eles ouviram os latidos de um cachorro e o riso de uma criança vindos da casa. Era bom saber que existia *alguma* alegria naquele lugar. A porta da casa se abriu, e um velho de barba branca pisou no gramado da frente. Ele olhou desconfortá vel para o céu.

– O céu está cinza demais hoje, Em! – o velho gritou. – Mais cinza do que de

costume.

A frágil esposa do fazendeiro saiu da casa e começou a varrer a varanda.

– Ah, Henry, pare com isso – disse Em. – O céu está igual a ontem e a anteontem.

Uma garotinha apareceu atrás da porta de tela. Era adorável.

Usava mariachiquinha e um vestido gracioso. Segurava nos braços um desalinhado cachorro e acariciava amorosamente o pelo dele.

– Não, estou com uma sensação ruim em relação a isso – disse Henry. – Acho que um ciclone vem aí.

– Assim você vai deixar a Dorothy preocupada. Volte para dentro! – Em mandou.

A garotinha apertou um pouco o cachorro e mirou o céu com a mesma preocupação do tio – era tarde demais.

– Quem são essas pessoas tristes? – Chapeuzinho perguntou aos gêmeos. – E o que é um ciclone? É um homem de um olho só?

Alex e Conner não responderam. Não era a primeira vez que eles viam alguns de seus personagens favoritos da infância ganhar vida, mas não deixava de ser uma visão empolgante.

Dorothy divisou o grupo e deu um gritinho de alegria.

– Tia Em! Tio Henry! Vejam! *Outras pessoas!*

Devia fazer muito tempo que a menina não via outra alma além da tia e do tio. Ela ficou mais empolgada por ver os gêmeos e seus amigos do que estes por vê-la. Dorothy correu pelo campo para lhes dar as boas-vindas. Henry e Em ficaram tão surpresos com as visitas que nem se moveram.

– Olá! – cumprimentou Dorothy. – O que os traz à nossa fazenda?

– Oi, Dorothy – disse Conner.

Dorothy arquejou.

– *Como você sabe meu nome?* – ela perguntou, os olhos arregalados.

Alex fuzilou Conner com os olhos, e ele entrou em pânico.

– Porque… porque… porque… – Ele não sabia o que dizer.

Um sorriso enorme surgiu no rosto de Dorothy.

– Já sei – disse ela. – Você é *adivinho*, não é? Eu percebi na hora em que vi vocês: *vocês são um circo itinerante*!

Sem nada melhor para dizer, todos simplesmente concordaram com a cabeça.

– Realmente – disse Conner, imediatamente incorporando um personagem ridículo. – Meu nome é *Mestre Connermundo*, grande vidente. Os homens, as

mulheres e o pássaro atrás de mim fazem parte do Circo Itinerante Bailey.

Dorothy deu pulos de empolgação. Totó latiu para os forasteiros; até ele parecia estar louco por algum entretenimento. Aquela era a coisa mais empolgante que jamais lhes acontecera.

– Permita-me apresentar meus amigos – disse Conner com gestos canastrões. – Aqui está *João* , o homem mais forte do mundo; *Cachinhos* , a malabarista de espadas; *Chapeuzinho* , a dama da corda bamba. Direto das selvas de Madagascar, aqui está *Lestersaurus* , junto com sua domadora, *Madame Ganso* . E, por fim, a minha irmã, *Alexandra, a mulher barbada* .

– O quê? – disse Alex.

– Mas ela não tem barba – observou Dorothy.

– Ela se barbeou esta manhã – disse Conner.

Alex revirou os olhos. Nada era fácil quando ela viajava com o irmão.

– Estávamos a caminho da cidade do Kansas e topamos com seu humilde lar – disse Conner.

– Um modo gentil de dizer – Chapeuzinho comentou.

– Que bom que toparam! – disse Dorothy. – Por aqui, nunca acontece nada interessante.

Isso divertiu os gêmeos, que trocaram um sorriso. Eles sabiam mais sobre ela do que ela mesma.

– Por favor, vocês não querem ficar para o jantar? – perguntou Dorothy, virando-se para o tio e a tia. – Eles podem ficar, tia Em?

Ah, por favor!

Tia Em e tio Henry se entreolharam e deram de ombros.

– Acho que sim – disse o tio.

– Tomara que vocês gostem de milho – disse tia Em.

Conner rapidamente se voltou para os amigos; ninguém se opôs.

– Parece uma boa ideia – disse Mamãe Ganso. – Estou com um pouco de fome, e, se o Lester não comer a cada quatro horas, ele começa a resmungar. *Não me olhe desse jeito, Lester; eu não falaria se não fosse verdade.*

Dorothy acompanhou os visitantes até a casa. A construção era muito pequena; possuía apenas um cômodo. Tinha um fogão, um armário, duas camas, uma mesa e quatro cadeiras, o que obrigou a todos, menos Conner, a comer nas camas e no chão. Fiel à sua palavra, tia Em serviu milho – e *nada mais* .

– Por favor, me contem de todos os lugares que vocês já visitaram! – Dorothy pediu durante o jantar.

– Bem, eu tenho boas lembranças de Baton Rouge e de Jefferson City – disse Mamãe Ganso. – Agora, se o seu negócio é ganhar alguns trocados, precisa ir para o Texas.

Os outros a encararam de um jeito estranho. Como ela sabia disso?

– Que foi? – disse Mamãe Ganso. – Vocês acham que *este* é o primeiro circo de que faço parte?

Tio Henry e tia Em não tiravam os olhos do milho, mas Dorothy era toda olhos e ouvidos para os visitantes. A vida numa fazenda no Kansas devia ser chatíssima, porém as aventuras que a aguardavam certamente compensariam esse tédio.

– Vocês são viageiros mesmo – disse tio Henry.

– Falando em *viageiro* – disse João –, algum de vocês viu um homem esquisito andando por aí?

– Ele se apresenta como *Lloyd* ou como *Homem Mascarado* – disse Cachinhos Dourados. – É um amigo nosso, do circo. Estamos à procura dele.

– Não vimos – disse tia Em. – Vocês são os primeiros visitantes que temos desde... bem, desde que eu consigo me lembrar.

Para os gêmeos, isso foi uma decepção e também uma interrogação. Se não havia sinal nenhum do tio nessa história, será que ele já tinha viajado para outro livro?

– Ele deve estar *em outro lugar* – disse Conner. Era uma mensagem cifrada; felizmente, apenas a irmã e seus amigos entenderam.

– Queria eu estar em outro lugar – disse Dorothy, suspirando. – Às vezes, sonho em entrar para o circo só para poder ver o mundo, mas acho que Totó e eu nunca vamos sair do Kansas.

Um forte queixume de vento soou lá fora, seguido por um agudo assobio. Os sons eram alarmantes, e Dorothy, Henry e Em ficaram paralisados. A casinha começou a balançar à medida que o vento ficava mais forte.

– É um ciclone! – gritou Henry, levantando da mesa. – Vou soltar os animais!

Ele disparou desesperadamente para fora da casa. Sem saber o que fazer, Mamãe Ganso, Lester, Chapeuzinho, Cachinhos Dourados e João o seguiram.

– O que vocês estão fazendo? – gritou Conner.

– Temos de ficar dentro da casa! – Alex gritou. – Eles têm um abrigo para tempestades!

Tarde demais. Os amigos já estavam do lado de fora e, por conta do vento forte, não ouviam uma palavra do que Conner e Alex diziam. Em mergulhou para o centro da sala e enrolou o tapete, revelando um alçapão.

– Rápido, Dorothy! Para o porão! – Em mandou.

Tia Em abriu o alçapão e desceu para o abrigo. Totó, assustado, pulou do colo de Dorothy e se escondeu debaixo da cama.

– Totó! – disse Dorothy. – Venha aqui, garoto!

Enquanto Dorothy tentava pegar o cachorro, Alex e Conner correram para fora da casa para acudir os amigos. O céu estava cinza, quase preto. O vento soprava de todas as direções e era tão forte que ficava quase impossível se manter em pé.

Os gêmeos encontraram os amigos no estábulo; eles estavam ajudando Henry a soltar os bichos da fazenda. As vacas e os cavalos correram para fora do estábulo, fugindo da tempestade que se aproximava.

– Pessoal! Precisamos voltar para a casa! – gritou Conner. – Confiem em nós! A coisa vai ficar feia!

– O abrigo contra tempestades é a nossa única chance de sobreviver! – disse Alex.

Os amigos imaginaram que os gêmeos sabiam o que estavam fazendo, já que os dois conheciam a história, e começaram a segui-los para fora do celeiro e rumo à casa. De repente, se detiveram, gritaram e apontaram para o céu. Espiralando desde as nuvens negras, um furacão enorme se aproximava.

O furacão tocou o chão e se dirigiu à pequena casa. Os gê meos e seus amigos precisaram dar as mãos para se manter em pé.

– Não dá tempo de ir para o porão! – gritou Conner.

Apontando para o campo, Alex deu um berro:

– CONNER! VEJA!

O tio de Alex e Conner corria tão rápido quanto humanamente possível contra o vento. Com a bolsa de livros roubados pendurada no ombro, ele zunia na direção da casa. Ainda mais chocante era o fato de que não substituíra a máscara que Conner havia arrancado na biblioteca, então, por um breve instante, os gêmeos tiveram a impressão de que estavam vendo o pai.

Lloyd pulou na varanda e acenou para os gêmeos. Ele tinha estado no Kansas o tempo todo, apenas esperando a tempestade começar.

O furacão estava a poucos metros da casa, e Lloyd correu para dentro. A casa foi arrancada de sua fundação e saiu voando pelos ares. Como um gigantesco monstro de nuvem, o ciclone engoliu a construção, que desapareceu no redemoinho.

– Dorothy! – gritou Henry, correndo na direção do tornado.

– Henry! Espere! Fique conosco! – João gritou.

– Não, João! – disse Alex. – Deixe-o! Ele vai ficar bem!

– Como você sabe?

– Porque eu li o livro!

O vento era ensurdecedor, e o barulho ficava cada vez mais alto à medida que o tornado se aproximava. De início, Conner pensou que eles deviam viajar de volta para a caverna através do livro, mas temia perder o livro no forte vento caso tentasse.

– Todo mundo, de volta para o estábulo! – gritou Conner.

Aquela era a única opção de sobrevivência agora.

O aterrorizado grupo se empurrou e se puxou até chegar novamente ao celeiro. Assim que entraram, bateram as portas e agarraram qualquer coisa em volta da qual desse para passar os bra ços. Com um braço, Conner se segurou num pilar e, com o outro, segurou o livro.

O furacão se chocou contra o estábulo e arrancou seu telhado. O estábulo começou a balançar e ranger. Oscilava para a frente e para trás, cedendo cada vez mais.

– Houston, decolamos! – gritou Mamãe Ganso.

O estábulo se lançou ao céu, voando mais alto a cada segundo. Os pés de todos balançavam ao vento. Era impossível saber se estavam virados para cima ou para baixo. O furacão era tão forte que a gravidade simplesmente não tinha efeito.

As portas do estábulo foram sugadas das dobradiças. Chapeuzinho se soltou e foi lançada para longe do estábulo.

– CHAPEUZINHO! – os gêmeos gritaram em uníssono.

– Lester! Salve-a! – Mamãe Ganso mandou.

O ganso soltou a porta a que se segurava com o bico e voou para a tempestade. O vento soprava em círculos em volta do furacão. Uma enorme bola de tecido vermelho passava a intervalos regulares pelo ganso: *era Chapeuzinho* . Lester estendeu as asas para que o vento o deslocasse mais rápido e conseguiu pegar um pedaço do vestido de Chapeuzinho com o bico.

– LESTER, ME AJUDE! – ela gritou. – NÃO ME DEIXE MORRER NESTE LUGAR FEIOSO!

O estábulo voava de encontro a eles. Lester puxou Chapeuzinho para perto e a envolveu em suas asas, transformando-se numa enorme bola de penas. Ele arrebentou a parede do estábulo, voltando para junto dos demais.

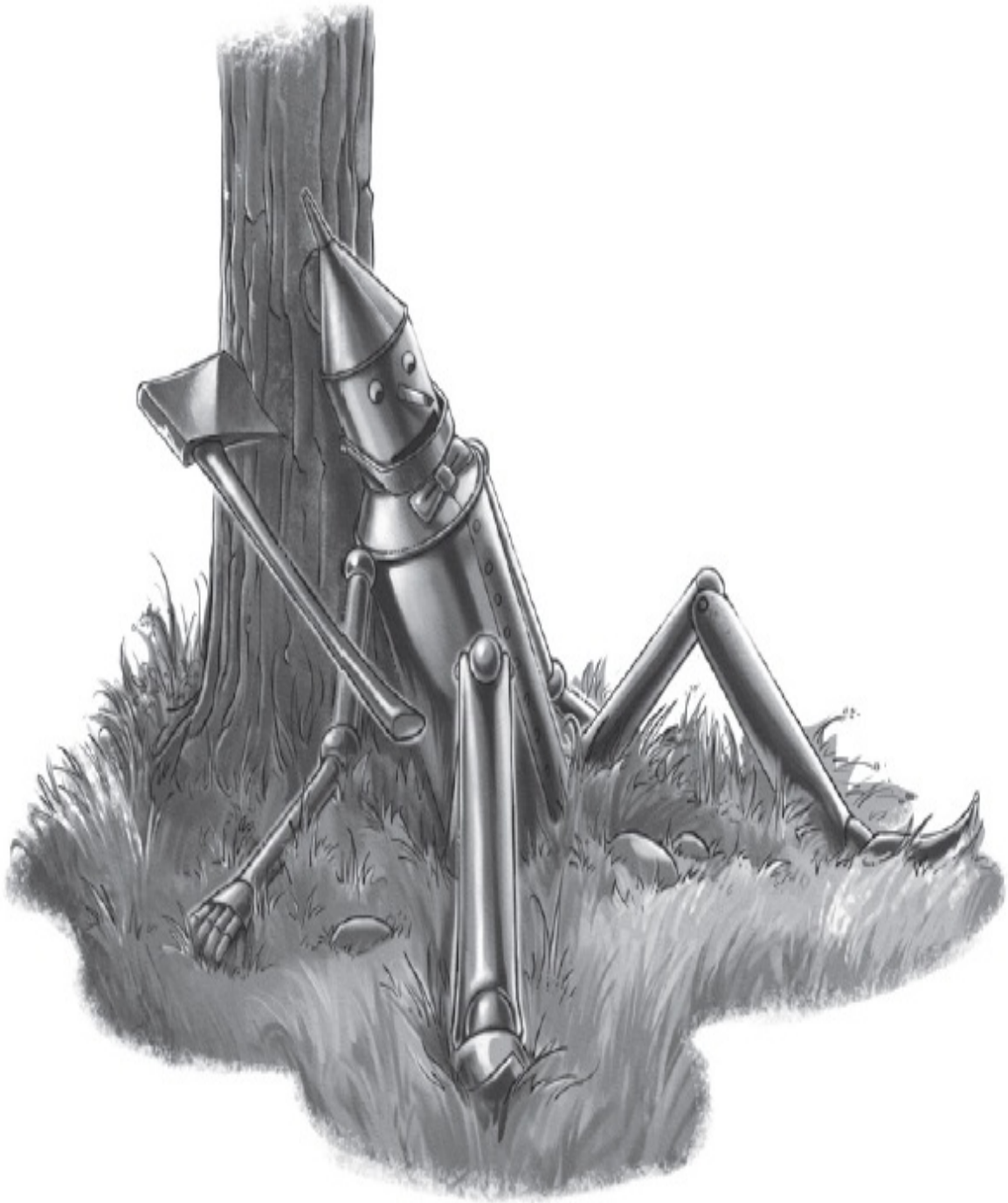
– Excelente trabalho, Lester! – gritou Mamãe Ganso.

– Achei que ser largada no altar seria a pior parte da minha semana! – berrou

Chapeuzinho.

O estábulo voava sem controle pelo ar conforme a tempestade continuava. De tempos em tempos, os gêmeos avistavam a casa se sacudindo no centro do furacão, mas não havia jeito de chegar até ela. O ciclone se acelerou, arremessando o estábulo numa direção e a casa em outra. O mundo girava tão rápido do lado de fora do estábulo que ninguém sabia em que direção estava indo. Pela primeira vez, eles enxergaram cores vibrantes ao longe, mas não sabiam se era o chão ou o céu.

O estábulo girava e girava… caindo cada vez mais rápido… e eles não sabiam *no que* estavam caindo…



CAPÍTULO 13

O Homem de Lata

– Está todo mundo vivo? – perguntou Conner.

A pergunta foi respondida por uma série de grunhidos, gemidos e grasnidos. Era um milagre que todos houvessem sobrevivido.

Depois do que parecera uma queda eterna, o estábulo sofrera uma parada dura e brusca ao se chocar contra o solo. O que sobrara dele desmoronou com o impacto, e, agora, os gêmeos e os amigos removiam com dificuldade os destroços empilhados sobre eles.

– Isso foi bem pior do que eu estava esperando – disse Alex.

– Calma aí: você estava *esperando* isso? – Cachinhos Dourados indagou.

Todos olharam feio para Alex, que abriu um sorriso culpado.

Ela havia esquecido por completo que, diferentemente dela e do irmão, os amigos não conheciam *O Mágico de Oz*; eles não tinham ideia de que um *ciclone* fazia parte do cardápio.

– Ops. Foi mal – disse Alex. – Na história, um furacão enorme pega a casa da Dorothy e a leva para a Terra de Oz. Acho que eu devia ter avisado vocês.

– Mas, se o furacão os mandou para Oz, para onde é que ele mandou *a gente*? – perguntou Conner.

Eles se ajudaram a levantar e saíram de debaixo do estábulo desabado. De início, precisaram proteger os olhos – tudo era muito mais brilhante do que no Kansas. O céu era de um azul vívido, e uma floresta de árvores verdes os cercava. Até a terra era mais radiante do que a do Kansas.

– Caramba – disse Conner. – Alguém ajustou o contraste?

– Onde nós estamos? – João perguntou.

Alex não precisou pensar duas vezes.

– Pessoal, estamos em Oz! Não fomos parar no País dos Munchkins como Dorothy, porém o ciclone sem dúvida nos trouxe para Oz.

De repente, um gemido baixinho preencheu a floresta.

– Alguém ouviu isso? – Chapeuzinho perguntou.

Eles olharam para as árvores, contudo não encontraram a origem do som.

– De onde está vindo isso? – perguntou Mamãe Ganso. – Lester, é a sua barriga?

O ganso sacudiu a cabeça; estava tão curioso quanto os demais. O som continuou e pareceu ficar mais agitado. Conner arquejou, e seus olhos se arregalaram: ele sabia de onde vinha o barulho.

– Ah, não! O som está vindo de debaixo do estábulo! Nós pousamos em cima de alguém, exatamente como a Dorothy! Rápido, precisamos ajudar quem quer que seja!

Conner e os demais revolveram os pedaços do estábulo. Estavam chegando cada vez mais perto do soterrado, pois o gemido ficava cada vez mais alto.

– Por favor, não morra! O socorro está chegando! – Conner gritou para os destroços. – Glinda, é você? Ah, meu Deus, se tivermos matado a Glinda, eu nunca vou me perdoar.

Para o alívio de Conner, eles não se depararam com a querida Bruxa Boa do Sul, mas com um homem. Ele era extraordinaria mente alto e bem magro. Possuía um nariz longo e pontudo e trajava um chapéu também pontudo. Ao afastarem os destroços que o cobriam, notaram que tudo nele, das roupas à pele, era feito de metal.

– Poxa! É o Homem de Lata! – disse Alex.

– Ele é seu amigo? – perguntou Chapeuzinho.

– Não, é um dos personagens principais da história – sussurrou Conner. – É muito importante!

O Homem de Lata era tão pesado que todos precisaram ajudar a colocá-lo de pé. Era rígido como uma estátua e estava travado numa posição com o machado erguido. Seus olhos eram bem grandes e vagavam de um estranho a outro. Ele continuava gemendo, embora a boca estivesse completamente fechada.

– O que há de errado com ele? – perguntou Cachinhos Dourados. – Está petrificado?

– Não, está enferrujado! – disse Alex. – Ele precisa de óleo.

– Você acha que tem uma loja de autopeças por aqui? – Mamãe Ganso perguntou.

– Não, ele deve ter uma lata de óleo guardada em algum lugar.

Alex esquadrinhou as árvores e divisou uma pequenina cabana na floresta. Correu até ela e entrou, retornando com uma lata de óleo. Imediatamente, passou-o nas juntas em volta do proeminente queixo do Homem de Lata, que se abriu.

– AAAAAHHHH! – Os gemidos dele deram lugar a gritos, agora que sua boca estava aberta, gritos que não pararam.

Todos taparam os ouvidos e olharam para os gêmeos, esperando que fizessem

alguma coisa.

– Tem algum jeito de desligá-lo? – perguntou Chapeuzinho.

– Cara, relaxa! – disse Conner. – Por que você está gritando?

– PORQUE UM ESTÁBULO CAIU DO CÉU BEM EM CIMA DE MIM! DUVIDO QUE VOCÊ TERIA UMA REAÇÃO MELHOR SE FOSSE COM VOCÊ!

Cachinhos Dourados fechou a boca do Homem de Lata até ele se acalmar.

– Vai parar de gritar agora? – ela perguntou, mas ele não se mexeu. – Vai? Mova a cabeça.

– Ele não pode mover a cabeça se não aplicarmos o óleo – disse Alex.

Ela passou óleo nas juntas do pescoço do Homem de Lata, que fez que sim com a cabeça. Cachinhos Dourados soltou a boca dele.

– Ah, bem melhor assim – disse o Homem de Lata. Ele estava tão aliviado que esqueceu por que estava gritando. – Você faria a gentileza de passar óleo no resto do meu corpo? Por favor?

Alex passou óleo em suas juntas do pescoço para baixo. Pouco a pouco, o corpo do Homem de Lata começou a relaxar. Seus ombros cederam, e ele soltou o machado.

– Obrigado – falou com um longo suspiro. – Fazia um ano que eu estava segurando isso!

– Fazia um ano que você estava nessa posição? – perguntou João.

– Para meu grande incômodo. Sempre deixo uma lata de óleo por perto para o caso de eu começar a enferrujar. Na única vez em que saí da minha cabana, uma tempestade enorme me pegou de surpresa. Estou aqui desde então.

– Que coisa terrível! – condoeu-se Mamãe Ganso. – Uma vez eu fiquei enterrada por *duas semanas*. Menino, como fiquei contente quando consegui sair. Foi aí que aprendi que você deve fazer perguntas *antes* de participar de um ritual religioso, não importa quão bonitinhos sejam os habitantes da ilha.

O Homem de Lata os fitou com nervosismo.

– Quem são vocês? De onde vieram?

Conner empurrou a irmã para a frente do grupo.

– Alex, vou deixar você responder, já que parece que eu sempre falo a coisa errada.

Alex olhou dentro dos olhos curiosos do Homem de Lata. Se o estábulo era sinal de alguma coisa, a verdade seria chocante demais para que ele a entendesse. Ela precisava inventar uma histó ria em que ele acreditasse, mas que não fosse assustá-lo caso precisassem de sua ajuda.

– Não era pra contarmos isso a ninguém – disse Alex. – Mas estamos numa missão secreta para *o Mágico.* Estávamos no nosso estábulo voador quando ele perdeu seu balão, algo que o Mágico criou para nós, e caímos nesta floresta. Ainda bem que você estava aqui para amortecer nossa queda.

O Homem de Lata foi imediatamente cativado. Seu queixo caiu, e ele colocou as duas mãos na cabeça.

– Vocês conhecem o Mágico de Oz? – perguntou, perplexo.

– Nós trabalhamos pra ele! – disse Alex. – Há um bandido implacável à solta, e o Mágico em pessoa nos pediu para achá-lo. Esse bandido veio a Oz para recrutar um exército! O

Mágico quer que o detenhamos antes que pessoas inocentes sejam feridas.

– Puxa, que terrível! Mas que tipo de exército ele tentaria recrutar?

– A minha esperança era de que você nos dissesse. Não somos daqui. Você sabe se existe alguém ou alguma coisa que poderia ajudar esse criminoso a derrotar o Mágico?

O Homem de Lata coçou a cabeça enquanto pensava.

– Há os guardas da Cidade das Esmeraldas, mas eles *jamais* trairiam o Mágico! Espere! Já sei! Ele provavelmente vai se juntar com a Bruxa Má do Oeste. Todo mundo sabe que ela quer se livrar do Mágico desde que ele veio para Oz!

Os gêmeos engoliram em seco, assim como os amigos – eles não precisavam conhecer a história para saber que a Bruxa Má do Oeste era uma das vilãs mais assustadoras da literatura. Natu ralmente, o tio dos gêmeos tinha ido a Oz em busca de uma parceria com ela.

– Bem, a situação não é *tão* ruim, certo? – disse Conner, tentando desesperadamente amenizar o clima. – É só uma bruxa e alguns macacos alados.

– Os macacos alados não são a única coisa sob o controle dela – disse o Homem de Lata. – Ela tem quarenta enormes lobos ferozes, quarenta corvos assustadores, enxames de abelhas assassinas e um exército de Winkies.

– É, parece o tipo de coisa que o Lloyd curte – disse Mamãe Ganso.

– O que é um Winkie? – Chapeuzinho perguntou.

– Um Winkie é como meus pais distinguiam Alex e eu quando éramos bebês – disse Conner, rindo histericamente da própria piada. Ninguém mais riu. – Piada fora de hora, foi mal.

– Os Winkies são o povo que vive na metade ocidental de Oz – o Homem de Lata explicou. – A Bruxa Má do Oeste os escravizou quando tomou o País dos Winkies e agora governa o lugar sem piedade.

A notícia deixou todos chateados, menos Alex – ela adorou ouvir aquilo.

– Alex, por que você está sorrindo? – perguntou Conner. – Essa é uma notícia *terrível* pra nós. Não temos como competir com isso.

– Não, essa notícia é *ótima* pra nós. Não importa *quem* ou *o que* nosso tio esteja procurando, desde que saibamos para onde ele está indo. Podemos detê-lo antes que chegue à bruxa. E, se ele foi parar no País dos Munchkins com Dorothy e nós aqui na floresta com o Homem de Lata, isso significa que estamos pelo menos um dia ou dois na frente dele.

– Você tem razão! – disse Conner, contente. – A gente se esconde perto do castelo da bruxa e então o ataca antes que ele entre!

– Mas quem vai nos levar até lá? – perguntou Cachinhos Dourados. – Nenhum de nós conhece este lugar bem o bastante para viajar sozinho.

Todos se viraram ao mesmo tempo para o Homem de Lata, pensando exatamente a mesma coisa. Assim que se deu conta, o Homem de Lata ergueu os braços defensivamente.

– Não olhem pra mim! Eu não pretendo chegar nem perto daquele lugar!

– Ah, vamos lá! – disse Chapeuzinho. – Se esse homem chegar à Bruxa Má do Oeste antes de nós, milhares de pessoas inocentes poderão morrer! Tenha coração!

Alex inclinou-se para cochichar no ouvido de Chapeuzinho: – Isso não vai funcionar, Chapeuzinho. Parte da história é que o Homem de Lata não tem coração…

– Como assim, ele não tem coração? – Chapeuzinho falou bem alto. – Isso é completamente ridículo! Tudo tem coração!

O Homem de Lata foi tomado pela paranoia.

– Como você sabe que eu não tenho coração?

– Porque o Mágico nos contou! – disse Conner, pensando rápido. – O grande e poderoso Mágico de Oz sabe tudo! Ele disse que, se cruzássemos o caminho de um homem feito de lata, deveríamos lhe oferecer um coração em troca de sua ajuda.

– Então, se eu levar vocês até o País dos Winkies, o Mágico vai me dar um coração?

– Certamente…

– Com licença – Alex interrompeu. Antes que o irmão abrisse a boca de novo, ela rapidamente o puxou de lado. – Conner, o que você está fazendo? Nós não temos um coração para dar a esse homem!

– A gente faz um de papel machê se for preciso! O próprio Má gico lhe dá um

coração falso no fim da história, e ele fica absolutamente satisfeito!

– Bem observado. Não está mais aqui quem falou.

Conner se aproximou do Homem de Lata e lhe estendeu a mão.

– Um coração em troca de nos levar até o castelo da Bruxa Má. Temos um trato, senhor Homem de Lata?

O Homem de Lata estava muito indeciso. Será que era capaz de enfrentar o seu maior medo para realizar o seu maior desejo? Ele não conseguiria um coração se ficasse esperando na floresta, isso era certo.

– Trato feito! – Ele apertou a mão de Conner.

– Fantástico – disse Mamãe Ganso. – Como chegaremos lá?

– Vamos pegar a *estrada de tijolos amarelos*, claro – o Homem de Lata disse como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Alex prendeu a respiração e tomou a mão do irmão.

– Fica longe? – perguntou João.

– Fica logo depois da floresta – disse o Homem de Lata. – Seguiremos por ela até a Cidade das Esmeraldas e então viajaremos pelo País dos Winkies até o castelo da bruxa. Sigam-me, todos. E alguém traga minha lata de óleo.

Ele foi à frente, e Mamãe Ganso, Chapeuzinho, João, Cachinhos Dourados e Lester o seguiram de perto. Alex puxou Conner e deixou que os outros se afastassem um pouco.

– Ouviu isso, Conner? – Os olhos dela brilhavam, e seu sorriso era enorme. – Ele vai nos levar para a estrada de tijolos amarelos! *A estrada de tijolos amarelos!* A garotinha de seis anos dentro de mim está tendo um treco! Conner também sorria.

– *Aí está* ela – disse ele com um suspiro feliz.

– Cadê? Já está vendo?

– Não estou falando da estrada de tijolos amarelos, estou falando de *você*. – Conner riu. – É bom ver você *empolgada* com alguma coisa de novo. Eu estava com saudades disso.



CAPÍTULO 14

Encrenca na estrada de tijolos amarelos

O Homem de Lata guiou seus novos amigos através da floresta de Oz, e eles encontraram a magnífica estrada de tijolos amarelos, que serpenteava pelo coração da mata. Mesmo em contraste com todas as efervescentes cores da Terra de Oz, a brilhante e majestosa estrada se destacava.

Alex passou a saltitar assim que seus pés a tocaram – era mais forte do que ela.

– Quem está na chuva… – falou ao irmão antes que ele tirasse sarro dela.

Conforme seguiam pelo caminho mais famoso da literatura, a terra em torno mudava drasticamente. A paisagem era mais diversa até do que a do mundo dos contos de fadas. A cada curva, a estrada de tijolos amarelos dava num terreno diferente. Num instante, eles estavam numa densa floresta; no seguinte, num campo aberto. Cruzaram rios e riachos, lagos e lagoas, plantações e aldeias, chegando a mais uma floresta.

Mamãe Ganso estava achando aquela interminável mudança de paisagem muito divertida. Nem *ela* tinha estado num lugar tão imprevisível.

– Este lugar é uma festa! Mais inconstante do que o seu humor, Lester!

– *Squaaa* – o grande pássaro respondeu como quem dissesse: “Como ousa?”.

João e Cachinhos Dourados mantinham um olhar alerta. Nunca haviam estado num lugar sobre o qual soubessem tão pouco.

Queriam estar preparados o tempo todo, mas não tinham a menor ideia para o que deveriam se preparar.

Chapeuzinho estava mais interessada no Homem de Lata do que no cenário. Por mais que ela o estudasse, não conseguia entender como ele *funcionava*. Ela meio que esperava encontrar um botão de ligar e desligar nas costas dele.

– Você sempre foi lenhador? – ela perguntou.

– Ah, sim. Meu pai era lenhador antes de mim, assim como o pai dele.

– Vocês todos são de lata, ou a sua família é de vários metais?

– Chapeuzinho perguntou, mas logo pediu desculpas: – Desculpe, espero não ter sido insensível. Nunca conheci ninguém do seu…

ahn… *elemento*.

– Não, só eu sou feito de lata. Mas já fui um homem de verdade.

– Ah, então é uma maldição! Conheço bem as maldições. Meu noivo foi amaldiçoado e parece um sapo. Ou meu *ex*-noivo. Não sei do que chamá-lo agora.

– Não foi uma maldição, mas o resultado de um feitiço. Eu me apaixonei por uma bela moça Munchkin que aceitou se casar comigo. Porém, ela vivia com uma velha má que não queria viver sozinha e, por isso, subornou a Bruxa Má do Leste para me fazer mal. A bruxa enfeitiçou o meu machado, fazendo com que ele escorregasse da minha mão e cortasse os meus membros um por um, até que minha cabeça foi decepada e meu corpo ficou inteiro aberto. Um ferreiro da região me reconstruiu, um pedaço por vez, até que eu ficasse inteiro de lata.

Chapeuzinho ficou muito perturbada com aquela história horrenda.

– Por que você simplesmente não arranjou outro machado?

O Homem de Lata ficou calado por um instante.

– Nunca pensei nisso.

– E o que aconteceu com a moça Munchkin com quem você ia se casar?

– Não sei. O corpo que o ferreiro fez para mim é oco. Nunca tive um coração para ter saudades dela. Eu simplesmente a esqueci. Imagino que ela ainda viva com a velha má.

– Pode acreditar, é melhor não ter coração. Falo por experiência própria. Sem coração, você não precisa ficar com medo de que ele seja partido. E, confie em mim, ter o coração partido *é horrível*.

– Mas viver sem coração significa não ser capaz de *sentir* nada.

Você pode ser poupado do pesar, da solidão, da tristeza, da saudade, do medo, mas também não sente prazer, tampouco ri, se empolga, ama. E uma pessoa que não é capaz de amar não passa de um objeto.

Chapeuzinho coçou a testa.

– Mas, se você não é capaz de *querer* nada, como sabe que quer um coração? E, se não tem *medo*, por que ficou tão assustado quando o estábulo caiu na sua cabeça?

O Homem de Lata se calou de novo. Ele não tinha uma resposta; Chapeuzinho tinha lhe dado o que pensar.

Conner pigarreou.

– Com licença, senhor Homem de Lata – disse ele, puxando Chapeuzinho de lado, para que o lenhador não o ouvisse. – Chapeuzinho! O que você está fazendo? Você precisa calar a boca!

– Por quê? É óbvio que esse homem tem coração, ele só não percebeu ainda.

– Claro! Mas ele só deve aprender essa lição no fim da história! Se ele ficar

sabendo disso agora, vamos perder nosso guia!

Chapeuzinho cruzou os braços e tentou se conter.

A estrada de tijolos amarelos impôs alguns obstáculos ao grupo de viajantes, mas nada que eles não conseguissem encarar. Em determinado ponto, o caminho terminou numa vala profunda, porém o Homem de Lata cortou uma árvore, que eles usaram como ponte.

Eles também precisaram parar quando a estrada de tijolos amarelos desembocou em um rio agitado, sem que houvesse uma ponte para chegar à outra margem. Lester então serviu de barco e os transportou um de cada vez. Soltou um grasnido alto na vez do Homem de Lata, porque era difícil flutuar com aquele ser pesado nas costas.

Alex e Mamãe Ganso não estavam usando sua mágica de propósito. Até onde os gêmeos sabiam, os únicos seres em Oz capazes de mágica *de verdade* eram as bruxas, e eles não queriam que o Homem de Lata pensasse que tinham qualquer coisa a ver com as bruxas más do Leste ou do Oeste.

No fim das contas, em comparação com a maneira como eles tinham chegado a Oz, a viagem estava sendo bem fácil. João e Cachinhos Dourados foram relaxando aos poucos. No entanto, aquela facilidade toda só deixava os gêmeos mais preocupados – estava *fácil demais*.

– Até onde eu me lembro, Oz era bem mais perigosa no livro – Conner comentou com a irmã.

– É o que eu lembro também – disse Alex. – Havia plantas e bichos assustadores. Talvez a gente só não os tenha visto.

Os gêmeos concordaram com a cabeça, embora soubessem que nunca tinham essa sorte. E os quilômetros seguintes da estrada de tijolos amarelos provariam que não tinham mesmo.

– O que foi isso? – indagou Cachinhos, parando de imediato.

– O que você viu? – perguntou João.

– Uma sombra enorme. Passou pelas árvores à minha direita…

Chapeuzinho gritou:

– Acabei de ver alguma coisa também. Ali, nas árvores, à esquerda!

O Homem de Lata pegou seu machado com as duas mãos, inspirando João e Cachinhos Dourados a também sacarem suas armas. Alex e Mamãe Ganso trocaram olhares – elas usariam mágica se fosse necessário.

As sombras moviam-se rapidamente de uma árvore a outra na mata. Alguma coisa – ou muitas coisas, ao que parecia – os estava *caçando*.

– O que são? – perguntou Conner.

– Kalidahs – respondeu o Homem de Lata, examinando a floresta nervosamente.

– Como? – Chapeuzinho indagou. – O que são Kalidahs?

Infelizmente, sua pergunta foi respondida por um bando de oito monstruosas feras que surgiram das árvores e os cercaram. Tinham corpo de urso e cabeça de tigre. Cada Kalidah media três metros e exibia garras e dentes cruéis.

– *Santo híbrido!* – berrou Mamãe Ganso.

Os Kalidahs rugiram para os trêmulos viajantes.

– Esses caras por acaso não seriam herbívoros, seriam? – perguntou Conner.

– Eles são, na verdade! – disse o Homem de Lata.

Conner ficou chocado.

– Puxa, que alívio!

– Espere um momento. Os herbívoros comem carne, certo? – perguntou o Homem de Lata.

– Não, esses são os *carnívoros*!

– Ah. Falha minha. Esses aí *certamente* são carnívoros.

Os Kalidahs partiram para cima do grupo. João e o Homem de Lata acertaram dois deles com o machado. Cachinhos golpeou um com a espada e chutou outro na barriga. Mamãe Ganso bicou um no nariz.

– Híbrido malvado! – ela ralhou. – Malvado, malvado!

A reação dos forasteiros só serviu para deixar os Kalidahs com mais raiva ainda; eles salivavam. Alex deu um soco na estrada de tijolos amarelos, e raízes de plantas saíram do chão, envolvendo as patas dos monstros.

– Corram! – gritou ela.

Os gêmeos e seus amigos correram pela estrada tão rapidamente quanto eram capazes. As raízes não fizeram mais do que retardar os Kalidahs por alguns segundos, e eles dispararam atrás dos viajantes. Alex e a Mamãe Ganso se mantinham na retaguarda do grupo, encantando a floresta enquanto corriam para proteger os amigos.

Alex abanou as mãos, e as árvores se curvaram, prendendo os Kalidahs nos galhos. Entretanto, as feras selvagens eram fortes demais para ser contidas por muito tempo e arrebentaram os galhos como se quebrassem gravetos.

Mamãe Ganso ergueu as mãos como se estivesse suspendendo alguma coisa pesada e as deixou cair com gosto, enviando uma forte onda pela estrada de tijolos amarelos e derrubando os Kalidahs.

– *Isso aí!* – disse ela, lançando um punho no ar.

Mas nem isso bastou para afugentar as feras. Elas passaram a evitar a estrada e a correr sob as árvores que a margeavam de ambos os lados. Estavam se aproximando. O Homem de Lata, João e Cachinhos Dourados golpeavam as patas que se precipitavam na direção do grupo.

A floresta estava começando a ficar menos cerrada, e a estrada de tijolos amarelos se dirigia a um prado florido. O prado era aberto: não havia árvores para protegê-los dos Kalidahs. Alex começou a entrar em pânico; as feras eram fortes e numerosas demais para serem vencidas num duelo corpo a corpo.

– Conner, quando chegarmos ao prado, não deixe os outros pararem de correr – disse ela. – Leve-os para o mais longe possível de mim! Eu vou ficar para trás!

– Mas os Kalidahs vão matar você!

– Não vão, não. Eu estou ficando *fora de mim*.

Conner se assustou ao ouvir isso, porém sabia que essa poderia ser a única chance de saírem vivos de Oz. Ele e o restante do grupo correram para o prado; Alex parou no limite da floresta e se virou para enfrentar os Kalidahs. Eles estavam bem próximos; ela conseguia distinguir o branco de seus olhos, a ponta dos caninos.

Alex fechou os olhos e tentou pensar em coisas transtornadoras. Sabia que, se conseguisse chegar ao ponto de perder o controle como ocorrera na Poção das Bruxas e no Palácio das Fadas, afugentaria os Kalidahs.

Felizmente, ela não precisou de tanto. As oito feras pararam subitamente a centímetros dela. Ganiram e partiram correndo na direção oposta. Alex não estava acreditando – ela ainda nem fizera nada. *Ou fizera?*

Os amigos viram aquilo e pararam no meio do prado.

– O que aconteceu? – gritou Conner.

– Não tenho a menor ideia – disse Alex, rindo. – Eles simplesmente pararam e correram para o outro lado!

Ela se juntou aos amigos no prado. Eles observaram confusos conforme as covardes criaturas recuavam para a floresta.

– Você deve ter olhado bem feio pra eles – disse Mamãe Ganso. – Essa é minha garota!

Todos parabenizaram Alex com abraços e tapinhas nas costas, mas ela não sabia se os merecia. Estava certa de que outra coisa os tinha assustado.

O Homem de Lata estava aturdido.

– Então, você e a velha são capazes de fazer *mágica*?

– Quem você está chamando de velha, ô, *ferrugem*? – Mamãe Ganso falou.

– Apenas alguns truques que o Mágico nos ensinou – disse Alex com uma

risada culpada.

Ainda bem que o Homem de Lata achou tudo muito intrigante, e não assustador.

A fuga dos Kalidahs devia ter pesado sobre os viajantes, que pareciam exaustos. Ofegavam sem parar, e nenhum deles conseguia recuperar o fôlego. Lester deitou no chão e adormeceu imediatamente.

– Vejam só todas essas flores lindas! – disse Chapeuzinho, admirando as flores escarlate que cobriam o prado. – Combinam perfeitamente com meu vestido!

Chapeuzinho pegou uma e colocou no cabelo. Enquanto pegava mais algumas para fazer um pequeno buquê, soltou um grito.

– O que foi, Chapeuzinho? – perguntou João.

– Um esqueleto! – gritou ela. – Bem ali, debaixo das flores!

Todos se aproximaram para examinar, porém pararam ao sentir estalos debaixo dos pés. O prado não era coberto apenas de flores, mas também de esqueletos. Era horripilante. E ninguém tinha recuperado o fôlego por completo para gritar – na verdade, quanto mais tempo ficavam no prado, mais exaustos se sentiam.

– Que lugar é este? – perguntou Cachinhos Dourados.

O Homem de Lata não parecia nem de longe tão cansado quanto o resto.

– Ah, não! – exclamou ele, os olhos alarmados. – Não era de *nós* que os Kalidahs estavam fugindo; era das flores! Entramos no campo das papoulas mortíferas!

Os gêmeos ouviram um baque atrás de si, logo seguido de outro. Um a um, os amigos caíam no chão, desmaiando com os vapores venenosos das papoulas.

– Conner – Alex ofegou. – O que vamos…

Ela tombou sobre as flores antes de terminar a frase.

Conner foi o último dos amigos a ficar de pé. Lutou ao máximo contra a anestesia, porém as papoulas eram fortes demais. A fragrância o deixou mais tonto e cansado do que jamais se sentira.

Quase cansado demais para respirar. Sem pulmões, o Homem de Lata foi o único a não ser afetado. Ele assistiu horrorizado enquanto Conner perdia lentamente a consciência.

– Busque… ajuda… – o garoto sussurrou para ele.

Conner desabou no chão. Seus olhos se fecharam, e ele caiu num sono profundo, talvez eterno…



CAPÍTULO 15

O castelo da bruxa

Alex e Conner acordaram com o som de fungadas. Sentiam-se tão grogues que não sabiam dizer se estavam mesmo acordados ou se ainda sonhavam.

– Eles morreram… Morreram, e é tudo culpa minha! – alguém gritou. – Eu sabia que não devia tê-los levado ao campo de papoulas. Agora eles nunca vão chegar ao castelo da bruxa, e eu nunca vou ganhar um coração.

Os gêmeos sentaram-se e olharam em volta. Encontravam-se num gramado ao lado de um riacho. Todos os seus amigos dormiam profundamente. Mamãe Ganso roncava tão alto que era um verdadeiro feito que os outros continuassem dormindo.

O Homem de Lata estava sentado num rochedo perto do riacho, chorando baldes e baldes de lágrimas nas mãos. Os gêmeos se ajudaram a levantar e andaram até ele.

– Senhor Homem de Lata, você está bem? – perguntou Alex.

– Não, eu não estou nada bem – ele respondeu, sem erguer os olhos. – Acabei de conduzir os parceiros do Mágico diretamente para a ruína! Eles respiraram muito do veneno mortífero das papoulas e nunca mais vão acordar! Eu nunca vou ganhar um coração e nunca vou amar, nem ter medo, nem rir, nem ficar triste de novo!

Alex e Conner dividiram um sorriso.

– Senhor Homem de Lata, pode enxugar as lágrimas! – disse Alex, contente. – Estamos acordados!

– É você, Alex? – perguntou o Homem de Lata, ainda sem erguer os olhos.

– Sim, sou eu. Meu irmão e eu acordamos, e os outros certamente vão acordar logo, logo.

– Ah, que maravilha! Achei que tinha perdido vocês todos para sempre!

Apesar das boas notícias, o Homem de Lata permaneceu na mesma posição de tristeza, as mãos cobrindo os olhos.

– Cara, tudo bem? – Conner perguntou.

– Temo que eu tenha chorado muito e ficado enferrujado. Você seria um bom amigo e pegaria a minha lata de óleo, por favor?

Conner pegou a lata atada à cintura de Lester e passou óleo nas juntas do

lenhador. Ele ficou tão feliz por ver que os gêmeos tinham acordado que deu um abraço bem forte em cada um deles. Os outros começaram a acordar também. Bocejaram, se espreguiçaram e ficaram intrigados ao perceber que o entorno havia mudado.

– O que aconteceu com a gente? – perguntou João.

– As papoulas mortíferas os colocaram para dormir. Eu os trouxe para o mais longe delas que consegui. Estava com medo de ser tarde demais! Mas vocês estão todos vivos, e está tudo bem!

O Homem de Lata pulava contente, fazendo um *bleng* bem alto toda vez que seu corpo de metal batia no chão.

– Você nos carregou pra cá *sozinho*? – Cachinhos Dourados perguntou.

– Ah, de maneira alguma. Os ratos do campo me ajudaram.

Todos subitamente congelaram. De início, não tinham percebido, mas o chão estava coberto por milhares de pequeninos ratos que se misturavam à terra. Chapeuzinho soltou um grito agudíssimo, e os ratos correram para as árvores próximas.

– Como você convenceu um bando de ratos do campo a ajudá-lo? – perguntou João.

– Enquanto arrastava os gêmeos para longe do campo, esbarrei na Rainha dos Ratos do Campo. Ela estava sendo perseguida por um gato selvagem que quase a pegou, mas, por sorte, eu interferi e cortei a cabeça do animal antes que ele a comesse. Como agradecimento, ela mandou os súditos me ajudarem a levar vocês para um lugar seguro.

– Ah! – os gêmeos exclamaram em uníssono. Eles tinham esquecido que, na história original, os ratos do campo ajudavam Dorothy e os amigos a escapar das papoulas. Ainda assim, era uma situação inusitada.

– Você deixou RATOS encostarem em mim enquanto eu estava dormindo? – gritou Chapeuzinho. – Você acha que eu tenho cara do quê? De CINDERELA? Isso é absolutamente nojento!

Você devia simplesmente ter me deixado no campo!

Mamãe Ganso se levantou e alongou as pernas e os braços. Suas juntas estalaram como fogos de artifício.

– Que soneca! Por quanto tempo a gente apagou?

– Dois dias – disse o Homem de Lata.

– Ah, não! – gritou Conner.

– Isso é terrível! – disse Alex, começando a entrar em pânico. – Significa que agora não estamos mais na frente do Lloyd! A essa altura, ele pode estar

recrutando a Bruxa Má e o exército dela!

– Então vamos para o País dos Winkies imediatamente! – clamou Cachinhos Dourados.

Sem perder nem mais um minuto, o Homem de Lata correu para a estrada de tijolos amarelos, e os outros o seguiram. Avan çavam tão rapidamente quanto seu corpo permitia, e a sonolência que restava da ação das papoulas aos poucos se desfez.

– Vejam! A Cidade das Esmeraldas! – o Homem de Lata apontou. – O País dos Winkies fica do outro lado! Já estamos quase lá!

Um forte brilho esverdeado preenchia o céu da cidade. Um imenso portão se erguia em volta dela, coberto de esmeraldas e joias que cintilavam com tanta força sob o sol que quase cegavam. Alex desejou com todo o coração poder viajar além dos portões e ver a espetacular cidade, mas não havia tempo para isso.

Talvez no futuro ela e o irmão voltassem a Oz em circunstâncias mais agradáveis e conhecessem a Cidade das Esmeraldas. Porém, quanto mais tempo levassem para chegar ao País dos Winkies, menos provável isso seria.

O grupo passou pela capital de Oz e seguiu por alguns quilômetros rumo ao oeste. Os campos verdejantes ficavam cada vez menos exuberantes, até que a grama acabou por completo. Tudo o que eles avistavam ao longe eram colinas duras, pedregosas. Perceberam imediatamente que haviam entrado no País dos Winkies, pois a estrada de tijolos amarelos tinha chegado a um beco sem saída.

– Por que nenhuma estrada passa pelo País dos Winkies? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Porque ninguém quer ir para lá – respondeu o Homem de Lata como se aquilo fosse óbvio.

– Se não existe caminho, como vamos encontrar a Bruxa Má? – perguntou João.

– Normalmente, a Bruxa Má sabe que você entrou no país dela assim que você pisa no chão dos Winkies – disse o lenhador.

– Ela tem um olho só, mas ele é poderoso como um telescópio; ela enxerga a quilômetros e quilômetros além do castelo. Nós não precisaremos encontrá-la: ela nos encontrará.

Todos se detiveram e fitaram com medo a nada amigável região à frente. Ninguém queria dar o primeiro passo.

– Um de cada vez – Mamãe Ganso brincou.

– Eu proponho que o Homem de Lata vá primeiro – sugeriu Chapeuzinho. – É

o mundo dele, afinal.

– Não podemos perder nosso guia – disse João.

– Eu vou primeiro – Alex falou. – Mas ninguém vai entrar desarmado no País dos Winkies.

Ela estalou os dedos, e baldes de água apareceram nas mãos de todos e no bico de Lester. Os amigos olharam os baldes com curiosidade.

– Para que serve isso? – perguntou Cachinhos Dourados.

– Alerta de *spoiler* – avisou Conner. – A água derrete a bruxa.

Alex caminhou na ponta dos pés até o fim da estrada de tijolos amarelos, respirou fundo e deu um passo para dentro do País dos Winkies. O grupo inteiro subitamente arquejou e se protegeu – mas nada aconteceu. Alguns instantes se passaram, e ainda não havia nem sinal da Bruxa Má.

– Talvez a fronteira tenha recuado – disse Chapeuzinho. – Dê mais um passo.

Alex deu mais um passo. Outra vez, todos se protegeram desnecessariamente. Ela percorreu alguns metros dentro do País dos Winkies, porém não houve represália.

– A bruxa não apareceu. Qual é o plano B? – perguntou Mamãe Ganso.

– Ouvi dizer que é possível encontrar o castelo seguindo o sol poente, no oeste – respondeu o Homem de Lata.

– Ok – disse Mamãe Ganso. – Todo mundo ouviu o que ele disse: *adiante!*

Os gêmeos e os amigos embrenharam-se no território dos Winkies. Foram os passos mais estressantes que jamais haviam dado. Eles estavam esperando ser atacados a qualquer instante por um dos lobos, ou corvos, ou abelhas, ou macacos alados da Bruxa Má, mas o ataque nunca ocorreu.

O grupo viajou por quilômetros e mais quilômetros a oeste sem que houvesse qualquer sinal de *nada*. A terra seca e desigual estava completamente deserta – eles não viram nem um único Winkie.

Quando o sol começou a descer, não foi difícil prever onde ele se poria, e os viajantes partiram naquela direção. Quando o sol desapareceu no horizonte, o castelo da bruxa ficou visível.

– Lá está ele! – gritou o Homem de Lata.

O castelo não era a fortaleza escura e intimidadora que eles esperavam; ao contrário, era bastante agradável e tradicional. Tinha torres, bandeiras e ficava no alto de um precipício que dava para o País do Oeste. O mais surpreendente era que não havia nada que os impedisse de se aproximar dele.

Os gêmeos e os amigos seguiram lentamente por um caminho íngreme que levava à entrada do castelo. A ponte levadiça já tinha sido abaixada, e eles a

cruzaram cuidadosamente, entrando no castelo sem dificuldades. O país inteiro estava *vazio*.

– Não estou gostando nem um pouco disso! – disse Conner. – Com certeza é uma armadilha! A qualquer minuto, vamos ser atacados pelas horríveis criaturas da bruxa!

Mesmo com a voz ansiosa do garoto ecoando pelos corredores do castelo, alma nenhuma se revelou. Os viajantes andaram pelo castelo vazio e chegaram a uma comprida sala do trono. As janelas altas ofereciam uma vista impressionante da terra árida em volta do castelo.

– Não estou entendendo – disse Conner enquanto olhava pela sala. – Onde está todo mundo?

– Não é óbvio? – questionou Alex com um suspiro. – Nosso tio chegou primeiro! Recrutou a bruxa e o exército dela. Chegamos tarde demais!

Derrotada, Alex sentou-se no trono da Bruxa Má. Subitamente, uma criatura alada saiu voando em pânico de debaixo do assento. Estava assustada e se movia tão rápido que ninguém conseguia dizer o que era. Voou para uma janela, mas não percebeu que estava fechada e deu de cara no vidro.

A criatura rodopiou até o chão e começou a gemer. Os forasteiros se juntaram em volta dela e a observaram cautelosamente. Era um pequeno macaco, não maior do que um gato. Tinha bochechas gorduchas e rosadas e trajava um paletó pequenino. Um par de asas parecidas com as de morcego saía de suas costas.

– É um macaco alado bebê – Chapeuzinho falou, encantada.

– Olá, amiguinho! Você é a coisa mais bonitinha que eu vi desde que chegamos aqui.

O bebê guinchou e investiu contra os recém-chegados, tentando defender-se deles. Porém estava mais assustado do que todo mundo, e seus esforços só o deixavam mais adorável.

– Tudo bem, amiguinho, nós não vamos machucá-lo – disse Conner.

Uma banana apareceu magicamente na mão de Alex, que a entregou ao macaco. Ele ficou muito grato e comeu a banana inteira em poucas mordidas. Alex ficou de joelhos e sorriu para ele.

– Você fala? – ela perguntou.

– Falo – o macaco disse com uma voz aguda como a de uma criança.

– Qual é o seu nome?

– Blubo.

– O que aconteceu, Blubo? Por que você está sozinho aqui?

A postura de Alex era calma e afável. Blubo sabia que não havia motivo para

ter medo dela.

– Um homem veio visitar a bruxa – disse o macaco. – Ele trazia um saco de livros e um par de sapatos de prata brilhante. Falou para a Bruxa que tinha matado a Bruxa Má do Leste e roubado os sapatos dela e que, se a bruxa os quisesse, teria de ajudá-lo.

– Muito bem, Blubo – disse Alex. – Você lembra o que o homem pediu à bruxa?

O macaco bateu as pálpebras para ela.

– Posso ganhar mais uma banana antes?

– Claro.

Alex estalou os dedos, e uma tigela de bananas apareceu. Blubo se esbaldou enquanto terminava a história. Ele estava muito mais animado, agora que tinha forrado a barriga.

– O homem disse para a bruxa que sabia que ela queria os sapatos de prata. Falou que, se ela o deixasse usar o exército de Winkies, lobos, corvos, abelhas e macacos alados, ele lhe daria os sapatos. A Bruxa Má concordou, e todos foram embora. *E que bananas ótimas!*

– Você sabe aonde eles foram?

– O homem pegou um livro e despejou uma água azul esquisita nele. O livro se acendeu feito mágica! Então, todos os Winkies, lobos, corvos, abelhas, macacos alados e a Bruxa Má seguiram o homem para dentro do livro!

Os gêmeos encararam os amigos com uma expressão preocupada. Era o que temiam.

– Por que você ficou para trás? – perguntou Conner.

– A Bruxa Má usa um chapéu dourado que controla os macacos alados. Mas eu sou novo, e o chapéu não me controla. Fiquei para trás, porém a minha família foi obrigada a ir. Espero que eles estejam bem.

– Eles deixaram o livro para trás? – Alex perguntou.

– O homem falou para a Bruxa Má me mandar jogar o livro do balcão do castelo quando eles fossem embora. O homem disse que precisava se livrar do livro porque pessoas apareceriam procurando por ele.

– Por que o Lloyd está se livrando dos livros para dentro dos quais está viajando? – perguntou João. – Segundo a sua avó, os livros são a única maneira de entrar e sair de cada história.

– Ele nos viu no Kansas, durante o ciclone – disse Conner. – Ele sabe que estamos indo atrás dele nas histórias. Se está se livrando dos livros, deve conhecer outro jeito de voltar para casa.

– Mas como isso é possível? – Cachinhos Dourados perguntou.

Todos ficaram em silêncio por um instante enquanto pensavam a respeito. O que mais o tio dos gêmeos poderia ter que lhe desse acesso ao mundo dos contos de fadas?

– Já sei – disse Chapeuzinho. – O Charlie tinha um livro chamado *Tesouro dos contos de fadas* na biblioteca. Esse livro continha todas as nossas histórias… embora eu não gostasse das ilustrações que fizeram de mim. Aposto que o Lloyd vai usar a Poção do Portal nele para voltar ao nosso mundo.

Isso dava a Lloyd uma vantagem ainda maior. Ele podia se mover livremente pelos mundos; ao contrário dos gêmeos e seus amigos, não precisava seguir as regras da poção.

Conner foi até a janela mais próxima e procurou o balcão.

– Nós precisamos encontrar o livro – disse. – Isso pode levar um tempão!

– Ou não – disse Blubo. – Como falei, o chapéu dourado não funciona comigo; não fui obrigado a seguir as ordens da bruxa. Eu escondi o livro.

– Onde? – perguntou Alex. – Podemos ver?

O macaco pensou a respeito.

– Se eu lhes der o livro, vocês vão derrotar a Bruxa Má e libertar a minha família?

Ele os encarou com olhos grandes e desesperados. Os gêmeos não podiam prometer nada, mas precisavam desesperadamente do livro.

– Prometemos *tentar* – disse Alex. – Há muita gente que esperamos salvar indo atrás desse homem. Vamos ajudar muitas famílias iguais à sua.

Blubo correu os olhos pelo grupo. Pôs uma mão no paletó e tirou um livrinho com uma capa verde. Entregou-o a Alex, que leu o título. Os olhos dela se arregalaram.

– *Peter Pan*. Ele está indo para a Terra do Nunca.

– O que tem na Terra do Nunca? – perguntou Cachinhos.

– O Capitão Gancho e os piratas – explicou Conner, o cora ção pesado.

Os demais não precisaram fazer nenhuma outra pergunta aos gêmeos para saber que isso fazia a situação ir de mal a pior.

– Então vamos atrás deles – disse João. – Não vamos resolver nada ficando parados aqui.

Eles se aglomeraram e discutiram a próxima fase do plano.

– Já que, diferentemente de nosso tio, não temos um caminho alternativo para voltar para casa, alguém precisa ficar em Oz para tomar conta d’ *O Mágico de*

Oz e do *Peter Pan* – Conner observou.

– Eu fico – ofereceu-se Cachinhos Dourados.

– Então eu também fico – disse João.

– João, eu vou ficar bem – ela argumentou. – Eles vão precisar de *um de nós* junto com eles.

– Eu não vou largar a mãe do meu filho que ainda nem nasceu. Se eles precisarem de nós, vamos estar só a um livro de distância.

Estava resolvido. Conner pegou o livro amarelo guardado na parte de trás do cinto e o entregou aos cuidados de João e de 186

Cachinhos Dourados. Alex colocou o livro verde no centro da sala e o abriu. Como esperado, um forte feixe de luz disparou até o alto teto do castelo.

– Estou com a sensação de que vocês são muito mais do que contaram – disse o Homem de Lata. Até aquele momento ele se mantivera calado, porém a visão do livro magicamente se iluminando o obrigou a romper o silêncio.

– *Talvez* nós tenhamos pulado alguns detalhes – disse Conner, acanhado.

– Vocês ainda podem me dar o coração que prometeram? – perguntou o lenhador, cheio de esperança.

– *Claro*. Mas isso pode levar um pouquinho mais de tempo do que tínhamos pensado.

– Se eu os ajudar mais na sua busca, isso pode me fazer ganhar um coração mais rapidamente?

Alex e Conner se olharam e deram de ombros.

– Mal não vai fazer – disse Alex.

– Então estou a seu serviço – disse o Homem de Lata.

Os gêmeos, Chapeuzinho, Mamãe Ganso, Lester e o Homem de Lata formaram um círculo em volta do feixe de luz.

– Todo mundo pronto? – Alex perguntou.

Os outros fizeram que sim com a cabeça.

– Lá vamos nós de novo – disse Conner. – Próxima parada: *Terra do Nunca*!



CAPÍTULO 16

Como se livrar dos Darling

Alex e Conner deram um passo para dentro do feixe de luz e deixaram para trás o castelo da bruxa e a Terra de Oz. Eles aguardaram enquanto as palavras da nova história construíam um mundo inteiramente novo à sua volta. O Homem de Lata, Chapeuzinho, Mamãe Ganso e Lester chegaram poucos instantes depois e observaram maravilhados o novo local.

– *Extraordinário* – disse o Homem de Lata. – Nunca vi um lugar como este.

– Espetacular! – Chapeuzinho falou, colocando uma mão sobre o coração. – Vejam todos esses prédios elegantes! Os postes! As ruas pavimentadas! Eu não esperava que a Terra do Nunca fosse tão *sofisticada*!

– Pessoal, aqui não é a Terra do Nunca – disse Conner. – Estamos em *Londres*.

Eles estavam numa pequena praça quadrada, cercada de ruas e fileiras de casas de bom gosto. Era tarde da noite, e todos os postes estavam acesos. Os gêmeos acharam graça no encanto que o clássico bairro inglês causara em seus amigos. O Homem de Lata e Chapeuzinho não estavam nem aí para o nome do lugar; ele era mais formidável e diferente do que qualquer coisa que já tinham visto.

– Alô, Londres! – disse Mamãe Ganso. – Menino, nós passamos bons momentos aqui, não foi, Lester?

Lester fez que sim com a cabeça, os olhos arregalados. Ele lembrava das coisas de um jeito bem diferente do que Mamãe Ganso se lembrava. Conner pegou a cópia de *Peter Pan* e a guardou na sela da ave gigante.

Uma carruagem puxada por um cavalo passou por eles na rua.

O cocheiro usava cartola alta e tinha um bigode espesso. Chapeuzinho e o Homem de Lata lhe fizeram uma gentil reverência e se curvaram. O homem os fitou de um jeito muito estranho, como se a sua mente estivesse lhe pregando uma peça, e seguiu pela rua sem assimilar aqueles seres.

– Em que ano essa história acontece? – perguntou Mamãe Ganso. – Antes ou depois do Grande Incêndio de Londres? *Não que eu tenha algo a ver com ele; estou apenas curiosa.*

– No começo do século XX – disse Alex.

– Mamãe Ganso, você já esteve nesta história antes? – perguntou Chapeuzinho.

– Londres é uma cidade do Outromundo, e é aqui que a história começa, como o Kansas – Alex explicou.

– Então já estou com medo de perguntar como faremos para chegar à Terra do Nunca – disse Chapeuzinho, temerosa. – Furacão? Terremoto? Ralo?

– Claro que não – disse Conner. – Isso seria ridículo. Nós vamos voar até a Terra do Nunca.

– Voar em quê? – perguntou Mamãe Ganso.

– Mamãe Ganso, não acredito que você não sabe nada sobre essas histórias – Conner falou. – Depois de todo esse tempo no Outromundo, como você não conhece *Peter Pan*?

– Eu estava ocupada demais espalhando histórias com a sua avó e com as outras fadas para ler qualquer coisa. Então, quem é esse tal de Pan? É piloto?

– Neste momento, ele é a nossa única esperança de encontrar e deter o tio Lloyd – disse Alex. – Venham comigo, precisamos procurá-lo.

Alex correu pela rua, e os outros foram atrás dela. Ela examinava cuidadosamente cada prédio pelo qual eles passavam. Às vezes, pulava um portão para espiar o interior da casa por uma janela.

– O que estamos procurando? – perguntou o Homem de Lata.

– A casa dos Darling – disse Alex. – Peter visita o quarto dos filhos dos Darling no começo do livro. Vou reconhecer quando vir. *Silêncio, todos vocês!*

Sem aviso, Alex empurrou Conner e Chapeuzinho em um canteiro de flores e arrastou o Homem de Lata, Mamãe Ganso e Lester para trás de uma pilastra na varanda que estavam espiando.

Um homem e uma mulher saíram de uma casa no outro lado da rua. O homem imediatamente trancou a porta e acompanhou a mulher na caminhada. Ele usava terno, e ela, um vestido. Estavam no meio de uma conversa.

– Estou dizendo, George, eu sei o que vi – disse a mulher.

– Mary, a sua imaginação fugiu e levou o seu juízo junto.

George riu.

– Eu não estava imaginando coisas – Mary insistiu. – Na noite passada, depois de ler uma história para as crianças, fiquei costurando enquanto elas adormeciam e vi… um menino do lado de fora da janela do quarto delas!

– Minha querida, do lado de fora da janela do quarto das crianças não tem nada, só ar.

– E depois ele *flutuou*. Nana também o viu! Ela fechou a janela, e ele sumiu.

– Imagine só.

– Não zombe de mim, George, eu não diria essas coisas se não fossem verdade. De qualquer modo, ele deixou a sombra dele para trás. Guardei-a numa gaveta para garantir. Imagino que ele vá voltar para buscá-la.

– A *sombra*? – George não estava acreditando nas palavras que saíam da boca da esposa. – Mary, chega. Você ficou enfurnada com as crianças tempo demais e precisa de um descanso. Vamos aproveitar o resto da nossa noite sem conversar mais sobre esse absurdo, por favor.

George e Mary viraram a esquina e desapareceram.

– A esposa está doidinha – Mamãe Ganso sussurrou.

– Não, ela está dizendo a verdade – disse Alex. – A qualquer momento, Peter Pan e uma fada chamada Tinker Bell vão aparecer na janela do quarto das crianças. Preciso admitir que estou empolgada por vê-los!

Todos ficaram de olho nas altas janelas do último andar da casa, esperando que o menino e a fada aparecessem. Eles esperaram e esperaram, mas nada aconteceu. Vigiaram as janelas até ficarem com dor no pescoço. Os outros se sentaram nos degraus da escada, mas Alex permaneceu firme – ela não queria perder nada.

– Vai ser a qualquer momento! – disse ela, alegre. – A gente o pega, se livra dos Darling e vai para a Terra do Nunca!

Algumas longas horas depois, não havia nenhum sinal de Peter Pan nem de Tinker Bell. Então eles ouviram algumas vozes, e o coração de todos se acelerou: *era agora*. Eles rapidamente retomaram suas posições atrás das pilastras e no canteiro de flores. No entanto, eram só George e Mary entrando na rua, voltando para casa.

– Isso não está certo – disse Alex. – Não era para eles voltarem ainda! A essa altura, Peter Pan já devia ter levado Wendy, Michael e John para a Terra do Nunca.

Na hora em que o sr. e a sra. Darling subiram os degraus da entrada da casa, Conner sentiu uma leve brisa. Olhou para a rua e avistou um garoto à espreita atrás da chaminé de uma casa. O garoto voou de uma chaminé para outra, aproximando-se da casa dos Darling.

– *Pessoal!* – sussurrou Conner. – *Vejam! É o Peter!*

Todos se viraram para onde Conner apontava e viram “o menino que não queria crescer” em pessoa. Ele tinha um cabelo vermelho e bagunçado e bochechas rosadas e trajava roupas feitas de folhas verdes e marrons.

Peter pairou acima da chaminé da casa vizinha à dos Darling até George e Mary entrarem. Assim que fecharam a porta, o garoto se precipitou em direção

às janelas do quarto das crianças, sem jamais projetar uma sombra.

Alex apontou a janela, que se fechou antes que Peter a alcan çasse. Ele puxou a janela, mas ela não se mexeu. O garoto ficou muito preocupado e olhou para dentro do quarto. Como não viu nenhum movimento, Peter bateu de leve no vidro.

– *Tinker Bell?* – sussurrou. – *Tinker Bell, você está aí? A mulher prendeu você junto com a minha sombra?*

Como não houve resposta, Peter assumiu uma postura cabisbaixa e perdeu um pouco de altitude. Ele rapidamente voou para dentro da noite, vasculhando o céu e as ruas ao redor.

– Atrás dele! – berrou Alex. – Não podemos perdê-lo!

Eles perseguiram Peter pelas ruas como se ele fosse um balão solto. Ficou muito difícil acompanhá-lo; quanto mais ele procurava, menos inclinado ficava a permanecer alinhado com as ruas. Ele voava por cima de várias ruas de uma vez, pulando de bairro em bairro.

– Nesse ritmo, não vamos encontrá-lo! – disse Chapeuzinho.

– Concordo. Somos ratos correndo atrás de pombos – disse Mamãe Ganso. – Lester, voe atrás dele!

– Esperem! – disse Conner; algo lhe chamara a atenção. – Olhem *ali* .

Apontou para uma pracinha no centro do bairro. Peter Pan estava sentado no topo de uma estátua. Seu rosto estava enterrado nos braços cruzados, e ele parecia estar chorando. Os gêmeos e os amigos seguiram para a praça o mais rápida e silenciosamente possível – uma tarefa particularmente difícil, dadas as pesadas botas de metal do Homem de Lata.

– Devo dizer alguma coisa pra ele? – perguntou Conner.

– Não, deixe comigo – disse Alex. – Eu sei exatamente o que dizer.

Ela caminhou na ponta dos pés até a estátua em que ele estava sentado. Peter estava tão chateado que não a ouviu chegando.

– Menino, por que você está chorando? – perguntou Alex, citando a história, que conhecia de cor.

Assustado, Peter disparou no ar abruptamente. Quando viu que era só uma menina, colocou as mãos no quadril e desceu lentamente até o chão.

– Quem é você? – perguntou Peter.

– Meu nome é Alex. E estes são meus amigos.

Ela fez um gesto para o irmão e os outros, que se aproximaram.

– *Piratas!* – Peter gritou ao vê-los. Ele se colocou na frente de Alex e sacou uma pequena adaga. – Não se preocupe, Alex! Eu vou proteger você!

– Não são piratas, são meus amigos. Não vão fazer mal a ninguém.

– *Todos* os adultos são piratas. – Peter brandiu a adaga na dire ção de Conner e dos demais.

– Mas eu só tenho um ano ou dois a mais do que você – disse Conner.

– *Eu só tenho um ano ou dois a mais do que você* – Peter repetiu com uma voz engraçada e cara feia.

– Você está me zoando? – perguntou Conner.

– *Você está me zoando?* – disse Peter.

– Cara, pare com isso.

– *Cara, pare com isso.*

– Meu Deus, como você é imaturo.

– *Meu Deus, como você é imaturo.*

Conner, profundamente irritado, grunhiu fortemente e falou: – Eu sei que permanecer criança é o seu barato, mas você *definitivamente* precisa dar uma crescida!

– Eu sei que *permanecer criança é o seu barato…* – Peter parou de imitá-lo e o encarou com curiosidade. – Espere, como você sabe disso?

Alex aproveitou a oportunidade para se colocar entre Peter e os demais.

– Todos nós sabemos sobre você e a Terra do Nunca – disse ela. – Estávamos à sua espera na casa dos Darling, mas você chegou tarde… Quer dizer, mais tarde do que deveria. Por que demorou tanto?

Peter guardou a adaga, porém continuou a fitá-los com curiosidade.

– Eu estava procurando pela Tinker Bell. É minha amiga, uma fada. Ontem à noite, Tinker Bell e eu ficamos ouvindo enquanto a senhora Darling lia um conto de fadas para as crianças. A senhora Darling me viu do lado de fora da janela, por isso eu saí com pressa. Saí tão rápido que minha sombra ficou para trás. Normalmente, a Tinker Bell fica bem do meu lado, mas não consegui encontrá-la em lugar nenhum! Procurei pela cidade inteira; ela *sumiu*!

– Você tem alguma ideia de onde a Tinker Bell pode ter ido? – perguntou Alex.

– Será que ela não voltou para a Terra do Nunca? – Conner sugeriu.

– Não, a Tinker Bell não gosta de voar sozinha – disse Peter com tristeza. – Agora eu estou completamente sozinho, sem fada e sem sombra.

– Por que a sombra é tão importante? – perguntou Conner.

Peter o encarou como se ele tivesse insultado um membro de sua família.

– A sombra é um amigo que nunca o abandona!

– Mas *a sua* o abandonou.

– Não foi culpa dela. Ela achou que as crianças fossem acordar e que a mãe leria mais uma história para elas. A sombra adora contos de fadas.

Um sorriso orgulhoso apareceu no rosto de Chapeuzinho.

– Qual conto de fadas era? – perguntou, alisando os cabelos com os dedos.

– Cinderela.

Chapeuzinho murchou.

– Ah… – disse ela com um suspiro decepcionado. – Você não perdeu grande coisa. Ela morre no final.

Peter ficou boquiaberto, e seus olhos ficaram marejados.

Alex puxou Conner de lado pelo braço.

– Você está pensando o que eu estou pensando? – perguntou ela.

– Que o garoto é psicótico?

– Não, sobre a *Tinker Bell*. Não pode ser coincidência que ela tenha sumido na mesma hora em que o nosso tio entrou na história.

– Ah, sim, claro. Obviamente, o Lloyd a sequestrou. Ele provavelmente usou o pó mágico para viajar para a Terra do Nunca e recrutar o Capitão Gancho.

– Não é só para isso que ele está usando a Tinker Bell. Ele precisa de alguma coisa para barganhar com Gancho, como fez com a Bruxa Má e os sapatos de prata. E o que o capitão quer mais do que tudo?

– Matar *Peter* – disse Conner, esforçando-se para lembrar a história. – O tio Lloyd vai dar Tinker Bell ao Capitão Gancho para que ele a use como isca para *Peter.*

– Exatamente.

Os gêmeos rapidamente se juntaram aos amigos e ao menino cuja idade não aumentava.

– Peter, nós sabemos onde está a Tinker Bell! – disse Conner.

– Onde? – perguntou Peter. Ele estava tão empolgado que levitou a mais de um metro e então pairou diante dos gêmeos.

– Um homem muito mau a sequestrou – disse Alex. – Ele a está usando para recrutar o Capitão Gancho e os piratas para um exército especial. Você nos levaria à Terra do Nunca? Com a sua ajuda, talvez consigamos detê-lo e salvar a Tinker Bell, mas só saberemos quando chegarmos lá!

– Claro! Sigam-me.

Peter disparou para o céu como um foguete e desapareceu de vista. Esquecera-se completamente de levar os outros.

– Esse garoto tem um caso grave de déficit de atenção – Conner observou.

Eles esperaram alguns instantes e ficaram aliviados quando Peter enfim voltou.

– Desculpem, esqueci de lhes dar o *pó mágico*! – Ele pôs a mão numa bolsinha presa ao cinto e tirou um punhado de pó cintilante, que lançou sobre cada um deles. – *Pow! Bam! Cabum! Shazam!* – brincou, cobrindo-os com pó até que não sobrasse nada.

– Eu dispenso, obrigada – disse Mamãe Ganso quando chegou a vez dela. – A última vez em que usei pó mágico foi em 1964 e, no dia seguinte, acordei em cima da ponte do Brooklyn com o John Lennon tatuado no meu tornozelo. Se vamos voar para a Terra do Nunca, eu vou no Lester mesmo.

– Como quiser – disse Peter. – Vocês aí, pensem em coisas lindas, maravilhosas!

Mais fácil falar do que fazer. O grupo tinha passado alguns dias estressantes, e pensar em algo alegre o bastante para enchê-los de felicidade foi bem difícil.

– Ah, vamos lá! – encorajou-os Peter. – Nenhum de vocês consegue ter um único pensamento feliz? Vocês devem ser o grupo mais triste que já conheci!

– Eu não *consigo* pensar em nada feliz – disse o Homem de Lata. – Eu precisaria de um *coração* para isso… *UOOOU!*

Só de mencionar um coração, o Homem de Lata se elevou a mais de um metro do chão. Flutuou com braços e pernas afastados, feito um astronauta, e girou como uma roda. Era uma sensação muito esquisita, e ele não tinha certeza se estava gostando.

Os gêmeos e Chapeuzinho ficaram muito impressionados com o amigo levitativo. Mesmo assim, manifestar um pensamento de pura felicidade era como encontrar água no deserto. Peter ficou inquieto: ele nunca tivera tanta dificuldade para ensinar alguém a voar.

– Se vocês não conseguem *pensar* em nada feliz, tentem *lembrar* de algo feliz. Espero que vocês tenham ao menos *uma* memória alegre.

Eles fecharam os olhos e vasculharam a memória em busca do momento em que tivessem sido mais felizes do que nunca.

– Estou pensando na vez em que a senhora Peters me disse que eu escrevia bem – Conner falou.

– Estou pensando na vez em que a vovó contou que tínhamos mágica no sangue – disse Alex.

Alex e Conner lentamente saíram do chão e se deram as mãos para se firmar. A sensação de falta de peso fez os gêmeos rirem.

Era como nadar numa piscina e andar de montanha-russa ao mesmo tempo.

– Muito bem! – disse Peter. – Agora é a sua vez, princesa.

– É *rainha*, muito obrigada – disse Chapeuzinho.

Chapeuzinho estava com mais dificuldades do que todos, o que não era de surpreender, considerando a semana devastadora que tinha enfrentado. Ela estava com medo de que, se entrasse em contato com as próprias emoções, acabasse enterrada no chão, isso sim.

– Vamos lá, Chapeuzinho – Conner incentivou. – Você consegue!

– Esqueça o casamento – disse Alex. – Recorde o momento em que você foi mais feliz!

Chapeuzinho fechou os olhos com força.

– Estou pensando no dia em que virei rainha do meu próprio reino. – Ela abriu um olho para ver se tinha funcionado, mas infelizmente ainda estava no chão.

Para ela, uma memória não funcionaria. Tudo em que Chapeuzinho pensava só lhe fazia lembrar Froggy e a saudade que sentia dele. Assim, em vez de olhar para o passado em busca de felicidade, olhou para o futuro.

– Estou pensando no dia em que eu terei Charlie de volta e acabarei com Morina!

Aos gritos, a jovem rainha foi lançada para o céu como um fogo de artifício, subindo mais alto do que todos os outros. Os amigos gritaram vivas e a aplaudiram. Chapeuzinho rodopiava no céu, lutando para manter no lugar as camadas do vestido. Enfim conseguiu ajeitar-se e olhou para baixo, assustada: não conseguia acreditar em quão alto estava.

– E lá vamos nós! – disse Peter, voando para o céu da noite.

Mamãe Ganso pulou nas costas de Lester, e eles seguiram o garoto.

Alex, Conner, Chapeuzinho e o Homem de Lata flutuavam para cima e para baixo como balões num desfile. Flutuar era fácil; aprender a *voar* demandava certo esforço.

Primeiro, eles tentaram *nadar* no ar, mas tudo o que conseguiram com isso foi cansar. Por fim descobriram que, se colocassem pressão nos pés, como se estivessem andando em um patinete invisível, conseguiriam se movimentar através do ar. Depois de alguns instantes, eles pegaram o jeito e dispararam atrás de Peter e Mamãe Ganso.

Peter sem dúvida tomou o caminho mais pitoresco para a Terra do Nunca. Eles circundaram a Torre de Londres; fizeram uma espiral na Tower Bridge, evitando por pouco um barco a vapor que passava debaixo dela; voaram por cima do rio Tâmisa, que serpeava pelo coração da cidade. Peter chegava tão

perto do leito do rio que espirrava água nos gêmeos.

O grupo ziguezagueou pelas torres do Parlamento e deu voltas em torno do Big Ben. De brincadeira, Peter chutou o ponteiro menor do relógio gigante, atrasando Londres em uma hora e fazendo o famoso relógio badalar com força.

Por causa de seu tamanho e de sua rigidez, o Homem de Lata não voava com a mesma agilidade dos demais e ficava esbarrando nas coisas. Ele ricocheteou do telhado do Parlamento como uma bolinha de fliperama.

– *Sinto muito! Perdão! Falha minha!* – desculpava-se com as torres, as chaminés e os mastros de bandeiras com os quais se chocava.

Eles sobrevoaram o Palácio de Whitehall, o Parque de St. James e partiram na direção do Palácio de Buckingham.

– Opa, o que é aquilo? – disse Chapeuzinho ao ver o palácio.

– Palácio de Buckingham – disse Alex. – É onde mora a famí lia real.

Chapeuzinho ficou hipnotizada.

– Que lugar mais estiloso, de bom gosto! Vejam aquela linda estátua na frente, no meio da rua! Era uma estátua assim que eu queria construir para celebrar meu casamento com o Charlie!

Chapeuzinho se afastou dos outros e voou até o portão. Ela observou o castelo através dos portões, deliciada. Precisava se segurar às grades porque o pó mágico fazia com que ficasse subindo em direção ao céu.

Um dos guardas do palácio viu Chapeuzinho e a encarou totalmente incrédulo. Não era todo dia que se via uma mulher flutuante.

– Ei! – Chapeuzinho gritou para ele. – Adorei seu chapéu! Por favor, diga ao atual monarca que a rainha Chapeuzinho do Reino do Centro mandou um oi…

Conner voou até o portão e puxou Chapeuzinho.

– Chapeuzinho, vamos. Você vai ficar para trás!

O guarda do palácio desmaiou, e Chapeuzinho e Conner juntaram-se aos amigos. Peter os conduziu cada vez mais alto no céu. Eles deixaram Londres e dirigiram-se às estrelas.

Por alguns minutos, os gêmeos esqueceram todas as preocupa ções. Não sentiam a angústia de correr atrás do tio, nem o ônus de detê-lo, nem o medo do que aconteceria se falhassem. Tudo o que os gêmeos sentiam era *liberdade* e o frescor da noite contra seu rosto. Seu ânimo estava tão elevado quanto seu corpo. Eles trocaram um sorriso; sabiam que se lembrariam daquela experiência pelo resto da vida.

Eles olharam para trás e viram não apenas Londres, mas o mundo inteiro. Tinham deixado a atmosfera da Terra, porém o ar viajava com eles.

– Diga-me, onde fica a Terra do Nunca mesmo? – Mamãe Ganso perguntou.

– Segunda estrela à direita; depois, é só seguir reto até o amanhecer! – gritou Peter.

Exatamente quando ele disse isso, uma estrela de brilho incomum surgiu à frente. Quanto mais eles se aproximavam dela, mais se descortinava uma pequena ilha flutuante.

– Chegamos! – disse Peter. – Bem-vindos à Terra do Nunca!



CAPÍTULO 17

Aventuras com os Meninos Perdidos

Peter Pan e seus companheiros de voo pairavam sobre uma enorme nuvem fofa e admiravam a vista impressionante da mística ilha.

Havia uma alta cordilheira no centro da Terra do Nunca, e o resto da ilha era composto de praias e colinas. Ela era coberta de florestas e selvas, e havia cachoeiras, rios, riachos e baías. A água corria pela ilha e desembocava em um oceano que cercava a Terra do Nunca e se confundia com o céu estrelado.

A Terra do Nunca era um paraíso para crianças, com aventuras e descobertas em cada canto. Era tudo o que os gêmeos tinham imaginado, e muito mais.

– Está vendo aquele rastro de fumaça nas colinas? – perguntou Peter, apontando para ele. – Aquela é a Tribo dos Piccaninnies! E ali fica a Lagoa das Sereias! E bem ali no meio é onde os Meninos Perdidos e eu moramos!

– E o Capitão Gancho e os piratas? Onde estão? – perguntou Alex.

– A bordo do *Caveira e Ossos*, que fica na Baía dos Piratas, do outro lado da Terra do Nunca. Venham comigo, eu mostro pra vocês!

– Não, espere! – disse Conner. – Não podemos correr o risco de ser vistos pelos piratas! Eles não podem saber que estamos aqui até termos um plano para impedir que saiam da ilha.

– Então, teremos que espioná-los da *terra* – disse Peter, parecendo muito empolgado com o desafio. – Precisamos nos juntar aos Meninos Perdidos e ir imediatamente até o navio dos piratas! Se vamos chegar perto dos piratas, é melhor nos garantirmos em quantidade.

Ele mergulhou dentro da nuvem e voou para a ilha. Os outros seguiram-no, exceto o Homem de Lata, que contornou a nuvem, com medo de que ela o enferrujasse. Eles inspecionaram com cuidado a terra enquanto desciam, esperando que sua presença passasse despercebida.

Peter os guiou a uma área tropical no coração da Terra do Nunca. A região era coberta de areia e plantas com folhas enormes. Peter grasnou como um pássaro para anunciar aos Meninos Perdidos que ele tinha voltado para casa.

Quando o grupo estava prestes a pousar, Conner ouviu um leve *vum* perto de seu rosto. Ele não deu muita bola de início, porém o som continuou e aumentou – agora vinha de todos os lados. Quando se voltou para a irmã para perguntar se ela também estava ouvindo, avistou algo muito pequeno e fino voando entre

eles.

– Mas o que… TODO MUNDO, CUIDADO! – gritou Conner.

Era o som de *flechas* sendo disparadas contra eles das árvores abaixo. Os gêmeos e seus amigos tentaram se esquivar, mas as flechas eram tão finas que eles mal as viam. Elas acertavam o Homem de Lata e ricocheteavam em todas as direções.

– AI! – gritou Chapeuzinho. Os gêmeos olharam para trás e viram uma flecha espetada no traseiro dela. – FUI ATINGIDA!

Chapeuzinho ficou pálida, e suas pálpebras bateram até se fechar. Ela despencou até a ilha, parando na areia. Peter, os gêmeos, o Homem de Lata, Mamãe Ganso e Lester pousaram e correram para perto dela.

– Chapeuzinho, tudo bem? – perguntou Alex.

Mamãe Ganso deu uma boa olhada na flecha espetada em Chapeuzinho e a arrancou. Chapeuzinho imediatamente voltou à vida e se sentou.

– DEVAGAR! Isso dói! – disse ela.

– Relaxe. Seu vestido é tão grosso que a flecha mal tocou a sua pele.

– Peter, o que está acontecendo? Os índios estão nos atacando?

– perguntou Conner, nervoso.

Peter examinou a fina flecha.

– Não – disse. – Se fossem flechas de índios, vocês estariam mortos.

Um grupo de seis garotinhos surgiu das árvores. Urravam imitando sons de animais e entoavam cantos de guerra enquanto corriam.

Erguiam arcos e flechas, espadas, martelos e tacos. Todos estavam imundos e usavam roupas feitas de folhas, pedaços de tronco, peles de animais e qualquer coisa que conseguissem encontrar pela ilha.

Os meninos pararam quando viram Peter junto dos recém-chegados.

– Peter! – gritaram em uníssono.

– Olá, garotos! Voltei para a Terra do Nunca!

Eles deram vivas e pulos de alegria – pareceram bem fáceis de agradar.

– Meninos Perdidos, gostaria de lhes apresentar os meus novos amigos – disse Peter, que não era bom de nomes. – Novos amigos, estes são os Meninos Perdidos: Firula, Bico, Magrelo, Caracol e os Gêmeos.

Ao ter o seu nome anunciado por Peter, cada um dos Meninos Perdidos lançou um olhar feroz e um grunhido aos recém-chegados – e cada um tentou grunhir mais alto do que o anterior, porém nenhum deles chegava a intimidar. Por mais alto que gritassem, não passavam de garotinhos.

Magrelo era o mais velho dos garotos e usava óculos espessos. Bico era muito briguento e o que tinha menos dentes de leite. Caracol, que usava uma gravata feita de trepadeiras, era o mais sofisticado do grupo. Firula era o mais rechonchudo dos garotos, e suas roupas eram bem apertadas. Os Gêmeos dos Meninos Perdidos eram os mais novos do grupo, além de idênticos; andavam em sincronia perfeita, parecendo dividir o mesmo cérebro.

– Vejam, é o pássaro gigante que tentamos derrubar! – disse Magrelo, apontando para Lester.

– Vamos pegá-lo antes que ele saia voando! – gritou Bico.

– Vamos cozinhá-lo e comer por dias! – falou Firula.

– Há milênios que a gente não faz uma boa refeição – disse Caracol.

– *Atacar!* – disseram os Gêmeos Perdidos.

Os Meninos Perdidos lamberam os beiços e saíram correndo atrás de Lester feito selvagens. Lester se escondeu atrás de Mamãe Ganso, e Peter impediu os garotos de o atacar:

– Garotos, deixem o pássaro em paz! Ele é amigo da Alex, e qualquer amigo da Alex é meu amigo!

Os Meninos Perdidos se encurvaram e chutaram a areia.

– Está bem, Peter – disseram juntos.

Sua empolgação voltou assim que viram o Homem de Lata.

– Olhe só aquele homem! – disse Magrelo.

– É feito de metal! – disse Caracol.

– Nós podemos transformá-lo em forno! – disse Firula.

– E armas! – disse Bico.

– *Atacar!* – disseram os Gêmeos Perdidos.

Os Meninos Perdidos partiram para cima do Homem de Lata e o derrubaram, entoando cantos de guerra e batendo nele com suas armas.

– Ei! Parem com isso! Chega! – disse o lenhador.

Os outros não acreditavam no que estavam presenciando. Os Meninos Perdidos eram as crianças mais malcomportadas do universo. Era como se estivessem representando papéis num faz de conta selvagem, mas o faz de conta nunca tinha fim.

– E é *por isso* que eu nunca me reproduzi – disse Mamãe Ganso.

– Não acho que essas crianças estejam qualificadas para nos ajudar – Chapeuzinho sussurrou para os gêmeos.

Os gêmeos estavam ficando frustrados: não podiam se dar ao luxo de perder

mais tempo. Alex agitou a mão, e um vento forte soprou os Meninos Perdidos para longe do Homem de Lata. Eles se levantaram e, amedrontados, se aglomeraram.

– É uma bruxa! – gritaram os Meninos Perdidos, apontando para ela.

– Sou muito mais assustadora do que uma bruxa – disse Alex.

– E, se qualquer um de vocês tentar caçar, alvejar ou atacar algum dos meus amigos de novo, vou transformá-los todos em pássaros e eu mesma vou caçá-los, seus moleques!

– Peter, por que você trouxe uma bruxa para a Terra do Nunca? – perguntou Magrelo.

– Não acredito que a Tinker Bell deixou você fazer isso – disse Bico.

– Ela vai me dar pesadelos! – confessou Firula.

– Um minuto, *cadê* a Tinker Bell? – perguntou Caracol.

– Tinker Bell? – perguntaram os Gêmeos Perdidos.

Os Meninos Perdidos procuraram a amiga fada na ilha inteira, mas ela não estava em lugar nenhum.

Peter lhes contou a notícia:

– Tinker Bell foi raptada. Eu trouxe Alex e os amigos dela para nos ajudar a resgatar Tinker Bell do homem que a roubou!

– Raptada? – disse Firula, chocado.

– Não! A Tinker Bell, não! – disse Magrelo, começando a chorar.

– Ele vai pagar por isso! – disse Bico com um grito de vingança.

– Mas *quem* raptou a Tinker Bell? – perguntou Caracol.

– Pois é, quem? – perguntaram os Gêmeos Perdidos.

Peter encarou Alex e Conner – talvez fosse melhor se algum deles explicasse.

– Um homem terrível que quer recrutar o Capitão Gancho e os outros piratas para um exército especial – disse Alex. – Nós precisamos encontrá-lo e detê-lo antes que ele deixe a Terra do Nunca com os piratas e a Tinker Bell!

Os Meninos Perdidos tremiam de raiva – estavam furiosos por alguém ter feito aquilo com sua amiga.

– Vamos para o *Caveira e Ossos* imediatamente! – disse Bico.

– Não vamos deixá-los ir embora com a Tinker Bell! – disse Magrelo.

– Nenhuma piedade com esses piratas! – disse Caracol.

– Não faremos prisioneiros! – disse Firula.

– *Atacar!* – disseram os Gêmeos Perdidos.

Cada Garoto Perdido estava mais inflamado do que o outro. Eles não

precisavam de muitas explicações para se empolgar com o que quer que fosse.

– Calma, pessoal, as coisas não são tão simples assim – disse Conner. – Esse homem de quem falamos não está sozinho. Ele tem lobos, corvos, abelhas, macacos alados e um exército de Winkies. Não teremos a menor chance se simplesmente invadirmos o navio e começarmos uma briga. Precisamos ver a embarcação e bolar um plano para detê-los.

Mais uma vez, os Meninos Perdidos se encurvaram e chutaram a areia. Tudo o que eles queriam era atacar *qualquer coisa* hoje – será que era pedir demais?

– Vocês o ouviram, garotos! – disse Peter e saiu voando. – Vamos levar nossos novos amigos até os piratas para ver o que nos espera!

Ele voou para as árvores, e os Meninos Perdidos correram atrás dele. Os gêmeos olharam para os amigos e deram de ombros.

– Acho que é para irmos atrás deles – disse Alex.

– Isso vai dar terrivelmente errado – disse Chapeuzinho.

– Não temos muitas opções – Mamãe Ganso observou. – Vamos seguir os Escoteiros do Inferno e esperar pelo melhor.

Todos trocaram olhares, cada um mais apreensivo do que o outro, mas Mamãe Ganso tinha razão.

Logo Peter voltou com uma informação que tinha esquecido de passar:

– Só um alerta. Os Meninos Perdidos gostam de preparar armadilhas.

Alex, Conner e seus amigos seguiram cautelosamente Peter e os Meninos Perdidos até o outro lado da ilha. As selvas da Terra do Nunca eram cheias de répteis grotescos e de insetos repulsivos – o sonho de qualquer garotinho. Chapeuzinho quase teve um ataque de pânico ao ver aquelas criaturas. Ela fechou os olhos e deixou que os gêmeos a guiassem; só queria fazer de conta que estava em outro lugar.

Eles chegaram à Baía dos Piratas e se esconderam atrás de uma fileira de rochedos na praia. O *Caveira e Ossos* era um enorme navio feito de madeira preta e vermelha e ocupava a maior parte da baía. Alex e Conner não tinham lá muita experiência com navios piratas, mas o do Capitão Gancho era de longe o mais impressionante que já tinham visto.

Eles ouviram muitas vozes e atividades vindas do navio, porém o *Caveira e Ossos* era tão alto que eles não conseguiam ver nada do que acontecia no convés.

– Podemos chegar mais perto? – perguntou Conner.

– Não sem que os piratas nos vejam – disse Peter.

Um pequeno bote foi arriado ao mar. Tinha um passageiro apenas, e os gêmeos não precisaram chegar mais perto para saber quem era.

– Conner, veja! – disse Alex. – É o tio Lloyd!

– O que ele está fazendo?

Lloyd não parecia frustrado nem derrotado como se estivesse sendo chutado para fora do navio pelos piratas. Pelo contrário, parecia muito empolgado.

Remou até o centro da baía e parou. Acenou com um len ço branco para o navio. O pirata no cesto da gávea acenou de volta com um lenço e em seguida assobiou para os piratas no convés.

As velas foram içadas e encheram o céu, inundando-se da brisa do oceano. O *Caveira e Ossos* adentrou lentamente a baía, indo direto para Lloyd e o bote. Lloyd tirou a garrafa com a poção azul do bolso da lapela e verteu algumas gotas sobre um livro vermelho.

Um feixe luminoso disparou do objeto em direção ao céu.

– Lloyd e o livro serão esmagados se ele não sair do caminho! – disse Mamãe Ganso. – Se bem que eu não sei muito sobre navios; não passei mais do que um fim de semana no *Mayflower*.

Os gêmeos assistiam à cena com expectativa – que carta o tio teria na manga agora? Para a surpresa deles, o *Caveira e Ossos* ergueu-se da água e voou!

– Como é possível? – arquejou Chapeuzinho.

– Eles devem ter jogado o pó mágico da Tinker Bell no navio inteiro! – disse Peter.

O navio sobrevoou o bote e adentrou o feixe de luz. O navio inteiro, os piratas e todos os outros a bordo desapareceram da Terra do Nunca e entraram na história do livro vermelho. No bote, Lloyd festejou ao ver o navio desaparecer: mais uma fase de seu plano estava concluída.

O tio dos gêmeos amarrou uma pesada corrente em volta da contracapa do livro. Em um gesto ágil, ele próprio pulou no feixe e deixou o livro cair no oceano. Lloyd desapareceu, e o livro vermelho afundou na água da baía.

Os gêmeos e os demais observadores saíram correndo de trás dos rochedos e encararam a baía sem acreditar no que tinham visto.

– Não acredito que ele fez isso – disse Alex. – Ele foi embora não apenas com o Capitão Gancho e os piratas, mas com o navio deles também!

– Eles acabaram de viajar para dentro de um livro mágico? – Peter perguntou aos gêmeos.

– Não comece a fazer perguntas agora, meu jovem – disse Mamãe Ganso. – Ou a sua cabeça vai explodir.

– A gente precisa pegar aquele livro – disse Conner, mirando a água. – Certo, levante a mão quem é bom nadador. Bico, acho que é você.

– A baía é funda demais para qualquer humano chegar ao fundo – disse Peter. – Mas eu conheço uma coisa que consegue. Garotos, vamos levar nossos amigos para a *lagoa!*



CAPÍTULO 18

A lagoa das sereias

Peter e os Meninos Perdidos levaram todos à parte da Terra do Nunca onde ficava a Lagoa das Sereias. A lagoa era, sem dúvida, o local mais sereno em que tinham estado desde que haviam chegado à ilha.

A água rasa se separava do oceano por uma parede de recifes de corais e era inteiramente sombreada por altos salgueiros que cresciam ao longo da margem. Rochedos se espalhavam pela água, o que permitiu que Peter, os gêmeos e os Meninos Perdidos pulassem de pedra em pedra até o centro da lagoa.

Mamãe Ganso, Lester e Chapeuzinho aguardaram em terra, onde sabiam que era seguro. Conner inclinou-se sobre uma pedra e observou a água, mas tudo o que viu foram peixinhos nadando entre os rochedos.

– Você acha que elas vão nos ajudar? – perguntou Alex.

– Não sei; nunca pedimos a ajuda delas antes – disse Peter.

– De mim, elas gostam; mas tentam afogar os Meninos Perdidos sempre que eles chegam perto demais.

– Pode repetir isso? – Conner falou, engolindo em seco.

De repente, uma mão com membranas entre os dedos e longas unhas emergiu da água e agarrou o pé de Conner. Outras mãos apareceram e tentaram puxar os gêmeos e os Meninos Perdidos para dentro da água. Dúzias de sereias se revelaram, e elas definitivamente não eram como os gêmeos esperavam.

Ao contrário das sereias coloridas e angelicais do mundo dos contos de fadas, as sereias da Terra do Nunca eram criaturas sórdidas e sinistras. Tinham uma pele viscosa que praticamente brilhava de tão pálida; olhos vermelhos descaídos e narinas finas e achatadas; em vez de cabelo, tinham barbatanas compridas, espetadas feito moicanos. Elas ainda usavam vários *piercings* e ossinhos de peixes como joias.

– Não era para as sereias da Terra do Nunca serem bonitas? – Conner sussurrou para a irmã.

– A beleza está nos olhos de quem vê – sussurrou Alex.

– O que vocês estão fazendo na nossa parte da ilha? – sibilou a sereia mais próxima de Conner. Ela usava um colar de conchas que nenhuma outra usava; por isso, Conner imaginou que ela tivesse alguma autoridade sobre as demais.

– Não queremos machucá-las – disse Conner. – Viemos para pedir um favor!

A sereia piscou algumas vezes e abriu as narinas. Trocou um olhar confuso com as outras sereias; nenhuma delas entendeu do que ele estava falando.

– O que é um *favor*? – perguntou a sereia.

– É uma coisa que você faz para alguém quando esse alguém precisa de ajuda – disse Alex.

As sereias precisaram de um instante para processar o conceito e riram até o riso se transformar em um urro, exibindo dentes pontudos como os de tubarões.

– Não fazemos favores. Especialmente para os *Meninos Perdidos*!

A lagoa virou um caos, com as sereias e os Meninos Perdidos insultando-se mutuamente. Os gêmeos não podiam deixar isso continuar – estavam desperdiçando tempo, e as sereias eram sua única esperança.

– SILÊNCIO! – gritou Alex. – Quero que todos os Meninos Perdidos voltem para a terra; meu irmão e eu vamos falar com as sereias *sozinhos*!

Os garotos se separaram das criaturas, trocando mais alguns insultos e jatos de água conforme se afastavam.

– Não vamos chegar a lugar nenhum com favores – Alex disse às sereias. – Então, por que não fazemos uma *troca*?

– Depende – disse a sereia. – O que é uma *troca*?

– É quando você dá uma coisa e recebe outra de volta.

– Não podemos culpá-las por não gostarem dos Meninos Perdidos – disse Conner. – Nós acabamos de chegar aqui e *já* não os suportamos. Se vocês pudessem escolher uma coisa que os Meninos Perdidos fazem que incomoda mais do que todas as outras, qual seria?

As sereias se fitaram e pensaram, depois conversaram entre si em rugidos agudos e cliques – aparentemente, tinham um idioma próprio.

– Eles pegam todos os nossos peixes! – sibilou a sereia. – Eles têm muita comida para caçar na terra e no céu, enquanto nós só temos os peixes para comer.

– Maravilha – disse Alex, batendo palmas. – Então, se convencermos os Meninos Perdidos a parar de caçar nas suas águas, vocês farão uma coisa em troca para nós?

– O que vocês querem em troca?

– No fundo da Baía dos Piratas, há um livro enrolado numa corrente – Conner falou. – Precisamos que vocês o recuperem para nós.

Outra vez as sereias trocaram rugidos e cliques. O idioma parecia uma mistura de sons de morcegos e de golfinhos.

– Sim – disse a sereia. – Estamos dispostas a fazer essa troca.

– Ótimo. Esperem aí.

Os gêmeos saltaram pelos rochedos de volta à terra e explicaram aos Meninos Perdidos o que haviam negociado com as sereias.

– O quê? Nós nunca vamos parar de pescar! – disse Peter. – Pescar é uma das atividades favoritas dos Meninos Perdidos!

– Vocês querem ver a Tinker Bell de novo ou não? – gritou Conner.

Peter e os Meninos Perdidos suspiraram e concordaram com uma balançada de cabeça. Os gêmeos retornaram para as sereias com as boas-novas.

– Resolvido! – disse Alex. – Aproveitem os peixes!

As sereias olharam para os gêmeos, depois para os Meninos Perdidos e então para os gêmeos novamente – não estavam muito certas sobre esse negócio de *troca,* mas não seriam elas a romper a sua parte do trato.

– Nos vemos na Baía dos Piratas – a sereia disse aos gêmeos. Ela fez um clique para as companheiras, que submergiram.

Os gêmeos e os amigos voltaram rapidamente à Baía dos Piratas. As sereias estavam à sua espera quando eles chegaram. Alex e Conner lhes indicaram o ponto onde tinham visto o livro afundar, e as sereias foram resgatá-lo. Elas ressurgiram na superfície alguns instantes depois e entregaram o livro aos gêmeos.

– Muito obrigada! – disse Alex. – Prometemos que os Meninos Perdidos vão cumprir a parte deles no trato. *Certo?*

– Certo – os Meninos Perdidos repetiram sem entusiasmo.

As sereias jogaram água neles mais uma vez e nadaram para longe. Alex desenrolou a corrente do livro e leu o título:

– *Alice no País das Maravilhas*. Lloyd só pode estar indo atrás da Rainha de Copas e dos soldados de cartas!

O Homem de Lata achou que isso fosse uma boa notícia.

– Rainha de *Copas*? Copas não são corações? – ele disse, sorrindo.

– Não se empolgue: ela é espalhafatosa e terrível – disse Conner, soltando um longo suspiro. – Essa viagem só melhora, não é mesmo?

– Vocês vão viajar para dentro do livro como o *Caveira e Ossos* fez? – perguntou Peter.

Alex e Conner fizeram que sim com a cabeça.

– Não temos escolha – disse Alex. – É o único jeito de detê-los… Se é que isso ainda é possível.

– Então eu vou com vocês! – Peter declarou. – Não descansarei até que Tinker Bell volte à Terra do Nunca comigo e com os Meninos Perdidos!

– É um gesto muito corajoso, Peter, mas o perigo vai ser enorme – disse Conner. – Você pode se ferir gravemente, ou até morrer!

Peter sacou a adaga e levantou-a para o céu.

– Morrer será uma aventura terrivelmente grande.

Alex e Conner se entreolharam e pensaram a mesma coisa: eles não iriam se livrar de Peter. Em vez de perderem tempo discutindo, os gêmeos logo passaram a organizar a fase seguinte do seu plano.

– Um de nós precisa ficar na Terra do Nunca para cuidar dos livros – disse Alex. – Quem vai ser dessa vez?

Os gêmeos, o Homem de Lata, Mamãe Ganso e Lester viraram-se para Chapeuzinho. Os olhos dela se arregalaram, e seu corpo inteiro se retraiu: cada parte dela rejeitava essa ideia.

– Nem pensem nisso – disse Chapeuzinho. – Eu é que não vou ficar nesta ilha.

– Chapeuzinho, não quero ser indelicado, mas você é a menos *útil* do grupo – disse Conner. – Precisamos que você fique e tome conta dos livros.

– Esses *selvagens* já atiraram em mim – disse Chapeuzinho, apontando para os Meninos Perdidos. – O que você acha que eles vão fazer comigo quando eu estiver sozinha?

– Chapeuzinho, garanto que você estará mais segura aqui na Terra do Nunca – disse Alex.

Chapeuzinho não acreditava no que estava ouvindo. Aquilo não era muito diferente de convencê-la a pular de um precipício.

Os gêmeos não lhe deram nenhuma chance de dizer *não*. Antes que ela se desse conta, Conner já tinha lhe dado o exemplar de *Peter Pan* como se a decisão fosse definitiva.

– Garotos, ordeno que vocês obedeçam à senhorita Chapeuzinho – Peter instruiu. – Quero que vocês a protejam e lhe deem todo o conforto enquanto estivermos longe. Tratem-na como tratariam a mãe de vocês.

Os Meninos Perdidos ficaram muito empolgados com a ideia.

Já Chapeuzinho fez cara de quem ia vomitar.

– Sim, senhor! – disse Magrelo, batendo continência para Peter.

– Esperem aí! Isso significa que vou dormir na floresta? – perguntou Chapeuzinho, mas nenhum dos amigos lhe deu ouvidos.

– Claro que não. Vamos construir uma casa pra você! – disse Bico.

– Não estou gostando disso!

– Eu sempre quis ter uma mãe! – disse Caracol.

– Vai continuar querendo!

– Podemos chamar você de Mãe, senhorita Chapeuzinho? – perguntou Firula.

– Claro que não!

– Mãe! – gritaram os Gêmeos Perdidos.

– Nós temos mãe! Nós temos mãe! Nós temos mãe! – entoaram os Meninos Perdidos.

Chapeuzinho teve a sensação de que seus amigos a tinham entregue a uma matilha de lobos famintos. Ela tentou protestar, mas era tarde demais. Os gêmeos, o Homem de Lata, Mamãe Ganso, Lester e Peter já haviam se unido em volta do novo livro.

Alex abriu *Alice no País das Maravilhas*, e um feixe de luz disparou para o céu.

– Precisamos chegar ao palácio da rainha o quanto antes – disse. – Se não alcançarmos Lloyd nessa história, talvez *nunca* o detenhamos.

Eles entraram no feixe e deixaram a Terra do Nunca, esperando de todo o coração que o País das Maravilhas fosse a sua última parada.



CAPÍTULO 19

Pela toca do coelho

Os gêmeos e seus amigos viajaram sem percalços para dentro de *Alice no País das Maravilhas* e absorveram o ambiente recém-constituído.

Mais uma vez, Conner guardou o livro em segurança na sela de Lester.

– Para citar a minha amiga Amelia Earhart, *que alegria ter saído daquela ilha!* – disse Mamãe Ganso. – Eu não ficaria surpresa se a Tinker Bell tivesse se deixado sequestrar de propósito só para ficar longe daquelas crianças terríveis.

– Aqui é o País das Maravilhas? – perguntou o Homem de Lata.

– Não me parece muito *maravilhoso* – disse Peter, cruzando os braços. – Na verdade, é igualzinho ao interior da Inglaterra.

– É porque *é* o interior da Inglaterra – disse Alex. – Confie em mim: assim que chegarmos ao País das Maravilhas, você vai saber.

O campo era muito pitoresco. Fileiras de morros verdes e árvores de todo tipo cercavam o grupo, e um rio silencioso corria ao lado. O clima era muito aconchegante, e, a julgar pelos diferentes tons de dourado das folhas, os gêmeos deduziram que estavam no começo do outono.

Eles ouviram ruídos vindos do rio e perceberam que não estavam sozinhos. Uma moça e uma menininha surgiram dentre as árvores; elas atravessavam uma ponte de pedra. Pareciam estar no meio de uma discussão. Os gêmeos e os amigos esconderam-se atrás das árvores para ouvi-las.

– Não podíamos ter deixado a ribanceira numa hora como esta – reclamava a menininha. Era uma criança muito bonita. Usava uma faixa na cabeça e um avental rendado por cima do vestido e carregava uma gatinha.

– Alice, vou levá-la para a mamãe; ela vai colocá-la para tirar uma boa soneca – disse a moça. Era bonita também: uma versão mais velha da irmã.

– Você é a pior irmã do mundo! – disse Alice. – Se *você* tivesse visto o navio pirata voador, eu teria acreditado em você! A Dinah também viu; a coitadinha ficou chocada!

Ela beijou a testa da gata e a apertou em seus braços. Em defesa de Alice, a gata parecia completamente aturdida.

– Então, receio que vocês duas tenham enlouquecido. Agora vamos. Se você falar mais uma vez sobre o navio pirata, vou ter de conversar com o papai.

A irmã pegou Alice pela mão, e elas terminaram de cruzar a ponte e se dirigiram para casa.

– Estamos no lugar certo, quanto a isso não há dúvida – disse Conner.

– Estamos, sim – disse Alex. – Agora só precisamos do…

Uma coisa branca e peluda subitamente precipitou-se ao longe e chamou a atenção dos viajantes.

– O que era aquilo? – perguntou o Homem de Lata.

– Aquilo é a nossa passagem para o País das Maravilhas – disse Alex. – Rápido, atrás do coelho!

Os gêmeos, o Homem de Lata, Peter, Mamãe Ganso e Lester zuniram pelo campo atrás do animal peludo. Ele seguiu por um caminho de terra e então correu para o meio das árvores. Era di fícil segui-lo com todas as folhas e a grama alta impedindo a vista, mas, por sorte, o Coelho Branco parou depois de algumas centenas de metros. Ele tirou um relógio dourado do bolso do colete e verificou as horas.

– Ai, ai! Mas como estou atrasado! – E se lançou pelo campo.

Na perseguição ao Coelho Branco, eles atravessaram uma alta colina e entraram em um pequeno vale. Então todos abafaram um grito e se detiveram. O enorme *Caveira e Ossos* se encontrava no vale. Felizmente, o navio parecia estar vazio, como se os piratas o tivessem estacionado ali.

O Coelho Branco pulou numa trepadeira e entrou num largo buraco debaixo das raízes. Os gêmeos e os outros alcançaram a trepadeira um instante antes de o coelho desaparecer. Eles olharam dentro da toca enquanto recuperavam o fôlego.

– Antes de entrarmos aí, é importante que todos saibam algumas coisas sobre o País das Maravilhas – disse Alex.

– Ah, *agora* ela decide dar alguns avisos – disse Mamãe Ganso.

– O País das Maravilhas é um lugar de truques e confusões.

Nada faz sentido, e nada é o que parece. Precisamos ficar juntos o tempo todo; nunca se afastem muito do grupo. Não confiem numa só palavra que alguém diga, por mais amigável que pareça. O País das Maravilhas vai enlouquecê-los se vocês não tomarem cuidado.

Todos respiraram fundo e juntaram coragem.

– Vou contar até três, e pulamos – disse Alex. – Um… dois… *três!*

Eles se lançaram para dentro da toca do coelho e caíram por um longo túnel de terra. Caíam sem parar, cada vez mais rápido, e não enxergavam o fim. Enquanto caíam, avistaram armários e estantes de livros peculiarmente dispostos nas paredes do túnel. Presumiram que isso significava que estavam chegando

perto do fim, mas estavam errados.

– Tem certeza de que é esta a toca certa? – perguntou o Homem de Lata. – Parece não ter fim!

– Tenho certeza – respondeu Alex.

– Então vamos dar uma acelerada – disse Mamãe Ganso.

Ela imitou uma arma com a mão e disparou uma bala invisível na direção da entrada do túnel. *BAAAAM!* Houve uma enorme explosão, que os empurrou túnel abaixo a uma velocidade de foguete. O disparo chacoalhou o túnel, e todos os armários e prateleiras despencaram das paredes e desceram atrás deles.

Os gêmeos e os amigos enfim chegaram ao fim do túnel, pousando numa macia pilha de folhas e gravetos. Eles olharam para cima e viram uma avalanche de madeira vindo em sua direção.

– CUIDADO! – gritou Conner.

Todos se levantaram em um pulo e saltaram para longe da pilha de folhas. Os armários e as prateleiras se espatifaram no chão, criando uma montanha de madeira, vidros e xícaras de chá quebrados. De tão alta, a pilha tapou a toca do coelho.

– Espero que o plano não seja voltar por esse caminho – comentou Mamãe Ganso.

Eles se viram num salão comprido e com o teto baixo. Nas paredes, havia portas de todos os formatos, tamanhos e cores – não havia duas maçanetas iguais. Mamãe Ganso, o Homem de Lata e Peter tentaram abrir as portas, porém estavam todas trancadas.

– Nenhuma destas portas abre – disse Peter.

– Tudo bem – disse Alex. – Não vamos usar nenhuma delas.

Alex foi até os fundos do salão, onde pendia uma cortina. Ela a moveu para o lado, revelando uma portinha bem pequenina, com pouco mais de trinta centímetros de altura. Olhou pela minúscula fechadura e viu um belo jardim do outro lado – o *País das Maravilhas*.

– Esta é a nossa porta! – disse Alex. Ela se levantou e olhou pelo salão. – Tem de haver uma chave dourada em algum lu gar por aqui. – Alex encontrou uma mesa de vidro encostada num canto, mas não havia nenhuma chave em cima dela. – Ah, não. O tio Lloyd deve ter passado aqui e levado a chave. Precisamos encontrar outro jeito de entrar. Todos para trás, vou encantar…

CRASH! Sem nenhum aviso, o Homem de Lata tinha aberto a porta com um chute.

– Desculpem – disse ele. – Achei que assim seria mais rápido.

Alex sentiu vontade de beijá-lo.

– Ótima ideia!

– Como vamos passar por essa porta? – disse Mamãe Ganso.

– Lester nunca vai conseguir se espremer por uma abertura tão pequena.

Lester a encarou como quem dissesse: *"Ah, tá! E VOCÊ vai, né?"*.

– Em algum lugar deve haver uma garrafa que nos faça encolher. Ah, aqui está! – disse Conner. Ele achou a garrafa enfeitada com uma fita amarrada sobre a mesa de vidro. A fita dizia:

BEBA-ME

Conner tirou a rolha.

– Saúde!

Quando Conner ia dar um gole, Peter derrubou a garrafa da mão dele. Ela caiu no chão e se espatifou, fazendo com que o líquido se espalhasse por toda parte.

– Por que você fez isso? – gritou Conner. – Nós precisávamos disso!

– Conner, olhe para o chão! – disse Alex.

Os outros se afastaram do líquido derramado, que apodreceu o chão, transformando os azulejos xadrez num marrom pútrido.

– Eu sabia que essa garrafa não era daqui! – disse Peter. – É do navio do Gancho! Era veneno! Eles devem ter trocado as garrafas sabendo que viríamos atrás deles.

Os gêmeos suspiraram de alívio, contentes por Peter ter insistido em acompanhá-los.

– Como vamos passar por essa porta? – perguntou o Homem de Lata.

– Vou encolher a gente – disse Alex.

Já fazia algum tempo desde a última vez que seus poderes não tinham saído exatamente como ela queria, e Alex torceu para que o bom momento não terminasse agora. Fechou os olhos e concentrou-se ao máximo. Apontou para cada um dos amigos, e uma luz rodopiou em torno deles, deixando-os com menos de trinta centímetros de altura. Após tê-los transformado sem problemas, ela transformou a si mesma.

– Muito bem! – disse Conner, dando um abraço na irmã.

O grupo recém-encolhido correu pela porta derrubada e adentrou os jardins do País das Maravilhas. Como Alex dissera, eles souberam que tinham chegado lá

no instante em que puseram os olhos no lugar.

Eles tiveram a sensação de ter entrado em um quadro. Era brilhante e colorido, mas tudo tinha proporções esquisitas, como se o mundo fosse composto de obras de arte abstrata. E tudo se mexia de leve, como se balançasse na brisa, embora não houvesse vento.

– Vejam aquelas flores! – disse Peter, apontando para a frente.

As flores eram tão extraordinárias quanto perturbadoras. Chegavam à mesma altura deles. Eram de cores estupendas e possuíam belas e rechonchudas pétalas. Além disso, cada flor tinha um *rosto*. Elas se viraram para os recém-chegados e os observaram enquanto estes passavam.

– Lembrem-se de que adoram enganar as pessoas no País das Maravilhas – sussurrou Alex. – Não falem com nenhuma delas.

– Olá – disse uma rosa.

– Bem-vindos ao jardim – falou uma tulipa.

– Vocês não querem nos ouvir cantar uma canção? – perguntou uma orquídea.

O grupo levou a sério o conselho de Alex e passou pelas flores sem sequer olhar para elas. Encararam fixamente o chão até deixarem o jardim.

– Se eu já não vi aquelas coisas num pesadelo, certamente vou passar a ver – disse Conner.

Os viajantes ergueram os olhos, e seus corações bateram empolgados. Ao longe, na entrada de uma floresta de árvores muito altas, avistaram o Coelho Branco. Ele tinha parado para conferir o relógio.

– Ai, ai! Mas como estou atrasado! – dizia o coelho, agitado. – Preciso correr para o castelo antes que a rainha saia!

Ele se precipitou floresta adentro, e Alex, Conner e os amigos correram atrás dele. O coelho pulava por um caminho pavimentado, mas era muito difícil segui-lo porque o caminho tinha vida própria. Ia para os lados, se arqueava, se enroscava nas árvores e, às vezes, terminava sem nenhum motivo, e eles precisavam dar meia-volta.

Assim, infelizmente, acabaram perdendo o Coelho Branco de vista. Decidiram tomar a trilha na direção em que o viram pela última vez e chegaram a uma bifurcação. O caminho se dividia em duas direções, e havia um grande garfo de prata fincado no chão.

– Para que lado vamos? – perguntou Conner.

– Não sei – disse Alex. – Talvez a gente precise perguntar.

– Mas você falou pra não confiar em ninguém aqui – Peter lembrou.

– Eu sei, mas agora não temos muita escolha. Vamos tomar o caminho da

direita e perguntar à primeira pessoa, planta ou animal que virmos.

Eles seguiram o caminho da direita e saíram da floresta de árvores altas; logo, se viram entrando em uma floresta de outro tipo.

Havia cogumelos para onde quer que olhassem; alguns tinham o tamanho de um cogumelo normal, outros, o de uma casa. Havia cogumelos com estampa de bolinhas, de arco-íris; cogumelos de todas as aparências e cores imagináveis.

– Que lugar maluco! – disse Conner.

Uma fragrância preenchia o ar conforme os viajantes seguiam pela floresta de cogumelos.

– Estou reconhecendo esse cheiro – disse Mamãe Ganso. – Está me fazendo lembrar de *Marrocos*!

Imaginando que *alguém* fosse a causa do cheiro, eles saíram da trilha e seguiram o odor. Quando descobriram a sua origem, não acreditaram no que estava diante de seus olhos.

No meio da floresta de fungos, depararam com uma enorme lagarta descansando sobre um cogumelo e fumando um narguilé.

Ela era azul com manchas escuras e muito obesa, até para o padrão das lagartas. Antenas envolviam sua cabeça tal qual um turbante. Os olhos da lagarta estavam vidrados, como se estivesse semiadormecida, e ela soprava anéis de fumaça no ar.

– Com licença, senhora Lagarta? – disse Alex, aproximando-se do cogumelo. – Espero que não estejamos incomodando. Você faria a gentileza de nos dizer para que lado fica o Castelo de Copas?

– *Quem* são vocês? – perguntou a Lagarta com voz sonolenta.

– Meu nome é Alex. Este é meu irmão, Conner, e estes são Mamãe Ganso, Lester, Homem de Lata e Peter, nossos amigos.

– *O que* são vocês?

– Bem, somos todos diferentes. Eu sou uma menina, estes dois são meninos, ela é uma senhora idosa, este é um ganso, e ele é um homem de metal.

A Lagarta deu uma risadinha.

– Diferentes, mas iguais.

– Hã?

– Diferentes, mas iguais – repetiu ela, achando tão engraçado quanto da primeira vez. – Ou assim parece.

Alex virou-se para os outros: ninguém tinha a menor ideia do que a Lagarta estava falando.

– Acho que não estou entendendo – disse Alex.

– Perdidos.

– Isso foi uma pergunta?

– Pergunta para você, fato para mim.

Alex balançou a cabeça, confusa. Os demais sentiram como se sua sanidade estivesse escapulindo do cérebro pelo simples fato de estarem perto da lagarta.

– Estamos indo *muito bem* – disse Conner, revirando os olhos. – Essa minhoca é obviamente maluca; vamos procurar alguém que possa nos ajudar de verdade.

– Deixem essa comigo, garotos – disse Mamãe Ganso. – Ela não é pirada; o narguilé deixou o cérebro dela dormente. Talvez eu a entenda se ficar no mesmo nível dela.

Mamãe Ganso andou até a Lagarta e sentou-se com dificuldade no cogumelo ao lado dela.

– Posso? – perguntou, fazendo um gesto para o narguilé.

A Lagarta o passou a Mamãe Ganso, que aspirou. Após alguns instantes, os seus olhos ficaram vidrados como os da Lagarta, e o que ela dizia também deixou de fazer sentido.

– Quem é você? – Mamãe Ganso perguntou à Lagarta.

– O que eu sou.

– Onde você está?

– Aqui com você.

– E se aqui fosse o Castelo de Copas?

– A gente estaria lá.

– *Mas onde?*

– No castelo.

– Ah, então lá seria aqui. – As duas concordaram com a cabeça.

– Aqui seria o que é sinistro. – A Lagarta fez que sim com a cabeça.

– Eu sou o que é sinistro?

– Você é o que é direito, claro.

– Mas o que é direito é errado.

– E o que é sinistro é direito.

– Entendi perfeitamente – disse Mamãe Ganso. – Muito obrigada, senhora Lagarta.

Os demais se entreolharam absolutamente atônitos. Mamãe Ganso pulou do cogumelo e caminhou calmamente até eles.

– A Lagarta falou para voltarmos até a bifurcação e pegarmos a sinistra, quer

dizer, a esquerda.

– Falou? – perguntou Alex.

– O segredo são as palavras-chave. Eu era amiga de um sultão que adorava narguilé. Lester, vou precisar que você me carregue pelo resto do caminho. Estou acabada.

Eles deixaram a floresta de cogumelos e voltaram à bifurca ção, tomando a esquerda em vez da direita. Seguiram o caminho até chegarem a uma placa que dizia CaStelo de CopaS e apontava para uma estrada que levava a uma colina bem íngreme. Uma estrutura enorme se empoleirava no alto da colina. As janelas tinham formato de coração, assim como as bandeiras que tremulavam nas torres.

– Chegamos! – disse Alex. – É o castelo da Rainha de Copas!

Eles correram colina acima e se viram nos jardins da rainha. Havia roseiras por todo o jardim. A maior parte das rosas era vermelha, outras eram brancas e algumas pareciam um misto das duas. Após examinarem mais atentamente, os gêmeos notaram que todas as flores vermelhas tinham sido *pintadas* . Foi aí que repararam que o jardim estava repleto de pincéis e latas de tinta. Era como se o projeto tivesse sido interrompido de repente – e os gê meos sabiam bem o motivo.

– Vamos entrar no castelo – disse Alex. – Talvez a Rainha de Copas e seus soldados de cartas ainda estejam lá.

Eles atravessaram a ponte levadiça e adentraram o Castelo de Copas. Para alegria do Homem de Lata, havia corações por toda parte. Os tapetes eram cobertos de corações, o papel de parede tinha corações, todos os ornamentos eram de coração. Até as portas e os arcos tinham a forma de coração.

– Caramba, parece que o Dia dos Namorados vomitou aqui – disse Conner.

Apesar do cenário, o castelo era *de partir o coração*. Assim como no Castelo da Bruxa Má, eles não acharam uma única alma ali.

– Não tem ninguém aqui! – disse Alex com lágrimas nos olhos.

– Chegamos tarde demais outra vez! O tio Lloyd já levou todo mundo! Nós nunca vamos alcançá-lo!

– Vamos, sim – disse Conner. – Mesmo que precisemos viajar para dentro de cada livro que já tenha sido escrito, vamos encontrá-lo e deter seu exército. Todo mundo procurando algum livro; ele pode tê-lo guardado em qualquer lugar.

Os viajantes procuraram em cada canto do castelo, mas continuaram de mãos vazias. Percorreram um longo corredor e atravessaram um par de enormes portas em forma de coração.

O salão que adentraram era imenso e quadrado. Havia um trono gigante na

outra extremidade e uma grande plataforma no centro, sobre a qual repousava um machado em forma de cora ção. Fileiras e mais fileiras de bancos se espalharam ao redor deles; eram grandes o bastante para abrigar milhares de pessoas.

– Que lugar é este? Um estádio? – disse Conner.

– É um tribunal – Alex falou. – Deve ser aqui que a rainha manda cortar a cabeça das pessoas.

Alex aproximou-se do trono e por acidente chutou algo. Um objeto achatado escorregou pelo chão. Ela olhou para baixo e viu um *livro*. Tinha uma sobrecapa azul com o título *Tesouro dos contos de fadas*.

– Achei! – Alex gritou para os outros. – É a antologia de que Chapeuzinho falou! Conner, eles já voltaram para o mundo dos contos de fadas!

Os gêmeos sentiram o estômago revirar. O tio havia conseguido: formara o exército de vilões literários com o qual sonhara desde criança e agora o estava liderando rumo ao mundo dos contos de fadas com o intuito de destruí-lo.

– Certo. Precisamos voltar o mais rápido possível – disse Conner. – Eles devem ter *acabado* de entrar no mundo dos contos de fadas. Não podem ter ido muito longe. Vamos nos juntar a João, Cachinhos Dourados e Chapeuzinho e partir direto para o Conselho das Fadas. Vamos apresentar Peter e o Homem de Lata para as fadas. Elas vão ter de acreditar em nós! Vamos reunir os exércitos dos reinos e derrotar nosso tio.

Alex abriu o *Tesouro dos contos de fadas*, e as páginas emitiram um forte feixe de luz.

– Vamos poupar tempo se nos separarmos – disse Alex. – Mamãe Ganso e eu vamos até o Conselho das Fadas com o Homem de Lata e Peter. Conner, você volta para a Terra do Nunca e para Oz e reúne os outros. Depois, volte para a caverna e comece a alertar os reinos para o que está se aproximando.

Todos balançaram a cabeça, concordando. Era o melhor plano possível, considerando-se o tempo e as circunstâncias. Conner pegou a cópia de *Alice no País das Maravilhas* na sela de Lester.

– Alex, tenha cuidado – pediu Conner, abraçando-a.

– Você também.

Alex, Mamãe Ganso e Lester não perderam tempo: pisaram no feixe de luz e desapareceram do Castelo de Copas.

Conner abriu *Alice no País das Maravilhas*. No entanto, no exato instante em que ia dar um passo para dentro da Terra do Nunca, uma criatura alada sobrevoou o tribunal e roubou o livro.

– Mas que diabos…? – disse Conner.

A criatura desapareceu tão repentinamente quanto aparecera.

Conner olhou em volta do tribunal, mas não viu nada. A criatura reapareceu um instante depois e roubou a antologia quando o Homem de Lata e Peter estavam prestes a seguir Alex e Mamãe Ganso para dentro dela.

Uma risada sinistra ecoou pelo tribunal – não era de nenhum deles.

– O que está acontecendo? – perguntou Peter.

O coração de Conner queria pular para fora do peito.

– Não estamos sozinhos. – O garoto ficou tão aterrorizado por dizer isso quanto os amigos por ouvir.

Um baque seco ecoou pelo tribunal. Como a condensação do vapor em uma janela, uma capa de invisibilidade descobriu milhares e milhares de figuras que tinham estado no tribunal durante todo o tempo. Lloyd e seu exército de vilões não tinham viajado para o mundo dos contos de fadas, afinal: eles estavam *ali*.

– Ora, ora, ora – disse Lloyd. – Parece que minha sobrinhazinha e meu sobrinhozinho, tão corajosos, chegaram até aqui para nada.

O tio de Conner se achava ao lado do trono, junto com o Capitão Gancho, a Rainha de Copas e a Bruxa Má do Oeste.

O Capitão Gancho era um homem alto e tinha um cabelo comprido, escuro, encaracolado. Usava um grande chapéu preto e um pesado casaco, com ombros enormes. Faltava-lhe a mão direita, que dava lugar a um afiado gancho de metal.

A Rainha de Copas era uma mulher horrenda: tinha uma cabeça anormalmente grande, uma boca vasta, o rosto desagradável e permanentemente corado. Usava uma coroa dourada e um grande vestido que não lhe caía bem, com estampa nada combinante de corações. Seu cetro e suas joias também eram corações.

A Bruxa Má do Oeste era baixinha e agressiva. Um dos seus olhos era enorme, ao passo que o outro era coberto por um tapa-olho. Tinha três tranças de cabelo fino e usava um pontudo chapéu dourado que lhe permitia controlar os macacos alados. Ela segurava um guarda-chuva mágico, o qual usava como bengala.

Os assentos acima deles estavam ocupados por seus abomináveis subordinados, que agora aclamavam os respectivos comandantes.

Milhares de homens e mulheres com armadura amarela compunham o exército dos Winkies. Eles fitavam o vazio, como se tivessem sofrido lavagem cerebral da Bruxa Má. Lobos, corvos, abelhas e macacos alados postavam-se ou voavam entre eles.

Havia centenas de piratas, todos monstruosos e com roupas esfarrapadas. O

infame imediato de Gancho, sr. Barrica, encontrava-se entre eles. Era um homem esquisito, gordo, calvo, com barba cinza e uma calça de listras azuis.

Os soldados de cartas da Rainha de Copas também se distribuíam pelo tribunal. Tinham dois metros e meio de altura e um metro e um quarto de largura. Ostentavam números e símbolos de copas, paus, espadas e ouros. O Coelho Branco se achava entre eles, tão aterrorizado pelas criaturas à sua volta que cobria os olhos com as orelhas.

Se todas as crianças do Outromundo combinassem seus pesadelos, elas estariam onde Conner estava agora. A Bruxa Má batia o guarda-chuva no chão, criando o baque que eles tinham ouvido antes. Um macaco alado pousou ao lado de Lloyd e entregou-lhe os exemplares de *Alice no País das Maravilhas* e *Tesouro dos contos de fadas* .

– Você cometeu um erro grave – Conner disse ao tio. – Assim que Alex perceber que você não entrou no mundo dos contos de fadas, ela vai saber que algo está errado e vai voltar com as fadas.

Lloyd riu.

– Infelizmente, Alex nunca vai voltar do lugar para onde a mandei. – Ele removeu a sobrecapa do livro, e Conner notou que a sobrecapa e o livro não combinavam. *Alex tinha caído numa armadilha; ela entrara em outra história!*

– Para onde você a mandou?

– Isso já não tem importância. O que importa *agora* é para onde eu vou mandar o resto de vocês.

– Por mim, CORTEM-LHES A CABEÇA! – gritou a Rainha de Copas.

– Majestade, eu já disse que você poderá cortar todas as cabe ças que quiser depois que conquistarmos o mundo dos contos de fadas – disse Lloyd. – Planejei algo muito melhor para esses três.

Com a cabeça, Lloyd fez um gesto para a Bruxa Má, que bateu o guarda-chuva outra vez. Seis macacos alados deram um rasante sobre Conner, o Homem de Lata e Peter e os agarraram pelos braços, erguendo-os bem alto. Todo o exército de vilões urrou deliciado.

O tio de Conner tirou do bolso da lapela outro livro e a poção azul. Posicionou o livro na plataforma do tribunal e derrubou algumas gotas da poção sobre ele. Um feixe de luz brilhou desde o livro até o teto.

– Você nunca vai se safar! – disse Conner.

– Mas eu já me safei – disse Lloyd, com um sorriso ameaçador.

– Joguem-nos lá dentro!

– NÃÃÃÃÃO! – gritou Conner.

Os macacos alados jogaram Conner, o Homem de Lata e Peter no feixe, e os três desapareceram do Castelo de Copas. O exército de vilões irrompeu em aplausos.

Lloyd colocou o livro para o qual mandara Alex e o livro para o qual enviara Conner por cima da cópia de *Alice no País das Maravilhas*. Então fez outro gesto com a cabeça para a Bruxa Má, e um gêiser de fogo disparou da ponta do guarda-chuva dela e queimou os livros até que não passassem de uma pilha de cinzas.

Isso deixou o Capitão Gancho furioso; ele passou o gancho pelo colarinho de Lloyd.

– Você disse que *eu* mataria Peter Pan! – gritou na cara de Lloyd. – Era *esse* o nosso acordo!

– James, relaxe – disse Lloyd. – Eu simplesmente o mandei a um lugar de onde ele não conseguirá fugir por um tempo. Assim que você e os seus homens me ajudarem a conquistar o meu mundo, vou buscar o garoto para você.

O Capitão Gancho soltou-o, e Lloyd deu-lhe um tapinha nos ombros. Gancho não estava convencido de que Lloyd cumpriria a promessa, mas só o tempo diria.

Lloyd subiu na plataforma para falar com o exército inteiro: – Chegou a hora! Agora que as crianças se foram, não há nada para proteger os reinos do meu mundo natal! Vamos voltar ao navio e velejar imediatamente! Juntos, vamos conquistar o mundo dos contos de fadas e destruir tudo o que se colocar em nosso caminho!

Os vilões urraram em concordância. Lloyd observou orgulhoso o exército que havia formado. Esperara por esse momento durante sua vida inteira. O garoto cujos poderes tinham sido removidos era agora o homem mais poderoso do universo. Ele havia realizado o impossível, e nada iria detê-lo.

– Mas, primeiro – disse Lloyd –, para garantir a vitória, há outra história na qual eu gostaria de recrutar alguns personagens… Temos uma parada a mais a fazer.



CAPÍTULO 20

Grelhados e histórias

Depois da aula, em vez de passar o tempo com os amigos, como sua mãe insistira, Bree estava sentada sozinha numa lanchonete.

Tomando um *milk-shake* de baunilha, encarava a carta escrita por Cornelia Grimm que encontrara no sótão. Bree tinha a esperança de, lendo-a e relendo-a, descobrir algo novo, algo que respondesse alguma das muitas perguntas que enchiam sua cabeça. Infelizmente, no entanto, ela não encontrou pistas nem mensagens subliminares.

Bree fez uma pausa na análise obsessiva da carta e observou os funcionários da lanchonete. Naquela tarde, havia duas garçonetes no estabelecimento, mas somente uma parecia estar trabalhando; ela prestava atenção nos clientes, enquanto a outra permanecia sentada no balcão, fazendo anotações a partir de um grosso livro-texto.

– Petunia, chegou o pedido da mesa quatro – disse a primeira garçonete.

– Rosemary, pela *vigésima* vez, já falei que estou estudando para a minha prova de zoologia – respondeu Petunia.

– Estou muito ocupada com as mesas dois e sete – Rosemary rebateu. – O seu dever de casa pode esperar *um* minuto!

Bree logo deduziu que as garçonetes eram irmãs. Elas falavam uma com a outra exatamente como Bree com as irmãs. Ela examinou o cardápio, e a suspeita se confirmou. Em negrito, o cardápio dizia claramente:

GRELHADOS E HISTÓRIAS
UM ESTABELECIMENTO FAMILIAR

Naturalmente, quando Bree decidira dar uma caminhada depois da escola e esbarrara na lanchonete, ela se sentira compelida a dar uma olhada. Afinal, a lanchonete era cheia de desenhos cartunescos de contos de fadas e pequenos objetos, mas também tinha um ar da década de 1950, incluindo uma *jukebox*.

– Repassando: um Hambúrguer Ogro ao ponto para malpassado, uma Salada Pé de Feijão com molho, um Club Sandwich da Cinderela em Pão Branca de Neve, três porções de Fritas Encantadas em Rodelas ao Estilo Goblin, três

Sanduichinhos da Roca de Fiar de entrada e uma Torta da Casa de Doces de sobremesa – disse Rosemary, repetindo o pedido da família na mesa sete. – Algo mais?

Bree nunca tinha ouvido falar desse lugar antes e o achou muito acolhedor, o que não foi nenhuma surpresa. Ela desejou ainda ter contato com Alex e Conner para lhes contar sobre ele.

– Sério, Petunia? – disse Rosemary ao descobrir que a irmã não tinha saído do balcão. – A comida da mesa quatro está esfriando! Não à toa você foi demitida do hospital veterinário!

– Como ousa? – Petunia disparou. – Você sabe muito bem que eu saí para voltar para a escola!

Uma mulher mais velha surgiu do fundo da lanchonete.

– Meninas, parem de brigar! – disse ela. – *Eu* levo a comida da mesa quatro. – A mulher falava com autoridade e parecia irritar-se facilmente; Bree presumiu que devia ser a mãe das garçonetes.

A mulher levou a comida até a mesa quatro. Na volta, seu olhar e o de Bree se cruzaram. A mulher e Bree foram imediatamente atraídas uma para a outra, como se se conhecessem de uma outra vida.

– Está gostando do seu Milk-Shake da Meia-noite? – perguntou ela.

– Uma delícia, obrigada – respondeu Bree.

– Que tal algumas Fritas Encantadas em Rodelas ou Três Porquinhos em Cobertores? Por conta da casa.

– Não, obrigada. Nunca tinha visto este lugar. É novo?

– No mês que vem, as meninas e eu comemoraremos nosso segundo ano de funcionamento. Nunca achei que fosse virar dona de restaurante a essa altura da vida, mas ele nos mantém ocupadas.

A mulher era agradável. Fazia tempo que Bree não se sentia *envolvida* numa conversa.

– Por que o tema de contos de fadas? – perguntou Bree.

– Queríamos algo especial, que nos lembrasse de casa. Os contos de fadas ocupam um lugar especial nos nossos corações.

Bree certamente entendia do que ela estava falando.

– Sei como é.

A mulher sentou-se na cadeira vazia à frente da jovem.

– Eu me chamo Iris, e você?

– Bree Campbell. – Ela apertou a mão de Iris. – Prazer.

– Desculpe-me pela intromissão, mas o que é isso que você está lendo? – perguntou Iris, apontando para a carta.

– Uma carta que encontrei; foi escrita para a minha avó, muitos anos atrás.

– Ah. E ela é importante para você?

– Sim. Tenho pensado muito na minha família recentemente, e esta carta responde algumas das perguntas que estavam na minha cabeça.

– Toda família deveria esconder alguns bons mistérios. Posso dar uma olhada?

Bree deslizou a carta pela mesa. Iris colocou os óculos de leitura e a leu.

– Bonita letra. Não ensinam mais as pessoas a escrever *assim*. – O nome da remetente pareceu intrigar Iris tanto quanto intrigava Bree. – Cornelia Grimm é prima da sua avó?

– Acho que sim. Minha avó não está viva para confirmar, infelizmente.

– Grimm é um nome diferente, não é? Algum parentesco com os Irmãos Grimm, por acaso?

– Na verdade, é exatamente isso que estou tentando descobrir.

Se ela estiver viva, eu queria achar essa senhora, Cornelia, e lhe perguntar sobre isso, mas meus pais nunca vão deixar. As coisas saíram um pouco do controle na minha última viagem.

Iris achou isso muito curioso.

– Você parece muito interessada nessa possibilidade. Um parentesco com os Irmãos Grimm significaria para você algo mais do que um motivo para se gabar?

Bree não sabia como explicar sem parecer totalmente pirada.

– Significaria… significaria… – disse ela, com dificuldade para achar as palavras certas. – Acho que eu sentiria que tenho um pouquinho de mágica em algum lugar dentro de mim. Me faria sentir parte de algo maior do que eu mesma. Como se estivesse destinada a coisas maiores do que percebo.

– Você deveria se sentir assim independentemente de qualquer parentesco.

– É mais do que um parentesco. Isso esclareceria as coisas, me ajudaria a entender qual é o meu lugar e me daria um propósito. Eu sei que parece maluquice, mas fico pensando o tempo todo que, se eu não descobrir, isso vai me torturar para sempre. E viver com essa angústia começou a me transformar. Fiquei menos interessada na escola, ignoro os meus amigos e tenho sido mais chata do que nunca com as minhas irmãs. Parece que eu não vou ser capaz de aproveitar nada até descobrir.

Bree não estava acreditando que se abrira tanto com uma estranha. Aquelas coisas estavam tão comprimidas dentro dela que Bree extravasou assim que começou a falar a respeito.

– Desculpe – riu Bree. – Estou parecendo uma adolescente: tantas emoções, tão pouco tempo.

Iris a compreendia mais do que Bree sabia. Aquilo tinha a ver com muito mais do que DNA; Bree estava num caminho delicado para a autodescoberta.

– Você não quer passar a vida buscando relevância, acredite em mim – disse Iris. – Isso só vai fazê-la cometer erros. Esses erros vão endurecê-la, deixá-la amarga. Você vai começar a se ressentir das pessoas que encontraram a felicidade. Vai espalhar tristeza na esperança de que a tristeza dos outros destrua a sua. Se você tem a oportunidade de legitimar algo dentro de si, então faça um favor a si própria e aproveite essa oportunidade. Você não vai querer viver com um pedaço do coração faltando; isso a transformaria num monstro. Melhor ser a heroína da própria história do que o vilão da história de outra pessoa.

– Então você está dizendo que eu deveria encontrar essa Cornelia?

– Se isso vai lhe trazer paz, recomendo que sim. Mesmo que você não encontre as respostas que procura, não vai se envenenar pelo arrependimento.

Bree entendeu e concordou completamente com ela, mas, sendo adolescente, não havia muito que pudesse fazer.

– Mas ela mora muito longe, em Connecticut – disse Bree. – Não tenho como chegar lá sozinha.

Iris ergueu uma sobrancelha maliciosa.

– Onde em Connecticut?

– Willow Grove. Conhece?

Iris verificou o carimbo no envelope.

– Mas que coincidência – disse ela. – O pão polvilhado de farinha que chamamos de Pão Branca de Neve vem de uma fábrica em Connecticut. Ela não fica em Willow Grove, mas o código postal me parece bem familiar.

Iris piscou para Bree, que não entendeu aonde a senhora queria chegar.

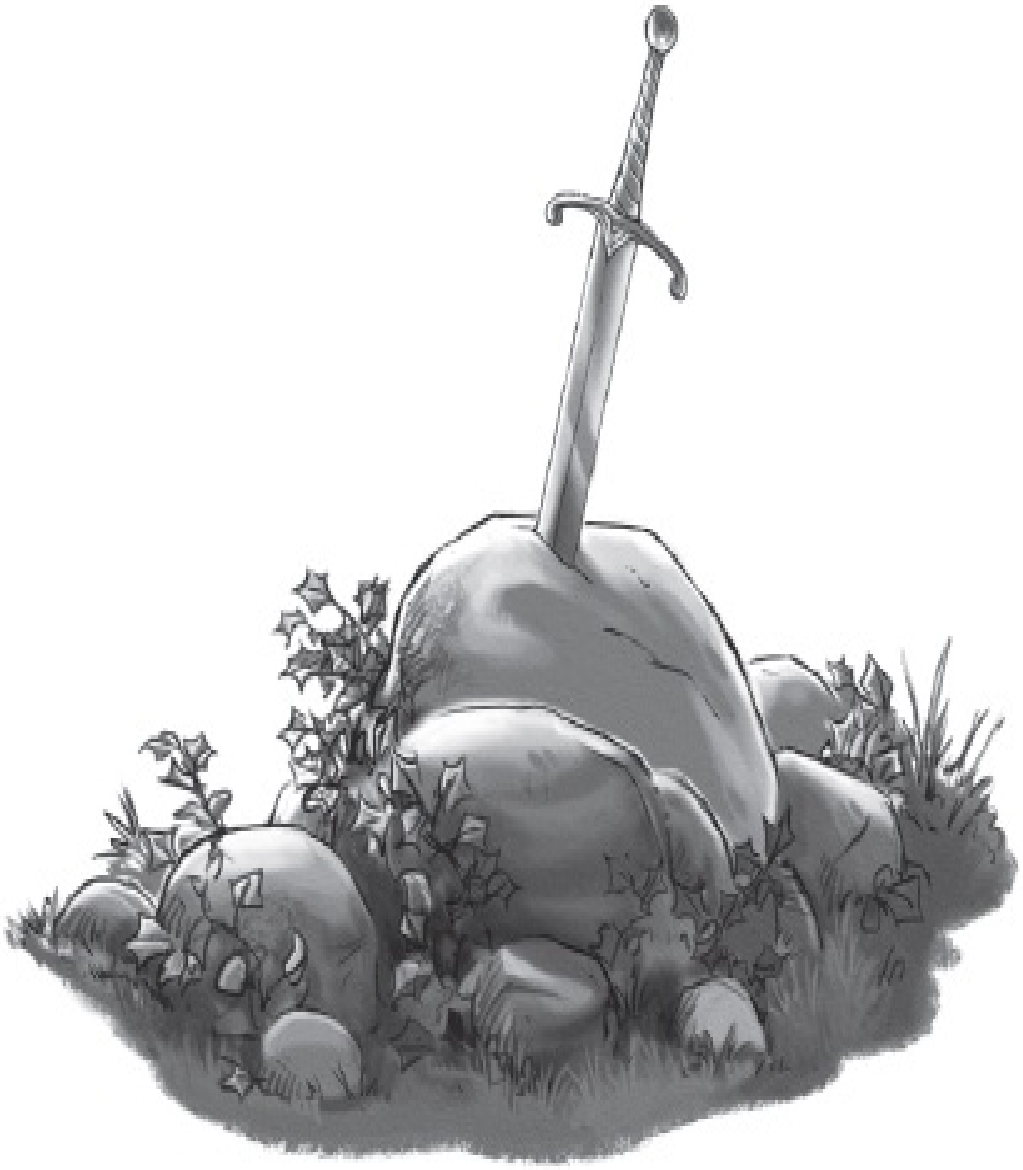
– O caminhão de entrega vai passar aqui na próxima sexta – disse Iris. – Sempre somos a última parada da semana antes de o caminhão voltar. O entregador é gentil, mas se distrai com *muita* facilidade. Ele tem uma queda pela minha filha Petunia.

Bree não estava acreditando. Estaria Iris dando a entender o que ela estava pensando?

– Iris, você está tentando me mandar para Connecticut num caminhão de entrega? – perguntou Bree, sem conseguir deixar de sorrir com a ideia.

– Não tenho a menor ideia do que você está falando, senhorita Campbell – disse Iris, levantando-se. – Mas vou trazer mais um Milk-Shake da Meia-noite

enquanto pensa nisso.



CAPÍTULO 21

O mago e o aprendiz

Alex encheu-se de coragem enquanto as palavras do *Tesouro dos contos de fadas* formavam o mundo ao redor dela. Ela não tinha a menor ideia de para onde o livro a estava mandando, ou da confusão em que entraria; por isso, preparou-se para o pior. Só desejava levar Peter e o Homem de Lata ao Conselho das Fadas antes que o exército de vilões causasse algum estrago.

Um céu nublado surgiu acima dela. Colinas verdes estendiam-se pelo horizonte, cobertas de rochedos e pedras. Havia uma floresta cerrada de árvores musgosas ao longe. O ar era salgado, e Alex viu o oceano do outro lado de um grande precipício.

Ela estava sozinha ali e sentiu-se segura por ora. No entanto, não tinha ideia de onde se achava. Como conhecia de cor a paisagem de cada reino, tinha certeza de que saberia exatamente onde estava no momento em que chegasse. Porém, não havia nada ali que reconhecesse; o lugar era um mistério completo para ela.

Mamãe Ganso e Lester também deixaram o País das Maravilhas temendo o pior. Irromperam em cena com punhos e asas erguidos, mas logo relaxaram ao ver que não havia nenhum inimigo. O novo ambiente também lhes causava perplexidade, e os dois observaram o lugar com curiosidade.

– Onde estamos? – Mamãe Ganso perguntou.

– Não tenho ideia – disse Alex. – Achei que já tinha estado em todos os lugares do mundo dos contos de fadas, mas neste eu nunca estive.

Eles examinaram a área e procuraram alguma pista enquanto esperavam pelo Homem de Lata e por Peter, porém nem a pista nem os amigos se apresentaram.

– Que estranho – disse Alex. – Por que será que eles não chegaram?

Ela foi até a antologia, e, quando ia colocar a cabeça dentro do feixe de luz para ver o outro lado, ele desapareceu. Um instante depois, o livro começou a pegar fogo, e Alex deu um pulo para trás. Em poucos segundos, as chamas transformaram o livro em nada mais do que um montinho de cinzas.

– O que foi que acabou de acontecer? – perguntou Mamãe Ganso.

– Eles devem ter destruído o livro no País das Maravilhas. Mas por que queimá-lo? O Homem de Lata e Peter deveriam ter vindo conosco.

Os gêmeos tinham elaborado seu plano com tanta pressa que Alex se

perguntou se ela ou o irmão não haviam entendido errado algo que o outro dissera. Ambos sabiam que aquele era o caminho do Homem de Lata e de Peter para dentro do mundo dos contos de fadas e que os dois personagens precisavam convencer o Conselho das Fadas do exército que se aproximava.

Alex observou aquela terra desconhecida e foi tomada por um pensamento muito perturbador. A cor se esvaiu de seu rosto. Seus joelhos fraquejaram, e ela caiu no chão. Alex tremia e sentia o coração bater na boca do estômago.

– *Ah, não* – arquejou.

– Alex, o que foi? – perguntou Mamãe Ganso. – Parece que você esqueceu um bebê no mercado.

– Peter e o Homem de Lata não se juntarão a nós no mundo dos contos de fadas porque *nós não estamos no mundo dos contos de fadas*!

Mamãe Ganso, fomos enganadas! Meu tio sabia que estávamos indo atrás dele e nos fez entrar na história errada!

Mamãe Ganso ficou branca, e Lester ficou tão cabisbaixo que quase encostou a testa no chão. Eles não queriam acreditar, mas isso explicava por que não reconheciam o local.

– Como vamos voltar? – perguntou Mamãe Ganso.

– Não tem como. O livro funciona como entrada e saída de cada história! Sem ele, estamos presos aqui!

– Mas Conner e os outros devem ter visto que o livro foi destruí do. Eles vão saber que fomos largados aqui!

– Talvez. A menos que algo tenha acontecido com eles também! Eles podem muito bem estar presos em outra história!

Alex começou a chorar. Não queria acreditar que a jornada tivesse chegado a um ponto tão lamentável. Eles, que tinham sido tão cuidadosos até ali, agora estavam presos, *talvez para sempre*.

Mamãe Ganso concluiu que o pânico de Alex era suficiente para as duas. Respirou fundo e tentou ser positiva e pensar em outras possibilidades, fazendo o papel de advogada do diabo.

– Não tem como sabermos o que aconteceu com o seu irmão. Mas é bem possível que ele tenha voltado em segurança para a Terra do Nunca e nós duas estejamos preocupadas à toa. E, se ele voltou, vai perceber que algo aconteceu com a gente assim que chegar lá. Mesmo que não perceba, não tenho dúvidas de que alguém *vai nos encontrar* . Pode demorar, e o seu plano pode até ir por água abaixo, mas eu garanto que não vamos ficar presos aqui para sempre.

Mamãe Ganso tirou um lenço do bolso e enxugou as lágrimas de Alex, que

lhe deu um pequeno sorriso e concordou com uma balançada de cabeça.

– Você tem razão. Não vamos ficar aqui indefinidamente. Isso não vai passar de um atraso.

– Assim é que se fala. Já que estamos aqui, por que não descobrimos o que é *aqui*? Espero que haja uma taverna em algum lugar desta história. Preciso de uma bebida.

Mamãe Ganso ajudou Alex a se levantar, e elas e Lester come çaram a procurar por indícios da história em que estavam.

Caminharam pela floresta, mas ela se estendia por quilômetros. As árvores eram antigas e se erguiam até o céu; as raízes eram enormes e tornavam o chão todo irregular, dificultando a caminhada. Infelizmente, a floresta estava vazia, e nada havia ali que as tranquilizasse.

– Andar não está adiantando nada – disse Mamãe Ganso. – Lester, vamos ver se enxergamos alguma coisa do céu. Alex, você continua procurando na floresta. A gente já volta.

Mamãe Ganso pulou no lombo de Lester, e eles voaram acima das árvores, sumindo no céu nublado.

Alex sentou-se numa raiz enquanto aguardava. Ela sentia que estava prestes a cair em mais uma espiral de desespero e lutou para evitar que isso acontecesse, mas era muito difícil manter-se positiva. Ainda bem que suas dúvidas foram interrompidas por um som vindo da floresta – eram passos, e vinham na sua direção.

– Mamãe Ganso? É você?

O som continuava, mas não havia sinal de Mamãe Ganso ou de Lester. Os passos ecoavam pelas árvores, de modo que Alex não sabia dizer de onde vinham, mas certamente estavam se aproximando. A jovem fada se levantou e olhou em volta, desejando que quem ou o que estivesse se avizinhando pudesse lhe dizer onde ela estava.

Alex subiu um íngreme monte de terra e deu de cara com um homem correndo na sua direção. Eles se trombaram e caíram monte abaixo, parando numa vala rasa, um em cima do outro. Alex gritou, e os dois rapidamente ficaram de pé.

O homem era alto e musculoso. Trajava camisa vermelha, colete de couro marrom e capacete de cavaleiro. Levava um escudo e uma espada de madeira.

– Perdão, senhorita – desculpou-se, tirando o capacete para olhá-la nos olhos. – Está ferida?

Alex não tinha certeza: o homem era tão atraente que ela ficou completamente anestesiada. Ele era apenas um ano ou dois mais velho do que ela, tinha cabelo

curto louro-areia e olhos azuis, nos quais Alex se perdeu imediatamente.

– Senhorita, está ferida? – ele perguntou de novo.

– *Tôbemboa* – ela balbuciou. Foi tudo o que conseguiu dizer.

– Ah, você não fala a minha língua. NÃO TENHA MEDO, EU VENHO EM PAZ! – ele gritou, fazendo gestos largos.

– Não é porque eu não falo a sua língua que eu sou surda – Alex brincou, surpreendida pelas próprias palavras: ela havia acabado de conhecer o homem e já estava *flertando com ele*!

O homem sorriu.

– Bonita *e* espirituosa, estou vendo.

Alex começou a corar, e então um rugido estrondoso veio da floresta. Aparentemente, o homem estava fugindo de uma criatura que acabara de alcançá-lo. Alex ficou aliviada; com sorte, o homem pensaria que ela estava corada de medo.

– Com licencinha – disse ele, colocando o capacete de volta.

Ele escalou para fora da vala, e Alex o seguiu. Um enorme urso negro se achava a poucos metros deles. A fera erguia as garras e mostrava os dentes. O urso rugiu de novo – e tão alto que Alex e o homem quase caíram de volta na vala.

– Eu cuido disso, não se preocupe – disse o homem.

Alex não estava nem um pouco preocupada. Bastava ela estalar os dedos para transformar o urso num *poodle* inofensivo caso fosse necessário. O urso partiu para cima deles, e o homem bloqueou as garras do animal com o escudo. Alex sentou-se ao lado de uma árvore e assistiu à batalha – aquilo era muito mais divertido do que usar mágica.

– *Lembre-se: você deve sempre usar a cabeça!* – uma voz etérea ressoou pelas árvores.

Alex examinou a floresta, mas não descobriu de quem ou de onde vinha a voz. Seria um espírito?

O homem pareceu aceitar o conselho da voz. Usou a cabeça do urso como trampolim e pulou no ar, segurou-se em um galho e se projetou para a árvore.

– *A SUA cabeça, não a do INIMIGO!* – a voz misteriosa esclareceu.

O urso seguiu o rapaz e também trepou na árvore. Ia arrancando os galhos ao subir, impossibilitando a descida do homem.

– *Se estiver em dificuldades, use o ambiente como instrumento!*

O homem subiu até o topo da árvore, e o urso o seguiu. A árvore curvou-se com o peso dos dois. O homem esperou até que o urso chegasse bem perto e

então saltou. A árvore catapultou o urso, que se espatifou no chão a alguns metros dali.

Alex bateu palmas para o homem, que fez uma rápida mesura. O urso estava furioso e expirava pesadamente pelas narinas inchadas. Levantou-se e partiu para cima do guerreiro.

– *Use a raiva do seu oponente contra ele! Provoque-o até ele ficar cego de raiva!*

O urso partiu atrás do homem, que agora ziguezagueava entre as árvores e chutava terra dentro dos olhos da fera. O animal, cega do, levou as garras aos olhos para tirar a terra. O homem correu na direção dele, prestes a golpeá-lo com a espada de madeira.

– *Nunca se deixe enganar por falsos ferimentos!*

De repente, o urso abriu os olhos e lançou o homem longe. Ele foi parar na árvore em que Alex estava sentada.

– Por acaso você é cavaleiro ou algo assim? – perguntou Alex.

O homem se sentou ao lado dela.

– Algo assim – disse.

– Acho que, com uma espada de madeira, você não vai ganhar essa briga – Alex falou com um sorriso atrevido. – Precisa de ajuda?

– Claro que não – disse o homem, ofendido pela pergunta. – Esse urso está exatamente onde eu quero. Não é o primeiro que eu mato.

O urso correu na direção deles – pronto para o golpe final.

– Mas pode ser o último – disse Alex.

O homem apontou a espada de madeira para o urso, mas era o mesmo que apontar um palito de dentes – o urso corria tão rápido que nada iria detê-lo.

– *O mais importante é nunca envolver gente inocente nos seus duelos…*

A voz misteriosa foi subitamente interrompida. Quando o urso estava prestes a golpear o homem e Alex, correntes de metal envolveram o corpo do animal e o arrastaram para uma grande jaula que surgiu magicamente atrás dele.

O homem tirou o capacete e olhou espantado.

– Você também está vendo isso, ou eu acabei de bater a cabeça?

Alex estava tão surpresa quanto ele – não era a mágica *dela* que estava prendendo o urso. O encanto estava vindo de *outra* pessoa. Uma lufada de vento veio do alto, e os dois ergueram os olhos para o céu. Mamãe Ganso e Lester desceram na floresta e pousaram ao lado do urso enjaulado.

– Eu largo você por cinco minutos, e você quase morre com uma patada de

urso? – disse Mamãe Ganso.

– Eu teria dado um jeito se achasse que estava em perigo – disse Alex.

Mamãe Ganso desmontou de Lester. O homem logo se levantou, e seu olhar passou da senhora idosa para o grande pássaro, do grande pássaro para a senhora idosa. Não era todo dia que ele via uma pessoa voando sobre um ganso gigante.

– Lester e eu não vimos nada além de árvores e mais árvores. Mas… Uau, quem é o arrasacorações? – Mamãe Ganso perguntou ao notar o homem.

– Ainda não fomos formalmente apresentados – disse Alex, virando-se para ele. – Eu sou Alex. Estes são Mamãe Ganso e Lester, meus amigos.

– Prazer em conhecê-lo, gracinha – disse Mamãe Ganso, piscando para ele.

– Prazer – disse o homem com um sorriso educado. – Eu me chamo Arthur, e o urso que vocês acabam de acorrentar é na verdade o meu amigo Merlin.

Alex e Mamãe Ganso pensaram ter ouvido errado e se entreolharam para confirmar.

– Ele disse *Merlin*? – perguntaram juntas.

VVVVUSH! Um redemoinho de poeira e folhas cercou o urso enjaulado, e o bicho desapareceu. Um senhor com uma longa barba branca e espessas sobrancelhas também brancas apareceu no lugar. Usava óculos, manto azul e um chapéu pontudo combinando. Ele fitou os braços e as pernas atônito.

– Senhora, mas que encantamento *brilhante*! – disse Merlin, aplaudindo Mamãe Ganso. – Nunca vi ninguém encantar algo com tanta facilidade!

Mamãe Ganso bateu as pálpebras.

– Bem, quando se é *tão encantadora* quanto eu, você acaba pegando o jeito – ela falou, dando uma risada.

Merlin tirou o chapéu, expondo a careca, e fez uma mesura para ela.

– É um grande prazer conhecê-la – disse, beijando-lhe a mão.

– Você é uma deusa da feitiçaria!

Mamãe Ganso corou com o cumprimento, ainda mais do que Alex tinha corado antes. Lester revirou os olhos e virou a cara para o outro lado.

Alex não conseguia acreditar no que estava vendo e ouvindo.

Eram mesmo os lendários personagens de *Rei Arthur e os cavaleiros da távola redonda* na frente dela? Ela precisava esclarecer isso antes de qualquer outra coisa.

– Esperem um instante – disse a garota. – Vocês são *o* Arthur e *o* Merlin… de *Camelot*?

– Ssshhh! – Merlin falou e logo tapou os ouvidos de Arthur. – O garoto ainda

não sabe disso! Você vai entregar o jogo! Já estou tendo dificuldades o bastante para mantê-lo concentrado nas aulas de combate… Espere aí, como você sabe de Camelot?

Alex e Mamãe Ganso permaneceram caladas – não sabiam o que dizer a ele. Merlin era um mago, afinal; talvez entendesse se elas contassem a verdade. Arthur olhava Alex e Mamãe Ganso com um sorriso curioso.

– Vocês podem prever o futuro, como Merlin? – ele indagou.

– Como é? – perguntou Mamãe Ganso.

– Merlin está me treinando para ser o próximo rei da Inglaterra. Ele tem certeza de que eu serei rei porque assim profetizou.

Porém, eu nunca encontrei mais *ninguém* que acreditasse nisso.

– Bem, ele está certo – disse Alex, recebendo um olhar feio do mago. – Desculpe, Merlin! Eu não queria entregar jogo nenhum.

Os olhos de Arthur se iluminaram.

– Então é verdade! Eu vou mesmo ser rei! Vocês também devem ser magas.

– Tecnicamente, eu sou uma fada – disse Alex. – E a Mamãe Ganso é… bem… não sei muito bem como dizer.

– *Experiente* – disse Mamãe Ganso. – Jamais gostei de rótulos. E

longe de mim acabar com a sua festa, Arthurzinho, mas não podemos prever o futuro. É que, no lugar de onde a gente vem, as pessoas são muito *sabidas*.

– Nós somos praticamente de outro mundo – disse Alex, com um riso nervoso.

– Avalon? – perguntou Merlin.

– Não, somos *literalmente* de outro mundo – disse Mamãe Ganso.

– Ah, a *França*! – Merlin falou e balançou a cabeça com convicção.

Alex e Mamãe Ganso suspiraram – talvez Merlin não fosse entender, afinal.

– Nós somos de outra *dimensão* – disse Alex, fazendo uma última tentativa. – Eu sei que é difícil de acreditar, mas nós ficaremos presas neste mundo até que alguém descubra onde estamos e nos resgate.

Merlin e Arthur compartilharam a mesma expressão de fascí nio – expressão que Alex se acostumara a ver nas pessoas no instante em que elas compreendiam.

– E que dimensão seria essa? – perguntou Merlin.

– Espere aí. Você acredita em mim? Não acha que eu estou totalmente maluca? – perguntou Alex.

– Você não parece nada maluca – disse Arthur. – Merlin sempre falou que o

universo é muito mais complexo do que percebemos, e você é a prova disso. Como se chama a sua dimensão?

– Bem, são duas, na verdade – Alex explicou. – Tem o Outromundo e tem o mundo dos contos de fadas. Acho que somos das duas, mas é melhor eu parar por aqui. A história é longa e complicada.

Alex estava preocupada sem motivo; o mago e o aprendiz pareciam muito empolgados com o que ela contava. Conhecer Alex e Mamãe Ganso era a coisa mais eletrizante que acontecia aos dois em um bom tempo.

– Vocês precisam tomar um chá conosco, e não aceito *não* como resposta – disse Merlin. – Queremos saber tudo sobre o seu mundo, ou *os seus mundos*, e como vocês chegaram ao nosso.

Alex e Mamãe Ganso não tinham motivos para recusar. Esse desvio no plano significava que a agenda das duas estava livre, e elas nunca tinham tomado chá com um mago antes. Merlin ofereceu o braço a Mamãe Ganso, que o aceitou. Arthur também ofereceu o braço a Alex, e os homens acompanharam as mulheres (e Lester) pela floresta até a casa de Merlin.



Merlin vivia a alguns quilômetros de distância, numa modesta cabana. Quando Alex e Mamãe Ganso atravessaram a porta da frente, não sabiam dizer em que parte da casa estavam entrando; toda superfície e todos os móveis estavam cobertos. Havia poções, plantas, caldeirões, velas e milhares de livros empilhados até o teto.

Havia tudo o que se esperaria encontrar na casa de um mago, mas também pilhas de esboços de máquinas e aparelhos bem conhecidos. Alex reconheceu uma máquina de fiar, uma máquina de costura, uma máquina de escrever e um gramofone. Ela podia jurar que viu até mesmo um desenho que lembrava um celular, mas não queria parecer xereta demais. Obviamente, eram objetos que Merlin tinha visto em suas visões do futuro.

– Merlin, você guarda muita coisa – Mamãe Ganso observou.

– Perdoem a bagunça – disse ele. – Faz alguns séculos que não recebo visitas.

Ele estalou os dedos. Uma vassoura, um esfregão e um balde que estavam apoiados num canto ganharam vida e começaram a limpar a cabana. Merlin abriu um espaço entre os livros e revelou uma mesa enterrada. Eles se sentaram,

e Arthur serviu a cada um uma xícara de chá. Para Lester, que ficou esperando do lado de fora – o ganso era grande demais para caber na cabana –, preparou um balde com vegetais.

– Contem-nos sobre o Outromundo e sobre o mundo dos contos de fadas. E não economizem nos detalhes – disse Merlin.

De início, Alex e Mamãe Ganso foram muito vagas em suas explicações. Contaram-lhes sobre o mundo dos contos de fadas e sobre como a antiga Fada Madrinha tinha descoberto o Outromundo. Mamãe Ganso contou-lhes que ela e as outras fadas espalhavam as histórias de seu mundo pelo Outromundo para dar às crianças algo em que acreditar. Alex explicou que ela e o irmão descobriram o mundo dos contos de fadas ao viajar por acidente para dentro do livro de histórias da avó.

No entanto, era difícil explicar de maneira vaga como elas tinham entrado no mundo de *Rei Arthur*, e os detalhes começaram a brotar. Alex contou que ela e o irmão tinham derrotado a Feiticeira e a Grande Armée e formado a Assembleia dos Felizes para Sempre. Contou que tinham descoberto recentemente que um criminoso chamado Homem Mascarado, que na verdade era tio dos dois, roubara a Poção do Portal do Palácio das Fadas.

Alex contou que tinha sido a Fada Madrinha até ser *desmadrinhada* pelo Conselho das Fadas, quando eles se recusaram a crer que o tio continuava sendo uma ameaça aos reinos. Mamãe Ganso contou sobre as viagens conforme seguiam Lloyd de uma história a outra e tentavam impedi-lo de recrutar um exército de vilões literá rios, tudo para acabarem encalhadas ali.

Merlin e Arthur eram uma ótima plateia. Alex e Mamãe Ganso falaram por horas e horas sem nenhuma interrupção. Os olhos de Arthur se mantiveram sempre colados em Alex, como se ela o tivesse enfeitiçado. Ele estava fascinado com cada palavra que ela dizia.

– Impressionante, absolutamente impressionante – disse Merlin, acariciando a barba branca. – E pensar que este mundo existe em outros como *uma fábula*. Isso confirma a minha teoria de que *todos somos apenas personagens dos livros da biblioteca de Deus*. Ou talvez outra pessoa tenha dito isso, e eu estou esquecendo quem. A melhor parte de prever o futuro: sou sempre o primeiro a dizer.

Mamãe Ganso observou todas as coisas que Merlin tinha juntado ao longo dos séculos. Um desenho emoldurado na parede chamou a atenção dela.

– Merlin, aquele desenho é de uma *máquina voadora*?

Merlin tinha esquecido que o desenho estava ali e se levantou da mesa para ver melhor.

– Parece que sim. Você conhece?

– Um amigo meu desenhou algo bem parecido no século XV.

Ele morava na Itália, chamava-se Leonardo da Vinci. Você teve alguma visão em que ele aparecia?

– Eu mal consigo guardar o nome das pessoas que vivem *neste século*. A senhora não espera que eu lembre o nome das pessoas do *século XV*, não é?

Mamãe Ganso riu como uma garotinha. Alex nunca tinha visto ninguém diverti-la tanto. Merlin sentou-se e arrastou a cadeira para bem mais perto de Mamãe Ganso do que estava antes.

– Talvez este mundo seja somente o passado do seu mundo – disse ele. – Vamos passar século a século. Digam-me o nome dos seus amigos, e eu digo o nome das pessoas que previ. Vai ser divertido!

– Ah, Merlin, eu conheci tanta gente... Esse jogo poderia durar dias! – Mamãe Ganso riu.

– Fantástico! Assim nós nos distraímos um pouco enquanto esperamos alguém vir resgatá-las – disse ele.

Aquela viagem de Mamãe Ganso e Merlin ao passado fez com que Arthur e Alex se sentissem segurando vela.

– Quer dar uma caminhada? – Arthur sussurrou para ela.

– Claro – disse Alex, sorrindo.

Arthur e Alex saíram da cabana de Merlin e deram um passeio por um trecho da floresta que ela ainda não tinha visto. Era uma área muito mais agradável, com árvores jovens e um chão bem mais macio. O sol tinha se posto enquanto eles estavam na cabana, e a lua era a única fonte de luz. Alex talvez achasse romântico se não estivesse pensando em tantas outras coisas.

– Estou contente por saber um pouco mais sobre você, já que você sabe tudo a meu respeito – Arthur brincou. – Os seus mundos parecem incríveis. É inacreditável o tanto de coisa que você já fez com tão pouca idade. É muito inspirador.

– Eu tenho amigos maravilhosos que me ajudaram. Você também é muito inspirador, meio que uma lenda.

Arthur abafou uma risada.

– É mesmo? Me diga.

– Ah, não, fiz de novo! Melhor tomar cuidado perto de mim, ou vou acabar contando o seu destino.

– Ah, vou tomar cuidado, sim. – Arthur deu de ombros como se não ligasse, mas sem ser convincente. – Se tem uma coisa sobre a qual eu *realmente* não

quero ouvir é o meu futuro. Quero ser totalmente pego de surpresa. Saber que vou ser rei da Inglaterra já basta. Mas você tem certeza de que isso vai acontecer?

– Sim, você vira rei. Mas isso é tudo o que eu vou contar, então não me pergunte mais nada! Além do mais, você já sabia disso.

– É verdade. *Mas.*.. ninguém disse que eu vou ser um *bom* rei.

Seria um alívio saber que eu não fico maluco nem malvado antes de morrer.

Alex suspirou, mas com um sorriso. Ela sabia que Arthur estava tentando tirar informações dela apenas para provocá-la, mas *esse* jogo podia ser jogado por dois.

– Você será um *bom* rei, não se preocupe – disse ela, em seguida fitando o chão com tristeza. – Ao menos depois de se curar do…

incidente.

– Que *incidente*?

Alex sacudiu a cabeça sombriamente.

– Bem, se o Merlin não disse nada, então eu provavelmente não devo dizer.

– Ah, claro… *o incidente* – Arthur fingiu saber. – O velho Merlin me contou sobre ele várias vezes.

– Muito bem. Então você sabe tudo sobre *as sanguessugas*.

Arthur engoliu em seco.

– Sei… sei, sim – disse ele, nervoso.

– Por sorte, àquela altura, você já terá sido capturado pelos saxões, e as suas pernas terão sido arrancadas. Então, não são *taaaantas* feridas de sanguessugas assim.

Arthur engoliu em seco de novo.

– Mas é a própria definição de *sorte*, não é?

– Uma pena que você perca os dois braços na batalha, antes de ser capturado. Não é à toa que você é conhecido como *Arthur sem Membros*.

– *Arthur sem Membros*?

– Pois é. Um rei menos grandioso deixaria o título rebaixá-lo, mas você ainda mete medo em todos os inimigos. Mas isso talvez se deva à sua futura esposa, a Rainha Girtha. Claro que o Merlin já falou dela…

– Claro. É aquela mulher repulsiva, não é? Tão feia que as pessoas têm medo de olhar. Agora, me recorde: quantos filhos terrí veis nós temos?

– Só um. E quem poderia imaginar que é *você* quem morre durante o parto?

– *Eu* morro durante o parto? – Arthur perguntou com a voz trêmula. – Como

isso é possível?

– Não é óbvio? É por isso que chamam a sua esposa de *Girtha de Mãos Fortes*. Você nunca fez essa associação?

– Ah, claro. Uma vez, pensei nisso, mas tinha esquecido.

– Não o culpo. Eu também teria bloqueado isso na minha cabeça.

Arthur parou de andar por um instante enquanto processava aquilo tudo.

– Espere um pouco, se eu não tenho *nem braços nem pernas* quando viro rei, como consigo arrancar *aquilo*? – perguntou ele, apontando para as árvores adiante.

Alex ergueu o olhar para ver do que ele estava falando e viu uma clareira gramada à frente. No meio da clareira, havia uma pilha de pedras coberta de trepadeiras e, no centro, uma grande rocha com uma luminosa espada fincada.

Alex cobriu a boca com a mão.

– É *a espada na pedra*! – arquejou.

Arthur se divertiu com a empolgação dela.

– Achei que você ia gostar de ver.

– Você sabia esse tempo todo que eu estava brincando, não é?

– Desde as sanguessugas – disse Arthur, com um sorriso culpado. – Mas você foi muito convincente, pode acreditar.

Alex deu um soquinho de leve no ombro dele e caminhou até a clareira. Ela contornou a espada na rocha e admirou sua im ponência. Quase conseguia sentir o esplendor irradiado por ela. A espada tinha um cabo azul e uma luminosa lâmina prateada. Presa na rocha, uma placa quadrada dizia:

AQUELE QUE ESTA ESPADA
DA PEDRA ARRANCAR

VERDADEIRO REI
DA INGLATERRA SERÁ

– Quer tentar? – perguntou Arthur.

– O quê? Você quer que *eu* tente tirar a espada da pedra? – perguntou Alex, apontando para si mesma.

– Por que não? As pessoas vêm do mundo inteiro para tentar.

Quem sabe, talvez *seu* verdadeiro destino seja se tornar o próximo rei da

Inglaterra.

– Duvido, mas posso tentar.

Alex subiu nas pedras atrás da espada e envolveu o cabo com as mãos. Ao conectar-se com um dos mais importantes objetos da história mítica, ela sentiu uma energia percorrer seu corpo. Flexionou os cotovelos e apertou o cabo, preparando-se para puxar a espada com força.

– BUUUU! – Arthur gritou a centímetros do ouvido dela.

– AAAAHHHH! – Alex berrou. – *Qual é o seu problema? Eu podia ter tido um ataque do coração!*

Arthur ria tanto que caiu no chão. Ele olhou para a expressão enraivecida dela e riu ainda mais.

– Desculpe, não consegui me segurar! Você precisava ter visto a sua cara!

Alex estava furiosa. Ela queria tirar a espada da rocha e tornar *Arthur sem Membros* uma realidade. Porém, a cada segundo, o susto desaparecia e o humor se instalava. Alex lutou contra as risadinhas que cresciam dentro dela, mas, uma vez que chegaram à superfí cie, não houve volta. Ela segurou o estômago e gargalhou até que seus olhos se enchessem de lágrimas. Foi uma sensação muito boa – ela não conseguia se lembrar da última vez em que rira tanto a ponto de chorar.

– Você me perdoa? – perguntou Arthur.

– Acho que mereci essa – disse. – Você devia tentar. De repente, é hoje que você vira rei.

O sorriso de Arthur se desfez, e ele sacudiu a cabeça.

– Eu sei que ela nem vai se mexer. Vai acontecer quando eu estiver pronto para ser rei, mas ainda não estou. Vou sentir aqui dentro, antes mesmo de tocar a espada.

Pela primeira vez desde que Alex chegara, o *rei do passado e do futuro* lhe pareceu um pouco triste.

– Arthur, qual é o problema? Você está com medo de nunca estar pronto?

De início, Arthur deu de ombros, mas Alex o fitou com tanta compaixão que ele achou que ela poderia entender. Era a primeira pessoa que ele conhecia que o fazia ter vontade de confessar seus sentimentos em vez de escondê-los.

– Acho que estou com medo de decepcionar as pessoas, só isso – Arthur admitiu. – Merlin diz que eu vou ser um rei lendário.

Eu só queria ter confiança o bastante para aceitar. E, agora que eu sei que a lenda do meu reino chega a outras dimensões, parece impossível que eu vá corresponder a essas expectativas ou, pior, às…

– Suas próprias expectativas? – Alex completou a frase.

Arthur ficou calado e concordou com a cabeça.

– Você também?

– O meu legado, diferentemente do seu, não está escrito nas estrelas, mas, quando me tornei Fada Madrinha, quase me afo guei nas expectativas que os outros colocavam em mim. Eu queria acreditar em mim mesma tanto quanto o resto do mundo acreditava; por isso, coloquei muita pressão em mim mesma. Eu ficava muito decepcionada toda vez que cometia algum erro bobo. Parecia que ia decepcionar o mundo inteiro se algum dia percebessem que eu sou…

– Humana – disse Arthur. Dessa vez, foi ele que completou a frase dela.

– Pois é. O meu maior medo era decepcionar alguém, e, depois de um momento de fraqueza, acabei decepcionando o mundo dos contos de fadas inteiro. Passei de pessoa mais amada da Assembleia dos Felizes para Sempre à mais temida e odiada. Porém, em vez de lutar contra o mundo que me rejeitou, escolhi continuar salvando-o. Talvez a grandeza não tenha a ver com ser imortal, nem glorioso, nem popular, mas com escolher lutar pelo bem maior do mundo, mesmo quando o mundo virou as costas para você.

Arthur olhou nos olhos de Alex como ninguém tinha feito antes. Havia entre eles uma afinidade especial, um entendimento e uma visão sobre a vida diferentes de todas as pessoas que tinham conhecido e, quem sabe, conheceriam.

– Eu não sei que forças a trouxeram a este mundo, mas estou muito grato a elas – disse Arthur.

– Eu também. É bom saber que não estou tão sozinha quanto pensava.

– Vamos fazer um pacto: nós dois continuaremos vivendo vidas de *verdadeira grandeza*, não importa como seremos lembrados no final.

– Trato feito.

Eles apertaram as mãos e trocaram sorrisos calorosos. A energia que Alex sentira na espada não era nada em comparação com o toque da mão de Arthur. Eles permaneceram de mãos dadas por alguns instantes, separando-se quando o aperto de mão estava prestes a virar outra coisa.

– Precisamos voltar para a cabana do Merlin antes que fique muito tarde – disse Arthur.

Eles desviaram os olhos, e ambos colocaram as mãos nos bolsos. Alex sentiu algo estranho no bolso – um papel do qual tinha se esquecido por completo. Ela o tirou do vestido e o desdobrou. Seu rosto se iluminou por completo em empolgação.

– Meu Deus! – disse Alex. – É uma página de *O Mágico de Oz*!

– Não é uma das histórias para as quais você viajou?

– Sim. Meu irmão e eu recolhemos algumas páginas que caí ram antes de entrarmos no livro. Acho que posso usar esta página para ir até Oz e depois voltar para casa!

– Você não precisa da Poção do Portal para fazer isso?

– Eu sei a receita. Consigo fazer a poção. E, se meu irmão tiver as outras páginas, ele também pode viajar de volta para Oz! Preciso contar à Mamãe Ganso!

Arthur e Alex correram empolgados pela floresta para contar a Merlin e Mamãe Ganso as boas notícias. Quando chegaram, ambos já haviam tomado três quartos de um garrafão de cerveja, e ela ainda estava recordando os séculos passados.

– *Com o Imperador Constantino, eu tive um casinho, mas, com o Rei de Fez, eu só saí uma vez* – disse Mamãe Ganso com um soluço. – *O problema não foi Gengis Khan, que ninguém entendeu, e sim Carlos Magno, que nos mandou para o beleléu.*

– Não sei o porquê das rimas, mas são divertidas – disse Merlin, soluçando também.

Eles se assustaram quando Alex e Arthur entraram correndo.

– Mamãe Ganso, tenho grandes notícias! – disse Alex, mostrando o papel que encontrara no bolso. – É uma página de *O Mágico de Oz* ! Podemos usá-la para ir a Oz e de lá para o mundo dos contos de fadas!

Mamãe Ganso ficou tão empolgada que começou a soluçar histericamente e não conseguia mais falar.

– Você não precisa da Poção do Portal para fazer isso? – perguntou Merlin.

– Sim, mas podemos fazê-la aqui – disse Alex. – Os ingredientes são muito simples. Precisamos de um galho da árvore mais antiga da floresta, uma pena do faisão mais belo do céu, um cadeado e uma chave liquefeitos de uma pessoa que tenha amado de verdade, duas semanas de luar e uma pitada de mágica.

Mamãe Ganso teve uma ideia. Ela ergueu o dedo e abriu a boca para compartilhá-la, mas tudo o que saiu foi um soluço. Em vez de explicar, decidiu mostrar. Levantou da mesa e saiu. Os três ouviram uma grasnada, e Mamãe Ganso voltou com um punhado de penas brancas.

– *Escolha uma pena; não existe faisão mais bonito que o Lester*. HIC! – disse Mamãe Ganso.

Alex escolheu uma pena especialmente longa.

– Ótimo! Um ingrediente resolvido, faltam quatro!

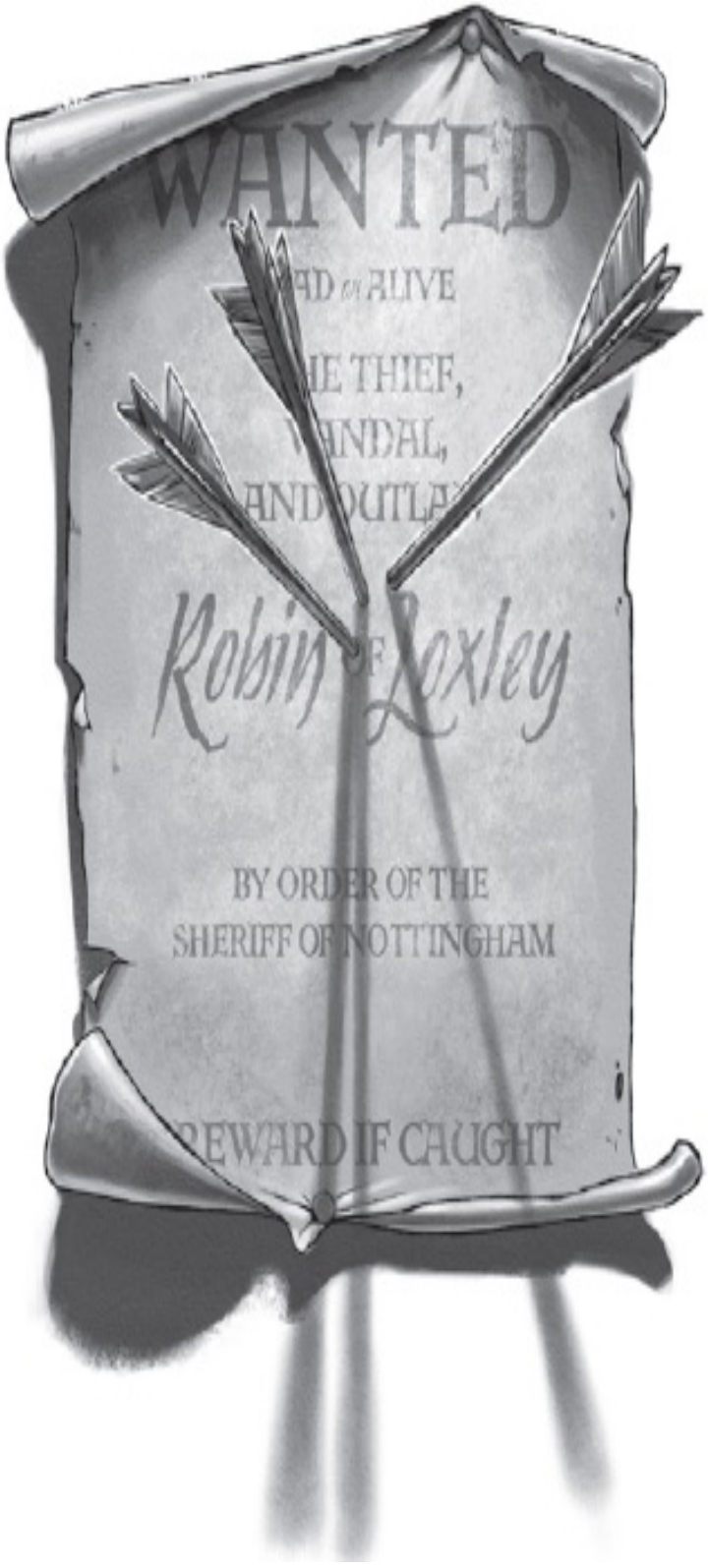
– Realmente, parece que dá pra fazer! – disse Merlin. – Arthur, como parte do seu treinamento, insisto que ajude esta adorável moça a encontrar os ingredientes de que ela precisa para a poção. Enquanto isso, eu vou entreter a Mamãe Ganso.

– Será uma honra – disse Arthur. – Eu gostaria de passar o má ximo de tempo possível com você antes que se vá, Alex.

Ele piscou para Alex, que sorriu de orelha a orelha.

– Igualmente – disse ela.

A jovem fada ficara tão eletrizada com a descoberta da página que foi só nesse momento que percebeu que o tempo que eles tinham juntos era limitado – e ficou muito surpresa ao perceber quanto isso a deixava triste. Alex passara o dia inteiro preocupada em escapar do mundo de *Rei Arthur* . Ela nunca poderia ter imaginado que terminaria o dia com o próprio futuro rei, ou que ele fosse alguém por quem valesse a pena ficar.


WANTED
AD OR ALIVE
HE THIEF,
ANDAL,
AND OUTLA
Robin of Loxley
BY ORDER OF THE
SHERIFF OF NOTTINGHAM
REWARD IF CAUGHT

CAPÍTULO 22

Os alegres homens da floresta de Sherwood

Depois que Conner, o Homem de Lata e Peter foram jogados dentro do livro, não demorou muito para que as palavras da história formassem um mundo em torno deles. Uma palavra se esticou sob os pés de Conner; antes que ele tivesse tempo de lê-la, ela virou líquido, e Conner afundou na água.

Uma poderosa força o empurrava cada vez mais para o fundo. Ele ficou tão atordoado que não sabia para que lado ficava a superfície, nem mesmo se havia superfície. Esticou os braços e as pernas ao máximo para tentar se agarrar a qualquer coisa – porém, só havia ele naquele mundo de água. Conner estava se afogando no oceano de um mundo literário.

Quando o fim se aproximava, o garoto sentiu uma mão forte agarrar as costas de sua camisa e erguê-lo. Então notou que estava deitado num chão de madeira. Rolou de bruços e deparou com o Homem de Lata e Peter, que o encaravam.

– Conner, você está bem? – perguntou o Homem de Lata.

– Você pousou exatamente no rio. Que mira! – Peter falou.

– Eu estava com medo de ter caído no oceano de *Moby Dick* ou de *Os Robinsons suíços* – disse.

– Nem é tão fundo assim – disse Peter. – Você deve nadar muito mal.

Conner se sentou e observou o entorno. Ele e os amigos estavam em uma estreita ponte que cruzava um riacho raso, no meio de uma floresta de árvores altas e finas. Não havia nada especial ali para ajudar Conner a descobrir que floresta era aquela.

– Você conhece este lugar? – perguntou o Homem de Lata.

– Não – disse Conner. – Rápido, precisamos achar o livro! Ele deve estar em algum lugar por aqui!

Os três se espalharam e procuraram na floresta.

– Conner! Achei! – disse Peter. Ele apontou para um livro verde que descia o riacho.

– Atrás do livro! – gritou Conner.

Ele mergulhou no riacho e nadou atrás do objeto. Peter sobrevoou a superfície da água e tentou pegá-lo, mas a corrente fazia o livro ir de um lado a outro. Quando os dois estavam prestes a alcançá-lo, o livro, mesmo estando encharcado

e cercado de água, pegou fogo. O objeto queimou até virar cinzas, que o riacho levou embora.

Conner sentiu a vida se esvair de seu peito. O tio provavelmente destruíra o livro no País das Maravilhas. Eles estavam presos!

– O que aconteceu? – perguntou o Homem de Lata. Ele os observava da margem, onde estava seco.

– O livro já era – disse Conner, balançando a cabeça. – Estamos presos. E isso significa que a minha irmã e a Mamãe Ganso também estão presas onde quer que estejam. Nós nunca vamos chegar aos reinos a tempo de avisá-los. Eles não vão conseguir se preparar para o exército que se aproxima!

Conner saiu do rio, sentou-se no chão e cobriu o rosto com as mãos. O Homem de Lata abaixou a cabeça e colocou uma mão no lugar onde deveria estar o coração.

– Não se preocupem! – disse Peter. – Os Meninos Perdidos virão nos buscar!

– Eles estão em outra dimensão, Peter! – Conner respondeu bruscamente. – Como você espera que eles nos resgatem?

– *Como você espera que eles nos resgatem?* – Peter zombou.

– Isso é sério, Peter! – gritou Conner. – Nós podemos ficar presos aqui para sempre!

– *Nós podemos ficar presos aqui…* Espere, *para sempre*? – Peter se deu conta da gravidade da situação e pousou no chão. – Então pode ser que eu nunca mais veja a Terra do Nunca ou os Meninos Perdidos?

Conner suspirou.

– Temo que sim.

Peter sentou-se no chão com as pernas abertas e estendidas. Ele ficou boquiaberto, e seus olhos se encheram d’água.

– Tem de haver *algo* que possamos fazer – disse o Homem de Lata.

– Imagino que a melhor coisa seja descobrir onde estamos – Conner falou. – Com sorte, vamos encontrar alguém que possa nos ajudar.

Eles se embrenharam na floresta, porém não encontraram nada por quilômetros e quilômetros. Peter levantou voo para ter uma visão melhor e notou uma grande estrutura de pedra ao longe. Eles acharam que a melhor opção no momento era seguir até lá. Ao longo do caminho, notaram um comprido pergaminho preso a uma árvore. Ele dizia:

PROCURADO VIVO OU MORTO

O LADRÃO, VÂNDALO E FORA DA LEI
ROBIN DE LOXLEY
POR ORDEM DO XERIFE DE NOTTINGHAM
RECOMPENSA PARA QUEM O PEGAR

Conner leu o cartaz algumas vezes só para ter certeza de que não estava imaginando coisas. De todos os lugares para se perder, ele pensou que aquele não era tão ruim.

– Pessoal, estamos em *Robin Hood* – disse Conner.

O Homem de Lata e Peter ficaram empolgados ao ouvir isso, mas seus sorrisos logo sumiram.

– Quem é esse? – perguntou o Homem de Lata.

– A gente conhece? – perguntou Peter.

– Não, mas é uma boa notícia! – disse Conner. – Robin Hood é um herói. Se tem alguém que pode nos ajudar neste mundo, é ele! Nós precisamos encontrá-lo!

O Homem de Lata e Peter olhavam desconfiados para o cartaz.

– Se ele é um herói, por que é procurado pelo xerife? – o lenhador indagou.

– O Xerife de Nottingham é o vilão da história – Conner explicou. – Robin Hood rouba dos ricos e dá aos pobres. É ele que a gente precisa encontrar.

– Por mim, a gente captura esse tal Robin Hood e pega a recompensa – disse Peter. – Ser ricos nos ajudaria mais do que um criminoso nos ajudaria, com certeza.

– Acho que o garoto tem alguma razão – o Homem de Lata falou.

Imediatamente, Peter e o Homem de Lata começaram a fazer planos para capturar o fora da lei, ignorando Conner, que balan çava a cabeça em desaprovação à ideia.

– Pessoal! – disse Conner. – Nós não vamos sequestrar nem matar Robin Hood!

SSSHT! Uma flecha vinda do nada pregou Conner numa árvore. Ele gritou de agonia, mas parou assim que percebeu que a flecha apenas atravessara a manga da camiseta, e não o seu braço. *SSSHT!* Duas flechas pregaram as duas pernas da calça de Peter na árvore ao lado. *SSSHT!*

– ÍNDIOS! – Peter gritou.

– Não existem índios na Floresta de Sherwood! – disse Conner.

– Além disso, o termo certo é *nativos americanos!*

SSSHT! Uma flecha acertou as costas do Homem de Lata, mas ela se partiu com o impacto. *SSSHT!* Uma saraivada de flechas acertou o lenhador. *SSSHT!* As flechas simplesmente batiam em seu corpo de metal e caíam. *SSSHT!* O Homem de Lata pegou seu machado e cortou as flechas que se aproximavam em pleno ar.

– O CAVALEIRO É IMPENETRÁVEL! – gritou uma voz do alto da copa das árvores. – ALEGRES HOMENS, ATACAR!

Antes que os três viajantes se dessem conta, quatro homens e cinco cavalos investiram pela floresta. Os homens saltaram dos cavalos e, com as armas em punho, cercaram Conner, Peter e o Homem de Lata.

Um dos homens era enorme. Tinha mais de dois metros de altura e segurava um longo cajado. Um homem muito exuberante, que usava roupas de seda vermelha e um grande chapéu com penas, segurava uma espada em cada mão. Entre os dois, postava-se um padre baixinho e rechonchudo que segurava um crucifixo e uma Bíblia como se fossem uma espada e um escudo. Havia também um músico bastante magro que não carregava nenhuma arma, mas que dedilhava ameaçadoramente acordes num bandolim enquanto olhava feio para os garotos.

– Ora, ora, vejam só o que temos aqui – o homem grande disse com uma voz áspera.

– O xerife deve estar ficando desesperado para mandar para a floresta apenas um cavaleiro e duas crianças – disse o homem vestido de seda, jogando o cabelo para o lado.

– Oh, Pai Celeste, que tipo de covarde manda crianças fazerem seu trabalho pecaminoso? – questionou o padre, balançando a cabeça.

Conner quase não reconheceu os homens. Eram muito mais calejados e agressivos do que ele imaginava.

– PIRATAS! – gritou Peter.

– Também não existem piratas na Floresta de Sherwood! – disse Conner. – Estes são os Alegres Homens da Floresta de Sherwood. Eles trabalham com Robin Hood!

– Parece que eles nos encontraram antes que nós os encontrássemos – disse o Homem de Lata, completamente desconfiado daqueles homens. – Qual de vocês é Robin Hood?

– OUVIRAM ISSO, HOMENS? O CAVALEIRO SOLICITOU UMA AUDIÊNCIA COMIGO! – uma voz gritou do alto.

Um homem subitamente caiu da copa das árvores e pousou em pé. Era alto, bonito, com barba ruiva e um sorriso brilhante. Usava roupas verde-escuras,

chapéu com pena e botas altas. Segurava um arco numa mão e tinha uma aljava presa às costas.

– Robin Hood! – disse Conner, empolgado. – Estávamos falando agora mesmo de você…

– E PLANEJANDO A MINHA CAPTURA, PELO QUE

OUVI. PORÉM, HOJE A VITÓRIA NÃO SERÁ SUA, CAVALEIRO. VOCÊ NÃO É PÁREO PARA O GRANDE ROBIN

HOOD E SEUS ALEGRES HOMENS!

Robin Hood raramente fazia contato visual enquanto falava – agia como se houvesse uma grande plateia à sua volta. Conner ficou muito decepcionado; o lendário príncipe dos ladrões não era o herói compassivo no qual sempre acreditara, e sim um narcisista ruidoso que elogiava a si mesmo na terceira pessoa.

– Tempo! – disse Conner. – Primeiro, você não precisa gritar: nós estamos *bem aqui*. Segundo, isso é tudo um grande malentendido…

– NÃO ABRA A BOCA, CÚMPLICE CRIANÇA! VOCÊ DEVIA TER VERGONHA POR DEIXAR O XERIFE DE NOTTINGHAM FAZER USO DA SUA INOCÊNCIA NESTA TRAMOIA. A MINHA DISPUTA É COM O CAVALEIRO NA MINHA FRENTE, QUE O XERIFE ENVIOU PARA CAPTURAR-ME E POTENCIALMENTE MATAR-ME.

Robin Hood encarava furiosamente o Homem de Lata, que olhou para trás para ter certeza de que ele não estava se referindo a outra pessoa.

– Eu? – perguntou baixinho. – Mas eu não sou cavaleiro.

– NÃO MINTA PARA MIM, CAVALEIRO! SOMENTE HOMENS QUE TRABALHAM PARA O XERIFE USAM UMA ARMADURA COMO ESSA! VOCÊ NÃO ME ENGANA! NÃO INSULTE A SUA INTELIGÊNCIA TESTANDO A MINHA!

– Ah, eu não estou de armadura. Veja, no lugar de onde venho, havia uma bruxa que enfeitiçou meu machado…

– NÃO ENCHA A MINHA CABEÇA COM HISTÓRIAS DE BRUXARIA. VOCÊ VOLTARÁ PARA O XERIFE E LHE DIRÁ QUE ROBIN HOOD ESTÁ OFENDIDO COM ESSA TENTATIVA DE CAPTURA! VÁ AGORA, E EU POUPAREI A SUA VIDA!

Os Alegres Homens deram vivas, e o músico tocou um acorde no bandolim. O Homem de Lata não se mexeu e encarou os homens, confuso.

– O CAVALEIRO PERMANECE!

– Desculpe, mas para onde eu devo ir? Já falei que não sou cavaleiro. Não

tenho a menor ideia de onde encontrar o xerife.

Robin Hood acariciou a barba enquanto o encarava. Era óbvio que o outro não era cavaleiro, porém Robin Hood era arrogante demais para admitir que estava equivocado; por isso, precisava pensar em outra razão para a resistência do Homem de Lata.

– O CAVALEIRO ESTÁ TÃO TRANSTORNADO POR MINHA PRESENÇA QUE ESTÁ *CONFUSO* . JOÃO PEQUENO, WILL ESCARLATE, PRENDAM-NOS! VAMOS LEVAR O CAVALEIRO E AS CRIANÇAS DE VOLTA PARA O ACAMPAMENTO PARA QUE RECOBREM A LUCIDEZ!

Os Alegres Homens tiraram Conner e Peter da árvore e amarraram as mãos deles e do Homem de Lata juntas. Robin Hood e os Alegres Homens montaram em seus cavalos e se embrenharam na floresta com os cativos.

– Belo herói – Peter disse bem baixinho.

– Esse homem é louco – falou o Homem de Lata.

– Vocês tinham razão – disse Conner. – Nós devíamos ter capturado Robin e trocado pelo dinheiro.

– ALANA-DALE, MEU FIEL MENESTREL – Robin disse ao músico. – TOQUE PARA NÓS UMA CANÇÃO ALEGRE SOBRE A MINHA CORAGEM E GLÓRIA PARA PASSARMOS O TEMPO ENQUANTO RUMAMOS PARA CASA!

O músico tocou uma canção no bandolim e cantou junto:

Robin de Loxley, Robin de Loxley,
Mais amado do que ninguém!
Ele combate, com força e com arte,
Para salvar Nottingham.

O xerife é mau, mas Robin é bom,
É puro de coração.
Querido das moças, que querem seus filhos
e amam os Alegres Homens de sua legião.

O xerife se cansa, pois Robin não se cansa:
irá acabar com o príncipe João.
Quem quer liberdade, um reino melhor,
cante conosco esta canção!

Robin de Loxley, Robin de Loxley,
Homem maior não há na Terra!
Robin de Loxley, Robin de Loxley,

O homem mais valioso da Inglaterra!

Os Alegres Homens cantavam a canção repetidamente enquanto Robin Hood brincava de maestro, deixando Conner, Peter e o Homem de Lata irritados. Ao cair da noite, eles chegaram ao acampamento, que consistia de meia dúzia de tendas em volta de uma pequena fogueira. Os Alegres Homens arrastaram os cativos até uma tenda e os amarraram a uma estaca lá dentro.

A cantoria recomeçou do lado de fora assim que os Alegres Homens reuniram-se em torno da fogueira; Conner, Peter e o Homem de Lata tiveram de suportar mais várias horas de letras terrí veis louvando um homem terrível.

– Isso vai me deixar maluco. E olha que eu moro com uns pivetes numa ilha deserta no espaço sideral! Tenho toneladas de paciência! – disse Peter, dando uma ombrada em Conner, como se o garoto pudesse fazer alguma coisa.

– Para que isso, menino-folha? – disse Conner, revidando a ombrada.

– Porque nós não estaríamos aqui se você e a sua irmã não tivessem perdido o controle sobre o seu tio!

– Talvez, se a sua amiga não tivesse um cérebro tamanho fada, ela não tivesse sido sequestrada!

A cada declaração, eles se batiam com um pouco mais de força.

– Senhores, continuem brigando! – disse o Homem de Lata.

– Por quê? – perguntou Conner.

– Quanto mais forte vocês se empurram, mais frouxas ficam as cordas em volta das minhas mãos.

Conner e Peter entreolharam-se animados e, em turnos, se empurraram com toda a força. Estavam tão desesperados para fugir dos Alegres Homens que nem repararam na dor no ombro. Após alguns instantes, o Homem de Lata libertou as mãos e desamarrou os garotos.

– Conner, tem uma coisa saindo do seu bolso – Peter observou.

Conner apalpou a calça e sentiu um papel saindo do bolso de trás. As ombradas em Peter provavelmente tinham feito o papel se deslocar. Ele o abriu, e seus olhos dobraram de tamanho quando percebeu do que se tratava.

– É uma página de *O Mágico de Oz*! Podemos usá-la para voltar a Oz e depois ao mundo dos contos de fadas!

– Não precisamos de uma poção para isso? – perguntou o Homem de Lata.

– Nós podemos fazer a poção! Eu decorei a receita!

Conner estava radiante. Quando, ainda na caverna, guardara a página no bolso, não podia imaginar que ela serviria como salva-vidas. Melhor ainda:

Conner lembrou que a irmã também tinha uma – ele sabia que era uma questão de tempo até Alex encontrá-la e usá-la para escapar de onde quer que estivesse, se é que já não tinha feito isso.

A festa do garoto foi interrompida, no entanto; um som assustador veio de fora da tenda. Não era outra canção, mas cavalos – *centenas deles*!

Conner, Peter e o Homem de Lata espiaram fora da tenda e viram um batalhão de soldados emergindo da Floresta de Sherwood e cercando o acampamento dos Alegres Homens. Chegaram tão de repente que Robin Hood e seus homens não tiveram tempo de pe gar as armas. Um homem de meia-idade com barba escura liderava os soldados; ele usava uma estrela brilhante por cima da armadura.

– Opa – disse Conner.

– Quem é esse? – perguntou Peter.

– VEJAM, HOMENS, O XERIFE DE NOTTINGHAM VEIO NOS FAZER UMA VISITA – disse Robin Hood, respondendo à pergunta. – A QUE DEVEMOS ESTA DESONRA?

– Robin de Loxley – o xerife falou –, você e seus homens serão presos por roubo, vandalismo e fuga à lei. Virão conosco a Nottingham, onde aguardarão julgamento. Qualquer tentativa de escapar resultará em morte.

O xerife fez um sinal com a cabeça para os soldados. Os arqueiros deram um passo à frente e apontaram os arcos para Robin Hood e seus Alegres Homens. Não parecia haver nenhuma possibilidade de fuga.

– Isso é terrível – sussurrou Conner.

– Por quê? Esse cara é um pesadelo – disse Peter.

– Não, é terrível para nós! O xerife vai nos encontrar e nos levar para Nottingham.

– Mas nós fomos capturados, não temos nada a ver com eles – disse o Homem de Lata.

– Não importa – Conner falou. – Eu sei que o xerife parece mais tolerável do que Robin Hood, mas ele é um cara muito mau. Ele vai nos levar para o castelo e nos torturar por puro esporte!

Peter e o Homem de Lata se entreolharam nervosos. Conner andava de um lado a outro da tenda, pensando em algum jeito de escapar. Tudo o que eles tinham à mão era um cobertor em farrapos e um lençol branco dobrado.

– Então, o que vamos fazer? – perguntou Peter.

– Tenho uma ideia – falou Conner. – É maluca, mas vai que funcione. Façam tudo o que eu disser.

Do lado de fora, as coisas ficavam cada vez mais tensas. Robin Hood deixou a

fogueira e se aproximou do Xerife de Nottingham.

– VOCÊ É MUITO ESPERTO, XERIFE. ARMOU PARA QUE EU CAPTURASSE UM DOS SEUS CAVALEIROS PARA ENTÃO NOS SEGUIR ATÉ O NOSSO CAMPO. BOA JOGADA!

– Seu imbecil – disse o xerife. – Nós o encontramos porque a sua voz se propaga por quilômetros.

Todos os Alegres Homens baixaram a cabeça – eles sabiam que o volume do líder acabaria causando encrenca.

– VOCÊ SABE O QUE MAIS SE PROPAGA POR QUILÔMETROS, XERIFE? *O MEU AMOR POR NOTTINGHAM!* POR ISSO, LEVE-ME, BATA EM MIM, TORTURE-ME E MATE-ME DEPOIS DE TUDO. VOCÊ PODE TIRAR A VIDA DO MEU CORPO, MAS NUNCA VAI DESTRUIR O MEU…

– *Espírito!* – gritou João Pequeno.

– SIM, ERA ISSO QUE EU IA DIZER!

– Não, senhor! Veja, parece um fantasma se aproximando! – disse Will Escarlate.

Os Alegres Homens e os soldados de Nottingham se voltaram para o centro do acampamento. Conner tinha colocado o cobertor em farrapos por cima da cabeça. Curvado, cambaleava na direção deles com os braços estendidos, feito um zumbi.

– Quem é? – perguntou o xerife. – Declare-se imediatamente, ou uma flecha trespassará o seu coração.

Conner engoliu em seco – torcia para que isso desse certo.

– Não temo suas flechas, pois não posso ser morto! – disse numa voz macabra. – O meu nome é Connermundo, o temido feiticeiro de Sherwood!

– FEITICEIRO? – Robin Hood riu. – ELE NÃO PASSA DE UMA CRIANÇA QUE ACHAMOS NA FLORESTA.

– CALE-SE! – Conner gritou para Robin Hood. – *Você está cego de arrogância e foi facilmente enganado pelo meu disfarce mortal. Eu venho para oferecer um aviso ao xerife e seus homens! Deixem imediatamente a minha floresta, ou o meu exército de mortos se erguerá contra vocês!*

O xerife e os soldados riram numa algazarra. Conner não estava enganando ninguém.

– Esse garoto precisa aprender o que acontece com as pessoas que nos ameaçam – disse o xerife. – *Atirem nele!*

– *Agora!* – sussurrou Conner.

Quando os arqueiros estavam prontos para lançar suas flechas, o Homem de

Lata saiu correndo da tenda – *sem a cabeça!* Os Alegres Homens e os soldados gritaram diante da visão assustadora: até onde sabiam, era um homem sem cabeça voltando dos mortos.

O Homem de Lata correu na direção dos soldados, e muitos recuaram para o interior da floresta.

– *Peter, é a sua vez!* – Conner sussurrou.

Envolto no lençol branco, Peter disparou da tenda e sobrevoou o campo, gemendo em agonia, como um espírito atormentado. Os Alegres Homens abraçavam-se e gritavam – o padre fez uma oração e ergueu o crucifixo para o espírito pairante.

– *Estas florestas foram tomadas pela magia negra!* – gritou o xerife. – *Esqueçam Robin de Loxley e seus Alegres Homens; precisamos retornar imediatamente a Nottingham!*

O xerife chicoteou o lombo do cavalo e partiu para a floresta. Os poucos soldados que restavam seguiram-no – muitos se livrando com pressa da armadura enquanto fugiam, para poder correr mais rápido.

Quando a área ficou livre de soldados, Conner se livrou do cobertor esfarrapado, Peter jogou longe o lençol, e o Homem de Lata pegou a cabeça na tenda e enroscou-a de volta tal qual a tampa de uma garrafa. Eles começaram a rir histericamente e se *cumprimentaram.*

– Vocês viram a cara deles? – perguntou Conner.

– Eles ficaram petrificados! – disse Peter.

– Eu nunca teria pensado em tirar minha cabeça – disse o Homem de Lata. – Boa ideia, Conner!

Os Alegres Homens, agarrados uns aos outros, ainda tremiam.

Robin Hood aproximou-se dos três, apesar dos apelos de seus homens para que ficasse longe. Olhou-os nos olhos e curvou-se.

– OH, GRANDE FEITICEIRO DA FLORESTA DE SHERWOOD, VOCÊ SALVOU MEUS ALEGRES HOMENS E A MIM DA FORCA! SOMOS ETERNAMENTE GRATOS E PASSAREMOS O RESTO DE NOSSOS DIAS COMO SEUS HUMILDES SERVOS!

Os Alegres Homens seguiram o exemplo de Robin e também se curvaram. Peter e o Homem de Lata abriram um enorme sorriso e empurraram Conner para que ele tomasse a frente dos três.

De início, Conner pensou em contar a Robin Hood a verdade sobre quem era e sobre como ele e os amigos tinham ido parar na Floresta de Sherwood. Pensando mais um pouco, no entanto, teve medo de que a verdade causasse a implosão de

suas cabeças; a situação atual parecia muito mais benéfica.

– De nada, Robin de Loxley – disse Conner. – Eu aceito a sua oferta.

– NÓS FAREMOS QUALQUER COISA POR VOCÊS, FEITICEIRO, QUALQUER COISA!

– Bem, *nesse* caso… Chega de músicas sobre você mesmo!

E não precisa me chamar de *feiticeiro*, isso já está cansando. Eu me chamo Conner Bailey; este é o Homem de Lata; e este é Peter Pan.

Robin Hood beijou os pés deles. Se não se tratasse de um babaca pretensioso, aquilo poderia ter sido um pouco desconfortável, mas os três estavam gostando de vê-lo se humilhar.

– CONNER DE BAILEY, HOMEM DE LATA E PETER DE PAN, PERMITAM-ME APRESENTAR FORMALMENTE OS ALEGRES HOMENS ATRÁS DE MIM: JOÃO PEQUENO, WILL ESCARLATE, FREI TUCK E ALANA-DALE, MEU MENESTREL.

Cada um dos Alegres Homens se empertigou ao ouvir o seu nome e então se dobrou numa mesura.

– O SEU PEDIDO É UMA ORDEM! – Robin Hood declarou.

– Fantástico – disse Conner, esfregando as mãos. – Amanhã bem cedo, eu lhes darei uma lista de itens que preciso reunir.

– FEITO!

Conner estivera certo o tempo todo – Robin Hood se mostraria *muito* útil.



CAPÍTULO 23

Conselhos perdidos

Chapeuzinho tinha passado poucos dias com os Meninos Perdidos, mas se acostumara com a ideia de ser mãe. Assim que os outros a deixaram na Terra do Nunca, os Meninos Perdidos construíram para ela uma espaçosa casa subterrânea. Como Peter mandara, eles atendiam cada ordem ou vontade dela. Chapeuzinho passava os dias numa espreguiçadeira construída com palmeiras, tomando bebidas de coco que os meninos lhe serviam sem parar.

Tudo o que os Meninos Perdidos queriam em troca era uma boa história antes de dormir, que Chapeuzinho contava com alegria. Parecia-lhe inacreditável que tantas mães reclamassem da maternidade; para ela, era algo extremamente prazeroso.

– Quer mais uma bebida, mãe? – perguntou Magrelo.

– Não, obrigada, Tobias – disse Chapeuzinho. – Estou bem hidratada.

– Quer que eu a abane, mãe? – perguntou Caracol.

– Querido Salvador, obrigada, mas estou bem fresca.

– Mamãe, quer uma comidinha? – perguntou Firula.

– Não estou com fome, mas obrigada, César.

– A cadeira está confortável, mãezinha? – perguntou Bico.

– Está perfeita, Nathaniel.

– Quer outra massagem nos pés, mamãe? – perguntaram os Gêmeos Perdidos.

– Obrigada, Jeffrey Um e Jeffrey Dois; eles estão bem agora.

Chapeuzinho observou orgulhosamente os seus filhos temporários. Jamais imaginara que as crianças selvagens que conhecera em seu primeiro dia na Terra do Nunca se mostrariam perfeitos cavalheiros. Tudo de que os meninos precisavam eram novos nomes e alguém a quem servir.

– Meninos, vocês foram maravilhosos para a mamãe hoje – disse Chapeuzinho. – Antes de deitarmos, quero lhes contar mais uma *história*!

Os Meninos Perdidos deram vivas e sentaram-se ansiosos em volta dela. Cada qual a encarava com um sorriso enorme, a maioria faltando dentes de leite. Chapeuzinho tinha para si toda a aten ção deles.

– Que história você vai contar hoje, mãe? – perguntou Magrelo.

– Uma da qual eu gosto muito. Ela se chama “A bela e brilhante Chapeuzinho

Azul”.

Só de ouvir o título, os Meninos Perdidos bateram palmas, empolgados.

– A história é boa, mãe? – perguntou Caracol.

– É a melhor de todas.

– A Chapeuzinho Azul morre no final que nem a Cinderela, a Branca de Neve, a Bela Adormecida e a Rapunzel? – perguntou Firula. – Só quero saber antes de me apegar.

– Aquelas histórias eram tão tristes – disse Bico, balançando a cabeça. – Não acredito que a pobre Cinderela escorregou descendo a escada à meia-noite, nem que a Branca de Neve engasgou com a maçã envenenada, ou que a Bela Adormecida, quando acordou, descobriu que tinha pego uma infecção por causa da agulha.

– Pobres princesas – choramingaram os Gêmeos Perdidos.

– Bem, essas histórias nos ensinam lições importantes – disse Chapeuzinho. – Nunca desça as escadas correndo, sempre mastigue a comida e procure um médico se for espetado por um metal enferrujado.

– “A bela e brilhante Chapeuzinho Azul” também ensina alguma lição? – perguntou Caracol.

– Você vai ter de esperar para saber.

Os Meninos Perdidos não se aguentavam de curiosidade. Chapeuzinho pigarreou e começou a história: – Era uma vez uma bela e brilhante garotinha chamada Chapeuzinho Vermelho, ahn, quero dizer, *Chapeuzinho Azul*. Um dia, ela estava atravessando o bosque para levar uma cesta de doces para a sua vovozinha. A pobre senhora estava com um resfriado terrível, e Chapeuzinho Azul, cheia de compaixão, quis dar-lhe alguma alegria. Porém, no meio do caminho, a garota foi parada por um enorme e feroz lobo!

Os Meninos Perdidos abafaram um grito e se deram as mãos com força. Os Gêmeos Perdidos até fecharam os olhos.

– Por sorte, Chapeuzinho Azul era tão bonita que o lobo não teve coragem de devorá-la. Porém, ele tentou fazer com que ela lhe desse o endereço da vovozinha, para que pudesse devorar a senhora! Ainda bem que Chapeuzinho Vermelho, quer dizer, Azul era tão brilhante quanto bela e mandou o lobo para outra cabana no bosque. Quando chegou à cabana indicada por Chapeuzinho, o lobo descobriu que tinha sido mandado para a casa dos caçadores!

Os Meninos Perdidos urraram de tanto rir com a desgraça do lobo.

– O lobo foi morto pelos caçadores, e Chapeuzinho Azul aproveitou a tarde com a vovó – concluiu Chapeuzinho. – Os outros aldeãos ficaram tão

impressionados com a inteligência e a coragem de Chapeuzinho Azul que a elegeram rainha! E todos viveram felizes para sempre.

O fim da história foi recebido com uma calorosa salva de palmas.

– Eles realmente elegeram a Chapeuzinho Azul *rainha*? – perguntou Firula. – Só por enganar um lobo?

– Talvez eu esteja parafraseando, mas foi mais ou menos isso.

– O que aconteceu com ela depois de virar rainha? – perguntou Caracol. – Casou? Teve filhos?

– Engraçado você perguntar. Chapeuzinho Azul encontrou um príncipe muito especial, que ela amava muito, e eles *iriam* se casar. Infelizmente, o casamento não ocorreu como planejado.

– O que aconteceu? – perguntou Magrelo. – O lobo voltou dos mortos?

– Pior. Um bode terrível e horrendo roubou o príncipe da Chapeuzinho Azul.

– Ah, não! – disse Bico. – Por que a Chapeuzinho Azul não impediu o bode?

– Não havia nada que eu, desculpem, que *ela* pudesse fazer.

O príncipe teve medo de que o bode machucasse a Chapeuzinho Azul se ele não fosse embora com o bode. Ele se sacrificou por ela.

Caracol suspirou e bateu as pálpebras.

– Que romântico.

– Acho que ele não era o verdadeiro amor dela, afinal de contas – disse Magrelo. – Melhor descobrir que não era para ser antes do casamento do que depois.

– Exatamente – disse Bicudo.

– O bode fez um favor para a Chapeuzinho Azul – disse Firula.

– Verdade – disseram os Gêmeos Perdidos.

Todos os Meninos Perdidos concordaram com a cabeça. Chapeuzinho ficou muito confusa; ela não poderia discordar mais da observação deles – talvez tivesse esquecido de contar alguma coisa.

– Claro que o príncipe era o verdadeiro amor de Chapeuzinho Azul – disse ela. – Depois de anos procurando pelo amor no lugar errado, ela sentiu que finalmente tinha encontrado a peça que faltava. Estava ansiosa para passar o resto da vida com ele. Todos os dias ela pensa na falta que sente dele e no quanto gostaria que algo pudesse ter sido feito para impedir o bode. *A Chapeuzinho Azul chora sempre que pensa no príncipe!*

Chapeuzinho começou a chorar e assoou o nariz na manga de Magrelo. Os Meninos Perdidos a encararam desconfiados e depois compartilharam um sorriso

entre si. Era bastante óbvio por que a história significava tanto para ela.

– Uma pergunta – disse Magrelo. – Se a Chapeuzinho Azul tivesse sido sequestrada no lugar do príncipe, o que ele teria feito? Ele teria ficado por aí chorando enquanto contava a história dela? Chapeuzinho nunca tinha pensado nisso.

– Não sei. O príncipe provavelmente teria lutado contra o bode até a morte. Ele teria preferido morrer lutando a viver um único dia sem ela.

– Então, por que a Chapeuzinho Azul não lutou com o bode? – perguntou Caracol. – O príncipe a amava mais do que ela a ele?

Chapeuzinho negou com a cabeça.

– Não, eles se amavam igualmente. Se tivessem estado no casamento, vocês entenderiam. A Chapeuzinho Azul implorou aos convidados que a ajudassem, mas ninguém fez nada.

– Interessante isso que você acabou de dizer – falou Firula. – Ninguém quis *ajudá-la*. Você percebe o que isso significa?

– Firula tem razão – disse Bico. – Está me parecendo que a Chapeuzinho Azul está tão acostumada com as pessoas fazendo coisas *para* ela que espera que os outros sempre resolvam os seus problemas. Como você falou, ela ganhou um reino de mão beija-da! Não precisou fazer campanha eleitoral nem nada.

– Se a Chapeuzinho Azul realmente amasse o príncipe, iria ela mesma atrás do bode – disse Magrelo. – Ela não ficaria esperando ajuda, permissão ou aprovação de ninguém! Ela lutaria até a morte com o bode, porque preferiria morrer a viver sem o príncipe.

Chapeuzinho queria dizer aos Meninos Perdidos que eles estavam errados, porém não conseguiu pensar em uma única razão. *Os Meninos Perdidos estavam totalmente certos!* Somente Chapeuzinho sabia o que era viver com o coração partido de Chapeuzinho; ela não podia esperar que os outros a ajudassem. Chapeuzinho era a única que podia aliviar a própria dor – e ela não iria mais viver com dor!

A jovem rainha se levantou e encarou os filhos temporários com determinação.

– Garotos, peguem suas coisas! – ordenou. – Está aberta a temporada de *caça ao bode*!

Os Meninos Perdidos logo juntaram suas diversas armas caseiras. Chapeuzinho pegou o livro *Peter Pan* que deveria estar vigiando e o abriu. Um brilhante feixe de luz se lançou, iluminando toda a casa subterrânea.

Chapeuzinho colocou a cabeça dentro do feixe e espiou Oz.

João e Cachinhos Dourados dormiam no chão do castelo da Bruxa Má do Oeste. Blubo estava enroscado ao lado deles, e o exemplar de *O Mágico de Oz* próximo a ele.

– Rápido e em silêncio, meninos – Chapeuzinho instruiu os Meninos Perdidos. – Vamos para Oz e depois para o mundo dos contos de fadas, onde vamos resgatar o seu pai temporário!

Um por um, eles entraram cuidadosamente no feixe de luz e viajaram ao castelo da bruxa. Chapeuzinho silenciosamente carregou *O Mágico de Oz* até o outro lado da sala do trono e o abriu. Ela e os Meninos Perdidos viajaram pelo feixe de luz emanado pelo livro e chegaram à caverna do mundo dos contos de fadas.

Hagetta estava sentada na entrada da caverna, ao lado de uma fogueira que tinha feito.

– Chapeuzinho, o que você está fazendo aqui? Quem são essas crianças?

– Hagetta, estes são meus filhos temporários. Por acaso você sabe onde a Morina vive?

– Acho que ela tem uma casa na Floresta dos Anões, perto da fronteira com o Reino do Canto, mas eu nunca estive lá. Por que a pergunta?

– Porque os meninos e eu vamos resgatar o Charlie!

Antes que Hagetta pudesse dizer qualquer coisa, Chapeuzinho conduziu os Meninos Perdidos até o gramado onde Mingau, Aveia e Buckle pastavam. Ela ajudou os Gêmeos Perdidos a montar em Aveia e em seguida subiu em Mingau junto com Magrelo. Bico, Caracol e Firula montaram em Buckle.

– Chapeuzinho, você não pode ir atrás da Morina! – advertiu Hagetta, correndo atrás deles. – Ela é uma das bruxas mais poderosas do mundo! Vocês não terão a menor chance!

– Ela não pode ser pior do que um pirata! – disse Magrelo.

– É! A gente encara! – disse Caracol.

– Precisamos resgatar o verdadeiro amor da nossa mãe! – disse Firula.

– Para a casa da bruxa! – gritou Bico.

– *Atacar!* – disseram os Gêmeos Perdidos.

– Hagetta, eu preciso fazer isso – disse Chapeuzinho. – Não posso ficar sentada sem fazer nada enquanto uma lunática chifruda mantém o amor da minha vida cativo! Além do mais, se fosse o contrário, o Charlie faria a mesma coisa por mim.

Chapeuzinho tomou as rédeas de Mingau e partiu.

– Ah, e outra coisa! – ela gritou para Hagetta. – Se a Cachinhos Dourados

aparecer antes de eu voltar, diga que nós pegamos os cavalos dela emprestados!

Não havia nada que Hagetta pudesse fazer para detê-los – ela precisava permanecer na caverna e vigiar o livro. Chapeuzinho e os Meninos Perdidos se embrenharam no bosque em frente e sumiram na noite.

– Ora, ora – disse Hagetta. – Isso não vai acabar bem.



CAPÍTULO 24

A Dama do Lago

Arthur e Alex acordaram antes do nascer do sol. Encontrar um galho da árvore mais antiga da floresta seria complicado, e eles não queriam perder nem um instante da luz do dia. Foram direto para a floresta e procuraram por horas, indo muito além das áreas com que Arthur estava familiarizado.

– Deveríamos marcar as candidatas que encontrarmos – disse Alex.

Ela apontou para uma árvore particularmente velha e magicamente marcou-a com milhares de luzes cintilantes.

– Mas como vamos saber qual é a mais antiga? – perguntou Arthur. – Existe algum encanto que você possa usar para determinar a idade de cada árvore?

– Não que eu saiba. Eu estava planejando simplesmente cortá-las ao meio e contar os círculos.

Até o meio da tarde, eles vasculharam a floresta e marcaram as árvores mais antigas que encontraram. Em dado momento, chegaram a um belo prado, onde encontraram Merlin e Mamãe Ganso fazendo um piquenique. Os dois olhavam para o céu e brincavam de dar forma de objetos e animais às nuvens para que o outro adivinhasse: uma espécie de *Imagem e Ação à moda dos feiticeiros.*

– É um coelho… ou um esquilo! – Mamãe Ganso adivinhou. – Não, parece um pato! Espere, eu sei o que é: é o Lester!

– Acertou! Você nasceu para isso, minha querida! – disse Merlin.

Ao lado deles, Lester ficou muito ofendido com o fato de terem dito que a grande e fofa nuvem se parecia com ele. Alex percebeu que o ganso já tinha ouvido mais do que o suficiente das bobeiras de Merlin e Mamãe Ganso.

– Lester, você gostaria de nos ajudar a procurar a árvore mais antiga da floresta? – perguntou Alex.

– *Squaaa!* – disse o ganso, fazendo um gesto de agradecimento com a cabeça.

Merlin e Mamãe Ganso se empertigaram assim que notaram a presença de Alex e Arthur.

– Não olhem para nós – disse Merlin. – Sei que somos os seres mais velhos da floresta, mas vocês não podem ficar com nenhum dos nossos galhos!

– É isso aí, Merl! – Mamãe Ganso riu e tocou o seu copo no do mago em um brinde.

Alex não conseguiu segurar uma risada. Não ria do comentá rio de Merlin, mas de Mamãe Ganso. Nunca a vira se divertir tanto quanto na companhia do mago. Alex sabia que seria difícil para ela separar-se de Merlin quando chegasse a hora de voltar para casa, porém Mamãe Ganso não era a única que deixaria para trás alguém especial.

Alex e Arthur continuaram a busca, com Lester gingando atrás deles.

– Merlin vai sentir falta da Mamãe Ganso – disse Arthur. – Acho que nunca o vi tão feliz.

– O mesmo vale para Mamãe Ganso – disse Alex. – Ela andava bem tristinha ultimamente; é bom ouvi-la rindo.

– Provavelmente, é melhor mesmo que vocês duas vão embora logo. Já pensou no que eles iriam aprontar se vocês ficassem?

– Tenho medo só de pensar.

– Mas aposto que Merlin tem esperanças de que a Mamãe Ganso mantenha contato – disse Arthur, projetando o lábio inferior. – O Merlin ficaria muito triste se nunca mais tivesse notícias dela.

Alex o olhou de canto de olho. Era óbvio que eles não estavam mais falando dos dois idosos.

– Eu tenho certeza de que *Mamãe Ganso* adoraria manter contato com *Merlin* – disse Alex. – Mas *Mamãe Ganso* também sabe que *Merlin* precisa viver seu destino, e ela não iria querer distraí-lo.

– Ah, sim. Esse negócio todo de *destino* costuma ficar no caminho de tudo. É muito gentil da parte da *Mamãe Ganso*.

Alex calou-se. Ela conhecia Arthur havia apenas um dia, e já era difícil pensar em como seria a vida sem ele. Tentou culpar a idade pela súbita dependência: que menina prestes a completar quinze anos não ficaria apaixonada por um rapaz como Arthur?

Ainda que Alex já tivesse se apaixonado antes, havia em Arthur algo de especial. Talvez, em outra vida, se eles fossem seres do mesmo mundo, houvesse mais do que amizade a explorar. Porém, ela estava perfeitamente ciente da situação dela e da que a aguardava em casa; por isso, não permitiu que a ideia mexesse com ela.

Arthur também ficara quieto. Ela se perguntou se ele estaria pensando a mesma coisa. Arthur rompeu o silêncio para mais uma rodada de seu novo jogo favorito: *perturbar Alex*.

– Mais ou menos com que idade eu vou ser coroado?

– Arthur, já falei que não vou contar mais nada. Há coisas que devem ser

descobertas no tempo certo.

– E se fizermos assim: eu digo uma idade e você me fala se estou perto? Vinte anos?

– Você é insistente, hein? – Ela o encarou.

– Vinte e cinco?

Alex riu da insistência dele, o que só o incentivou ainda mais.

– Trinta? Ah, vamos lá! Por favor, não me diga que é depois dos quarenta!

– Para ser sincera, Arthur, eu não sei. Existem muitas versões da sua história, e eu não sei muito bem em qual estou.

Arthur achou muito intrigante essa perspectiva.

– *Versões*, é isso? Então existe mais de um de mim? Agora mesmo, pode haver outros Arthurs andando por outras florestas, Arthurs mais corajosos, mais fortes e mais *charmosos* do que eu?

– Impossível. – Alex sorriu. – Pode haver outras versões da sua história, mas só existe *um* Arthur igual a você.

Arthur ficou tocado com as palavras dela.

– Você acha que existem outras versões de você também? – perguntou.

– Ah, sim, mas elas não estão andando por outras histórias.

Existem muitas versões além da Alex que você está vendo aqui.

– Interessante. Se importa de me contar um pouco mais?

– Não quero que você pense mal de mim.

– Vamos lá, você sabe tanto de mim... Me conte a *pior* coisa que você já fez até hoje. Prometo que não vou julgar.

Alex estava relutante em contar-lhe qualquer coisa, mas, já que ele seria insistente com uma coisa ou com outra, era melhor contar histórias da vida dela do que entregar algo a respeito da dele.

– Teve uma época em que, sempre que eu ficava transtornada ou chateada, fazia coisas acontecer – Alex confessou.

– Agora estamos chegando a algum lugar! Por favor, continue.

– Na primeira vez em que vi o rosto do Homem Mascarado, fiquei convencida de que ele era o meu pai. Ninguém acreditou em mim, mas eu sabia o que tinha visto. Passei meses sofrendo, pensando em como aquilo era possível. O meu pai tinha voltado dos mortos e virado um monstro? As perguntas eram uma tortura, e a minha tolerância foi destruída. Como os meus poderes são alimentados pelo meu coração, as minhas emoções passaram a controlar o meu corpo toda vez que eu ficava zangada ou triste. Eu não tinha controle sobre o que dizia ou fazia.

– O que aconteceu, então?

– Uma vez, o meu irmão e eu estávamos perseguindo soldados da Grande Armée. Quando eles tinham quase escapado, eu fiz surgir um muro de tijolos na frente deles. Eles bateram de cara e quebraram o nariz.

– Então isso funciona a seu favor às vezes.

– Raramente. Eu costumava cavalgar um unicórnio chamado Cornelius. Ele me levava até as pessoas que precisavam de uma fada, em qualquer parte dos reinos. Quando procurávamos o Homem Mascarado, eu estava tão desesperada que tentei usar Cornelius para rastreá-lo. Só que os unicórnios são criaturas má gicas e não podem ser usados para um fim egoísta. Eu fiquei muito frustrada, e trepadeiras brotaram do chão e o envolveram. Ele ficou assustado por semanas, mas acabou fazendo as pazes comigo. De qualquer jeito, eu tento manter distância dele desde então.

Apesar da óbvia culpa que ela sentia, Arthur tentou fazer graça: – Isso é coisa de criança. Eu sei que tem alguma história melhor aí dentro.

– Uma vez, eu fiz uma taverna levitar acima das nuvens e a deixei cair.

– Você está brincando! Tinha alguém dentro?

– Sim, *eu* ! Para não falar do meu irmão, todos os nossos amigos mais próximos e umas cem bruxas. Por sorte, voltei a mim antes de batermos no chão.

– Mais alguma coisa?

Alex tinha medo de que suas histórias fizessem Arthur sair correndo, mas ele permaneceu ao lado dela, cativado por suas palavras.

– Na verdade, sim. Talvez eu tenha pulado alguns detalhes sobre a vez em que o Conselho das Fadas me desmadrinhou. É possível que eu tenha *acidentalmente* atacado o Conselho com relâmpagos e depois desaparecido num muro de chamas.

Arthur soltou um som que era meio risada, meio grito reprimido.

– *Alex Bailey*! – ele condenou, com um sorriso de canto de boca.

– Nota mental para mim mesmo: nunca deixá-la zangada. Mas tenho certeza de que o Conselho mereceu. Você já teve algum outro *episódio* desde então?

Alex pensou a respeito e ficou muito contente por perceber que não.

– Não desde que descobri que o Homem Mascarado é meu tio. Ele é muito parecido com o meu pai. Qualquer pessoa teria chegado à mesma conclusão. Imagino que saber que eu não era maluca me fez entrar em contato com as minhas emoções.

– Mas você disse que *tinha certeza* do que tinha visto.

– E eu tinha, pode acreditar.

– Então por que permitiu que a opinião dos outros a afetasse tanto?

Alex nunca refletira sobre isso. Ela e o irmão haviam passado por inúmeras situações nas quais as pessoas não acreditaram neles.

Por que essa a incomodava tanto?

– Acho que é aquela velha pergunta de sempre, não é? – disse Alex. – Por que permitimos que o mundo dite nossas verdades pessoais?

– *Squaaa…* – Lester grasniu, como se dissesse: “ *Nem me fale!* ” .

– Bem, eu só tenho duas semanas com você depois que juntarmos os ingredientes para a poção – disse Arthur. – Mas espero ver todas as versões de Alex que puder.

Alex apertou os lábios para que eles não se abrissem em mais um sorriso, porém Arthur percebeu o esforço. Ele era encantador, mesmo quando não pretendia.

– Lutar contra isso só faz com que eu fique tentado a fazê-la sorrir ainda mais – ele advertiu.

Eles chegaram a um grande lago escondido nas entranhas da floresta. A água era mais limpa e límpida do que a de qualquer lago que Alex jamais vira. Havia uma pequena ilha no meio do lago com nada além de uma árvore decrépita, de longe a árvore mais antiga que eles tinham encontrado.

– É essa! – disse Alex. – Essa deve ser a árvore mais antiga da floresta!

– Como vamos chegar até ela?

Alex olhou para Lester, e um sorriso pidão tomou o rosto da fada.

– Lester, você se importaria de nos levar até a ilha?

Lester olhou para a ilha e deu um suspiro. Ele não queria molhar as penas, mas, como Alex o livrara de uma tarde ouvindo as mesmas histórias interminavelmente, sentia que devia uma para a garota. Rebolou até a água e a testou com os pés membranosos, fazendo a água ondular fortemente.

O ganso se assentou na superfície da água, mas viu algo que o fez pular de volta à terra.

– *SQUAAA!* – grasniu, assustado. – *SQUAAA!*

Lester tremia e apontava para a água com o bico. Em câmera lenta, um gêiser se ergueu do lago como uma fonte, rodopiando e espiralando até formar a figura de uma mulher. Como uma batida de coração, a cada poucos segundos, uma ondulação principiava no peito da figura e percorria o corpo inteiro dela.

– Pássaros são proibidos nas minhas águas! – disse a mulher de água. – Xô! Vá defecar em outro lugar!

Lester escondeu-se atrás de Alex e Arthur, que observavam a mulher com

reverência. A mulher ficou surpresa ao notar a presença deles, mas parecia adorar a companhia.

– Ah, olá para vocês – disse. – Espero não tê-los assustado. Eu dou muito duro para manter o meu lago perfeito e sou obrigada a afastar os pássaros antes que eles estraguem as minhas águas. Eu não tinha percebido que era um bicho de estimação.

Lester olhou feio para a mulher. Quem ela estava chamando de bicho de estimação?

– O que… desculpe, *quem* é você? – perguntou Arthur.

– Eu sei quem ela é – disse Alex. – Arthur, esta é a Dama do Lago!

A Dama do Lago ficou muito contente por ser reconhecida.

– *Sou eu!* Faz zilênios que não recebo visitas humanas. O meu lago é tão remoto que pouca gente sabe da sua existência. O que os traz aqui?

A Dama do Lago parecia bastante afável. Nem Alex nem Arthur sentiram necessidade de esconder suas intenções.

– Estamos vasculhando a floresta atrás de um ingrediente para uma poção – disse Arthur.

– Por acaso você sabe a idade daquela árvore na sua ilha? – perguntou Alex.

– Ela está aí há séculos. Deve ser a árvore mais antiga da floresta.

Alex e Arthur sorriram um para o outro, e seus ânimos se elevaram.

– Bela dama, você nos permitiria pegar um pedaço dela? – perguntou Arthur.

– Ah, claro. Para ser sincera, acho que ela prejudica a paisagem. Fiquem à vontade para pegar quanto quiserem.

– Muito obrigada! – disse Alex. – Muito obrigada mesmo.

Alex, Arthur e Lester aproximaram-se da água. A Dama do Lago estendeu a mão para impedi-los.

– Vocês dois podem cruzar as minhas águas, mas o pássaro, não. – Ela agitou a mão, e uma fila de pedras emergiu da água, criando uma ponte até a ilha.

– Sem problemas – disse Alex. – Lester, fique aqui.

O ganso apenas observou enquanto Alex e Arthur pulavam de uma pedra a outra até a ilha. Arthur tirou um punhal da bota e cortou um pequeno galho.

– Vamos voltar para a cabana do Merlin e começar a poção – disse o jovem.

– Como assim? Você disse *Merlin*? – perguntou a Dama do Lago.

– Sim, ele é um mago – respondeu Arthur. – Você o conhece?

– Claro que conheço. Mas como *você* o conhece?

– Ele é meu amigo e mentor.

Foi como se ele tivesse dito algo ofensivo. De repente, a ponte de pedras afundou, e uma muralha de água se ergueu em volta da ilha, prendendo Alex e Arthur.

– O que você está fazendo? – perguntou Alex.

– Os amigos de Merlin não são meus amigos! – gritou a Dama do Lago. A voz dela não tinha mais nenhuma disposição, e sim um tom de desprezo.

A muralha de água começou a se fechar contra Alex e Arthur.

Alex tentou usar mágica para contê-la, mas, toda vez que erguia a mão, um jato de água a abaixava.

– *Ei, pássaro!* Encontre Merlin! Diga a ele que a Dama do Lago solicita a sua presença e que, se ele ignorar meu pedido desta vez, seus amigos vão se afogar! – a Dama do Lago ordenou.

Lester nem perdeu tempo. Grasnindo, voou para o céu atrás de socorro.

– Cara dama, não sei qual é a sua desavença com Merlin, mas não tem nada a ver conosco – disse Arthur. – Por favor, deixe-nos ir!

A Dama do Lago o ignorou. Tinha a atenção fixa no próprio reflexo na água. Ajeitava a água de modo a diminuir ou dar volume a certas partes do corpo, dando a si própria uma silhueta mais atraente. O cabelo ficou mais longo, a cintura, mais fina e o quadril, mais curvilíneo. Ela cantarolava enquanto fazia os ajustes, como se estivesse se preparando para um *encontro*.

Alguns minutos depois, Lester voltou com Merlin e Mamãe Ganso nas costas. Eles desceram do pássaro e correram até a beira do lago.

– Merlin, ajude-nos! – Arthur rogou.

– Nimue, o que está acontecendo? – Merlin disse à Dama do Lago.

– Olá, Merlin. Quanto tempo!

– Liberte já nossos aprendizes! – Merlin exigiu.

– É *assim* que você trata as namoradas que não vê há mais de duzentos anos? – perguntou a Dama do Lago.

– Namoradas? – disse Mamãe Ganso. – O que você poderia oferecer num relacionamento? Hidratação?

– Nós já discutimos isso mil vezes, Nimue – disse Merlin. – Nós nunca estivemos juntos e nunca estaremos!

– Como você pode dizer isso depois do mês romântico que passamos naquela caverna no meio da água? – perguntou a Dama do Lago. – Ou você já esqueceu?

– Não esqueci. Você inundou o seu cérebro e perdeu toda a razão, Nimue! Você me *aprisionou* naquela caverna!

– Mas, quando eu o soltei, você prometeu me encontrar neste lago! Estou esperando aqui há centenas de anos!

– Eu *menti* para sair da caverna! Você se jogava tanto em cima mim que não sei como não morri *afogado* !

O coração da Dama do Lago batia tão rápido que as ondula ções que formavam seu corpo estavam saindo de controle.

– Hora de desapegar, H2O! – gritou Mamãe Ganso. – Solte esses garotos, ou nós…

A Dama do Lago subitamente sugou metade da água do lago, ficando quatro vezes maior.

– OU O QUÊ? – perguntou.

A água se aproximava cada vez mais de Alex e de Arthur na ilha. Eles estavam ficando sem terra, prestes a ficar completamente submersos. Obviamente, as exigências de Merlin e da Mamãe Ganso não estavam dando em nada.

– Vamos nos acalmar e fazer um acordo, então – disse Merlin.

– Fique comigo em vez dos garotos.

– Ah, Merl, você não pode deixar essa poça gigante levá-lo! – disse Mamãe Ganso.

– Tudo bem. Já lidei com criaturas mais úmidas no passado. Então, o que me diz, Nimue? Você troca os nossos aprendizes por mim?

A Dama do Lago pensou a respeito. As ondulações se acalmaram, e ela diminuiu de tamanho.

– Posso conviver com isso – disse.

A muralha de água se dissolveu, e as pedras reapareceram. Merlin foi de pulo em pulo até a ilha, mas, antes que Alex e Arthur tivessem tempo de voltar para a terra, a muralha de água se refez, prendendo os três na ilha.

– Nimue! Nós tínhamos um acordo! – gritou Merlin.

– Eu sei, mas eu *menti*! – A Dama do Lago riu. – Não é uma ironia maravilhosa?

Merlin, Arthur e Alex trocaram olhares horrorizados. Eles não sabiam como iriam sair dessa.

– Ei, *Lunática do Lago* ! Vou avisar só mais uma vez: liberte os meus amigos ou vou entrar aí! – Mamãe Ganso advertiu.

A Dama do Lago riu com piedade.

– E o que você vai fazer, vovozinha? Hidroginástica?

Mamãe Ganso apertou os olhos, seu queixo caiu, e suas bochechas ficaram vermelhas. Lester cobriu os olhos com as asas: ele sabia que aquilo não terminaria bem.

– Duvido você me chamar de vovozinha mais uma vez! – disse Mamãe Ganso.

– VOVOZINHA! VOVOZINHA! VOVOZINHA! – a Dama do Lago cantarolou.

Foi a gota d'água para Mamãe Ganso. Ela estalou o pescoço e arregaçou as mangas. Era hora de resolver as coisas com as próprias mãos.

– Já chega, irmã! Você foi longe demais!

Mamãe Ganso correu para o lago e começou a socar e chutar a água. A Dama do Lago simplesmente ria de suas tentativas de machucá-la. Ela lançou várias ondas altas contra Mamãe Ganso, cada qual mais forte do que a anterior, derrubando Mamãe Ganso e jogando-a no fundo, bem abaixo da superfície.

– Mamãe Ganso! – gritou Alex.

– Deixe-a em paz, sua lagoa miserável! – Merlin ordenou.

– Desculpe, Merlin, mas a sua amiga foi *por água abaixo*! – disse a Dama do Lago.

Quando eles já temiam que Mamãe Ganso jamais fosse voltar à superfície, toda a água do lago começou a girar em sentido horário. A velocidade da corrente aumentou, chamando a atenção da Dama do Lago, porém ela não conseguiu recuperar o controle. A água girava em volta da ilha cada vez mais rápido. Logo estava girando tão rápido que a Dama do Lago foi incapaz de manter a sua forma humana e se desmanchou, se juntando ao resto da água.

O lago giratório ergueu-se em pleno ar, formando um pequeno furacão. Era uma tempestade poderosa, e Merlin, Arthur e Alex se seguraram na árvore da ilha com toda a força para não serem soprados para longe. Eles viram Mamãe Ganso no fundo do lago: ela girava a tempestade no ar como se fosse um gigantesco laço líquido.

– HORA DE EVAPORAR, SUA RAPARIGA D'ÁGUA! – gritou Mamãe Ganso.

Ela soltou a água, e cada gota do lago voou em direção ao céu e virou chuva, salpicando a floresta em um raio de quilômetros. O lago já não era senão um grande buraco vazio.

Merlin, Arthur e Alex estavam em choque. Permaneciam agarrados à árvore, embora a tempestade tivesse acabado. Mamãe Ganso esfregou as mãos e posicionou-as no quadril. Ela se divertiu com a expressão perplexa dos três.

– Não sei quanto a vocês, mas eu estou morrendo de fome – disse. – Vamos jantar.



Depois do jantar, Merlin emprestou a Alex um pequeno caldeirão para que ela pudesse começar a fazer a Poção do Portal. Ela o encheu de água e o colocou sobre a lareira para que levantasse fervura.

Cortou o galho da árvore em pequeninos pedaços e os acrescentou junto com a pena de Lester ao caldeirão.

– Agora, só precisamos do cadeado e da chave liquefeitos de uma pessoa que tenha um amor de verdade – disse Alex.

Arthur atravessou o corredor da cabana de Merlin. Alex ouviu dois baques metálicos, e Arthur voltou com um cadeado e uma chave.

– Onde você arrumou isso? – perguntou Alex.

– Arranquei da porta do quarto de Merlin. Ele é como um pai para mim, então deve funcionar.

Alex colocou os objetos em um caldeirão separado, o qual pôs na lareira junto com o outro. Assim que o cadeado e a chave derreteram, ela verteu o líquido no primeiro caldeirão, onde estavam os outros ingredientes.

– Agora, só precisamos de duas semanas de luar – disse Alex.

– Conheço o lugar perfeito – disse Arthur.

Assim que o sol se pôs, Arthur acompanhou Alex até uma colina bem alta e coberta de grama que ficava um pouco mais para dentro da floresta. Da colina, dava para ver a floresta inteira; ela também oferecia uma visão perfeita da lua e das estrelas. Eles colocaram o caldeirão no chão e deitaram-se cada qual de um lado dele enquanto a poção absorvia o luar.

– Que interessante! – observou Alex. – A lua e as estrelas daqui são exatamente iguais às do mundo dos contos de fadas e às do Outromundo.

– Será que você pode me levar para o seu mundo um dia? Eu adoraria ver o Outromundo e o mundo dos contos de fadas.

– Não sei se é uma boa ideia – Alex brincou. – Você é muito famoso lá. Não teria dificuldade para xeretar e descobrir o seu destino.

Arthur permaneceu em silêncio, com uma expressão um pouco triste. Algo o

perturbava.

– O que foi? – perguntou Alex. – Eu disse alguma coisa que o magoou?

– Claro que não. É só que… eu não fui muito honesto com você. Eu *sei* todas as respostas às perguntas com as quais fico enchendo o seu saco. O Merlin acha que mantém o bico fechado, mas é só ele tomar uma cerveja que me responde o que eu quiser saber. Eu sei com que idade serei coroado e sei que vou ser um grande rei. Também sei sobre Camelot, sobre a Távola Redonda e sobre Guinevere.

– Então, por que me perturbou tanto? – perguntou Alex.

– Porque você fica extremamente fofa quando tenta ocultar informações. Alguém já lhe disse isso?

– Não posso dizer que já. Obrigada. Fico contente por você me achar tão divertida.

– Eu acho você divertida e *divina*. Você faz com que eu sinta muitas coisas…

Arthur se calou. Alex sabia que eles precisavam mudar de assunto. Se continuassem se abrindo um com o outro, a inevitável despedida seria muito mais dolorosa.

– Posso fazer uma pergunta na condição de alguém cujo destino ainda não está escrito? – Alex perguntou.

– Claro.

– Se você conhece todos os desafios, toda a dor e todas as mágoas que vai enfrentar, por que permanecer no caminho que o destino lhe preparou? Por que não sair dele e criar uma vida mais agradável de viver?

Arthur não precisou pensar muito. A resposta estava entranhada em seu coração.

– Prefiro pensar que a escolha faz parte do nosso pacto de *verdadeira grandeza*. Acredito que o povo da Inglaterra merece um grande rei. E, se eu vou ser esse rei, um rei cujo legado vai inspirar o presente e o futuro dos reinos deste e de outros mundos, cada sacrifício vale a pena.

Alex ficou tão comovida e impressionada com a resposta que sentiu arrepios no corpo inteiro.

– Eu achava que sabia tudo a seu respeito, Arthur, mas você não para de me surpreender.

Ele virou a cabeça para ela, e ambos se olharam nos olhos.

– Depois, quem realmente sabe o que o futuro reserva? – Arthur falou. – Como eu descobri ontem, você nunca sabe quando alguém pode aparecer e mudar para sempre o seu mundo.

Enquanto encarava os olhos azuis de Arthur, Alex sentiu a mente perder o controle sobre seu corpo pouco a pouco. Dessa vez, porém, foi dominada pelo coração. Ela se inclinou e beijou Arthur com mais paixão do que jamais tinha beijado alguém. Isso surpreendeu a ela tanto quanto a ele.

– Eu gosto dessa versão de você – disse Arthur.

– Eu também. É nova.

Havia mil razões pelas quais ela não deveria ter feito isso, mas nada parecia pior do que não fazer de novo. Porém, Arthur foi mais rápido e a beijou antes que ela pudesse fazê-lo. Eles permaneceram deitados sob as estrelas e se beijaram até que não houvesse mais luar para ser absorvido pela poção.



CAPÍTULO 25

A Bruxa de Papplenick

Conner fora inocente, para dizer o mínimo, ao confiar nos Alegres Homens. Na manhã seguinte à debandada do Xerife de Nottingham, ele mandou João Pequeno e Will Escarlate encontrarem dois dos ingredientes da Poção do Portal. Algumas horas depois, os homens voltaram com o inverso do que Conner tinha pedido. João Pequeno arrastou uma árvore recém-cortada até o acampamento e a apresentou orgulhosamente a Conner; ela era viçosa, coberta de vistosas folhas verdes.

– Achei que você fosse querer escolher o galho, então trouxe a árvore inteira – disse João Pequeno.

Will Escarlate apareceu logo depois, com um faisão engaiolado. O pássaro era tão velho que as penas que lhe restavam eram acinzentadas; a ave inspirava pesadamente, e cada respiração tinha o potencial de ser a última.

– Encontrei-o sentado na floresta – disse Will Escarlate. – Ele nem relutou quando o coloquei na gaiola.

Conner suspirou e esfregou os olhos.

– Pessoal, *obrigado* – disse. – Mas vocês confundiram as minhas instruções. Eu falei que precisava de um galho da *árvore mais antiga* da floresta e de uma pena do *faisão mais belo*.

João Pequeno e Will Escarlate se apontaram como se a culpa fosse do outro.

– Foi isso que *eu* achei que você tinha dito, mas *ele* me disse que você precisava do *faisão mais velho*! – disse Will Escarlate.

– Não, *você* falou para *mim* que ele precisava da *árvore mais bela* da floresta! – disse João Pequeno.

– Não falei!

– Falou, sim!

Conner colocou-se entre eles quando os dois já estavam para pegar suas armas.

– Parem de brigar! Vocês dois terão que tentar de novo. Vou mandar o Homem de Lata e Peter com vocês dessa vez, para que não se confundam.

O Homem de Lata e Peter seguiram João Pequeno e Will Escarlate de volta à floresta. Passaram por Robin Hood, que finalmente retornava da tarefa que

Conner o mandara cumprir na noite anterior.

– ESTOU DE VOLTA! – anunciou.

– Você conseguiu o cadeado e a chave da donzela Marian? – Conner indagou.

Robin Hood apeou do cavalo com um sorriso triunfante – mas a sua expressão logo se fechou.

– NÃO. FRACASSEI, FEITICEIRO. PASSEI A NOITE

INTEIRA DO LADO DE FORA DA JANELA DA DONZELA MARIAN. ANUNCIEI A MINHA PRESENÇA E CHAMEI O

SEU NOME, MAS ELA NÃO ABRIU A JANELA.

– Que droga! Alguém mais neste acampamento tem uma namorada?

Alan-a-Dale e Frei Tuck eram os únicos Alegres Homens que restavam no campo. Os candidatos não eram promissores.

– Tudo bem – disse Conner. – Robin, você pode voltar ao castelo esta noite e tentar cortejá-la?

– FAREI TUDO POR VOCÊ, FEITICEIRO. MAS TEMO QUE ISSO NÃO FUNCIONARÁ. SINTO QUE A DONZELA MARIAN E EU ESTAMOS NOS DISTANCIANDO. ASSIM, MESMO QUE EU CONSEGUISSE UM CADEADO E UMA CHAVE DELA, ELES NÃO SERVIRIAM PARA A SUA POÇÃO.

Conner bateu a palma da mão na testa: ele não conseguia acreditar na sua má sorte. Se quisesse ir para casa, teria, além de tudo, de resolver os problemas de relacionamento de Robin Hood.

– Robin, vamos bater um papo – disse.

– O QUE É UM *PAPO*, GRANDE FEITICEIRO?

– É uma *conversa*. Vamos sentar e conversar.

Conner sentou-se ao lado da fogueira, e Robin Hood sentou-se na frente dele.

– Vou fazer uma pergunta. Quando você fala com a donzela Marian, VOCÊ SEMPRE FALA ASSIM?

Robin Hood o encarou de um jeito esquisito.

– NÃO PRECISA GRITAR, FEITICEIRO. A MINHA AUDIÇÃO É IMPECÁVEL! EU TENHO OS OUVIDOS DE UMA RAPOSA.

Conner revirou os olhos. Ele nunca tinha conhecido ninguém tão sem noção. Perto de Robin Hood, Chapeuzinho era merecedora do prêmio Nobel.

– Robin, eu não sei dizer isso de outra maneira: o seu volume é *fora dos padrões*. A donzela Marian provavelmente precisa de um tempo para que os tímpanos dela se recuperem. Nesta noite, quando você for chamá-la, quero que

fale com ela como se estivesse falando com um bebê.

– COM UM BEBÊ, É ISSO?

Conner cobriu a boca com o dedo.

– *Bem mais baixo do que isso* – sussurrou. – *Finja que Marian é uma criancinha pequena e delicada, com ouvidos sensíveis.*

Robin Hood não entendia o motivo daquilo, mas atenderia qualquer pedido do feiticeiro.

– Próxima pergunta – disse Conner. – Do que você e Marian falam quando estão juntos?

– DA QUEDA DO PRÍNCIPE JOÃO E DA RESTAURA ÇÃO DE NOTTINGHAM!

– Nesta noite, quero que você comece com um simples "*como vai você?* ". Pergunte como foi o dia dela. Elogie as roupas que ela estiver usando. Pergunte se ela cortou o cabelo.

– MAS O CABELO DE MARIAN ESTÁ SEMPRE COBERTO POR UM VÉU.

– Não importa. As meninas gostam de se sentir especiais. Elas não querem saber apenas das suas batalhas, dos seus saques, ou do que quer que os Alegres Homens façam. Elas querem saber dos seus *sentimentos*, principalmente de como *elas* os fazem se sentir.

– MARIAN FAZ COM QUE EU ME SINTA O HOMEM MAIS SORTUDO DE NOTTINGHAM.

– Isso! Diga isso a ela.

Era óbvio, pela cara que Robin estava fazendo, que ser atencioso era algo que nunca lhe passara pela cabeça.

– OBRIGADO, Ó FEITICEIRO! – Ele deu um forte tapa nas costas de Conner. – É UM GRANDE CONHECEDOR DAS MULHERES. EXISTE UMA *FEITICEIRA* NA SUA VIDA?

Conner sorriu.

– Talvez exista alguém que mexe comigo.

– FEITICEIRO, CUIDADO. A PESSOA PODE MEXER COM VOCÊ, MAS, SE VOCÊ NÃO MEXER COM ELA, NADA VAI ACONTECER.

Conner pensou que aquilo não era nada mau para um sujeito sem noção. Robin estava certo.

Frei Tuck deu uma batidinha no ombro de Conner.

– Feiticeiro, perdoe a interrupção, mas posso fazer uma pergunta?

– O que foi, Padre Tuck? – perguntou Conner.

– *Frei*. Fiz uma lista dos itens de que você precisa para a poção.

Caso os outros voltem com os itens corretos, tudo o que faltará será a luz do luar e uma *pitada de mágica*, como você descreveu. Isso é algo que você precisa que seja coletado, ou você mesmo pretende fornecer?

– Ah, é, esqueci dessa parte. – Conner esquecera que a irmã não estava ali para finalizar a poção com mágica. – Frei, se o feiticeiro estivesse cansado, haveria outra pessoa em Nottingham capaz de fornecer mais mágica?

– Normalmente, feiticeiro, não é da minha natureza lidar com bruxaria. – Tuck olhou em volta da floresta para ter certeza de que não havia outros feiticeiros à escuta. – Porém, há uma mulher horrível que mora no castelo e que, creio, *dançou com o diabo*, digamos. O nome dela é Maudlin, e ela é conhecida em toda Nottingham como *a Bruxa de Papplenick* . Ela trabalha para o xerife.

Alan-a-Dale dedilhou uma melodia dramática no bandolim, provocando um sobressalto em Conner:

Ela prediz o futuro,
Amaldiçoa os inimigos,
Com poções endiabradas,
Ela cura as feridas.

– Ótimo – Conner comentou sarcasticamente. – E seria preciso entrar no castelo para chegar a ela?

– Eu presumo que sim – disse Tuck.

Conner não sabia por que estava tão surpreso. Afinal, aquela caça ao tesouro só seria um acontecimento digno de um Bailey se houvesse a possibilidade de ser capturado, torturado e morto.

Conner teria de encontrá-la sozinho; não podia correr o risco de um dos Alegres Homens estragar tudo.

– Robin, você está com sorte – disse Conner. – Você vai ter um companheiro de viagem nesta noite. Eu vou ao castelo com você.

Mais tarde, quando o sol começava a se pôr, Conner e Robin Hood seguiram até o castelo de Nottingham. Eles vestiam uma capa escura para se camuflar na noite e viajaram de árvore em árvore para evitar os soldados do xerife que porventura estivessem vagando pela floresta. O castelo de Nottingham era uma enorme fortaleza medieval construída com grandes pedras.

A maior parte das janelas era muito estreita: mal havia espaço para passar um braço. Robin Hood conduziu Conner até uma janela de vidro mais larga e se

postou embaixo dela.

– *AMOR DA MINHA VIDA, SOU EU, ROBIN HOOD!* – ele gritou na direção da janela.

A donzela Marian apareceu. Ela era bonita e usava um véu púrpura sobre a cabeça. Baixou os olhos para o chão e, logo que viu Robin Hood, agachou-se atrás da janela, obviamente tentando evitá-lo. Infelizmente, Robin a viu – e ficou de coração partido.

– ESTÁ VENDO, FEITICEIRO? FOI O QUE FALEI. O AMOR DELA POR MIM SE ESVAIU DE SEU CORAÇÃO.

– Mas é porque você a cumprimentou como se houvesse uma manada correndo atrás dela – disse Conner. – Tente aquilo de que falamos: finja que ela é um bebê!

Robin Hood olhou de novo para a janela e tentou mais uma vez:

– Bela dama, abra a janela para que eu veja os seus belos olhos.

Ele parecia uma pessoa completamente diferente quando falava num tom mais baixo. A donzela Marian espiou com olhos bem arregalados por cima do parapeito – *aquele era mesmo Robin Hood?*

Ela abriu a janela e olhou para baixo para ter certeza.

– Robin de Loxley?

– Minha querida Marian, você está tão bela esta noite! Esse véu é novo?

– É! É, *sim*! – Marian estava chocada por ele ter reparado.

– Devo dizer que nenhuma outra donzela em toda a região está mais divina do que você esta noite.

Ele tirou o chapéu e fez uma pequena mesura. A donzela Marian corou e tapou a boca para cobrir um enorme sorriso.

– Ah, Robin. Mas você consegue ver o meu véu daí de baixo?

– Você me deixaria ir até o seu quarto para vê-lo mais de perto?

– *Boa!* – sussurrou Conner, erguendo os dedões.

Marian desceu uma corda de lençóis amarrados. Robin Hood usou a corda para subir pelo lado do castelo e sentou-se no parapeito. Eles se beijaram, e Robin se esgueirou para o quarto de Marian.

– Bom trabalho! – Conner gritou para a janela. – Não esqueça o cadeado!

Ele ficou aliviado – e chegou a se perguntar se teria futuro como terapeuta de casais. No entanto, o alívio desapareceu quando lembrou que ainda precisava dar um jeito de entrar no castelo para encontrar a Bruxa de Papplenick.

Conner deu voltas no castelo, mas não encontrou nenhuma porta ou janela

grande o bastante pela qual se esgueirar. Acabou deparando com o portão do castelo e sacudiu-o para forçar sua abertura, porém ele era sólido como uma rocha. Quando come çou a se afastar do portão, este começou a subir. Quatro soldados estavam saindo do castelo.

Sem tempo para se esconder e com poucos lugares para onde ir, Conner comprimiu o corpo ao máximo na lateral do castelo e fechou os olhos. Ele rezou para se fundir magicamente com o muro, como um camaleão. Por sorte, o capacete dos soldados era tão largo que a visão deles ficava obstruída. Todos os quatro passaram direto por ele. Assim que eles sumiram de vista, Conner mergulhou por baixo do portão e entrou no castelo.

O castelo estava consideravelmente vazio, e Conner conseguia ouvir os passos de qualquer soldado que se aproximava muito antes de vê-los. O interior do castelo era exatamente igual ao exterior: nada além de longos corredores de parede de pedra com janelas pequenas.

– Vejamos, se eu fosse uma bruxa e morasse aqui, onde ficaria?

– Conner sussurrou. – Ou no sótão, ou no porão. As bruxas sempre se escondem nesses lugares.

Ele achou uma escada e a desceu correndo. Ela o levou até uma grande porta de aço com estacas. Ele ouviu o estalo de um chicote e depois o grito de um homem.

– Não, aqui com certeza é *a masmorra* – disse, dando meia-volta.

Vasculhou o castelo atrás de um jeito de chegar às torres, presumindo que a bruxa tinha de viver dentro de alguma delas.

Encontrou uma escada em espiral e subiu-a, indo cada vez mais alto e ficando tonto conforme ela se espiralava mais e mais. No fim da escada, deparou-se com outra porta; esta, porém, achava-se entreaberta.

Conner espiou dentro do pequeno quarto circular; sem dúvida, tinha atingido o ponto mais alto da torre. O quarto era decorado com estantes e mesas cobertas de coisas estranhas. Havia jarros de plantas, líquidos e pequenos animais; havia gaiolas com animais maiores, garrafas de poções e caldeirões. Pertencia a uma bruxa, inquestionavelmente.

Conner se esgueirou para dentro.

– Com licença. Senhorita Papplenick? Maudlin?

Ele encontrou a bruxa sentada numa cadeira, no meio do quarto. Ela tinha cabelo grisalho e fino, a pele pálida muito enrugada e usava um esfarrapado manto negro. Seus olhos estavam fechados, e ela estava imóvel como pedra. Tanto que nem parecia respirar.

– *Por favor*, esteja viva – disse Conner.

Quando ele se aproximou para verificar o pulso dela, outra pessoa subiu a escada correndo e bateu com força na porta. Conner se escondeu atrás de uma mesa de poções.

– Maudlin? Está vestida? – disse um homem à porta.

A bruxa bufou e voltou à vida.

– Sim, xerife. Pode entrar.

O xerife de Nottingham entrou no quarto e bateu a porta atrás de si. Era um homem alto e imponente, mas, assim que ficou sozinho com Maudlin, curvou-se e começou a chorar histericamente, como uma criancinha.

– Não estou tendo uma boa noite, Maudlin – o xerife reclamou.

– Calma, calma, xerife. – Maudlin se levantou para lhe dar um abraço. – Sente-se aqui e conte à tia Maud o que aconteceu.

Ela acomodou o xerife na cadeira e passou a mão pelo cabelo dele, como faria com um boneco. Conner não podia acreditar: estava tão constrangido de *assistir* à cena que olhou em volta da torre à procura de uma saída.

– Eu só queria que a d-d-donzela M-M-Marian me amasse! – chorou o xerife. – Não importa o que eu faça, ela sempre vai me o-o-odiar! Eu dei a ela uma casa bonita, compro vestidos e véus bonitos para ela, e ela ainda me trata como se eu a tivesse raptado!

– Calma, calma, xerife. Marian só precisa de um tempo para mudar de ideia, só isso. Já falei que as mulheres adoram se fazer de difíceis.

– Não acho que ela esteja interessada em mim. Acabei de bater na porta dela para desejar boa-noite, e ela não quis sequer abrir para me ver! Estou com medo de Marian estar apaixonada por outra pessoa!

– Então ela é burra, se você quer saber. Quem poderia ser mais belo, ou mais corajoso, ou mais forte do que o nosso Xerife de Nottingham? Não existe solteiro melhor em quilômetros, e, se ela não percebe isso, então não o merece. Quem mais poderia proteger Nottingham tão bem quanto o nosso xerife? *Ninguém*. Quem mais é capaz de realizar os planos que o príncipe João tem para o nosso reino? *Ninguém*. Quem mais pode manter Robin Hood afastado, aquele ladrão malvado? *Ninguém!* Qualquer moça que fosse apenas notada por você já seria uma privilegiada.

Os elogios dela surtiram efeito, pois as lágrimas do xerife secaram, e seu rosto franzido passou a sorrir largamente.

– Acho que você tem razão – disse ele. – Obrigado, tia Maud.

– Ora, de nada, meu querido.

– Eu só queria não ter de me esforçar tanto. Só de pensar, meu estômago revira e eu sinto uma dor de cabeça terrível! Faz dias que não consigo dormir!

– Deixe a tia Maud cuidar disso para você.

A bruxa vasculhou suas coisas e colocou um copo de água na mesa, ao lado do xerife. Ela tirou uma raiz de um jarro, um pedaço de casca de árvore de outro e uma erva de um terceiro. Esmagou cada item e misturou na água.

– Raiz-do-diabo para acalmar o estômago, casca de salgueiro para aliviar a cabeça e erva-de-são-joão para ajudar no sono – disse Maudlin.

Ela entregou o copo ao xerife, que bebeu a mistura de um gole só.

Conner pensou que era uma mistura bem inofensiva para uma bruxa tão renomada. Ele examinou os itens mais de perto e reparou que não eram nada perigosos. Não viu nada que não fosse possível comprar numa mercearia do Outromundo. Os animaizinhos não eram para ser sacrificados para fazer poções – eram bichos de estimação.

– Não tem nada mágico na Bruxa de Papplenick – ele murmurou para si mesmo. – Ela nem é bruxa. *É uma boticária!*

– Já me sinto bem melhor – disse o xerife.

– Agora, vamos até os seus aposentos, que eu o coloco para dormir. Durma bem e volte a falar comigo amanhã se precisar de algo mais.

– Vou fazer isso. Obrigado, tia Maud.

Maudlin acompanhou o xerife para fora da torre, descendo a escada até os aposentos dele.

Conner sentiu um enorme desânimo. Ainda bem que a mágica era o último ingrediente necessário para a Poção do Portal. Ele teria duas semanas para encontrar outra pessoa que pudesse fornecê-la, enquanto os demais ingredientes fermentavam. Porém, se Maudlin servia de indicação, seria difícil encontrar alguém com capacidades mágicas no mundo de *Robin Hood*. O estômago de Conner revirou ao pensar nisso, e ele pegou um pouco de raiz-do-diabo ao sair da torre.

Desceu a escada rápida e silenciosamente e chegou ao portão do castelo. Aguardou os soldados voltarem da patrulha, comprimindo-se contra a parede como fizera antes, e esgueirou-se para fora.

Seguiu até a janela da donzela Marian e jogou uma pedrinha contra ela. Robin Hood espiou para fora.

– Fim de papo! – gritou Conner. – Precisamos voltar ao acampamento.

– *Adeus, meu amor* – Robin Hood disse baixinho, ao menos para os seus padrões. Ele beijou a donzela Marian e em seguida desceu até o chão pelos

lençóis amarrados.

A donzela fez um aceno de despedida enquanto Robin e Conner corriam para a floresta.

– Como foi? – perguntou Conner.

– FOI UM GRANDE SUCESSO, FEITICEIRO – disse Robin Hood, retomando o tom normal. Ele abriu a mão e mostrou a Conner um pequeno cadeado e uma chave que tinha obtido da donzela Marian. – ISTO DEVE FUNCIONAR, AGORA QUE

O NOSSO AMOR FOI RESTAURADO.

– Que ótimo!

– VOCÊ PEGOU A MÁGICA COM A BRUXA MÁ DE PAPPLENICK?

Conner suspirou e balançou a cabeça.

– Maudlin não será útil para nós. Vou ter de arrumar outra solução.

Robin Hood e Conner percorreram a floresta até o acampamento. O Homem de Lata, Peter e os Alegres Homens aguardavam perto da fogueira.

– Conner, João Pequeno e eu trouxemos um galho da árvore mais antiga da floresta – o Homem de Lata compartilhou, feliz.

– E eu voei aos céus e tirei uma pena do faisão mais belo que encontrei – disse Peter.

– Formidável! – disse Conner. – E Robin acabou de colocar as mãos num cadeado e numa chave da donzela Marian. Já temos os ingredientes necessários para começar a poção.

Ele pegou emprestados um tacho e uma panela dos Alegres Homens e começou os trabalhos. Ferveu água no tacho e acrescentou o galho da árvore e a pena. Assim que o cadeado e a chave derreteram na panela, verteu o líquido no tacho com o restante da poção.

João Pequeno subiu até o topo de uma árvore próxima, e Peter voou com a poção até ele. Juntos, os dois amarraram a poção na árvore de modo que ela ficasse completamente exposta à lua e absorvesse sua luz.

– Em duas semanas, nós a pegamos de volta – disse Peter.

– Você conseguiu a mágica de que precisava? – perguntou o Homem de Lata.

– Não – disse Conner com tristeza. – A medicina moderna era considerada *mágica* em séculos antigos, mas não serve para nós.

Nossa nova tarefa é encontrar alguém com capacidades mágicas *reais*, como a minha irmã.

– Uma pena o meu pó mágico ter acabado – suspirou Peter.

– Espere um momento – disse o Homem de Lata. – Por que você não pode entrar com a mágica, Conner?

Peter encolheu os ombros; para ele, também parecia lógico. Conner já estava negando com a cabeça, antes mesmo de pensar na ideia, como se lhe tivessem pedido que fizesse malabarismo com facas.

– Eu não faço mágica – disse Conner.

– Mas a sua irmã faz – Peter observou. – Então, por que você não faz?

– Imagino que eu *possa*, eu só não faço. A mágica é muito complicada. Ela tem várias camadas, e eu nunca fiz antes. Não sem a minha irmã, pelo menos.

O Homem de Lata e Peter ficaram muito confusos. Entre tantas coisas, por que *isso* deixava Conner inseguro?

– Mas você *poderia* se *quisesse*? – perguntou o Homem de Lata.

– Sim. Quer dizer, não. Não sei.

Conner supunha que era possível, considerando seu DNA. No entanto, não podia prometer nada. Sempre pensara que a mágica era como a matemática: uma capacidade que somente Alex, dentre os dois, tinha herdado.

– Nós só temos duas semanas antes que a poção fique pronta, cara – disse Peter.

– Você precisa pensar nisso caso não encontremos mais ninguém – disse o Homem de Lata. – Ou vamos ficar presos com os Alegres Homens para sempre.

Quanto mais Conner pensava nisso, mais a pressão aumentava. Não era necessariamente a *mágica* que lhe dava medo; a questão era que ele não era bom em *nenhuma* situação que dependesse exclusivamente dele.

CAPÍTULO 26

O porão

Chapeuzinho e os Meninos Perdidos seguiram as instruções de Hagetta e viajaram pela Floresta dos Anões rumo ao Reino do Canto. Os Meninos Perdidos nunca tinham estado num lugar tão enervante; mantinham-se o tempo todo à espreita à medida que se embrenhavam na cerrada e misteriosa floresta. Chapeuzinho, por outro lado, não estava nem aí para o ambiente sinistro; seus pensamentos estavam fixos em uma única coisa: resgatar Froggy.

Anoiteceu, e a noite era sempre mais escura na Floresta dos Anões. Eles seguiram um rio que corria para o sul. Avistaram na outra margem uma casa com um alto telhado de feno e um moinho que girava conforme o rio passava por ele. A visão fez com que calafrios percorressem a espinha de Chapeuzinho; ela logo soube que haviam chegado.

– Chegamos, meninos. Aquela é a casa do bode. Mingau, quero que você leve Aveia e Buckle para algum lugar seguro. Vou assobiar quando precisar de vocês. E, se vocês ouvirem algum de nós gritar, corram atrás de socorro.

Chapeuzinho ajudou os Meninos Perdidos a descer dos cavalos, e Mingau escondeu sua família no meio das árvores. Chapeuzinho e os Meninos Perdidos agacharam-se atrás dos arbustos e observaram a casa.

– Nosso pai temporário está lá? – perguntou Magrelo.

– Assim espero – disse Chapeuzinho.

– O que nós vamos fazer, mãe? – perguntou Caracol.

– Que tal a gente simplesmente entrar lá e pegá-lo? – perguntou Bico.

– Atacar? – perguntaram os Gêmeos Perdidos.

Antes que Chapeuzinho pudesse responder, as portas do porão ao lado da casa se abriram. Morina pôs a cabeça para fora e correu os olhos pela floresta. Chapeuzinho e os Meninos Perdidos se jogaram no chão e a observaram através dos arbustos; tiveram medo de que ela os tivesse ouvido, porém a bruxa não estava procurando nada em particular: estava examinando a floresta em *todas* as direções. Assim que Morina concluiu que a floresta estava vazia, voltou ao porão.

– Aquele é o bode! – sussurrou Chapeuzinho.

– Você acha que ela viu a gente? – perguntou Magrelo.

De repente, um som alto veio de debaixo da casa – um som de algo pesado sendo arrastado pelos degraus. Morina reapareceu, puxando atrás de si um caixão de madeira. Ela o arrastou até a margem do rio e voltou ao porão. Alguns instantes depois, arrastou outro caixão e colocou-o ao lado do primeiro.

Morina empurrou os caixões para dentro do rio, e eles desceram a corrente. A bruxa foi até o moinho e deu-lhe um forte puxão na direção contrária à corrente do rio. De forma lenta mas resoluta, o rio começou a correr magicamente *na direção oposta*, encaminhando os caixões *rio acima*, para dentro da Floresta dos Anões.

A bruxa esperou os caixões sumirem de vista e então girou o moinho na direção oposta; alguns instantes depois, o rio voltou a correr para o sul. Morina retornou para baixo da terra, e Chapeuzinho e os Meninos Perdidos ouviram-na trancar as portas do porão com ferrolhos e correntes.

– Então é *ela* que está por trás dos cadáveres do Riacho do Homem Morto! – sussurrou Chapeuzinho.

– Riacho do Homem Morto? – perguntou Firula, engolindo em seco, com medo.

– Eu conto tudo quando você parar de ter pesadelos, César.

Morina saiu da casa de novo, dessa vez pela porta da frente.

Trajava um longo casaco de penas pretas e levava uma pequena bolsa. Caminhou até a margem do rio onde havia um barquinho atracado e sentou-se nele. A bruxa soltou o barco do que o prendia à terra, e ele magicamente navegou pelo rio na direção do Reino do Canto.

Chapeuzinho aguardou por bastante tempo depois que Morina sumiu de vista para se levantar.

– Estamos com sorte, meninos. Parece que o bode deixou o estábulo. Vamos entrar na casa e achar o pai temporário de vocês.

Como o rio não era muito fundo, Chapeuzinho fez os Meninos Perdidos entrarem na água e a carregarem, para não molhar o vestido. Assim que chegaram à outra margem, tentaram entrar na casa pelas portas do porão, mas elas nem sequer se mexeram. Deram a volta na casa até a porta da frente, mas ela também estava trancada.

– Ah, poxa – disse Chapeuzinho. – *Charlie, você está aí?*

Ela bateu na porta, mas não houve resposta. Os Meninos Perdidos trocaram um sorriso.

– Hora da jogada Firula! – disse Magrelo.

– O que é a jogada Firula? – perguntou Chapeuzinho.

– Você vai ver! – disse Bico.

Cada um dos Meninos Perdidos pegou um membro de Firula e o ergueram. Eles o balançaram e arremessaram seu corpo rechonchudo contra a porta, derrubando-a.

– *Ai* – disse Firula, já dentro da casa.

– Bom menino, César! – disse Chapeuzinho. – A mamãe está muito orgulhosa!

Chapeuzinho foi à frente, tomando cuidado para não pisar em Firula. Eles passaram os olhos pelo cômodo da casa de Morina e se impressionaram com as inúmeras prateleiras com líquidos coloridos. Era diferente de tudo o que já tinham visto. Infelizmente, não havia sinal de Froggy.

– Mas que lugar é *este*? – perguntou Magrelo.

– Parece um hospital – disse Bico.

– Para um lugar tão sofisticado, o suco é horrível – disse Caracol.

Chapeuzinho e os outros meninos logo se voltaram para Caracol, que entornou uma garrafa de poção rosa.

– *Salvador, não beba isso!* – Chapeuzinho advertiu, mas era tarde demais.

Caracol se transformou em uma criancinha bem diante deles.

Em choque, ergueu os olhos para os outros e começou a chorar.

– *Incrível!* – os Meninos Perdidos disseram em uníssono.

– Não encostem em mais nada! – Chapeuzinho ordenou. – Tobias, cuide do seu novo irmãozinho. Tomara que Alex possa resolver isso quando ela e Conner voltarem.

Magrelo pegou Caracol no colo e o embalou até que parasse de chorar.

Os Meninos Perdidos encontraram uma corda na parede e a puxaram. As cortinas se abriram para revelar o Espelho da Verdade. Chapeuzinho e os garotos observaram seus reflexos, mas não havia nada de diferente. Sua verdade exterior era tão real quanto a interior.

Chapeuzinho vasculhou a sala, mas não encontrou nem sinal de Froggy.

– Mãe, aqui! – disse Bico. – É uma porta!

Ele apontou para a porta na parede dos fundos, coberta por dúzias de cadeados. Chapeuzinho imaginou que Froggy estaria do outro lado dela.

– *Ah, Cééésar?* – cantou Chapeuzinho.

Antes que se desse conta, Firula foi erguido pelos outros Meninos Perdidos e sua mãe temporária.

– Dessa vez, vamos jogar com tudo – Chapeuzinho instruiu. – São muitos

cadeados para quebrar. Quando eu contar até três…

Um… dois… três!

Após alguns balanços agressivos para ganhar impulso, eles arremessaram Firula, que se estatelou na porta, derrubando-a. Havia uma escada atrás dela, e o garoto rolou até o porão.

– *Ai* – disse Firula.

– Tem alguém aí embaixo, César? – perguntou Chapeuzinho.

Ele não respondeu. Chapeuzinho e os Meninos Perdidos desceram os degraus. O que eles viram no porão assombraria seus pesadelos por muitos anos.

Firula, já de pé, observava a sala em choque. Havia vinte e quatro camas alinhadas no porão – doze de cada lado. As últimas quatro camas estavam vazias; as outras vinte estavam ocupadas *por crianças dormindo*. Cada criança *brilhava*, e a luz que saía de seu corpo era lentamente sugada para dentro de frascos de poções posicionados ao pé das camas.

Quanto mais distante ficava a cama, mais velha a criança parecia. As últimas nem pareciam crianças, mas idosos em miniatura, o rosto enrugado e o cabelo grisalho.

– Devem ser as *crianças desaparecidas*! – Chapeuzinho arquejou.

– O que está acontecendo com elas? – perguntou Magrelo.

Chapeuzinho reparou numa fileira de caixões vazios encostados na parede. Ela tapou a boca, e seus olhos se encheram de lágrimas.

– Morina está sugando a juventude e a beleza delas para fazer poções! Ela é um monstro!

Chapeuzinho e os Meninos Perdidos correram os olhos pelas crianças amaldiçoadas sem acreditar no que viam. Queriam libertá-las do feitiço que sugava sua força vital, mas não sabiam como.

Não tinham coragem de encostar nelas.

– Por que algumas camas estão vazias? – perguntou Bico.

– Porque elas morreram – disse uma voz que não pertencia nem a Chapeuzinho nem aos Meninos Perdidos.

Eles olharam em volta do porão tentando descobrir de onde ela vinha. Apoiado num canto, havia um comprido espelho com moldura de prata, e, para o horror de Chapeuzinho, Froggy estava de pé *dentro* dele.

– *Charlie!* – ela gritou, correndo até ele.

Ela colocou as duas mãos no vidro, e Froggy colocou suas mãos com membranas contra as dela.

– Nosso pai é um sapo gigante? – perguntou Bico. – *Oba, nosso pai é um sapo!*

– Chapeuzinho, quem são essas crianças? – perguntou Froggy.

– E por que estão me chamando de *pai*?

– Estes são os Meninos Perdidos da Terra do Nunca. Eu os adotei por enquanto. É uma longa história. Charlie, o que você está fazendo dentro de um espelho?

– Morina me colocou aqui para que eu seja obrigado a olhar as crianças.

– E como fazemos para tirar você daí?

Froggy sacudiu a cabeça, triste.

– Os espelhos mágicos são irreversíveis, meu amor. Estou preso aqui exatamente como o amante da Rainha Diabólica, mas, como o *Feitiço do Desejo* não existe mais, eu provavelmente vou ficar aqui… *para sempre*.

Chapeuzinho caiu de joelhos e balançou a cabeça. Ela achava que o seu coração tinha se partido antes, mas agora ele se estilha çou em tantos pedaços que talvez nunca mais pudessem ser juntados.

– *Não…* – ela sussurrou. – *Não, não, não…*

Froggy se emocionou ao vê-la daquele jeito.

– Lamento tanto, meu amor. Você precisa ir embora e levar essas crianças com você antes que Morina volte.

– *Eu não posso deixá-lo…*

– Não há nada que possamos fazer. Morina queria nos separar, e temo que ela tenha conseguido. *A bruxa venceu.*



CAPÍTULO 27

As Irmãs Grimm

Até onde a sra. Campbell sabia, Bree estava passando o fim de semana na casa de sua amiga Stacey. Embora Bree e Stacey não fossem mais amigas desde o sexto ano, a sra. Campbell ficara tão empolgada com o fato de a filha ter voltado a se socializar que não fizera muitas perguntas. Mal sabia a sra. Campbell que, apenas uma semana depois do fim do castigo, Bree estava planejando outra grande excursão.

Naturalmente, Bree pensou em telefonar para Cornelia Grimm antes de qualquer coisa, mas o telefone não constava em nenhuma lista. A garota não tinha escolha a não ser ir até o número 1729 da Mystic Lane, na cidade de Willow Grove, no estado de Connecticut, e rezar para que Cornelia ainda morasse lá.

Bree planejou a viagem inteira do seu computador, na quinta depois da aula. Ela se sentiu muito agradecida pela existência da tecnologia – não tinha ideia de como as crianças faziam para fugir de casa antes da internet. Encontrou o endereço da fábrica que fornecia pão para o Grelhados e Histórias. Willow Grove ficava a uma viagem de ônibus de distância, e a casa de Cornelia, a mais ou menos uma hora de caminhada a partir do centro da cidade.

Na manhã de sexta, Bree colocou comida e uma muda de roupas na mochila. Assim que o sinal da escola tocou, ela correu para o Grelhados e Histórias e esperou nos fundos, atrás das latas de lixo. Como Iris dissera, o caminhão de entregas da Fábrica de Pão do Sam da Nova Inglaterra chegou naquela tarde.

O entregador, que usava uniforme branco e uma gravata-borboleta vermelha, era jovem e gordinho. Ele ergueu a porta de trás do caminhão e abasteceu um carrinho com caixas de pão.

Desceu o carrinho do caminhão usando uma rampa e entrou na lanchonete.

Lá dentro, ele não teve pressa. Bree espreitou pela janela e o viu paquerando Petunia. Era a chance dela de se esgueirar para dentro do caminhão de entregas; achou um espacinho atrás de uma pilha de caixas danificadas e se escondeu ali.

O entregador voltou vinte minutos depois e trancou o caminhão, sem notar a presença de sua passageira. Deu partida no motor, afastou-se do Grelhado e Histórias e começou a viagem de volta à fábrica. Bree estava a caminho de Connecticut, sem saber como voltaria.

O caminhão levou dois dias para chegar ao estado do nordeste. O entregador parou algumas vezes para comer e descansar, porém estava muito determinado a chegar o quanto antes. Bree até o ouviu mentindo para o chefe a respeito da hora estimada de chegada.

A pior parte da jornada de Bree era sair do caminhão para achar um banheiro e depois voltar. Ela esperava até que o entregador dormisse no banco de trás ou saísse para comer num restaurante. Toda vez que saía do caminhão, ficava aterrorizada com a possibilidade de ele partir antes que ela voltasse.

Apesar de ser um jeito bem estressante e apertado de viajar, Bree achou tudo eletrizante. Ela não sentia aquela adrenalina toda desde que viajara com Conner pela Europa. Tudo o que ela queria era que ele estivesse ali para lhe fazer companhia.

Enfim, na manhã de domingo, o caminhão parou na Fábrica de Pão do Sam da Nova Inglaterra. Assim que o caminhão estacionou, Bree levantou a porta de trás e saiu correndo.

– Valeu pela carona! – ela disse ao passar pelo entregador.

– Ei! Desde quando você está aí? – ele gritou. – Volte aqui!

Ele era lento demais para persegui-la, e Bree correu para a parada de ônibus mais próxima. Ela só precisou esperar alguns poucos minutos até que o próximo ônibus chegasse. Este seguiu para a pequena e pacata cidade de Willow Grove, deixando-a no centro da cidade.

Bree tirou da mochila o mapa que havia imprimido e foi acompanhando por ele enquanto seguia em direção à casa de Cornelia, para longe do centro. O interior de Connecticut era um lugar gostoso de caminhar. Havia morros com árvores verdejantes até onde a vista de Bree alcançava.

Ela enfim chegou à Mystic Lane. Era uma ampla rua residencial com casas grandes que ocupavam vastos terrenos. Todas as casas eram elegantes, embora antigas. Algumas pareciam estar ali desde antes da formação dos Estados Unidos.

– 1723… 1725… 1727… – Bree lia os números das casas conforme avançava. – O que nos leva a *1729*!

A casa tinha uma alta sebe em volta do quintal, o que a deixava muito mais privada do que as demais casas da rua. Bree atravessou um pequeno portão e adentrou o gramado da frente. Era uma enorme casa de dois andares, com grandes janelas e uma larga varanda dianteira. Era pintada de amarelo, e o quintal dianteiro era cheio de ornamentos; havia sinos de vento coloridos, anões de jardim, bebedouros para pássaros e estátuas de fadas espalhadas pelos leitos

de flores.

Era tudo muito acolhedor, e Bree sentiu-se muito confortável ali – estranhamente confortável.

– Só pode ser aqui – disse a si mesma.

Bree pegou a velha fotografia da avó com Cornelia. Ergueu-a ao lado da casa e suspirou de alívio – elas combinavam perfeitamente, como uma velha peça em um quebra-cabeça novo. A casa tinha sido remodelada ao longo dos anos, mas Bree com certeza estava no lugar certo.

Ela subiu os degraus da varanda e bateu na porta. Seu cora ção batia forte. Ela rezou para que a longa viagem não tivesse sido à toa.

Uma mulher de meia-idade e cabelo vermelho e espetado abriu a porta. Ela usava um suéter bordô e brincos de rubi em formato de lágrima.

– Posso ajudar? – perguntou.

– Olá, meu nome é Bree Campbell. Eu queria saber se uma mulher chamada Cornelia Grimm ainda mora aqui.

– Por que você quer saber?

– Acho que somos primas. Eu gostaria de fazer algumas perguntas sobre a nossa família. Desculpe aparecer assim, mas eu não sabia outra maneira de rastreá-la. Viajei de muito longe para chegar aqui.

– Sim, Cornelia está aqui. Venha, vou chamá-la para você.

Meu nome é Wanda.

Elas apertaram as mãos, e Wanda acompanhou Bree para dentro. A garota ficou animadíssima ao saber que Cornelia estava viva: a viagem não fora em vão.

A casa tinha papel de parede florido e acabamento branco.

Havia grandes vasos de flores em cada superfície. As paredes eram cobertas de fotos emolduradas, e não havia sequer duas molduras parecidas. Cada imagem apresentava uma mulher ou grupos de mulheres diferentes que tinham vivido na casa ao longo das décadas. Bree reconheceu imediatamente uma das mulheres.

– Essa é a minha avó – disse. Ela mostrou a Wanda a foto de Cornelia com a avó.

Wanda sorriu para ela.

– Ah, você é neta da Anneliese. Cornelia vai ficar muito contente com a sua visita. Siga-me, ela está na sala de estar.

Elas entraram numa sala cheia de mobília confortável. Pela contagem de Bree, havia pelo menos seis gatos, mas ela presumiu que haveria mais em outras partes

da casa. Outra mulher de meia-idade estava sentada num sofá lendo um livro. Ela era roliça e tinha o cabelo negro, já ficando grisalho nas têmporas.

– Frenda, esta é Bree Campbell – Wanda apresentou. – Bree, esta é a minha prima Frenda, filha da Cornelia.

– Olá – disse Frenda, surpresa com a companhia.

– Oi – disse Bree, cumprimentando-a com um aperto de mão.

– Tia Cornelia, a senhora tem uma visita – disse Wanda. – Bree Campbell, neta da Anneliese.

Cornelia Grimm se encontrava no fundo da sala, sentada de frente para um cavalete, pintando o que parecia ser uma paisagem. Voltou-se para as moças, e Bree reconheceu-a imediatamente; ela estava bem velha agora, mas ainda se parecia com a mulher da foto. Tinha cabelo branco comprido até a cintura. Usava óculos de armação vermelha, e um estiloso lenço de seda envolvia seu pescoço.

Cornelia adorou conhecer Bree. Pegou a bengala e levantou-se para cumprimentá-la.

– Olá, mocinha – disse Cornelia com um sorriso doce. – Mas que bela surpresa. Eu pensei na sua avó hoje pela manhã!

– Estou tão contente por finalmente conhecê-la! – disse Bree. – A senhora é prima da minha avó, não é?

– Sim. Éramos muito próximas quando garotas, mas infelizmente perdemos contato ao longo dos anos. Ela está bem?

– Na verdade, ela faleceu alguns anos atrás – Bree contou com tristeza.

– Puxa, sinto muito por isso. Bem, ela está num lugar melhor agora. O que a traz a esta casa?

Bree hesitou; não sabia muito bem como dizer.

– Achei o endereço em uma carta que a senhora escreveu para a minha avó – disse ela. – Tenho muitas perguntas sobre a nossa família e, como ela não está mais conosco, eu tinha a esperança de que a senhora pudesse respondê-las. Eu teria ligado, mas não a encontrei em nenhuma lista telefônica.

– Odeio *telemarketing*. Responderei com alegria a todas as suas perguntas. Vamos nos sentar.

Cornelia sentou-se ao lado de Frenda no sofá. Bree e Wanda sentaram-se em cadeiras à frente delas. As mulheres eram todas ouvidos, e Bree percebeu que elas estavam ansiosas para escutar suas perguntas. Não era todo dia que uma jovem aparecia em sua porta à procura de ajuda.

– Acho que devo começar com a maior pergunta em minha mente – disse

Bree. – O nome Grimm não é muito comum, por isso eu queria saber se a nossa família tem alguma relação com os Irmãos Grimm.

– Sim – disse Cornelia. – Wilhelm Grimm é pentavô de Anneliese e meu.

Bree ficou tão animada que achou que ia levitar. Essa era a resposta que ela esperava – agora tudo fazia sentido.

– Incrível – disse Bree, aliviada. – Vocês também são da Alemanha?

– Meus avós se mudaram para os Estados Unidos quando eram jovens, mas a sua avó foi a primeira da família dela a vir pra cá – explicou Cornelia. – Antes de conhecer o seu avô, ela morou conosco nesta casa.

– Isso, eu deduzi pelas cartas. Reparei nas fotos das mulheres nas paredes. Esta casa era alguma espécie de sororidade?

– Mais ou menos. Em seu início, a casa pertencia à minha mãe e às irmãs dela. Muitos dos nossos parentes moraram aqui ao longo dos anos, a grande maioria mulheres. Tenho certeza de que muitos vizinhos pensaram que aqui era um *covil*.

Cornelia, Frenda e Wanda riram, porém Bree não riu com elas. Em vez disso, encarou as mulheres, nervosa.

– Mas vocês *são* bruxas? – ela perguntou, perfeitamente séria.

A sala ficou em silêncio absoluto. As mulheres se entreolharam com uma expressão que gerou desconforto em Bree. Definitivamente havia um segredo entre elas.

– Desculpe, espero não ter sido rude – disse Bree. – O que vocês são ou deixam de ser não é da minha conta. Recentemente, descobri muitas coisas sobre os Irmãos Grimm. Mais do que a maior parte das pessoas acreditaria. Sei que a família Grimm tem *aptidões* que as outras famílias não têm.

– Você está falando da mágica no sangue da nossa família? – perguntou Cornelia.

Os pelinhos no braço de Bree subitamente eriçaram-se.

– Sim. Vocês sabem sobre isso?

Todas as três concordaram com a cabeça.

– É uma história que vem sendo passada de geração em gera ção dentro da nossa família – disse Frenda. – Os Irmãos Grimm não escreveram as histórias que publicaram, mas receberam-nas de fadas de outro mundo. No começo do século XIX, a Grande Armée ficou sabendo da existência desse mundo e tentou conquistá-lo. Por isso, uma fada transferiu mágica do próprio sangue para o de Wilhelm Grimm, de modo que ele pudesse ajudar as fadas a prender o exército que se aproximava. Essa mágica ainda corre nas veias da nossa família.

– Não é mágica o bastante para fazer um encanto ou um feitiço – disse Wanda.

– Mas nós sabemos que está em algum lugar dentro de nós e que nos diferencia de todas as outras pessoas do mundo.

Bree as encarava em choque. Ela achava que era a única pessoa no Outromundo que sabia dessa história.

– Estou curiosa para saber como você ficou sabendo deste segredo antes que soubesse que fazia parte da família – disse Cornelia, rindo. – Quando a sua avó foi embora desta casa, ela estava decidida a não contar nada aos futuros filhos. A mágica sempre a assustou. Presumo que tenha mudado de ideia, embora tenha deixado de contar alguns detalhes.

– Não – disse Bree. – Ela nunca disse uma palavra a respeito disso; eu descobri por conta própria. A história é longa, mas, no ano passado, eu fui até o mundo dos contos de fadas.

As mulheres abafaram um grito e se sentaram na beira dos assentos. Aquilo mudava tudo, até para elas. Bree era a primeira pessoa que elas conheciam que tinha viajado para o mundo dos contos de fadas.

– *Você foi para o outro lado?* – perguntou Wanda.

– *Mas como?* – perguntou Frenda.

Bree contou às parentes tudo sobre a viagem à Alemanha com a escola e sobre as aventuras com Conner e Emmerich. Contou que eles viajaram para o mundo dos contos de fadas por um portal dentro do castelo de Neuschwanstein. Explicou que, após retornar ao Outromundo, lembrou de ouvir que Mamãe Ganso tinha mexido no portal para que qualquer pessoa sem mágica no sangue ficasse presa nele por duzentos anos. Só a existência de mágica no sangue poderia explicar o fato de Emmerich e Bree terem atravessado o portal com tanta facilidade, o que fez com que Bree pensasse que ela e Emmerich fossem descendentes de Wilhelm Grimm.

Foi uma longa resposta, mas as mulheres se mantiveram completamente atentas.

– Qual é a relação do seu amigo Conner com a mágica? – perguntou Cornelia.

– Ele e a irmã gêmea são netos da Fada Madrinha.

– Fascinante! – disse Frenda.

– Nem me fale! Eles foram os primeiros filhos nascidos de dois mundos, e o nascimento deles de algum modo conectou os mundos. Aparentemente, o tempo no mundo dos contos de fadas costumava correr muito mais devagar, mas agora os dois mundos estão sincronizados.

– Que idade eles têm? – perguntou Cornelia.

– Quase quinze anos, acho. O que isso tem a ver?

Ninguém respondeu. Saber a idade dos gêmeos fez com que Cornelia, Frenda e Wanda ficassem muito pensativas.

– Estou com a sensação de que vocês estão escondendo alguma coisa – arriscou Bree.

Todas as três mulheres subitamente se levantaram.

– Acho que devemos mostrar a casa de hóspedes a Bree – disse Cornelia. – Vai ser mais fácil explicar a *irmandade* ali.

– A *irmandade*? – perguntou Bree.

– Venha conosco, querida – convidou Wanda.

As mulheres conduziram Bree até o quintal dos fundos. O gramado ali tinha tantos ornamentos quanto o da frente. Havia uma grande casa de hóspedes no fundo da propriedade. Parecia ter sido um estábulo antes de ser reformada.

Elas cruzaram a porta, e Cornelia acendeu as luzes. A casa de hóspedes era uma ampla sala com um pé-direito alto. Havia uma grande mesa de aço no centro e uma fileira de escrivaninhas no fundo, equipadas com computadores, impressoras e radioamadores. Também havia uma parede com diversas gavetas e armários embutidos. Um gigantesco mapa-múndi ocupava outra parede, e centenas de locais estavam marcados com alfinetes coloridos.

Bree observou a sala com olhos arregalados e curiosos.

– Que lugar é este? Um laboratório secreto? Vocês são agentes secretas ou algo assim?

– Nós nos denominamos *as Irmãs Grimm* – disse Cornelia. – Nossa irmandade foi fundada em 1852 por minha quadrivó, Maria Grimm. Há quase dois séculos, as mulheres de nossa família monitoram fenômenos mágicos que ocorrem neste mundo.

– Que tipo de *fenômenos mágicos*? Você está falando das fadas que espalham histórias?

– Disso e muito mais – disse Frenda.

– Por muito tempo, a nossa família acreditou que éramos as únicas pessoas na Terra que tinham sido expostas à mágica e que sabiam sobre o mundo dos contos de fadas – explicou Cornelia. – Porém, estávamos erradas. Quando Maria Grimm examinou a nossa história mais de perto, descobriu que o passado do nosso mundo está repleto de momentos em que os dois mundos se cruzaram. As fadas que espalharam histórias são apenas um dos casos.

– Mas a avó de Conner foi a primeira e única pessoa capaz de criar portais entre os mundos – disse Bree.

– Segundo nossos registros e pesquisas, isso não é verdade – Cornelia falou.

Wanda puxou para baixo um grande mural. Era uma linha do tempo que remontava a milhares e milhares de anos, cobrindo cada era da história conhecida.

– Sabemos que a Fada Madrinha apareceu pela primeira vez neste mundo em algum momento do começo da Idade das Trevas – explicou Wanda, apontando para o meio da linha do tempo. – Mas há indícios de cruzamentos entre os mundos muito antes disso.

– A maior parte das civilizações antigas foi influenciada por criaturas que hoje são consideradas míticas – disse Frenda. – Os povos da Antiguidade celebravam esses seres em sua arte, em suas histórias e, às vezes, até os adoravam. Apesar da óbvia presen ça dessas criaturas, os historiadores rotularam sua existência como *mitologia* , simplesmente porque elas não correspondem aos padrões biológicos dos animais de hoje.

– A Ásia Antiga foi influenciada principalmente por dragões, a Europa está repleta de lendas de fadas e trolls vivendo em suas florestas, os vikings afirmaram ter visto os sirênios ao navegar os oceanos, e isso é só o começo – disse Wanda. – Ironicamente, todas essas criaturas existiram no mundo dos contos de fadas em algum momento.

– Mais do que apenas uma coincidência, não acha? – disse Cornelia.

– Então vocês estão dizendo que, milhares de anos atrás, essas criaturas passaram pelas frestas do mundo dos contos de fadas e vieram parar no nosso mundo? – perguntou Bree.

– Precisamente – Cornelia afirmou. – Mas as coisas não param por aí. Vamos mostrar as carcaças a Bree.

Elas levaram Bree até as gavetas e os armários embutidos.

Wanda abriu a maior gaveta, e Bree soltou um grito. Dentro, havia o esqueleto de uma sereia.

– Isto foi encontrado numa praia mexicana em 1938 – disse Wanda. – E *estes*, na Irlanda, em 1899.

Ela abriu a gaveta acima da primeira e mostrou a Bree quatro bandejas de metal com pequenos esqueletos de fadas presos a elas.

– Por sorte, sempre que esses vestígios são encontrados, a maior parte das pessoas acha que são falsos – disse Wanda.

– Como essas coisas estão chegando ao nosso mundo? – perguntou Bree.

– Com suas pesquisas, Maria Grimm estabeleceu que, mais ou menos uma vez por mês, em algum lugar do mundo, uma porta se abre para o mundo dos contos de fadas. – Cornelia explicou. – Ela dura apenas alguns segundos. Às vezes,

pessoas e criaturas passam; às vezes, não.

– Desde que Maria descobriu isso, toda vez que uma porta se abre, as Irmãs Grimm estão presentes para garantir que nenhum mal aconteça – disse Frenda. – Se alguém ou algo entra em nosso mundo, nós o guardamos até que a próxima porta se abra e fazemos o possível para soltá-lo de volta no mundo dos contos de fadas.

– Às vezes, alguma criatura escapa – disse Wanda. – Talvez você tenha ouvido falar de algumas. Há um dragão d'água inofensivo vivendo na Escócia que as pessoas chamam de *Monstro do Lago Ness*. Uma família de ogros cabeludos criou um lar feliz nas montanhas da América do Norte e do Nepal, mas você talvez os conheça melhor como *Pés-Grandes*, ou como *Abomináveis Homens das Neves*.

– Como vocês sabem onde as portas vão aparecer? – Bree indagou.

– Usamos a força mais poderosa do nosso mundo para prever os locais da ocorrência mágica – disse Cornelia. – A ciência!

Frenda pegou uma baqueta e apontou para os alfinetes presos ao grande mapa-múndi.

– Marcamos os locais de cada avistamento registrado de uma porta ou de um ser mágico que entrou vindo de uma delas – contou. – Reparou no padrão?

Bree examinou o mapa, inclinando a cabeça para o lado para vê-lo de outro ângulo.

– Se você ligar os pontos, parece que os locais descrevem uma perfeita espiral ao redor do mundo – falou.

– Exatamente! – disse Wanda. – É assim que sabemos onde a próxima porta vai se abrir.

– E uma porta nova se abre todo mês?

– Como um reloginho – disse Cornelia. – Quer dizer, até quinze anos atrás. Quando ficamos esperando no local da próxima porta, mas ela nunca apareceu.

– Por quê? – perguntou Bree.

– Porque alguma coisa aconteceu quinze anos atrás. Talvez porque seus amigos Alex e Conner nasceram. Vamos mostrar o diagrama a ela.

Wanda desligou as luzes, e Frenda apontou um controle remoto para o teto. Bree olhou para cima e viu um grande diagrama que não tinha notado antes. Ele se acendeu e ganhou vida. Duas esferas pequenas, uma azul e outra verde, davam a volta numa grande esfera amarela. Pareciam duas Terras girando ao redor do sol, porém a esfera azul dava a volta muito mais rapidamente do que a verde.

– Imagine que as duas dimensões são planetas circundando o sol – disse Cornelia. – O verde é o mundo dos contos de fadas, e o azul é o nosso mundo. Ainda que se movam em velocidades diferentes em algum lugar do cosmos, de vez em quando as suas órbitas se cruzam e colidem.

A esfera azul subitamente bateu na verde. Alguns instantes depois, isso aconteceu de novo. O fenômeno repetiu-se até que Frenda parou o diagrama com o controle remoto.

– Nós acreditamos que a Fada Madrinha nasceu no momento exato de uma colisão pregressa, o que lhe deu a capacidade de transitar à vontade entre os mundos – disse Wanda.

– A Fada Madrinha disse aos Irmãos Grimm que o mundo dos contos de fadas era muito mais lento do que o nosso, e desde então essa informação é transmitida dentro da nossa família – disse Cornelia. – É por isso que, para nós, as portas só duram um segundo; mas pode ser que durem horas ou dias no mundo dos contos de fadas.

Cornelia fez um gesto com a cabeça para Frenda, que apertou outro botão no controle remoto. Os orbes começaram a mover-se na mesma velocidade em torno do sol.

– Imaginamos que algo tenha feito os mundos se moverem na mesma velocidade quando o portal não apareceu, quinze anos atrás – disse Frenda. – Mas não é porque os mundos estão se movendo na mesma velocidade que não podem colidir de novo e formar outra porta.

As esferas verde e azul bateram uma na outra, e o momento do impacto durou muito mais agora que eles circulavam na mesma velocidade.

– Pelo contrário, temos certeza de que outra porta vai se formar – disse Cornelia. – Dessa vez, porém, ela vai ficar aberta por muito mais tempo, dando às pessoas e às criaturas dos dois mundos bastante tempo para passar de um ao outro.

– Quando você acha que isso vai acontecer? – perguntou Bree.

– Como a diferença de tempo entre os mundos nunca foi completamente compreendida, não conseguimos estimar com precisão – respondeu Wanda. – Porém, com base nas informações de que dispomos, criamos um mapa segundo o qual ela acontecerá nos próximos seis meses.

– E onde a porta vai aparecer? – perguntou Bree.

As mulheres entreolharam-se com nervosismo.

– No meio da cidade de Nova York – disse Cornelia.

Não havia dúvida de que elas tinham feito pesquisas para sustentar essa teoria,

porém Bree sentiu dificuldade em acreditar. Uma porta aberta para o mundo dos contos de fadas no meio de uma das maiores cidades do planeta causaria um pandemônio!

Connecticut trouxe a Bree mais informações do que ela jamais sonhara.

– É muita coisa para absorver – disse. – Me deem licença por um instante. Preciso telefonar para Emmerich e colocá-lo a par disso.

Ela tirou o celular do bolso. Havia uma dúzia de chamadas perdidas da mãe – a sra. Campbell devia ter descoberto que Bree não estava na casa de Stacey. Bree ignorou as chamadas e digitou o número de Emmerich.

– Alô? Fräulein Himmelsbach? Aqui é Bree Campbell, amiga de Emmerich… Sim, a americana… Sim, *aquela* americana… Desculpe ligar a esta hora, mas… Fräulein Himmelsbach, acho que a ligação está ruim, parece que você está chorando… O que aconteceu?… Cadê o Emmerich?… *Pode repetir?*

Bree ficou branca feito um fantasma e sentou-se no chão. Suas mãos tremiam tanto que ela mal conseguia manter o telefone colado ao ouvido.

– Bree, o que foi? – perguntou Cornelia.

– O meu amigo Emmerich… – disse ela, os olhos arregalados e cheios de medo. – Ele foi sequestrado!



CAPÍTULO 28

O adeus inesperado

Alex mal conseguiu dormir nas duas semanas em que ficou presa no mundo de *Rei Arthur.* A cada dia longe do irmão, dos amigos e do mundo dos contos de fadas, a sua preocupação com eles só aumentava. As poucas horas que conseguiu cochilar foram repletas de pesadelos com as mesmas preocupações. Não lhe saía da cabeça a imagem de pessoas inocentes gritando e correndo para se salvar enquanto um *Caveira e Ossos* voador destruía seus lares.

Era uma bênção que ela tivesse Arthur para distraí-la. Do contrário, o desespero a teria enlouquecido. Na verdade, o tempo que passou com ele pareceu um sonho de duas semanas. Um sonho – como todos os bons sonhos – do qual Alex não queria acordar.

Quanto mais tempo eles passavam juntos, mais gostavam da companhia um do outro. Alex sentia-se mais próxima de Arthur depois de duas semanas do que jamais se sentira de qualquer outra pessoa. Após cada beijo, cada olhar afetuoso, cada sorriso cúmplice, sentia a necessidade de lembrar a ele que iria embora logo – mas nada era capaz de conter o apego que aumentava entre os dois.

Às vezes, Alex fantasiava ficar no mundo de Arthur. E se ela fingisse que o mundo dos contos de fadas e o Outromundo não existiam? Poderia o mundo dos contos de fadas derrotar o exército do tio sem ela? Será que ela conseguiria viver com a culpa de abandonar os amigos e a família? Alex sentia vergonha de pensar nisso; sabia que não era uma possibilidade.

Eles passaram todas as noites juntos na colina enquanto a po ção absorvia a luz do luar. Normalmente adormeciam separados, mas, de manhã, acordavam nos braços um do outro. Porém, na noite antes da partida de Alex, Arthur deixou a timidez de lado.

– Você sabe que amanhã eu vou embora – disse Alex.

– Eu sei. Mas vou fazer de conta que esta noite vai durar para sempre.

– Para sempre parece bom.

Foi a primeira noite em que ela não teve pesadelos. Em vez disso, o sonho que viveria durante o dia continuou noite adentro, enquanto dormia.

A manhã chegou muito antes do que ela esperava. Alex acordou e percebeu que Arthur não estava a seu lado. Ela se sentou e olhou em volta, mas não havia sinal dele.

– Arthur? – chamou, porém não houve resposta.

Ela pegou a poção e procurou nas matas próximas, mas não o encontrou em lugar nenhum. Alex achou muito esquisito que Arthur a tivesse deixado sozinha na colina. Ela voltou para a cabana de Merlin na esperança de encontrá-lo ali. Mamãe Ganso e Lester eram os únicos na cabana quando ela chegou.

– Bom dia – disse Mamãe Ganso. – A poção está pronta?

– Vai ficar após um toque de mágica. Você viu o Arthur? Não o acho em lugar nenhum.

– Merlin o levou para a floresta para outra lição. Mas eu queria mesmo ficar sozinha com você. Preciso contar uma coisa.

Mamãe Ganso sentou-se à mesa e fez um gesto para que Alex se juntasse a ela. O que quer que fosse, devia ser sério.

– O que foi? – perguntou Alex.

Mamãe Ganso respirou fundo e então disse: – Eu não vou voltar com você para o mundo dos contos de fadas. Vou ficar aqui com Merlin.

Essa era a última coisa que Alex esperava ouvir. Ela arregalou os olhos.

– O quê? Mamãe Ganso, você não pode ficar aqui!

– Preciso seguir o meu coração dessa vez, criança. Eu levei sé culos para encontrar o meu lugar. Não é o Outromundo, não é o Palácio das Fadas, não é o castelo do gigante: é *aqui*, com Merlin.

– Eu acho isso muito impulsivo. Sei que tem andado sozinha desde que a minha avó morreu, mas você não pode se mudar de mala e cuia para outra dimensão para ficar com alguém que conheceu duas semanas atrás.

Mamãe Ganso deu uma risada.

– Sabe o que é engraçado? É exatamente essa a resposta que eu lhe daria se você quisesse ficar aqui com o Arthur. Eu preparei uma longa lista de razões por que isso seria má ideia. *Você não pode ficar! As pessoas dependem de você no mundo dos contos de fadas! Você tem a sua vida inteira pela frente!* Aí eu percebi que nada disso se aplica a mim. Então, por que não ficar?

– Isso não é verdade. Meu irmão e eu precisamos de você. Precisamos da sua ajuda para deter o exército do nosso tio!

– Ter uma senhora idosa se arrastando atrás de vocês não vai ajudar em nada. Eu sou boa para dizer algo engraçadinho aqui e ali, mas não posso derrotar o seu tio, nem o exército dele. Só você e o seu irmão podem fazer isso. No instante em que vocês precisarem de mim, eu estarei lá.

– Tem certeza de que é o que você quer? Você estava falando que queria uma nova aventura… isso me soa como pendurar as chuteiras.

– Merlin *é* a minha próxima aventura. Eu nunca conheci alguém que me deixasse empolgada só de acordar pela manhã. Eu parei de olhar o mundo e me sentir inútil agora que sei que sou importante para ele. Ele viveu tanto quanto eu, cometeu tantos erros quanto eu e ainda tem todos os dentes: nunca vou encontrar um homem como ele! Talvez eu esteja parecendo uma velha maluca, mas um dia você vai entender. Quando você conhece a pessoa certa, aquela com quem é para ser, tudo muda. Você não tem mais a sensação de que está lutando sozinha contra o mundo.

Tudo o que Mamãe Ganso descreveu era exatamente o que Alex sentia em relação a Arthur. Talvez Alex não precisasse ficar mais velha para entender: ela daria tudo para ter a opção de ficar. Por mais difícil que fosse viver sem ela, Alex viu nos olhos de Mamãe Ganso que ela enfim tinha encontrado a alegria. Qualquer motivo que Alex tivesse para contestar sua decisão era puramente egoísta.

– E Lester? – perguntou Alex.

– Quero que você o leve. Eu o amo como se ele tivesse sido chocado de um ovo meu, mas eu o deixo maluco. Já conversei com ele, e ele concorda que é o melhor. Vocês vão fazer bem um ao outro.

– Não posso dizer que eu esteja feliz com essa situação. Mas *estou feliz por vocês*.

– Obrigado, criança. Eu estou feliz também. *Muito feliz*.

Alex segurou a mão dela e sorriu. Merlin entrou na cabana e beijou a bochecha de Mamãe Ganso; ele estava sozinho.

– Bom dia, senhoras!

– Cadê o Arthur? – Alex perguntou.

Merlin sentou-se e soltou um forte suspiro.

– Arthur me pediu para lhe desejar toda a sorte, mas ele não poderá estar conosco nesta manhã. Disse que despedir-se seria difícil demais.

– Ah… – Alex ficou de coração partido ao saber que não teria uma despedida apropriada, mas não podia culpá-lo. – Bem, nesse caso, é melhor eu terminar a poção e ir para casa.

Alex colocou a poção no centro da mesa. Apontou para ela, e um brilhante raio de luz se lançou da ponta de seu dedo para o caldeirão. A poção borbulhou por alguns momentos e ficou azul, do mesmo tom do frasco que o tio roubara. A Poção do Portal enfim estava terminada.

– Ei, coloque a poção aqui – sugeriu Mamãe Ganso, dando a Alex o frasco que levava no chapéu. – Assim você vai ter algo para lembrar de mim.

Alex transferiu cuidadosamente a poção para o frasco. Colocou a página d' *O Mágico de Oz* no chão e deixou três gotas da poção caírem sobre ela. A página acendeu-se como um holofote, e um feixe de luz brilhou na direção do céu.

Alex deu um abraço de despedida em Merlin e em Mamãe Ganso. Era difícil deixá-la.

– É agora – disse Alex. – Oz, aqui vou eu.

Ela se aproximou do feixe, mas se deteve antes de entrar. Ficou paralisada.

– Qual é o problema, Alex? – perguntou Mamãe Ganso. – Tem algo de errado com a poção?

– Não, tem algo de errado *comigo*. Não posso ir embora sem me despedir do Arthur. Preciso encontrá-lo!

Antes que Mamãe Ganso ou Merlin dissessem qualquer coisa, Alex saiu correndo da cabana em direção à floresta. Como se seu coração fosse um ímã atraído pelo dele, correu através das árvores sabendo exatamente onde encontrá-lo. Ela seguiu até a clareira onde ele a levara no dia em que se conheceram; Alex encontrou Arthur sentado ao lado da espada na pedra.

Arthur ficou chocado ao vê-la; ele achava que ela já tinha partido. A expressão do jovem se abriu assim que a viu, e eles se fitaram em silêncio enquanto Alex recuperava o fôlego.

– Você ainda está aqui – disse Arthur.

– Você realmente achou que eu iria embora sem me despedir?

Arthur deu de ombros.

– Eu tinha esperança de que, se não me despedisse, a despedida não seria verdade.

– Quisera eu. Acredite.

Arthur levantou-se e ficou tão perto dela quanto possível, porém sem tocá-la.

– Deixe-me ir com você – falou desesperadamente.

– Arthur, você sabe que eu não posso. Nós dois temos destinos separados para viver. As pessoas deste país precisam de você. Não sou eu o seu futuro, a Inglaterra é.

– Se você acha isso, então por que veio atrás de mim? Por que não ir embora simplesmente e me esquecer?

– Eu não podia ir embora sem ver você mais uma vez.

Arthur sorriu.

– Porque você sabe, no seu coração, que devemos ficar juntos.

– Não, porque eu sei, no meu coração, que o seu destino é ser rei e que eu só

iria distraí-lo. Se você não vai se despedir, eu vou. Não quero que passe o resto da vida esperando a minha volta. Você fará grandes coisas, e eu não vou impedi-lo de fazê-las.

– Não sei se vou. Sem você, não serei nada.

– Mas você não vai ficar sem mim. Eu vou ler cada página da sua história e vou estar com você a cada passo do caminho. Quando você tirar a espada da pedra, quando estabelecer Camelot, quando criar a Távola Redonda, quando procurar o Santo Graal… eu vou estar presente e saber que está fazendo tudo isso *por mim* .

– Mas e se estivermos na *sua* história? Talvez isso tudo seja só um capítulo de um livro sobre você. Talvez alguém o esteja lendo agora mesmo num mundo distante e esse alguém saiba que você está cometendo um erro. Você mesma disse que existem versões de mim; então, deixe *esta* versão ficar com você. Deixe que outro Arthur, em outro lugar, realize a lenda.

– Mas eu sempre vou ter a sensação de estar fazendo algo errado. Talvez, depois de você completar a sua história e eu completar a minha, possamos ter um final feliz. Ainda há muitos capítulos à nossa frente. *Adeus*, Arthur. Eu sempre vou lembrar com carinho do tempo que passamos juntos.

Alex se virou, mas ele segurou a sua mão.

– Eu sei que sou mais do que uma história para você – disse Arthur. – E tenho prova: o cadeado que lhe dei para a poção era da *minha* porta. Ela não funcionaria se você não gostasse de mim.

Alex não soube o que dizer – por isso não disse nada. Puxou a mão e deixou a clareira. Enquanto se afastava, Alex compreendeu que deixar Arthur era a coisa mais difícil que jamais teria de fazer. Era mais difícil do que derrotar a Feiticeira, do que combater a Grande Armée, do que perseguir o tio através de dimensões literárias: dessa vez, Alex estava lutando contra o pró prio coração.



Os últimos dias de Conner em Nottingham foram absolutamente exaustivos. Ele e os Alegres Homens, com a ajuda do Homem de Lata e de Peter, vasculharam cada canto da Floresta de Sherwood atrás de alguém com habilidades mágicas. Os candidatos eram poucos e muito semelhantes à Bruxa de Papplenick: todos mostraram-se mal interpretados ou puras fraudes.

Depois de duas longas semanas de buscas, a Poção do Portal absorvera todo o luar de que precisava. Agora, só faltava aquele ingrediente para ficar completa. Tudo dependia de Conner. Somente *ele* poderia ativar com sucesso a poção acessando a mágica dentro de si – e ele gostaria muito de saber como fazer isso.

João Pequeno e Peter trouxeram a poção do alto das árvores e colocaram-na no meio do acampamento. Conner andava de um lado para outro e roía as unhas. Ele não tinha a menor ideia de como ia tirar esse coelho da cartola. Todos os homens juntaram-se em volta dele e observaram enquanto ele matutava.

– E então, você vai fazer? – perguntou o Homem de Lata.

– E eu tenho outra opção?

– Como você vai fazer? – perguntou Peter.

– *É isso que eu estou tentando descobrir!*

– O FEITICEIRO ESTÁ FRUSTRADO – Robin Hood anunciou.

– Vocês não podem olhar para o outro lado por um segundo?

Não consigo me concentrar quando tem alguém me observando. Os homens fizeram o que ele pediu, porém ainda espiavam com o canto do olho de vez em quando. Não queriam perder nada.

Conner fechou os olhos e tentou encontrar a mágica dentro de si, porém não sabia onde procurar. Sua irmã sempre dizia que a mágica dela estava no coração – mas, também, as meninas sempre mencionavam o coração quando falavam de qualquer coisa. Talvez a mágica de Conner estivesse na cabeça. Ou na barriga. Seu joelho esquerdo estava doendo um pouco hoje; era *ali* que estava a mágica?

Aliás, como seria a sensação da mágica? Era uma sensação fí sica ou emocional? Era como um parasita rastejando nas suas entranhas, ou como a tristeza que ele sentia sempre que via um cachorro morrer num filme?

Tudo era fácil para Alex, e a mágica não era exceção. Conner desejou que fosse como contar uma piada ou escrever uma histó ria: nessas coisas, ele era bom.

– Espere aí, de repente é isso – disse a si mesmo. – De repente, a mágica é diferente para cada um. De repente, ela é o que você *quer* que ela seja. Afinal de contas, é *mágica*, ué.

Conner tentou trazer à tona a mágica como fazia com a criatividade. Ela começava em sua *imaginação*, não no coração. Ele visualizou a mágica como uma ideia para uma nova história. Deixou a história empolgá-lo, inspirá-lo, deixou-a correr por seu corpo até estar pronta para ser manifestada.

– Ok, lá vai – disse. – Peço desculpas se isso terminar de forma horrível.

Os Alegres Homens, o Homem de Lata e Peter prepararam-se para o pior

quando Conner respirou fundo e apontou um dedo para a poção…



CAPÍTULO 29

Outra lua, outra meia-noite

Mais uma lua cheia brilhava sobre a Floresta dos Anões, e, à meia-noite, as bruxas do mundo dos contos de fadas se reuniram no Riacho do Homem Morto, nos destroços de seu antigo quartel-general. Gargúlia conduzia a reunião sobre a pilha de entulho mais alta.

– Os deuses sorriram para nós, irmãs. Na última vez em que nos encontramos, temíamos que uma caça às bruxas estivesse em nosso futuro. Agora, porém, esse medo pode ser posto de lado. Recentemente, grandes forças se abateram sobre os reinos, arrancando o poder das mãos dos homens e das fadas. Aqueles que seriam nossos perseguidores são agora os perseguidos!

Rata Maria fazia parte de um pequeno grupo que não tinha ouvido as novidades.

– De que forças você está falando?

Algumas bruxas na plateia estavam ansiosas para compartilhar o que tinham testemunhado.

– Eu vi um batalhão de *sssoldadosss* atacar o Reino do Leste – sibilou Serpentina. – Eram *altosss* e *quadradosss*, com *númerosss* e *ss-símbolosss* na armadura.

– O Reino do Canto foi saqueado por um bando de macacos alados! – informou Tarantulena.

– Um exército de homens e mulheres de armadura amarela atacou o Reino Encantado! – Carvolina anunciou.

– Corvos, lobos e abelhas tomaram conta do Império dos Elfos – disse Arboris. – E ouvi rumores de que um navio voador mantém o Reino do Norte como refém!

– Vocês não percebem, irmãs, que é o começo de uma era?

– perguntou Gargúlia. – Não temos nada mais a temer: *a era dos homens e das fadas acabou!*

As bruxas deram vivas, cacarejaram, rosnaram e sibilaram em festa. Porém, sua alegria durou pouco.

– *Se vocês acreditam nisso, são tolas!* – disse uma voz vinda da floresta.

As bruxas procuraram no mato, porém não descobriram de onde ela vinha.

– Olhem! A água está mudando! – disse Rata Maria, apontando para o riacho.

A corrente do riacho começou a correr na direção oposta, e Morina apareceu num barco que magicamente se guiava sozinho.

Assim que o barco atracou, Morina saiu e tomou parte na reunião.

Fazia muito tempo que nenhuma das bruxas a via, e elas logo ficaram intimidadas com sua presença. Abriram caminho conforme ela subia até a pilha de destroços em que estava Gargúlia. Uma grande sacola contendo um pequeno corpo levitou do barco e flutuou atrás de Morina à medida que ela caminhava. As bruxas não sabiam dizer se o corpo estava inconsciente ou morto.

– Por que está aqui, Morina? – questionou Gargúlia com um olhar fulminante. – Faz anos que você não aparece numa reunião.

– Nunca fui muito fã da liderança. Falando nisso, acho que é hora de mudar. E acho que eu sou a bruxa certa para o cargo.

Gargúlia sentiu-se ultrajada. As outras bruxas perceberam que o negócio ia ficar feio.

– Como ousa? – gritou Gargúlia. – Eu conduzo fielmente esta congregação há anos! Ninguém vai me pedir para deixar a minha posição, muito menos alguém como você!

– Ninguém está *pedindo* nada.

Morina ergueu uma mão para Gargúlia, que subitamente ficou rígida como uma tábua. A pele de pedra rachou e se estilhaçou até que Gargúlia não passasse de uma pilha de pedras no chão. As bruxas gritaram e arquejaram de horror. Foi a maneira mais rápida de Morina conquistar a atenção e o respeito da reunião.

– O inimigo de nosso inimigo nem sempre é nosso amigo – Morina disse às bruxas. – Essas *forças* que entraram em nosso mundo são lideradas pelo Homem Mascarado. Aquele mesmo que vocês todas rejeitaram na sua última reunião. Agora ele recrutou um exército invencível sem a ajuda de vocês e não vai esquecer o modo como o descartaram. Ele é implacável e guarda rancor por décadas.

Depois de varrer as famílias reais e as fadas dos reinos, vai ser o *nosso* extermínio que ele vai querer. E nenhuma de nós vai sobreviver.

As bruxas se entreolharam nervosamente. A única coisa que temiam mais do que Morina era a profecia dela.

– Então, o que fazer? Esconder-se? – perguntou Carvolina.

Morina balançou a cabeça.

– A resposta não é se acovardar, mas *se reposicionar*. Estou cansada de ser uma raça secundária, obrigada a viver nas sombras, enquanto os outros, que são

em maior número do que nós, ditam e limitam o nosso modo de vida! É hora de irmos para um lugar onde possamos ser a espécie suprema! É hora de a nossa espécie viajar para o *Outromundo*!

– O Outromundo? – perguntou Rata Maria. – Mas ele não passa de lenda.

– Não, irmãs. O Outromundo é bem real. Acabo de voltar dele e vi com meus próprios olhos. Existem muitos lugares para prosperarmos, bilhões de pessoas para dominarmos e ninguém para nos deter.

A ideia de um mundo assim intrigou as bruxas. No entanto, elas tinham lá suas dúvidas.

– Como chegamos ao Outromundo? – Serpentina indagou.

– Existem portais escondidos pelo mundo inteiro, deixados pela falecida Fada Madrinha. Descobri um na floresta do Reino do Leste, pelo qual a Grande Armée entrou, mas, com a magia branca que a Fada Madrinha usou para criá-lo, o portal me enfraqueceu e me deixou exausta; duvido que muitas de *vocês* sobrevivessem a ele. Mas não temam, porque um caminho mais fácil se aproxima! Eu previ na minha bola de cristal que os mundos estão prestes a colidir e, quando colidirem, uma grande porta vai se formar, oferecendo-nos fácil acesso ao Outromundo.

– E o Homem Mascarado? – perguntou Arboris. – Ele não iria atrás da gente para conquistar o Outromundo?

– Eu já bolei um plano para impedir isso.

O corpo flutuante caiu no chão, e ela removeu a sacola com um puxão rápido. Era um menino adormecido, com cabelo escuro, pele clara e bochechas rosadas: *Emmerich Himmelsbach*.

– Eis *o filho do Homem Mascarado*. Anos atrás, esta criança foi ocultada do pai antes que ele sequer soubesse de sua existência. Se o Homem Mascarado ou o seu exército algum dia representarem uma ameaça para nós, o menino será o trunfo perfeito para mantê-los afastados! A nossa salvação está aqui!

Antes que as bruxas tivessem a oportunidade de fazer mais perguntas, o ar foi tomado por um súbito frio vindo do norte e por uma brisa salgada vinda do sul. Isso as pegou desprevenidas, e elas procuraram nas árvores algum sinal de sua causa.

As bruxas olharam atônitas conforme uma forte geada percorreu o rio vindo do norte, congelando a água. Do sul, uma forte onda turva de água do mar subiu o rio e inundou a margem. O gelo e a onda encontraram-se exatamente onde costumava ficar a taverna.

Do norte, dois enormes ursos-polares puxavam um trenó pelo rio congelado.

Eles transportavam uma mulher alta com a pele pálida e queimada pelo frio. Ela usava um grande e felpudo casaco branco, uma coroa de flocos de neve e uma venda em volta dos olhos.

Do sul, quatro barbatanas roçaram a superfície do riacho quando um bando de tubarões nadou pela água. Um trenó elaborado, feito de diversos tipos de coral, surgiu atrás dos tubarões.

A criatura a bordo tinha uma escamosa pele turquesa e cabelo de algas, seis patas e grandes garras, como se a sua metade inferior fosse um crustáceo.

A lendária Rainha da Neve e a notória Bruxa do Mar chegaram com estilo, e as bruxas ficaram chocadas por vê-las pessoalmente.

As duas saíram do riacho e andaram pelos destroços até onde estava Morina. Cega, a Rainha da Neve usava um longo cabo de gelo para se guiar, sem se importar se atingia alguém com ele. A Bruxa do Mar acariciava um choco em seus braços e encarava as outras mulheres.

Morina havia intimidado as outras bruxas, mas agora, na presença da Rainha da Neve e da Bruxa do Mar, elas estavam realmente aterrorizadas. As bruxas se curvaram à passagem das duas.

Até Morina inclinou um pouco a cabeça.

– Vossas excelências, o que as traz à floresta nesta noite? – perguntou Morina, a voz trêmula.

– Você não é a primeira bruxa a ver o Outromundo como lar potencial, Morina! – a Rainha da Neve rugiu em sua voz áspera. – Há séculos, a Bruxa do Mar e eu acalentamos esse projeto. Porém, apesar da porta que se aproxima, a passagem não será tão fácil quanto você pensa.

– Você subestima o Outromundo – sibilou a Bruxa do Mar. – É um mundo sem mágica, mas é um mundo que dispõe de tecnologias muito além da nossa compreensão. Eles vão usá-la contra nós no momento em que tentarmos tomar posse do seu lar.

Morina não gostou de ser publicamente desacreditada.

– Vossas excelências deixaram o recolhimento apenas para provar que eu estou errada, ou existe algum jeito de superar as defesas do Outromundo? – perguntou ela em tom de menosprezo, deixando nervosas as demais bruxas.

Sorrisos de escárnio surgiram no rosto da Rainha da Neve e da Bruxa do Mar.

– Precisamos criar uma *arma* – disse a Rainha da Neve.

– Alguma coisa contra a qual o Outromundo não tenha a menor chance – sibilou a Bruxa do Mar.

– Que tipo de arma? – perguntou Morina.

– Não *o quê*, mas *quem* – disse a Rainha da Neve. – Anos atrás, a Bruxa do Mar e eu quase conseguimos criá-la. Amaldiçoamos uma fada muito poderosa chamada Ezmia, aprendiz da falecida Fada Madrinha. A maldição perturbou as emoções dela, fazendo com que sua dor fosse mil vezes mais forte do que tudo o mais que ela sentia. Torturada pelo seu coração partido, avassalada pelo desespero, ela acabou se tornando *a Feiticeira* e causou enorme estrago nos reinos.

– Colocamos a ideia de conquistar *os dois* mundos na cabeça dela, que passou a maior parte da vida tentando isso – sibilou a Bruxa do Mar. – Porém ela foi derrotada por uma fada chamada Alex Bailey, neta da falecida Fada Madrinha. O interessante é que Alex é filha dos dois mundos e, portanto, tem o potencial de tornar-se muito mais poderosa do que a Feiticeira jamais foi. Assim, a Rainha da Neve e eu estamos pensando *nela* .

– Lançamos sobre Alex a mesma maldição que lançamos sobre Ezmia – disse a Rainha da Neve. – Vimos a maldição tomar conta dela, assim como fez com Ezmia. Enquanto a jovem fada vasculhava os reinos atrás do Homem Mascarado, era consumida pela raiva, tendo perdido o controle de seus poderes. Descobrimos que estávamos certas: ela era muito mais poderosa do que Ezmia, talvez mais poderosa do que qualquer fada que jamais viveu. Porém, com esse poder, vem uma força muito grande, e a maldição acabou se esvaindo.

– Se ela é poderosa demais para a maldição, como podemos usá-la para vencer o Outromundo? – perguntou Morina.

A Rainha da Neve e a Bruxa do Mar passaram o olhar de Morina para as demais bruxas.

– Quanto mais bruxas participarem, mais forte fica a maldição – disse a Bruxa do Mar. – Combinando a mágica de todas nós, podemos lançar sobre Alex Bailey uma maldição tão poderosa que ela nunca vai se recuperar!

– Juntas, podemos transformar a jovem fada na arma definitiva – disse a Rainha da Neve. – *Ela vai destruir as defesas do seu antigo lar, e o Outromundo será nosso!*



CAPÍTULO 30

Um mundo em jogo

As palavras da página solta giraram pelo ar e criaram o mundo de *O Mágico de Oz* em volta de Alex e Lester. Ela viu as palavras *Cidade das Esmeraldas* voando ao longe e, antes mesmo de a cidade se formar por completo, Alex montou em Lester e rumou a oeste, rezando para que os amigos ainda estivessem no castelo da Bruxa Má.

As palavras construíam o País dos Winkies conforme eles se dirigiam ao castelo da Bruxa Má do Oeste. Alex e Lester circularam o castelo, que se edificava de baixo para cima. Pousaram no balcão que dava na sala do trono, e Alex escancarou as portas de vidro com um clarão.

– *Cachinhos? João? Blubo?* – ela chamou, porém tudo o que ouviu foi o eco da própria voz.

A sala do trono estava completamente deserta. A ansiedade de Alex aumentou; ela temeu pelo pior. E se o tio tivesse voltado pelas histórias e separado os amigos também? Talvez eles jamais se encontrassem de novo. E, sem um livro através do qual viajar para casa, Alex poderia ficar presa em Oz por muito tempo.

Uma brisa suave soprou da sala vazia atrás dela. Alex se virou, e uma brilhante folha de papel dourada surgiu do nada. O papel pousou no chão e emitiu um forte feixe de luz. Sete silhuetas de todos os formatos e tamanhos saíram da folha.

As silhuetas vibravam como a estática de uma TV quebrada. Como as palavras de uma história recém-adentrada, as figuras lentamente ganharam cor e textura, até que Alex reconheceu uma delas.

– CONNER!

– ALEX!

Os gêmeos transbordavam alegria. Alex atravessou a sala do trono e pulou nos braços do irmão. Eles se abraçaram com força até Conner não aguentar mais segurá-la.

– Eu estava com medo de nunca mais ver você! – disse Alex.

Ela foi reconhecendo as outras silhuetas à medida que se solidificavam. – Senhor Homem de Lata! Peter! Estou tão contente por saber que vocês estão bem! Mas… Ei! Quem são *eles*?

Conner ficou tão surpreso quanto ela ao ver que os Alegres Homens tinham viajado para o castelo com ele.

– Pessoal, o que vocês estão fazendo aqui?

– NÃO PODERÍAMOS DEIXAR O NOSSO FEITICEIRO VIAJAR PARA UM MUNDO ESTRANHO SEM A NOSSA PROTEÇÃO! – disse Robin Hood. – OS ALEGRES HOMENS FICARÃO AO SEU LADO ATÉ O FIM!

– Que seja. – Conner suspirou. Ele não estava com paciência para discutir. – Alex, deixe-me lhe apresentar Robin Hood e os Alegres Homens da Floresta de Sherwood.

Alex não acreditou que estava diante dos históricos foras da lei.

Ela ficou um pouco atordoada.

– *O* Robin Hood? É um grande prazer conhecê-lo! Já li tudo a seu respeito!

– O PRAZER É TODO MEU, MILADY. – Robin Hood beijou a mão dela. – QUALQUER IRMÃ DO FEITICEIRO É MINHA IRMÃ TAMBÉM!

– *Ele fala tão alto* – Alex sussurrou para o irmão. – *E por que ele está chamando você de feiticeiro?*

– É uma longa história, mas eu os convenci de que sou feiticeiro – disse Conner.

– Não foram os únicos que ele convenceu – disse o Homem de Lata com um grande sorriso. – Você devia se orgulhar e muito do seu irmão, Alex! Ele ativou sozinho a Poção do Portal!

– Mesmo? – perguntou ela com um sorriso empolgado. – Conner, isso é incrível! Eu sempre falei que havia mágica em algum lugar dentro de você!

Conner deu de ombros, envergonhado.

– Não é pra tanto. O mais difícil foi descobrir como canalizá-la.

Peter voava animado.

– Você devia ter visto, Alex! Conner apontou para a poção e BUM! *Saiu um raio do dedo dele!* Aí a poção fez UUUSSSH! *Quando quiser, capitão!* Aí colocamos a poção na página e foi tipo BAAAM! *Faça-se a luz!*

Alex estava quase explodindo de orgulho do irmão.

– Assim que achei a página, soube que você ia encontrar a sua e criar a poção.

– Grandes mentes pensam parecido – disse Conner. – Bem, eu passei duas semanas em Nottingham. Para onde o canalha do nosso tio mandou vocês?

– Ele nos mandou para *Rei Arthur*! Conner, eu conheci Merlin e Arthur! Eles me ajudaram a criar a Poção do Portal!

– Fala sério! – Porém, depois de sua viagem, Conner nem sabia por que estava

tão surpreso. – Cadê a Mamãe Ganso?

Não havia como dar a notícia de uma forma delicada, então Alex foi direta e reta:

– Ela decidiu ficar com Merlin. Está rolando um *lance* entre eles.

Conner olhou para Alex, depois para Lester, sem acreditar.

Lester fez um gesto com a cabeça confirmando a informação.

– Por essa eu não esperava – disse Conner. – E ela vai ficar por lá?

– Depois eu conto os detalhes – disse Alex. – Agora, precisamos encontrar Cachinhos Dourados e João. Acho que eles não estão mais no castelo.

– Alex, nós ficamos fora por duas semanas. Aposto que eles voltaram para o mundo dos contos de fadas. Vamos achar o livro.

Eles vasculharam a sala do trono, e Conner achou a cópia de *O*

Mágico de Oz colocada caprichosamente no trono.

– Eles devem ter deixado aqui para o caso de voltarmos – Conner falou. – Nosso tio teria destruído o livro como fez com aqueles para os quais nos mandou.

– Só tem um jeito de descobrir – disse Alex.

Os gêmeos abriram juntos o livro, que emitiu um brilhante feixe de luz. Os outros se juntaram em volta dos dois.

– Cuidado, pessoal! – avisou Conner. – Não tem como saber o que nos espera do outro lado.

Um por um, os gêmeos, os Alegres Homens, Lester, o Homem de Lata e Peter deram um passo para dentro do feixe de luz. Conforme viajavam de volta para o mundo dos contos de fadas, Oz se desfazia palavra a palavra, descrição a descrição. O castelo da bruxa se desfez, e uma caverna se revelou: a mesma onde aquela jornada começara.

Antes de verem qualquer pessoa, eles ouviram diversas vozes. Assim que a caverna se materializou, os gêmeos perceberam que estava muito mais cheia do que quando partiram.

João e Cachinhos Dourados se achavam a um lado da caverna, com Blubo empoleirado no ombro de João. Os Meninos Perdidos brincavam com pedras nos fundos, enquanto Chapeuzinho segurava um bebê. Ela encarava o vazio, com uma expressão terrível no rosto.

Era tarde, e os gêmeos notaram fogueiras do lado de fora, perto da entrada da caverna. Eles avistaram soldados do Reino do Norte e do Reino Encantado sentados em torno delas. Sir Grant e Sir Lampton estavam entre eles, ambos com uma expressão fechada e bastante machucados.

Hagetta cuidava dos soldados, cauterizando os ferimentos com as chamas de seu fogo curativo.

O desespero na caverna era tão perceptível que podia ser cortado com uma faca. Cada um dos presentes dava a impressão de ter passado por sua própria versão do inferno.

Por fim, os gêmeos e os outros se tornaram visíveis para as pessoas na caverna; haviam retornado oficialmente de Oz. Todos ficaram em êxtase ao vê-los, como se eles tivessem voltado dos mortos.

Seus amigos e os soldados levantaram e correram para recebê-los.

– Alex! Conner! Graças a Deus que vocês estão vivos! – disse Cachinhos Dourados, abraçando os gêmeos. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas, mas não por causa dos hormônios, e sim porque ela estava verdadeiramente aliviada.

Assim que viram os soldados, o reflexo dos Alegres Homens foi alcançar suas armas.

– Calma, pessoal – pediu Conner. – Todos nesta caverna somos amigos.

– PETER! – celebraram os Meninos Perdidos, dando pulos quando o viram.

Peter voou pela caverna e deixou que os garotos se empilhassem sobre ele.

– Um instante: cadê o Caracol? – perguntou Peter.

Os Meninos Perdidos apontaram para o bebê nos braços de Chapeuzinho e lhe explicaram o que tinha acontecido. Chapeuzinho foi a única que não cumprimentou os gêmeos; permaneceu sentada, encarando o vazio. Era como se estivesse em transe.

– O que aconteceu com a Chapeuzinho? – perguntou Conner.

– Ela tentou resgatar Froggy e descobriu que Morina o aprisionou num espelho mágico – Cachinhos Dourados explicou.

Os gêmeos taparam a boca para abafar um grito.

– Infelizmente, essa é a última das nossas preocupações – disse João. – Seu tio chegou com o exército.

– Era isso que temíamos – disse Conner.

– João, conte-nos tudo o que você sabe – Alex pediu.

João contou aos gêmeos que ele e Cachinhos voltaram ao mundo dos contos de fadas depois de esperarem por eles no castelo durante uma semana. Foi mais ou menos quando o tio chegou e começou a atacar os reinos. Pelo que sabiam, o exército se separara para atacar todos os reinos ao mesmo tempo.

– Nós não estávamos preparados – Sir Grant recordou. – Um navio enorme desceu das nuvens no meio da noite e abriu fogo contra o palácio. Não sobrou praticamente nada quando os canhões pararam. Piratas sequestraram o rei

Chandler e a rainha Branca de Neve.

– O Reino Encantado foi atacado por um exército de homens e mulheres de armadura amarela – disse Sir Lampton.

– Winkies – disse o Homem de Lata, assustado.

– Sabe-se lá o que fizeram com a família real – Lampton falou.

– Meus homens e eu por pouco não saímos vivos do reino. Encontramos Sir Grant e seus homens na Floresta dos Anões, e João nos encontrou ali. Desde então, estamos nos escondendo nesta caverna.

Os gêmeos precisaram respirar fundo para não vomitar.

– E os outros reinos? – perguntou Conner.

– Presumimos que aconteceu o mesmo com eles, mas não fizemos contato – disse João.

– E as fadas? – Alex perguntou.

– Ninguém teve notícias delas, mas é possível que tenham sido as primeiras a ser atacadas – disse Cachinhos Dourados. – A primeira coisa que o seu tio fez foi libertar os prisioneiros da Prisão Pinóquio: todos os soldados da Grande Armée e os criminosos que os ajudaram estão novamente sob seu comando.

Alex e Conner trocaram um olhar horrorizado. Seu maior pesadelo tinha virado realidade.

– Precisamos ir ao Reino Encantado para encontrar o Conselho – disse Alex. – Conner e eu vamos imediatamente. Todos devem permanecer na caverna até que mandemos notícia.

– Vocês não podem ir! – advertiu Lampton. – O exército do Homem Mascarado está por toda parte. Até nos céus. Não há como vocês irem sem ser detectados, mesmo que voem naquele pássaro.

Os gêmeos olharam para Lester, que engoliu em seco.

– Nós não vamos viajar nem pela terra nem pelo céu – disse Alex. – Vou nos transportar magicamente.

– Tem certeza? – perguntou Conner. – Na última vez em que eu sugeri isso, você hesitou.

– Não temos escolha. Vamos lá, não podemos mais perder tempo.

Os gêmeos se abraçaram, e Alex contou até três. Eles desapareceram da caverna com um forte *flash*. Alex transportou-os a algum lugar no exterior, mas eles não sabiam onde. O ar estava cheio de fumaça; o chão, coberto de destroços.

– Conner, olhe! – Alex arquejou, apontando para o horizonte. – É o Palácio das Fadas!

O Palácio das Fadas estava quase irreconhecível. O brilho que era a sua marca registrada havia desbotado, e a maior parte da construção estava em pedaços. Os jardins, cobertos por uma camada de cinzas e de poeira, também tinham sido destruídos. A es tátua que fora erguida em memória da avó dos gêmeos jazia em pedaços no chão.

Alex e Conner ficaram ambos com lágrimas nos olhos diante da visão. Não havia sinal de vida em lugar nenhum. Eles só gostariam que as fadas tivessem fugido a tempo. Porém, se o Conselho estava dentro do palácio durante o ataque, isso seria improvável.

– O Salão dos Sonhos… os aposentos da vovó… tudo acabou – Alex disse chorando.

– Vamos ver se encontramos algo ou alguém lá dentro.

Eles caminharam sobre a terra poeirenta e, em silêncio, escalaram os escombros do palácio. Tudo estava tão danificado que não conseguiam distinguir o que era o quê. O único aposento que identificaram foi o grande salão, e apenas por causa do tamanho.

Assim que entraram no salão, Conner e Alex vislumbraram sete figuras e rapidamente pularam para trás de uma pilastra caída.

O ar ainda estava nebuloso do ataque, e os dois não distinguiam quem ou o que eram as figuras.

– Alex, acho que não estão se mexendo.

– Você tem razão. Não são pessoas, são *estátuas*. Que estranho; antes não havia estátuas no grande salão.

Os gêmeos atravessaram o salão para ver melhor. As estátuas pareciam assustadas e estavam em posições estranhas, como se estivessem tentando fugir de alguma coisa. Quanto mais os gêmeos observavam os rostos assustados das estátuas, mais estes se tornavam familiares.

– Meu Deus! – disse Conner. – Alex, não são estátuas. *É o Conselho! Elas foram transformadas em pedra!*

Emerelda, Xanthous, Skylene, Tangerina, Rosette, Violetta e Coral tinham sido transformadas em pedras da mesma cor, o que dificultava a identificação, porém Conner tinha razão. Foi demais para Alex; ela correu até um canto do salão e vomitou.

– O que poderia ter feito isso? – perguntou.

– Não sei – disse Conner, esfregando as costas da irmã.

– Alex? Conner? – disse uma vozinha em algum lugar do palácio.

Os gêmeos viram algo pequenino pairando perto de um parapeito, do outro

lado do salão, e ficaram aliviados quando perceberam se tratar de Trix. Ela estava coberta de poeira, e suas asas estavam laceradas, dificultando o voo.

– Trix, estou tão feliz por ver você! – disse Alex.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Conner.

– O palácio foi atacado por um navio voador.

– O que transformou o Conselho em pedra? – perguntou Alex.

– Um monstro horrível! – disse Trix, tremendo só de pensar.

– Que tipo de monstro? – perguntou Conner.

– Eu não vi. Estava tão assustada que fechei os olhos e me escondi, mas Noodle e Merkle não tiveram a mesma sorte.

Trix fez um gesto para o parapeito, e os gêmeos viram que as amigas dela também tinham sido transformadas em pedra. Assim como as fadas do Conselho, as duas tinham uma expressão aterrorizada, e, pela posição em que estavam, o ataque devia ter acontecido enquanto tentavam escapar.

– Trix, o que aconteceu com o monstro? – perguntou Conner.

– Foi embora com o navio pirata.

– E o que houve com as outras fadas? – perguntou Alex.

– Algumas se esconderam na floresta, mas não sei o que aconteceu com as outras.

– Trix, quero que você também se esconda na floresta – Alex instruiu. – Vá para longe daqui. Encontre um lugar para ficar até que tudo esteja seguro outra vez. Vamos dar um jeito, vamos fazer alguma coisa.

Trix fez que sim com a cabeça e saiu voando tão rápido quanto suas asas permitiam.

– Conner, acho que o nosso tio recrutou criaturas além dos reinos da literatura – disse Alex, fitando as estátuas. – Isto parece saído da *mitologia* . Não sei como vamos detê-lo.

Alex sentou-se no parapeito; Conner andava de um lado a outro. Eles passaram uma hora totalmente calados enquanto pensavam em maneiras de salvar o mundo dos contos de fadas.

Conner de repente parou e ergueu os olhos para uma das poucas torres remanescentes.

– A torre sul sobreviveu ao ataque – disse a si mesmo.

Seus olhos subitamente brilharam, e Alex entendeu que uma ideia se formava na cabeça do irmão.

– No que você está pensando? – ela perguntou.

– Já sei como podemos detê-lo! – ele falou, empolgado.

– *Como?*

– Formando o nosso próprio exército. Venha comigo!

Antes que ela pudesse fazer outra pergunta, Conner disparou pelo palácio em ruínas até a escada que levava à torre sul. Subiu rapidamente os degraus, com Alex em seu encalço. Eles entraram numa sala circular, no alto da torre; ela estava coberta de pó e teias de aranhas, e bem no centro havia um arco vazio.

Conner tateou as paredes em busca de alguma coisa.

– Como nós vamos formar um exército? – perguntou Alex.

– Exatamente como fez o nosso tio. Vamos viajar para dentro das histórias e recrutar personagens que possam nos ajudar. E eu sei exatamente quais personagens vamos convocar! Você ainda está com a Poção do Portal?

Alex pegou o frasco que tinha guardado no cinto.

– Sim, mas…

– Ótimo! Primeiro, precisamos dar uma passada no Outromundo. Eu só preciso encontrar a… *achei!*

Ele puxou uma alavanca na lateral da parede, e uma cortina mágica surgiu no arco. Alex viu um mundo de luz do outro lado – o mundo que ela via toda vez que viajava entre o mundo dos contos de fadas e o Outromundo.

– *Ótimo!* – disse Conner. – O portal ainda funciona! *Vamos!*

– Estou confusa. Por que precisamos viajar para o Outromundo?

– Porque é lá que estão as histórias.

– De que histórias você está falando?

Conner se deteve antes de atravessar a cortina.

– *Das minhas*.

AGRADECIMENTOS

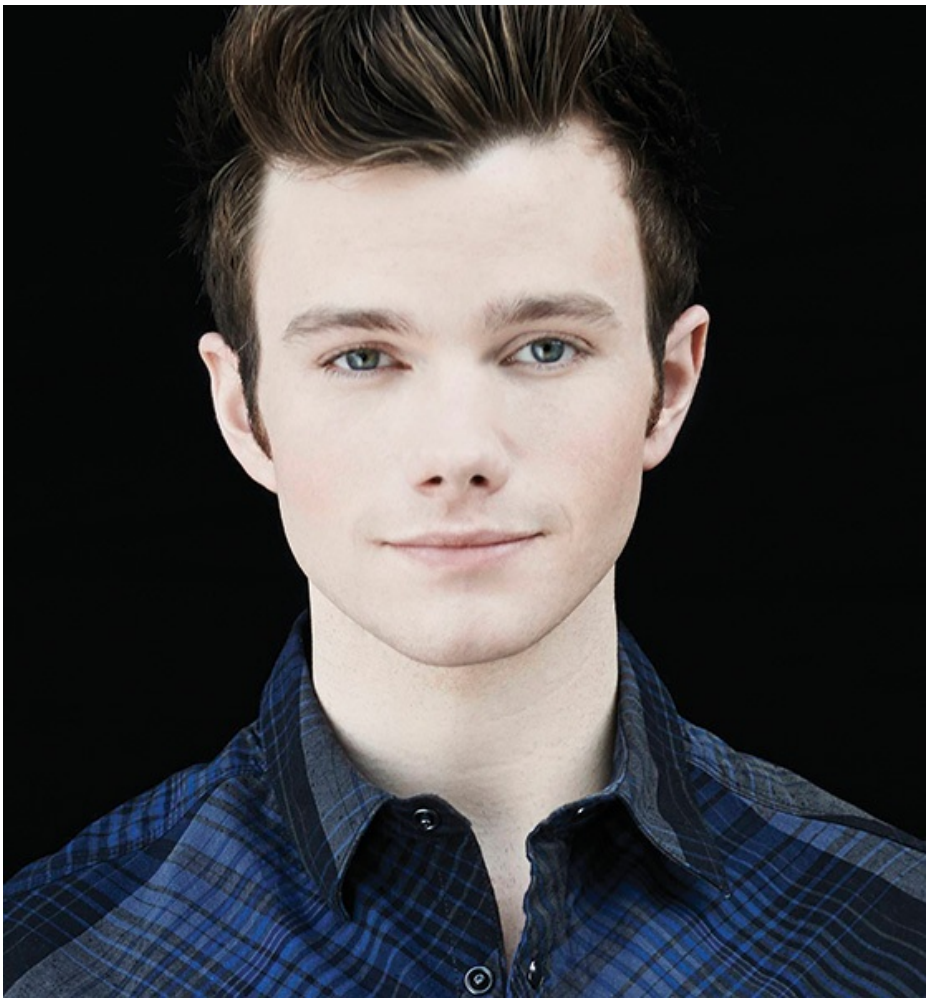
Um grande obrigado a Rob Weisbach, Alla Plotkin, Rachel Karten, Derek Kroeger, Glenn Rigberg, Lorrie Bartlett, Meredith Wechter, Joanne Wiles, Meredith Fine, Christian Hodell, Marcus Colen, Jerry Maybrook, Joseph Roberto e Heather Manzutto. A todos da Little, Brown, especialmente Alvina Ling, Bethany Strout, Melanie Chang, Nikki Garcia, Megan Tingley e Andrew Smith.

A todos os meus amigos e a toda a minha família: Will, Ashley, Pam, Jamie, Fortune, June, Jen, Melissa, Babs, Char, Charles, Dot e Bridgette, Romy e Stephen, Rick e Gale, Frank e Jo, Roberto, Gloria, Jannel, Kelly, Jenny, McCoy, Maureen, Kevin, Tracey, Lexi, Lita, Paris… a lista não tem fim! Eu não teria conseguido sem o apoio de vocês.

Gostaria de agradecer de maneira especial ao incrível Brandon Dorman por dar vida a minhas histórias. Quatro livros depois, continuo deslumbrado com a sua arte.

Um obrigado também à principal inspiração por trás de Mamãe Ganso, a minha querida amiga Polly Bergen. Obrigado por compartilhar suas histórias e seu humor e por ter causado tanto impacto em mim. Sentirei muita saudade.

Sobre o autor



Crédito da foto: Brian Bowen Smith/FOX

Premiado com o Globo de Ouro de melhor ator coadjuvante, Chris Colfer ficou conhecido por interpretar o personagem Kurt Hummel no seriado Glee e foi eleito pela revista Time uma das cem personalidades mais influentes do mundo. É autor de *Terra de Histórias: O Feitiço do Desejo – que ficou em primeiro lugar na lista de best-sellers do The New York Times –, Terra de Histórias: O Retorno da Feiticeira, Terra de Histórias: O Alerta*

dos Irmãos Grimm, Terra de Historias: Além dos Reinos, dos spin-offs *Guia da Rainha Chapeuzinho para a Realeza e Os Diários da Mamãe Ganso*, além de *O diário de Carson Phillips*, todos publicados no Brasil pela Benvirá.

Table of Contents

PRÓLOGO - O outro filho
CAPÍTULO 1 - A poção das bruxas
CAPÍTULO 2 - “O senhor aceita a cobrança?”
CAPÍTULO 3 - O desmadrinhamento
CAPÍTULO 4 - Ganso em fuga
CAPÍTULO 5 - Poções e previsões
CAPÍTULO 6 - As fadas más
CAPÍTULO 7 - Respostas no sótão
CAPÍTULO 8 - A única objeção
CAPÍTULO 9 - A mariposa das memórias
CAPÍTULO 10 - Compensando as coisas
CAPÍTULO 11 - A caverna
CAPÍTULO 12 - O ciclone
CAPÍTULO 13 - O Homem de Lata
CAPÍTULO 14 - Encrenca na estrada de tijolos amarelos
CAPÍTULO 15 - O castelo da bruxa
CAPÍTULO 16 - Como se livrar dos Darling
CAPÍTULO 17 - Aventuras com os Meninos Perdidos
CAPÍTULO 18 - A lagoa das sereias
CAPÍTULO 19 - Pela toca do coelho
CAPÍTULO 20 - Grelhados e histórias
CAPÍTULO 21 - O mago e o aprendiz
CAPÍTULO 22 - Os alegres homens da floresta de Sherwood
CAPÍTULO 23 - Conselhos perdidos
CAPÍTULO 24 - A Dama do Lago
CAPÍTULO 25 - A Bruxa de Papplenick
CAPÍTULO 26 - O porão
CAPÍTULO 27 - As Irmãs Grimm
CAPÍTULO 28 - O adeus inesperado
CAPÍTULO 29 - Outra lua, outra meia-noite
CAPÍTULO 30 - Um mundo em jogo
AGRADECIMENTOS
SOBRE O AUTOR